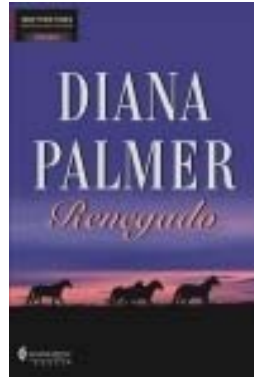


Renegado

DIANA PALMER

(Renegade – 2004)



Recentemente nomeado chefe de polícia, Cash Grier considera sua missão manter a lei e a ordem nas ruas de Jacobsville - mesmo que para isso tenha de enfrentar políticos influentes e corruptos.

Como um verdadeiro renegado, Cash aprendeu que nada, nem ninguém, deve ser avaliado apenas pela aparência. E quando se trata da encantadora Tippy Moore, o cuidado é redobrado.

Tippy não é mais uma estrelinha mimada de Hollywood. Apesar de ter uma vida glamourosa como modelo e atriz, a moça tem traumas profundos. Filha de uma viciada em drogas, Tippy sofreu tantos maus tratos na infância que acabou se tornando uma mulher insegura em relação aos homens. Ela vive apenas para criar Rory, o irmão caçula, também uma vítima dos descuidos da mãe.

Quando Cash decide passar o Natal em Nova York com Tippy e Rory, ele nem imagina que está traçando um destino completamente novo para a sua vida. Rory vê nele um verdadeiro herói, enquanto Tippy se sente cada vez mais atraída pela sua figura masculina, a ponto de estar disposta a se entregar completamente a ele, mesmo que tenha de pagar um preço caro demais pelas suas investidas.

Quando Cash está quase acreditando que Tippy pode ser a mulher com que sempre sonhou, um terrível acontecimento o torna um homem descrente e amargo outra vez. Mas ele acaba sendo desafiado pelo destino para reavaliar os seus sentimentos... E salvar o verdadeiro amor de sua vida.



CAPÍTULO 1

Era segunda-feira pela manhã, e não havia muito movimento na delegacia de polícia de polícia de Jacobsville, Texas. Três agentes estavam servindo-se café na mesinha que havia na área de recepção. O sub-xerife de polícia do condado tinha passado por ali para entregar uma ordem judicial. Um vizinho da localidade estava escrevendo uma declaração contra um delinqüente que acabava de ter detido um dos agentes. A secretária não estava em seu posto.

— Acabou-se! Estou farta! Não tenho por que trabalhar aqui. Estão procurando gente para o supermercado, e vou agora mesmo a apresentar minha solicitação!

Os gritos da secretária fizeram que todas as cabeças girassem. Ouviu-se depois o chefe de polícia balbuciar uma resposta direta e a seguir o estrondo de um objeto metálico ao golpear o chão.

No final do corredor apareceu uma adolescente furiosa com o cabelo curto com pontas, minissaia e uma blusa muito decotada. Seus olhos lançavam labaredas, e seus brincos compridos tilintavam com cada passo que dava.

Os agentes se apressaram a afastarem para o lado. A garota foi até sua mesa, tomou sua volumosa bolsa, e se dirigiu para a porta.

Justo quando tinha a mão sobre o trinco, saiu para o corredor Cash Grier, o chefe de polícia, um homem alto, moreno, e bonito. Seu cabelo, suas calças e sua camisa estavam salpicados generosamente com restos de café, migalhas de papel e um par de folhinhas do Post-ite em um de seus reluzentes sapatos negros estava preso um lenço de papel.

— Foi algo que eu disse? — perguntou-lhe.

A adolescente, que estava com as unhas e os lábios pintados de negro, grunhiu e saiu dando uma portada.

Aos agentes estava custando tanto trabalho conter a risada, que parecia que estavam tendo um ataque de tosse. O homem que estava escrevendo a declaração, em troca, não foi capaz de dissimular e caiu na gargalhada.

Cash lançou um olhar furioso a seus companheiros.

— Vamos, riam. Dá no mesmo que se vá. Logo encontrarei outra secretária.

Judd Dunn, seu ajudante, que estava apoiado no mostrador, olhou-o malicioso.

— Essa era a segunda desde que o nomearam chefe de polícia.

— Por amor de Deus, trabalhava em uma loja de comida antes de vir aqui! — resmungou Cash, sacudindo o uniforme com a mão — Se conseguiu este emprego foi só porque seu tio, Ben Brady, é o prefeito em exercício, e porque me disse que, se não a contratasse, a prefeitura não nos financiaria os novos coletes a prova de balas que necessitamos — acrescentou, bufando zangado — Não estaria no posto que está se Jack Herman não tivesse aquele ataque do coração que o fez retirar-se da política. Não tenho outro remédio a não ser agüentá-lo até as eleições de maio.

Judd o escutou sem fazer comentário algum, e Cash, com o cenho franzido, continuou falando do prefeito em exercício.

— Estou desejando que cheguem logo as eleições, juro-o — balbuciou — Brady me põe doente com isso de que tiro casos de tráfico de drogas de onde não os há, e além disso, se nega a escutar as minhas idéias para melhorar nosso departamento. Dizem que Eddie Cañe vai apresentar sua candidatura contra ele.

— Foi o melhor prefeito que tivemos — comentou Judd — Estou certo de que ganhará.

— O melhor, diz? Pena que tenhamos que esperar até maio para votar nele e tirar Brady — disse Cash, contraindo o rosto ao atirar do Post-it preso em sua camisa — Se lhe ocorrer propor outra secretária para substituir a sua sobrinha, demito-me.

— Pois terá que encontrar uma depressa antes de que ele o faça — apontou Judd — ...Se é que consegue encontrar alguém que em seu são juízo que queira trabalhar para você.

— E o que sugere? — espetou-lhe Cash — que ponha um anúncio no jornal, para que venha uma avalanche de mulheres ansiosas por estar na mesma sala que eu, e morramos esmagados?

— Possivelmente deveria pegar uns dias livres e se relaxar um pouco — foi o conselho do Judd — Logo chegarão as férias de Natal — acrescentou olhando-o fixamente — Poderia ir para algum lugar, trocar de ares por uns dias.

Cash arqueou uma sobrancelha.

— Já troquei de ares o mês passado, quando fui contigo para aquela estréia em Nova Iorque.

— E Tippy disse que podia voltar a vê-la quando quisesse — apontou Judd com um sorriso malicioso. A Tippy da qual falava não era outra que Tippy Moore, a «Pirilampo da Georgia», uma famosa modelo que passou para o mundo do cinema — A seu irmão pequeno caiu bem, e embora estude interno nessa academia militar, é certo que volta para casa para passar as férias com ela.

Cash pensou na possibilidade com certa reticência. Depois de descobrir que a modelo não era a mulher superficial, a vampiresca que tinha acreditado que era, tinha começado a sentir-se perigosamente atraído por ela. E foram suas vulnerabilidades que lhe pareceram mais sedutoras que o descarado flerte que havia empregado com ele em um princípio.

— Bom, suponho que poderia contatá-la e lhe perguntar se o convite continua de pé — disse.

— Bom menino — disse Judd, aproximando-se e lhe dando uma palmadinha no ombro — Pode tomar o primeiro vôo que sair para lá, e eu ocuparei sua mesa como chefe em funções.

Cash o olhou desconfiado.

— Isto não terá nada que ver com esse carro patrulha com que leva tanto tempo tentando me falar, verdade? Há uma junta na prefeitura a semana que vem...

— Vamos deixar isso para depois das festas — assegurou-lhe Judd — Além disso, jamais tentaria convencer à prefeitura para que nos subvencionem um carro patrulha que você não quer. Sério.

Cash não confiava no sorriso deslumbrante que havia em seu rosto. Judd era como ele: raramente sorria, e quando o fazia estava acostumado a ser porque estava tramando algo.

— E é obvio que procurarei outra secretária antes de que volte — acrescentou, fugindo dos olhos do Cash.

— Certo, é disso que se trata — disse Cash imediatamente — Tem alguém em mente. Pensa me colocar alguma mulher coronel aposentada, ou outra dessas paranóicas que acreditam na teoria da conspiração, como essa secretária que tivemos quando meu primo Chet Blake ocupava o posto que eu ocupo agora.

— Não conheço nenhuma paranóica — disse Judd.

— Nem nenhuma mulher ex-coronel?

Judd se encolheu de ombros.

— Bom, talvez a uma ou duas. Eb Scott tem uma prima...

— Nem pense nisso!

— Mas não a conhece...

— Nem quero conhecê-la! Aqui quem manda sou eu. Vê isto? — disse Cash apontando sua placa — Minha missão é lutar contra o crime. Não com mulheres mais velhas.

— Bom, esta não é mais velha... Exatamente...

— Contrate a uma nova secretária antes de que eu volte, e a despedirei assim que aterrissarem meu avião na volta — advertiu-lhe Cash — Na verdade, pensando bem, acredito que será melhor que eu não vá para lugar nenhum. — Judd se encolheu de ombros.

— Como quiser — disse estudando as pontas das unhas —, mas ouvi que a irmã do delegado de urbanismo está de olho em você, e pode ser que ela peça ao prefeito em exercício uma recomendação para o posto.

Cash se sentiu como um coelho açoitado por um cão de caça. O delegado de urbanismo, um homem bom e afável, tinha realmente uma irmã. Tinha trinta e seis anos, divorciou-se duas vezes, usava blusas semitransparentes, e pesava ao menos quarenta quilos a mais. O delegado era, além disso, o melhor dentista da redondeza, e de todos sabiam que adorava a sua irmã. Muita pressão inclusa para um ex-membro das Forças de Operações Especiais do exército dos Estados Unidos em uma cidade tão pequena como Jacobsvilk.

— Quando poderia começar a mulher ex-coronel? — perguntou, apertando os dentes. Judd se pôs a rir.

— Na realidade não conheço nenhuma ex-coronel que queira trabalhar para você, mas estarei pronto se por acaso se apresenta alguma — respondeu, movendo-se a tempo para esquivar a chute de giro que lhe lançou Cash — Ouça, que sou oficial de polícia! Se me pegar, estará incorrendo em um delito.

— Não se o fizer em defesa própria — balbuciou Cash, dando-lhe as costas e dirigindo-se de volta a seu escritório.

— Meus advogados entrarão em contato contigo — disse-lhe Judd brincando enquanto se afastava.

Cash lhe lançou um gesto insultante por cima da cabeça.

Entretanto, quando estava a sós em seu escritório, com o cesto de papéis de novo em seu lugar, e o lixo dentro e não espalhado pelo chão, Cash ficou pensando no que Judd lhe havia dito. Possivelmente tivesse razão; nos últimos dias tinha estado um pouco suscetível e talvez uns dias livres poderiam ajudá-lo a ficar um pouco menos... Irritável. O certo era que os dois bebês que Judd e Chrissy tiveram se converteram para ele em um doloroso aviso da vida que tinha perdido.

E se fosse visitar Tippy, como lhe tinha sugerido Judd? Rory, o irmão de nove anos da jovem, idolatrava-o, e em comparação com o modo com que todos estavam acostumados a tratá-lo: com curiosidade, com respeito, e inclusive com medo... Sobretudo com medo, a admiração do pequeno se mostrava incomum e agradável.

Além disso, o menino não tinha nenhuma referencia masculina a sua volta, com exceção de seus amigos na academia militar. O que poderia haver de mau em se passar algum tempo com ele? Além de tudo, não tinha que contar a Tippy nem a história de sua vida. Cash contraiu o rosto, recordando a única vez em que tinha falado com alguém de seu passado.

Sentou-se atrás de sua escrivaninha e tirou uma agenda telefônica de bolso. Procurou nela um número de Nova Iorque, levantou o telefone sem fio, e digitou.

Esperou dois tons, três, quatro... Profundamente decepcionado, ia pendurá-lo, quando de repente se ouviu o outro lado da linha uma voz suave e sedutora: «Neste momento não estou em casa. Por favor, deixe uma mensagem e seu número, e eu entrarei em contato». A seguir soou um assobio.

— Sou Cash Grier — disse Cash.

Começou a recitar seu número de telefone, mas o interrompeu aquela mesma voz da secretária eletrônica:

— Cash!

Parecia sem fôlego, como se tivesse corrido para atender ao telefone antes que pudesse desligar. Lisonjeado, Cash rompeu em uma suave risada.

— Sim, sou eu. Olá, Tippy.

— Como está? — perguntou ela — Ainda continua em Jacobsville?

— Aqui sigo. Só que agora sou chefe de polícia. Judd abandonou o corpo dos Texas Rangers, e trabalha comigo como ajudante — acrescentou de brincadeira. Tippy tinha estado loucamente apaixonada por Judd, igual a ele que tinha estado, tempos atrás, pela esposa dele, Christabel.

— Quanto mudaram as coisas! — suspirou ela — E como está Christabel?

— Muito feliz — respondeu Cash — Judd e ela tiveram gêmeos.

— Sei. Falei com eles o dia de Ação de Graças — confessou-lhe Tippy — Um menino e uma menina, verdade?

— Jared e Jessamina — assentiu ele sorrindo. Os gêmeos lhe tinham roubado o coração quando foram vê-los o hospital. Era padrinho de ambos, mas Jessamina era sua favorita, e não se esforçou sequer por dissimulá-lo — Jessamina é uma autêntica bonequinha. Tem o cabelo negro como o azeviche, e os olhos do azul mais profundo. Embora certamente mudarão quando crescer, claro.

— E Jared? — quis saber ela, divertida ante essa fascinação que parecia sentir pela pequena.

— Igual ao seu pai — respondeu Cash — Jared lhes pertence, mas Jessamina é minha. Assim o disse. Várias vezes — acrescentou com um suspiro — Mas não me serve de nada, evidentemente, porque não me querem dá-la.

Tippy se pôs a rir. Sua risada soava como sinos de prata em uma noite do verão, e sua voz era sem dúvida um de seus maiores encantos.

— E você? Como vai? — perguntou-lhe Cash.

— Estou trabalhando em um novo filme — respondeu ela — mas paramos a rodagem para poder passarmos todos o Natal em casa. E não sabe como me alegro, porque o filme tem muita dose de ação, e não estou em forma. Terei que treinar mais se quero fazê-lo bem.

— De ação, diz?

— Sim, já sabe: cambalhotas, saltar de trampolins, me lançar desde lugares altos, artes marciais... Esse tipo de coisas — explicou ela em um tom cansado — Tenho hematomas por todo o corpo. Rory vai ficar louco quando me vir. Sempre anda me dizendo que já não tenho idade para fazer essas coisas.

— Que já não tem idade? — repetiu ele incrédulo, pois sabia que só tinha vinte e seis anos.

— Para ele sou uma velha, não sabia? — respondeu-lhe ela — Teria que sair por aí com uma bengala.

— Pois não quero nem imaginar como devo estar, que tenho doze anos a mais — disse ele rindo — Vai passar o Natal contigo?

— Claro. Volta para casa cada vez que tem férias. Tenho um apartamento pequeno, mas acolhedor perto da rua cinco no sul do distrito East Village. E o bairro é bom: há uma livraria, uma cafeteria... A verdade é que é um lugar muito agradável para ser parte de uma grande cidade.

— Não duvido, embora eu goste mais dos espaços abertos.

— Sei. Não precisa dizer — respondeu ela. Vacilou um instante — Está com problemas ou algo assim?

Cash se sentiu estranho.

— A que se refere?

— Necessite que eu faça algo para você? — insistiu ela.

Cash não soube muito bem como devia responder. Ninguém nunca antes lhe tinha oferecido ajuda.

— Estou bem — respondeu em um tom brusco.

— Então... Para que me ligou?

— Não te liguei porque quisesse algo — disse, com mais aspereza da que pretendia — Custa acreditar que a tenha chamado só porque queria saber como estava?

— A verdade é que sim — admitiu ela — Quando estivemos filmando em Jacobsville não nos demos bem. Ao menos para você.

— Mas isso foi antes que disparassem contra Christabel — recordou ele — A impressão que tinha de você mudou drasticamente no momento em que você tirou aquele suéter tão caro que usava sem pensar duas vezes e o usou para aplicar pressão sobre sua ferida. Aquele dia ganhou a simpatia de muitas pessoas.

— Obrigado — murmurou Tippy timidamente.

— Escute, estava pensando ir passar uns dias em Nova Iorque antes de Natal — disse-lhe Cash — O convite ainda está de pé? Poderíamos sair por aí Rory, você, e eu.

— Oh, Cash, isso seria ótimo! — respondeu ela imediatamente, muito contente — Verá quando Rory souber; ficará muito contente.

— Está aí contigo?

— Não, ainda está em Maryland, na academia, e tenho que ir pegá-lo. Não pode partir sem que eu vá até lá e assinar o registro. Fizemos isso para evitar que nossa mãe vá e o leve para me tirar dinheiro — explicou-lhe com amargura — Sabe que estou ganhando bastante, e seu namorado e ela seriam capazes de fazer algo com objetivo de conseguir dinheiro para drogas.

— E se fosse eu a pegá-lo e o levá-lo comigo para Nova Iorque?

Tippy vacilou.

— Faria... Faria isso por mim?

— Claro. Farei cópias de minha documentação e as enviarei por fax à academia. Você só terá que ligar para o diretor e lhe dizer que tenho sua autorização para levar o garoto. E Rory me reconhecerá.

— Vai ficar muito contente — repetiu Tippy — Não deixou de falar de você desde que o conheceu na estréia de meu filme no mês passado.

— Também gostei dele. É um menino honesto.

— Sempre lhe disse que a honestidade é o traço mais importante no caráter de uma pessoa — explicou-lhe ela — Mentiram-me tantas vezes ao longo de minha vida, que não há outra coisa que valorize mais — acrescentou calmamente.

— Sei o que é isso — respondeu ele — Bom, tinha pensado sair amanhã. Diga-me como chegar à academia militar de Rory, o endereço de seu apartamento, a que hora quer que estejamos aí... E eu me encarregarei do resto!

A Judd achou engraçado ver a mudança de humor de Cash e sua animação depois de falar com o Tippy.

— Ultimamente não sorria muito — disse-lhe — Alegra-me comprovar que não esqueceu como se faz.

— O irmão do Tippy está ainda na academia, e me ofereci para ir eu mesmo para pegá-lo e levá-lo para casa — anunciou Cash.

— Sua caminhonete agüentará todo o caminho até Nova Iorque? — perguntou Judd.

Cash tinha comprado aquela caminhonete negra por um preço razoável e lhe dava bom serviço, mas já não estava para muitas viagens.

Cash vacilou, como reticente a lhe revelar o que lhe revelou a seguir.

— Tenho um carro — disse-lhe — Guardo-o em uma garagem de Houston. Não o dirijo com muita freqüência, mas me preocupo de mantê-lo em bom estado se por acaso tiver que usá-lo.

— Que tipo de carro é? — perguntou Judd — Estou curioso.

— Pois... Um carro, igual a outros — respondeu Cash, encolhendo-se de ombros. Dava-lhe vergonha lhe dizer que tipo de carro era na realidade. Não tinha por costume falar de suas finanças — Não é nada especial. Escute, está certo de que poderá se encarregar de tudo na minha ausência?

— Fui um Texas Ranger. Você o que acha?

Cash sorriu com malícia.

— Já, mas este é um trabalho duro de verdade.

Afastou-se bem a tempo para esquivar um chute bem merecido no traseiro.

— Espera e verá — ameaçou-o Judd, com um brilho divertido nos olhos — Lhe trarei a secretária mais feia ao leste do rio Braços.

— Acredito que seja capaz — respondeu Cash — Bom, ao menos se assegure de que não seja tão suscetível como a sobrinha punk do prefeito.

— Por certo, por que ela se demitiu exatamente?

Cash exalou um suspiro.

— Zangou-se quando a proibi de tocar no arquivo. Não podia dizer a ela que era porque tinha colocado lá temporalmente Mikey, minha cobra, assim disse-lhe que guardava lá material secreto sobre disco voador.

— E então foi quando derrubou o cesto de papéis sobre a sua cabeça — adivinhou Judd.

— Não, isso foi depois — replicou Cash — Disse-lhe que o arquivo estava fechado com chave por um bom motivo, e que se mantivesse afastada dele. Saí um momento para falar com um dos meninos, e ela aproveitou para forçar a fechadura com sua lima de unhas. Mikey tinha saído de sua jaula, e estava em cima das pastas quando ela abriu a gaveta. Deu um grito, e quando voltei correndo para ver o que acontecia, jogou-me uma algema e me acusou de havê-la posto aí de propósito para lhe dar um castigo.

— Isso explica o grito que ouvi — disse Judd — Já o adverti que não era boa idéia colocá-la no arquivo.

— Ia ser só por hoje — defendeu-se Cash — Bill Harris me deu a cobra está manhã e não tinha tido tempo de levá-la a casa. Se a coloquei aí foi para não assustar ninguém, e logo iria levá-lo quando acabasse a jornada de trabalho. E depois do que aconteceu asseguro que me vou levá-la — acrescentou indignado — porque não quero que a traumatizem mais do que já o está.

— A serpente tem medo da sobrinha do prefeito... Imagine! — murmurou Judd com incredulidade.

— Sim, a verdade é que custo em acreditar — teve que admitir Cash — Com essas pintas que usa, é ela a que dá medo.

— Não lhe terá dado razões para que o tivesse, verdade? — perguntou-lhe seu amigo.

Cash sacudiu a cabeça.

— Só mencionei que tinha o pai de Mikey no outro arquivo, e lhe perguntei se queria conhecê-lo. Então foi quando se demitiu — respondeu sorridente — Se despedir um empregado, a prefeitura tem que lhes pagar o subsídio de desemprego, mas se demitir voluntariamente não, assim lhe dei um empurrãozinho para ajudá-la a se demitir — acrescentou com um sorriso malicioso.

— Não o tinha por um tipo maquiavélico... — disse Judd, tentando não rir.

— Não foi minha culpa. Estava apaixonada por mim, e tinha acreditado que se seu tio lhe conseguisse este emprego poderia me seduzir com essas minissaias e essas blusas decotadas — replicou Cash irritado — Talvez deveria tê-la acusado de perseguição sexual — acrescentou franzindo o cenho.

— Oh, Ben Brady teria ficado muito contente se tivesse feito isso — disse Judd em tom de brincadeira.

— O que quer? Estou farto de ser perseguido por secretárias.

— Agora terá que as chamar de «auxiliares administrativas», não «secretárias» — provocou Judd.

— Deixe-me!

— Vê? Por isso quero que vá a Nova York.

— Tenho um mascote para cuidar — protestou Cash.

— Pode deixar Mikey com Bill Harris antes de partir. Asseguro que não se importará de cuidar dela enquanto esteja fora. Sério, necessita dessas férias.

Cash suspirou e colocou as mãos nos bolsos.

— Dessa vez concordo contigo — disse, mas logo ficou em dúvida — Se o tio o chamar e ele perguntar por que ela deixou o posto...

— Pode ficar tranquilo. De minha boca não sairá uma só palavra sobre a serpente — prometeu Judd — Só lhe direi que o ser acossado por uma alienígena o estava começando a causar problemas mentais.

Cash lhe lançou um olhar assassino e voltou para trabalho.

No dia seguinte pela tarde Cash se apresentava ao escritório do comandante na Academia Militar do Cannae, em Anápolis, Maryland. O nome da escola referia-se a vergonhosa derrota que tinha sofrido a Roma capitalista nas mãos de Aníbal, o guerrilheiro cartaginês.

O comandante, Gareth Marist, não era um desconhecido para o Cash, já que tinha servido sob seu comando anos atrás durante a operação «Tormenta do deserto» no Iraque.

Apertaram a mão como se fossem irmãos, e de certo modo o eram pelo que tinham acontecido quando tinham atravessado as linhas do inimigo. Poucos homens tinham tido que suportar o que eles tinham suportado. Marist tinha conseguido escapar. Cash não.

— Rory me falou de você sem parar durante ao menos dez minutos antes que eu ligasse a quem era — disse Marist — Mas sente. Alegra-me voltar a vê-lo, Grier. Pelo que entendi agora está trabalhando na polícia, não é assim?

Cash assentiu com a cabeça, sentando em uma das duas cadeiras que havia no escritório do homem uniformizado. Mais alto que ele, Marist devia ser de sua mesma geração, mas já tinha entradas.

— Sou chefe de polícia em uma pequena cidade do Texas.

— É difícil renunciar à vida militar — disse Marist — Eu me senti incapaz, e por isso pedi este destino, e não me arrependo. É um privilégio poder ajudar a moldar aos soldados de manhã. E o jovem Rory tem um grande potencial, por certo — acrescentou — É muito inteligente, e não se deixa amedrontar pelos meninos que tem o dobro de sua estatura. Nem sequer os valentões se atrevem com ele — disse rindo entredentes.

Cash sorriu.

— É claro que sim que é valente. E não se arreda absolutamente na hora de dizer o que pensa.

— E sua irmã... — murmurou Marist, com um comprido assobio — Se não estivesse felizmente casado e tivesse dois pirralhos aos quais adoro, estaria me arrastando de joelhos atrás dela. É realmente bonita, e se vê que quer muitíssimo bem ao menino. Quando o trouxe aqui para inscrevê-lo estava muito assustada porque tinham tido problemas com sua mãe, mas não quis me explicar do que se tratava. Mostrou-me os papéis que lhe outorgavam a custódia do moço, e acordamos não permitir que essa mulher se aproximasse dele. Nem seu suposto pai — explicou-lhe. Escrutinou em silêncio o rosto do Cash — Imagino que não saberá você o porquê.

— Talvez saiba — foi a resposta do Cash — mas não tenho por costume divulgar segredos.

— Recordo — respondeu Marist com um sorriso forçado — Era capaz de suportar a tortura e não revelar nada ao inimigo. Só conheci outro homem capaz de resistir nesse tipo de situações, e era um membro do SEJA, o regimento aéreo de operações clandestinas do exército britânico.

— Esteve comigo — disse Cash — Um tipo incrível. Voltou com sua unidade justo depois de que escapamos, como se não tivesse ocorrido nada.

— Também você.

Cash não gostava de falar daquilo, assim mudou de assunto.

— Como vão os estudos de Rory?

— Oh, muito bem. Está entre os dez melhores da classe — disse Marist — E chegará a oficial, asseguro — acrescentou com um sorriso — Distingue-se facilmente aos que têm dotes de mando. É algo que se verá muito em breve.

— É verdade — assentiu Cash. Inclinou a cabeça — Sua irmã... Teve algum problema de tipo financeiro para mantê-lo aqui? — perguntou.

O comandante suspirou.

— De momento não — disse — embora por sua profissão, como compreenderá, seus ganhos são bastante esporádicos. Em algumas ocasiões tivemos que lhe ampliar o prazo de pagamento.

— Se houver outras ocasiões, poderia avisar-me... Sem dizer nada a ela? — pediu-lhe Cash, tirando um cartão de visita de sua carteira, e deslizando-o pela mesa para ele — Considere-me como um familiar de Rory.

Marist vacilou.

— Escute, Grier, as cotas mensais deste local são muito caras — começou — Com o salário de um policial...

— Dê uma olhada no estacionamento para ver meu carro.

— Aí abaixo há um montão de carros — replicou o outro homem, levantando-se para ir até a janela.

— Logo saberá a qual me refiro.

Houve uma pausa, e logo um assobio quando Marist viu o impressionante jaguar vermelho feito sob encomenda. Voltou-se para o Cash.

— É seu?

Cash assentiu com a cabeça.

— E o paguei em dinheiro — acrescentou com toda a intenção. Marist deixou escapar um suspiro.

— É um diabo com sorte, Grier. Eu tenho uma pick up — disse-lhe. Retornou a seu assento depois do escritório — Por isso vejo nas Forças de Operações Especiais pagam bem.

— Na realidade não — replicou Cash — mas antes de ingressar nesse corpo estive fazendo outro tipo de trabalhos — acrescentou — mas é algo da qual não falo. Jamais.

— Sinto muito. Não era minha intenção me intrometer.

— Fique tranquilo. Já faz muito tempo, mas soube investir meus lucros, como pôde comprovar — respondeu Cash sorrindo — Bom, o que lhe parece chamar Rory para que possamos nos pôr a caminho?

O comandante compreendeu que para o outro homem o bate-papo tinha terminado.

— Claro — respondeu, lhe devolvendo o sorriso.

Rory entrou no escritório do comandante sem fôlego e avermelhado de entusiasmo. Dois meninos o acompanhavam, mas ficaram olhando no corredor.

— Olá, Cash! — saudou-o Rory com um amplo sorriso — É genial que tenha vindo a me pegar. A que hora sai nosso trem?

— Vamos de carro — replicou Cash sorrindo-lhe — Odeio trens.

— Oh, pois eu gosto — disse Rory — Sobretudo no vagão restaurante. Tenho fome a toda hora.

— Pararemos para comer algo antes de sair para Nova York — prometeu Cash — Esta pronto?

— Sim, senhor. Tenho minha mochila aí fora, no corredor. Minha irmã está como louca — confessou-lhe com um prazer malévolo — Por isso disse-me que deve ter limpado o apartamento ao menos três vezes e lustrado todos os móveis. Acredito que inclusive tenha lhe preparado o quarto de hóspedes.

— Pois o agradeço, mas a verdade é que eu gosto de ter meu próprio espaço — respondeu Cash — e já reservei um quarto em um hotel próximo. — O comandante riu suavemente ao ouvi-lo dizer isso. Não tinha mudado nada. Cash Grier sempre tinha sido muito correto, e não passaria uma noite no apartamento de uma mulher solteira embora cem pessoas pensassem que não havia nada de mau nisso.

— Minha irmã também me disse que provavelmente não iria quer ficar conosco — comentou Rory, surpreendendo Cash — mas queria que pensasse que é uma boa dona-de-casa. Até estive aprendendo a preparar Stroganoff. Judd Dunn lhe disse que você gostava.

— É meu prato favorito — admitiu Cash impressionado.

Rory sorriu.

— O meu também, alegre-me de que goste.

— Bom, onde tenho que assinar para que possamos partir? — perguntou — Cash a Marist.

— Um instante — respondeu o comandante, tirando o livro do registro — Passe bem, Danbury — disse a Rory.

Cash franziu o cenho ao ouvir esse nome. Acreditava que o sobrenome do menino era Moore, como Tippy.

Rory se pôs a rir ao verificar sua surpresa.

— Moore era o sobrenome de nossa avó, e Tippy começou a usá-lo como nome artístico quando começou a trabalhar como modelo.

Curioso. Cash se perguntou por que o teria feito, mas não era o momento de ficar fazendo perguntas. Assinou no registro para poder levar o menino, apertou a mão dos amigos de Rory, que pareciam igualmente fascinados com ele, e saíram do edifício.

Rory ficou estático quando Cash apertou um botão do chaveiro que tinha na mão e abriu o porta-malas de um flamejante jaguar vermelho.

— Esse é seu carro? — exclamou boquiaberto.

— Esse é meu carro — repetiu Cash sorrindo. Colocou dentro do porta-malas a mochila do menino e o fechou — Vai, suba e vamo-nos.

— Sim, senhor! — respondeu Rory prontamente.

Antes de entrar no carro se despediu com a mão de seus amigos, que estavam observando-os da janela do escritório do comandante. Quando Cash arrancou e saíram do estacionamento, tinham os narizes grudados na janela.

CAPÍTULO 2

Antes de levar Rory ao apartamento de Tippy em Manhattan, no sul do distrito EastVillage, Cash parou um momento no hotel onde tinha reservado o quarto para registrar-se e deixar as malas.

Minutos depois estacionavam em frente ao prédio onde vivia Tippy. Chamaram o porteiro automático para que os deixasse subir, e quando chegaram, ela os estava esperando na porta. Cash apenas a reconheceu, ao vê-la ali de pé vestida com jeans e um suéter amarelo, e o comprido cabelo loiro avermelhado caindo sobre as costas.

Com aquele traje informal e sem maquiagem alguma, parecia uma pessoa diferente da sofisticada e deslumbrante atriz à estréia de cujo último filme tinha ido Cash assistir no mês anterior.

Alisou-se nervosa o cabelo com uma mão, e se voltou para trás sorridente, abrindo completamente a porta.

— Entrem — disse — Espero que estejam com fome. Fiz Strogonof.

Cash arqueou as sobrancelhas.

— É meu prato favorito. Como sabia? — disse com um olhar malicioso em seus olhos castanhos. Tippy limpou a garganta, e Rory interveio em seu auxílio.

— Também é o meu — disse — Sempre me prepara isso para jantar no dia que volto para casa. — Cash riu suavemente.

— Boa maneira de me pôr em meu lugar! — Tippy estava olhando detrás dele.

— Não trouxe as malas? Preparei o quarto de hóspedes.

— Obrigado, mas reservei um quarto em um hotel do centro: no Hilton — respondeu ele com um cálido sorriso — Eu gosto de ter meu próprio espaço.

— Oh. Já percebi — respondeu ela, rindo envergonhada antes de voltar-se para Rory para lhe dar um abraço — Não sabe a alegria que me dá tê-lo em casa no Natal — disse-lhe — Disseram-me que tirou muito boas notas.

— É verdade — assentiu ele.

— E que lhe castigaram por brigar com um colega — acrescentou Tippy arqueando uma sobrancelha.

Rory pigarreou.

— Um menino mais velho me chamou de algo que eu não gostei.

— Ah, sim? O quê? — perguntou ela, cruzando os braços cruzados sobre o peito e olhando-o sem piscar. Os olhos de Rory relampejaram furiosos.

— Chamou-me de bastardo.

Os olhos verdes do Tippy relampejaram também.

— Espero que tenha ganhado a briga.

Rory sorriu mostrando os dentes.

— Sim. Agora somos amigos — disse. Jogou um olhar a Cash, que estava acompanhando a conversa entre ambos com interesse — Nenhum outro menino se atreveu a confrontá-lo. Ia caminho se transformar em um abusado, mas o salvei que esse terrível destino.

Cash se pôs a rir.

— Bom para você.

Tippy jogou o cabelo para trás.

— Que tal jantarmos? — propôs — Hoje pulei o almoço e estou morta de fome — acrescentou, levando-os para a pequena mas acolhedora cozinha, onde a mesa estava já disposta.

Sobre a toalha bordada havia três serviços com coloridos pratos, elegantes taças de cristal, e talheres de prata. Tippy tirou uma jarra de leite do refrigerador, e encheu dois copos.

— Poderia me servir um? — pediu-lhe Cash, detendo-se junto a uma das cadeiras — Eu gosto de leite.

Tippy espantou-se e voltou para olhá-lo.

— Ia lhe oferecer um uísque...

As feições de Cash ficaram tensas.

— Não tomo bebidas fortes. Jamais.

O desconcerto do Tippy não poderia ter sido maior.

— Oh — murmurou confusa, dando-lhe de novo as costas.

Não tinha feito nada certo desde que Cash entrou pela porta. Sentia-se como uma idiota. Tirou outro copo e o encheu com generosidade. Nunca chegaria a compreendê-lo, pensou.

Cash esperou até que Tippy tivesse levado a comida à mesa e sentado para sentar também. Aquela amostra de cavalheirismo a fez relaxar.

— Vê? As boas maneiras não têm nada de mau — disse a Rory — Sua mãe devia ser uma mulher encantadora — acrescentou, voltando-se para o Cash.

Ele tomou um gole de leite antes de responder.

— Sim, era — respondeu, mas não continuou após aquele abrupto assentimento.

Tippy engoliu em seco. Se Cash continuasse assim seco durante toda à noite, aquilo se transformaria num calvário. Christabel Gaines tinha lhe dito em uma ocasião de seu passado, de como o casamento de seus pais tinha sido destruído por uma modelo, e conforme parecia as lembranças ainda lhe causavam dor.

— Rory, reze a mesa — apressou-se a murmurar.

Não lhe passou despercebido a surpresa de Cash, mas fez como se não a tivesse advertido e os três inclinaram a cabeça. Entretanto, quando seu irmão terminou de recitar a breve prece, levantou o rosto e lhe lançou um olhar divertido.

— As tradições são importantes, e Rory e eu não tínhamos nenhuma — explicou-lhe — assim decidimos iniciar as nossas, e esta é uma delas.

Indicou a Cash com um gesto que se servisse de carne.

— E quais são as outras?

Tippy lhe sorriu com acanhamento, e de repente a Cash pareceu mais jovem do que era. Não usava maquiagem, com exceção de um carmim suave nos lábios, e o cabelo, limpo e sedoso, caía-lhe com simplicidade sobre os ombros.

— Por exemplo, acrescentamos um adorno novo à árvore a cada Natal, e também lhe penduramos um pepino japônês.

O garfo do Cash se deteve a meio caminho de sua boca.

— Um o quê?

— Um pepino japonês — repetiu Rory — É um costume alemão que dá boa sorte. Nosso avô materno era alemão — explicou, engolindo um pedaço de carne com a ajuda de um sorvo de leite — De onde era sua família, Cash?

— De Marte, acredito — respondeu ele muito sério.

Tippy arqueou as sobrancelhas.

— Certo — disse Rory rindo.

Cash esboçou um sorriso travesso.

— A mãe de minha mãe era de Andalúcia, uma região do sul da Espanha — respondeu-lhe, deixando de brincadeiras — e por parte de pai tenho sangue cherokee e Suíça.

— Curiosa mistura — comentou Tippy.

Cash lhe dirigiu um olhar especulativo.

— Seus antepassados deveriam ser irlandeses, ou escoceses — disse admirando seu cabelo avermelhado.

— Isso penso eu também — respondeu ela, sem levantar os olhos do prato.

— Nossa mãe é ruiva — interveio Rory — A cor de Tippy é natural, como o seu, mas muita gente acredita que é tingido.

Tippy tomou um bom gole de leite, e não disse nada.

— Eu queria tingir de arroxeadado, mas meu primo, o chefe de polícia anterior, pensou que todos ficariam assustados — confessou-lhes Cash com um suspiro — E além disso, me fez me tirar o brinco — acrescentou com indignação.

Tippy quase lhe engasgou o leite.

— Usava um brinco? — exclamou Rory entusiasmado.

— Era só um aro de ouro — explicou Cash — Na época em que comecei a usá-lo estava trabalhando para o governo, e o chefe que tinha era tão politicamente correto, que usava uma plaqueta no qual se desculpava por matar às bactérias nas quais pisava sem querer. É verídico, jurou — assegurou-lhes assentindo com a cabeça.

Tippy teve que secar olhos. Estava rindo com tanta vontade, que lhe saltavam as lágrimas. Fazia anos que não se sentia tão descontraída, e que estivesse acontecendo com o Cash, apesar de terem começado com pé esquerdo, era quase um milagre.

— Minha irmã não ri com muita frequência — comentou Rory a Cash com um sorriso malicioso — A não ser quando tem quando filmada em externas ou posando ao ar livre. De fato, odeia os fotógrafos desde que alguém a fez sentar-se com biquíni sobre umas rochas e um bicho a picou.

— Aquele pássaro estúpido desceu sobre mim e me picou cinco vezes — confessou-lhe Tippy — e na última me arrancou parte do couro cabeludo!

— Deveria lhe contar o que as pombas lhe fizeram durante aquela rodagem na Itália — insistiu Rory.

Tippy se estremeceu delicadamente.

— Ainda estou tentando esquecê-lo. Antes eu gostava das pombas.

— Eu adoro as pombas — disse Cash sorrindo malicioso — Não saberão o que é bom até que tenham comido um delicioso pombinho envolto em massa folhada e frito em azeite de oliva...

— Selvagem! — repreendeu-o Tippy.

— Por que? Também como serpentes e lagartixas, não só pombas.

Rory estava desdobrando-se na risada.

— Deus, Cash, este vai ser o melhor Natal de nossa vida!

Tippy pensava o mesmo. O homem sentado frente a ela se parecia muito pouco com o hostil policial que tinha conhecido durante a rodagem de seu último filme em Jacobsville, Texas. Todo mundo do lugar definia Cash Grier como um tipo misterioso com o que não se devia brincar, mas ninguém lhe havia dito que tinha um senso de humor tão incrível.

Ao perceber sua perplexidade, Cash se inclinou para Rory e lhe disse em um sussurro audível:

— Está confusa. No Texas lhe disseram que guardava sob chave em um arquivo documentos militares secretos sobre disco voadores.

— Na realidade me disseram que o que escondia eram alienígenas — murmurou Tippy, reprimindo um sorriso.

— Por amor de Deus!, Como vou ter escondido a nenhum alienígena no arquivo? — disse ele indignado. Entretanto, um minuto depois apareceu em seus olhos castanhos um brilho travesso — Tenho-os em um armário de casa.

Rory riu, e Tippy também.

— E eu que acreditava que os atores eram loucos... — comentou ela com um suspiro.

Depois do jantar, Cash propôs um passeio pelo Central Park. Tippy vestiu uma jaqueta e calça verde esmeralda, fez uma trança, e deu um ligeiro toque de cor a seu rosto ovalado.

O prédio de dois andares onde vivia Tippy ficava em uma rua tranqüila, cheia de árvores. Em apenas uma década o bairro tinha passado a ser convertido em uma área residencial de classe média. As reformas que se foram feitas nos edifícios eram notáveis, sobretudo na casa de pisos de Tippy, onde caminhos corrimões de ferro negro forjado flanqueavam os degraus de pedra da entrada.

Durante sua época de modelo tinha muito dinheiro e estava vivendo durante um tempo no Park Avenue, mas, depois do ano que tinha passado longe da profissão, teve que voltar para conseguir trabalho, e teve que apertar o cinto. Foi então quando se mudou, justo antes de começar a rodagem daquele filme em Jacobsville que de repente tinha relançado sua carreira.

Provavelmente com o que ganhava como atriz poderia permitir-lhe algo melhor, mas tinha se afeiçoado aos vizinhos, e com aquela rua tranqüila em que vivia. Descendo havia uma livraria, bem na esquina, um pouco mais à frente um mercado, e também uma pequena cafeteria onde serviam o melhor dos cafés. E apesar do inverno, a estação em que estavam, as árvores tinham perdido toda sua folhagem e a cidade tinha um aspecto frio e cinza, na primavera o bairro era um lugar realmente precioso.

O jaguar vermelho de Cash estava estacionado bem diante da fachada do prédio de Tippy. Quando seus olhos se pousaram sobre ele, a jovem não podia acreditar no que estava vendo, mas não fez comentário algum. Rory se sentou atrás, e ela na frente, com o Cash. Em somente alguns minutos tinham chegado.

Quando foram caminhando pela calçada, passando pelas bonitas carruagens que esperavam clientes, Rory perguntou ao Cash se não se preocupava que pudessem lhe roubar o carro.

— Acredito que este lugar seja perigoso — comentou.

Cash se encolheu de ombros.

— Central Park é muito mais seguro do que estava acostumado a sê-lo, mas se alguém tentar roubá-lo, terá que estar muito preparado para burlar a minha serpente cascavel.

— Sua o que...? — exclamou Tippy, olhando alarmada os tornozelos, como se esperasse encontrar um ofídio enroscado ali.

Cash sorriu peralta.

— Meu sistema de alarme. É assim como o chamo. Tenho um sistema eletrônico instalado de localização em um lugar oculto do motor. Se alguém tentasse fazer uma ponte para arrancar o carro, ou o roubasse, à polícia não levaria mais de dez minutos encontrá-lo, inclusive aqui em Nova Iorque — explicou.

— Agora entendo que esteja tão tranqüilo — disse Rory — Certamente é um carro alucinante — acrescentou com inveja.

— É — assentiu Tippy — Eu dirijo, mas nesta cidade não é muito prático ter um carro — disse apontando com um gesto a quantidade de táxis que subiam e desciam pelas ruas — Quando alguma agência de modelos me chamava para um trabalho não tinha tempo de procurar um lugar livre onde estacionar. Nunca há suficientes. Os táxis e o metrô são o meio mais rápido de se mover quando está com pressa.

— É certo — assentiu Cash, admirando fascinado quão formosa era até sem apenas maquiagem — Onde estão rodando o filme? — perguntou-lhe.

— Principalmente aqui, na cidade — respondeu ela — É uma comédia misturada com um trama de espionagem. Tenho que lutar com um agente estrangeiro em uma cena, e perseguir um tipo com uma pistola em outra — acrescentou contraindo o rosto — Logo começaremos a rodar depois deste descanso de férias, mas tenho hematomas por todo o corpo devido aos ensaios das coreografia de luta. Inclusive tenho que aprender aikido para o filme.

— Uma arte marcial muito útil — comentou Cash — Foi uma das primeiras que aprendi.

— Quantas conhece? — perguntou-lhe Rory imediatamente.

Cash se encolheu de ombros.

— Karate, tae-kwon-dou, hapkido, kung fu, e outras quantas menos conhecidas. Nunca se sabe quando terá que recorrer a elas, mas são muito boas para o trabalho policial, agora que não estou todo o dia atrás de uma mesa.

— Judd me disse que trabalhava no escritório do fiscal do distrito em Houston — interveio Tippy. Cash assentiu com a cabeça.

— Era especializado em ciberdelitos, mas acabou por ficando aborrecido. Queria algo menos rotineiro e menos estruturado.

— E o que faz no Jacobsville? — quis saber Rory. Cash riu suavemente.

— Fugir de minhas secretárias — confessou envergonhado — No mesmo dia que liguei para sua irmã para lhe dizer que viria para Nova Iorque no Natal, a secretária nova que eu tinha demitiu-se, e me esvaziou um cesto de papéis sobre a cabeça — acrescentou fechando o rosto e tocando o cabelo escuro — Ainda estou tirando restos de café do meu cabelo.

Os olhos verdes do Tippy se abriram como pratos. Deteve-se, e levantou o olhar para Cash, sem poder acreditar no que estava ouvindo. Não tinha esquecido a eficiência com que tinha parado o ajudante de direção de seu primeiro filme para que não voltasse a pôr as mãos nela depois de que ela se queixou das confianças que se tomava.

Rory estava rindo.

— Sério? — perguntou a Cash.

— Não era feita para o trabalho de escritório. Era incapaz de digitar e falar ao telefone ao mesmo tempo.

— Mas, por que...? — começou Tippy.

Cash terminou a pergunta por ela:

— ... Esvaziou— me um cesto de papéis na cabeça? E eu o que sei! Disse-lhe que não tocasse no arquivo, mas não me fez caso e forçou a fechadura. Não é culpa minha que Mikey, minha cobra, saltou fora da gaveta e pulou sobre ela. Assustou o pobre animal, e agora tem uma crise nervosa.

Tippy e Rory se pararam, e ficaram olhando-o de cima a baixo. Cash suspirou.

— Verdade que é incompreensível que haja pessoas que fiquem nervosas ao ver uma serpente? — perguntou ele filosófico.

— Tem uma serpente chamada Mikey? — exclamou Tippy.

— Cag Hart tinha uma cobra macho albina e a deu a um criador depois de casar-se. O criador a cruzou com uma fêmea que teve uma ninhada de preciosas crias, e eu lhe pedi uma. O que ocorreu foi que, no dia que me deu, não pude levá-la para casa porque estava em serviço, assim a pus temporariamente no arquivo, em um pequeno aquário de plástico, com água e um ramo para que subisse por ela. E estava tão tranqüila... Até que minha secretária forçou a fechadura. Parece que Mikey saiu do aquário, e estava em cima das pastas.

— E o que aconteceu? — perguntou Rory.

Cash franziu o cenho.

— Acho que deu ao pobre bichinho um susto de morte — resmungou — Estou certo de que terá seqüelas pelo trauma psicológico que lhe causou durante o resto de sua...

— Não, o que aconteceu depois! — interrompeu-o Rory. Cash arqueou as sobrancelhas.

— Depois de gritar até quase me deixar surdo e me atirar uma algema na cara, quer dizer?

Tippy não disse nada; mas sim ficou olhando-o com um brilho divertido em seus olhos verdes.

— Então foi quando me derrubou o cesto de papéis sobre a cabeça. Enfim, no fundo foi um alívio que tenha se demitido. Tinha o cabelo curto e despontado, piercings com aros de prata em cada centímetro de pele visível, e levava as unhas e os lábios pintados de negro. Mikey ainda não se repôs do susto. Agora já a tenho em casa.

Tippy não podia falar da risada. Rory sacudiu a cabeça.

— Eu uma vez quase tive uma serpente.

— Quase? Mas como? — perguntou-lhe Cash.

— Ela não me deixou comprá-la — suspirou Rory, apontando a sua irmã.

— Você não gosta das serpentes, hum? — disse Cash, lançando ao Tippy um olhar malicioso.

— Não foi porque me desse medo, mas sim porque Rory não podia levar-la para a academia com ele, e eu não estava em casa o tempo suficiente para me ocupar dela. Mas se necessitar uma secretária, logo que acabe o filme que estou fazendo, farei um piercing no nariz, e cortarei o cabelo em ponta — disse ela brincando.

Cash sorriu, mostrando seus perfeitos e brancos dentes.

— Não sei... É capaz de mascar chiclete e digitar ao mesmo tempo?

— Não sabe escrever a máquina, e sim que as serpentes lhe dão medo... — interveio Rory malicioso.

— Nenhuma palavra mais — repreendeu-o Tippy — E não deixe que Cash o suborne, ou lhe contarei qual é seu ponto fraco — advertiu-lhe.

Rory levantou ambas as mãos.

— Combinado, combinado... Sinto muito. Sério.

Tippy franziu seus carnudos lábios.

— Está bem.

— Olhe! Está ali o cara da gaita de fole! — exclamou de repente Rory, apontando para um homem com saia escocesa em frente a um hotel perto do parque. Estava tocando Amazing Grace — Deixe-me dinheiro, Tip?

Tippy tirou uma nota de vinte de sua carteira e o atendeu.

— Tome. Esperaremos aqui — disse-lhe com um sorriso. Cash seguiu o menino com o olhar enquanto se afastava, e finalmente seus olhos pousaram no gaiteiro.

— Toca bem — comentou.

— Rory quer uma gaita de fole, mas não acredito que o comandante o deixasse praticar em seu quarto.

— Eu tampouco — disse Cash, sorrindo melancólico enquanto escutava a encantadora melodia — Esse homem... Vem vê-lo aqui freqüentemente? — perguntou a Tippy.

— A verdade é que o encontramos por todo o bairro — respondeu ela — É um dos sem teto mais agradáveis da zona, e sempre que posso lhe dou um pouco de dinheiro para que possa comprar uma manta, ou comer algo quente.

Muitos dos que vivem por aqui lhe tem carinho. Tem um verdadeiro dom para a música, não te parece?

— Sim tem. Sabe algo dele? — perguntou-lhe Cash, impressionado pela caridade da jovem para com um estranho.

— Não muito. Dizem que toda sua família morreu, mas ninguém sabe como nem quando... Nem sequer por que. Não fala muito — murmurou, observando Rory dar a nota ao músico, e receber um leve sorriso em troca — Nova Iorque está cheia de indigentes. A maioria deles têm um talento ou outro, uma maneira de ganhar um pouco de dinheiro, e pode vê-los dormindo entre caixas de papelão, ou procurando restos de comida nos contêineres de lixo — sacudiu a cabeça — E se supõe que somos o país mais rico da terra...

— Surpreenderia-a ver como vivem as pessoas nos países do Terceiro Mundo — disse Cash.

Tippy o olhou.

— Uma vez tive que ir para Jamaica para uma sessão de fotos, perto do Montego Bay — recordou — Alojávamo-nos em um hotel de cinco estrelas sobre uma colina, com louros enjaula e uma enorme piscina, e todos os luxos imagináveis, mas, na ladeira, a uns poucos metros havia um povoado de barracos feitos com pranchas onduladas de lata no meio da lama.

Cash entreabriu os olhos e assentiu lentamente com a cabeça.

— Eu estive no Oriente Médio. Ali muita gente vive em casas de tijolo cru sem eletricidade, sem água corrente, sem nenhum tipo de comodidade. Fazem a própria roupa, andam em carros puxados por burros. Nosso nível de vida os deixaria pasmados.

Tippy aspirou bruscamente.

— Não tinha nem idéia.

Cash passou o olhar pelos arredores.

— Lá onde ia era bem recebido, e as famílias mais pobres insistiam em compartilhar comigo o pouco que tinham. Em geral são boa gente, gente amável — baixou o olhar para o Tippy — embora como inimigos são temíveis.

Tippy estava observando as cicatrizes que marcavam suas robustas feições.

— O comandante Marist me contou que o torturaram — recordou calmamente.

Cash assentiu, e seus olhos procuraram os dela.

— Eu não gosto de falar disso. Apesar de já ter acontecido há muito tempo, ainda tenho pesadelos.

Tippy o olhou com curiosidade.

— Eu também estou acostumado a tê-los — murmurou distraidamente.

Os olhos do Cash escrutinaram os seus, tentando desvendar o enigma que aquela jovem era para ele.

— Pelo que entendi, estive vivendo muito tempo com um homem mais velho que você, um ator que tinha fama de ser o tipo mais licencioso de Hollywood — disse Cash de repente, em um tom algo abrupto.

Tippy girou a cabeça para o Rory, que tinha se sentado em um banco para escutar o gaiteiro, que tinha começado a tocar outra canção. Rodeou-se o corpo com os braços, e baixou o olhar.

Cash ficou frente a ela, deixando muito pouco espaço entre eles, e Tippy se surpreendeu ao comprovar que sua proximidade não a intimidava. Levantou o rosto para ele, e a intensidade que havia nos olhos do Cash quase a deixou sem fôlego.

— Pode me contar isso — disse lhe suavemente.

Tippy não foi capaz de resistir a aquela amabilidade em sua voz. Inspirou profundamente, e começou a falar.

— Fugi de casa aos doze anos. Iam me mandar para um lar adotivo, mas me aterrorizava a idéia de que minha mãe pudesse me tirar dali e me obrigar a voltar com ela... Para se vingar porque eu tinha chamado à polícia depois de que seu namorado... — ficou calada.

— Continue — insistiu-a Cash.

— Depois de que me violentou repetidamente — disse Tippy em um fio de voz, incapaz de olhá-lo — Preferia morrer de fome antes que voltar com ela, assim comecei a mendigar pelas ruas de Atlanta, porque não tinha outro modo de conseguir dinheiro para poder comprar um pouco de comida — contraiu o rosto ao recordar daqueles dias.

As feições do Cash estavam tensas. Pelo pouco que sabia sobre sua vida, tinha suspeitado que devia ter ocorrido algo assim.

— Aproximou se de mim um homem atraente e bem vestido. Queria me levar para sua casa — fechou os olhos — Eu estava faminta, tinha frio, e estava muito assustada. Não queria ir com ele, mas havia tal amabilidade em seu olhar... — engoliu em seco para desfazer o nó que tinha na garganta — Levou-me a seu hotel. Tinha uma suíte enorme, e tão luxuosa que poderia ter sido o aposento de um rei. Quando entramos, riu por quão nervosa estava, e me prometeu que não me faria mal, que só queria me ajudar. Eu estava tão assustada que me derramei um copo de água na frente da camisa — sorriu levemente — Acredito que não esquecerei a expressão de assombro em seu rosto enquanto viva. Eu tinha o cabelo curto, e embora nunca tivesse muito peito... E menos então, que era uma menina, mas com a camisa molhada... — levantou o rosto para o Cash, que estava escutando-a atentamente — Claro que ele não estava interessado em mim nesse sentido...

— Está me dizendo que Cullen Cannon, que tinha fama de don juán em todo mundo, era homossexual? — perguntou Cash atônito.

Tippy assentiu com a cabeça.

— Era, mas o ocultou sempre com a ajuda de amigas. Era um homem bom e amável — recordou com saudade — Disse-lhe que não me parecia bem abusar de sua generosidade, que acreditava que devia me arrumar isso por mim mesma, mas não me permitiu isso. Disse-me que se sentia muito sozinho. Sua família não queria saber nada dele, e não tinha ninguém, assim fiquei com ele. Comprou-me roupa, pagou-me os estudos, e me protegeu do passado para que minha mãe não pudesse me encontrar — lhe umedeceram os olhos — Eu o queria — sussurrou — Teria-lhe dado algo. Mas ele só queria me ajudar — riu — Suponho que logo que fiquei mais velha me inscreveu em uma escola de modelos aqui, em Nova Iorque, me manteve a seu lado porque gostava da imagem que lhe dava o ter a uma jovem bonita vivendo com ele, não sei...O caso é que continuei com ele até sua morte.

— Os meios me disseram que foi um ataque ao coração.

Tippy sacudiu a cabeça.

— Morreu subitamente. No último momento seus filhos foram vê-lo, e enterraram o passado. Ao princípio tinham acreditado que estava com ele porque queria ficar com seu dinheiro, mas suponho que acabaram por dando-se conta do muito que o queria — disse-lhe sorrindo — Quando morreu insistiram em que eu ficasse com seu apartamento, e inclusive se ofereceram abrir uma conta

fiduciária com parte do que lhes tinha deixado em herança porque cuidei dele durante seu último ano de vida, mas recusei.

— Por isso não fez nenhum trabalho como modelo durante um ano, até que lhe ofereceram fazer seu primeiro filme... — murmurou Cash — Disseram que tinha tido um acidente e que tinha que se recuperar.

Tippy se sentiu lisonjeada que recordasse aquilo, tendo em conta que, durante o tempo que tinha estado rodando em Jacobsville, tinha-a odiado literalmente.

— Cullen não queria que ninguém soubesse a verdade... Nem sequer quando estava morrendo.

— Pobre diabo.

— Era o melhor homem que conheci em minha vida — disse Tippy com tristeza — Salvou-me, e continuo indo pôr flores em sua tumba.

— E o cara que a violentou? — perguntou Cash com crueldade. Tippy girou a cabeça para olhar para Rory, que estava conversando com o gaiteiro. A expressão de seu rosto era de autentica tortura.

— Segundo minha mãe é o pai de Rory — disse quando conseguiu recuperar a fala.

Cash aspirou bruscamente.

— E apesar disso... Você o quer.

Tippy se voltou para ele.

— Com toda minha alma — reafirmou-se — Minha mãe continua com esse bastardo, Sam Stanton, ou mas bem o deixa e volta, deixa-o e volta... Uma e outra vez. Discutem, ele a bate, e ela chama à polícia, mas ao final sempre voltam. Os dois são drogados.

— E como acabou se encarregando de Rory? — perguntou Cash.

— O policial que me salvou na última noite que passei na casa de minha mãe, quando Sam me violentou, chamou-me um dia, quando Rory só tinha quatro anos. Seu pai lhe tinha dado uma surra, e estava no hospital. Eu ainda estava vivendo com o Cullen, e ele me acompanhou para vê-lo. Minha mãe ficou muito impressionada com o Cullen — recordou com ironia — , e depois de que deram alta a Rory veio com ele ao hotel onde estávamos alojados, em busca de dinheiro.

Cullen se ofereceu para comprar meu irmão, e eles nos vendeu — acrescentou em um tom gélido — por cinquenta mil dólares.

— Deus do céu — resmungou Cash — E eu que acreditava que já tinha visto tudo...

— Depois Rory esteve sempre comigo — disse-lhe Tippy — Para mim é como se fosse meu próprio filho.

— E alguma vez ficou grávida?

Tippy sacudiu a cabeça.

— Fui uma flor tardia. Não tive minha primeira regra até que ter quinze anos. Que sorte, não é? — disse com amargura, afastando do rosto uma mecha avermelhada — Uma sorte incrível...

— Mas agora sua mãe quer recuperar Rory — adivinhou Cash.

— O dinheiro acabou faz anos. Teve que ficar trabalhando em um estabelecimento de pratos prontos para conseguir mais, e não gosta de nada. Sam trabalha quando quer, e pelo que tenho entendido nada do que faz é legal. O ano passado meu advogado teve que dar dinheiro a minha mãe para que nos deixasse tranqüilos. Tinha-me ameaçado indo à imprensa marrom e lhes dizer que estava tratando a de um modo lhe denigra — disse Tippy, soprando e sacudindo a cabeça — «Rica estrela de cinema permite que sua pobre mãe viva na miséria enquanto ela vai de um lado a outro em limusine»... — acrescentou sorrindo com cinismo — Suponho que pode imaginar.

— Em technicolor — assentiu Cash indignado.

— E agora, como você disse, quer recuperar Rory. Enviou Sam à academia militar para que tentasse tirá-lo dali, mas Rory disse ao comandante o que lhe tinha feito, e o que me tinha feito. O comandante chamou à polícia, mas esse inseto escapou antes que chegassem.

— Bem pelo comandante.

— Sim, mas temo que estejam planejando seqüestrar Rory — respondeu Tippy — porque sabem que pagaria qualquer resgate para recuperá-lo. Não durmo muito bem ultimamente pensando nisso — acrescentou — Sam tem um primo que vive perto daqui, em uma das piores zonas da cidade, que está metido em um montão de assuntos sujos.

Cash estava fazendo equilíbrios mentais para segui-la.

— E Rory sente algum tipo de carinho por seu pai ou por sua mãe?

— Odeia a nossa mãe — respondeu Tippy — E não sabe que Sam Stanton é seu pai.

— Não disse a ele?

— Não tive coragem para fazê-lo — explicou ela — Além disso, o psicólogo me disse que ficarão seqüelas pelo resto de sua vida pela surra que esse rato lhe deu.

— E você?

— Bom, consegui sobreviver — murmurou ela — De vez em quando os fantasmas do passado voltam para me atormentar, mas agora sou mais forte.

— Não tanto como seria desejável — disse ele — mas o será se passar comigo tempo suficiente.

Tippy levantou o rosto para ele, e esboçou um sorriso travesso.

— E terei essa oportunidade?

Cash se encolheu de ombros.

— Isso depende de você. Mas tenho que avisá-la que tenho umas quantas raridades.

— Também eu — replicou ela — e, de outras tantas inibições — acrescentou.

Cash colocou as mãos nos bolsos e escrutinou seu rosto no meio do ruído do tráfico de Nova Iorque.

— Eu não gosto de amarras. E não vou comprometer me a nada. Eu gostaria que nos víssemos enquanto em estiver aqui. Isso é tudo.

— Vejo que não faz rodeios.

Cash assentiu com a cabeça, e Tippy o olhou aos olhos.

— Não o acho repulsivo como com à maioria dos homens — disse-lhe de supetão — e isso é algo novo para mim, mas ainda tenho feridas que não se fecharam, e embora possa me mostrar convincente interpretando o papel de vampiresca, não é mais que isso, um engano. Nunca tive relações sexuais consentidas.

Cash deixou escapar um assobio.

— Isso é carregar um homem com uma grande responsabilidade.

Tippy assentiu com a cabeça, e um sorriso se desenhava lentamente nos lábios de Cash.

— Bom, então suponho que teremos que recorrer ao «abecedário das relações pessoais».

Tippy riu.

— Não tinha me exposto isso dessa maneira.

— Iremos passo a passo — disse-lhe Cash, girando ao ver que Rory voltava até eles — Demorou — disse ao menino.

— Queria que eu lhe falasse da escola militar a que vou. Sabem o que? Contou-me que lutou no Vietnã — disse o menino contraindo o rosto — Que triste, verdade? Que tenha acabado como acabou.

Havia angústia nos olhos de Cash quando voltou o rosto e observou o homem, que levantou uma mão e a agitou em sua direção antes de voltar a tocar de novo.

— Por desgraça muitos ex-combatentes acabam assim — comentou com voz triste.

— Mas não você — replicou Rory com orgulho.

Cash lhe sorriu e lhe revolveu o cabelo.

— Não, a mim não. Bom, o que lhes parece se formos à Estátua da Liberdade? Já estará fechada para subir, mas podemos vê-la por fora. Gosta?

— Nos mostre o caminho! — respondeu Rory rindo.

Cash tomou a fina mão do Tippy na sua, e ao entrelaçar seus dedos com os dela os notou frios e ligeiramente trêmulos. Parecia que só o fato de se tocarem já saltavam faíscas de eletricidade entre eles. A jovem prendeu o fôlego, e levantou o rosto para ele, olhando-o fascinada. Por um instante tinha lhe parecido como se a terra se tremesse sob seus pés. Era pura magia!

Cash olhou em seus olhos.

— Primeira lição, página um: segurar a mão — sussurrou-lhe quando Rory parou em frente a uma vitrine.

Tippy deixou escapar uma risada envergonhada que soou como sinos de prata.

Capítulo 3

Aquele dia de turismo pela cidade com Cash estava sendo um dos melhores de toda sua vida, pensou Tippy mais tarde. Parecia que conhecia a cidade como a palma da sua mão, e enquanto caminhavam ia relatando feitos históricos pouco conhecidos sobre ela.

— Como sabe tanto de Nova Iorque? — perguntou Rory quando estavam voltando para o apartamento de Tippy nessa noite.

— O melhor amigo que tive na minha época de instrução era daqui — confessou-lhe Cash — Era uma mina de informação!

Tippy riu.

— Eu tenho uma amiga que acontece o mesmo, só que com o Nassau — disse — É modelo, e agora está fazendo umas fotos... Na Rússia nada menos!

— E com que roupa posa?

Tippy lhe lançou um olhar malicioso.

— Com trajes de banho.

— Está brincando!

— Não! Parece que para algum cérebro pensante ocorreu que ficaria sexy que posasse com o Kremlin ao fundo em traje de banho... Com botas e um casaco de peles.

— Não será porque, se posasse com peles aqui, os defensores dos animais lhe jogariam em cima? — perguntou Cash.

— É pele sintética — explicou ela rindo — Embora seja muito cara e parecer autêntica.

— Gosta de sanduiche, Cash? — perguntou-lhe Rory da porta da cozinha.

— Não, obrigado, Rory. Irei já para o meu hotel para descansar — respondeu ele com um sorriso — Mas passei muito bem.

— Eu também, Cash — disse Rory com sinceridade — Veremo-nos amanhã?

— Sim, veremo-nos? — secundou-o Tippy.

Cash olhou primeiro para Rory, que estava observando-o espectador, e depois para Tippy, que estava sorrindo.

— Claro, por que não? — murmurou Cash, sorrindo também — Se atrevem-se podemos fazer um tour pelos museus da cidade.

— Genial! Eu adoro os museus! — exclamou Rory entusiasmado.

— Bom, enquanto não tiver que posar, contem comigo — disse Tippy com um suspiro — Ainda não me recuperei daquela vez que tive que posar recostada contra uma estátua do Rodin, durante quatro horas, e com uma perna levantada.

— Não será a estátua que acredito? — perguntou Cash malicioso, rindo suavemente ao ver que Tippy avermelhava.

— Estou segura de que era uma em que estas figuras estão completamente vestidas — mentiu ela. Cash sacudiu a cabeça.

— Seja seja... — balbuciou — Bom, a que horas estão acostumados a levantar nas férias?

— Às oito — respondeu Rory.

Tippy assentiu com a cabeça.

— Não somos farristas — disse ao Cash — Rory está acostumado à rotina militar, que começa à alvorada, e eu tenho que me levantar inclusive antes para chegar na hora aos studios de filmagem.

— Já vejo — respondeu ele — Conheço uma padaria perto daqui, onde vendem pão-doce de canela, bolos de amêndoa, donuts recheados... E tudo feito por eles.

— Não podemos ir a confeitaria — disse-lhe Rory causar pena. Apontou para sua irmã — Tippy não tem força de vontade. Quando entra em casa com algo doce, não pode resistir.

Ela se pôs a rir.

— Tem razão. Minha vida é uma luta constante contra os quilos a mais. Para tomar o café da manhã tomamos bacon e ovos, só proteínas, nada de farinhas.

— Isso também lembra meus anos de instrução... — suspirou Cash — Enfim, o que lhe vai fazer? Tomamos o café da manhã aqui, então? Mas terá que fazer café, porque sou incapaz de começar o dia sem uma boa xícara — advertiu a Tippy com um sorriso sincero.

Era a primeira vez em muito tempo que sorria para uma mulher com exceção de Christabel Gaines, claro, mas agora estava casada com seu melhor amigo.

— Bom, pois eu vou comer um sanduíche antes de ir para a cama — disse Rory — Boa noite, Cash, nos vemos amanhã!

— Contr com isso — respondeu ele.

Tomou a mão do Tippy e a levou ao vestíbulo com ele.

— Olharei os anúncios para ver se há algo interessante de ópera ou balé, se por acaso quiser...

— Qualquer das duas coisas eu adoraria — exclamou Tippy.

— E música clássica, você gosta também? — perguntou Cash.

Ela assentiu com entusiasmo.

— Enfim, suponho que não morrerei por usar terno por uma noite — suspirou Cash.

— Se não falhe a memória levou Christabel Gaines a um balé em Houston — disse-lhe Tippy, com um tom de ciúmes que não pôde dissimular.

Surpreso, Cash escrutinou seus olhos com um olhar tão intenso que Tippy avermelhou.

— Agora se chama Christabel Dunn — recordou-lhe ele — E sim, é verdade que a levei. Não tinha ido nunca a um balé.

— E eu que acreditava que era uma menina mimada... — disse Tippy — O quanto equivocada estive a respeito dela desde o começo! É uma mulher muito especial. Judd é muito afortunado.

— Sim ele é — admitiu Cash a contra gosto. Ainda tinha cravada no coração a espinha de que Christabel tivesse escolhido a seu amigo e não a ele — E estão os dois loucos com seus gêmeos.

— Os meninos são um presente do céu — disse Tippy — Quando me encarreguei de Rory já tinha quatro anos, mas era adorável — acrescentou com um sorriso melancólico — Com um menino cada dia é uma aventura.

— Suponho que sim. Eu não tive a oportunidade de comprová-lo — murmurou Cash.

Tippy levantou os olhos sem compreender, e a expressão nas robustas feições de Cash a deixou ainda mais confusa.

— Tenho que ir — balbuciou ele, afastando o olhar — A verei pela manhã.

Soltou-lhe a mão e saiu pela porta, deixando-a ali plantada. Tinha a sensação de que havia algo em seu passado que o tinha machucado muito, um pouco relacionado com os meninos. Judd lhe havia dito que acreditava que tinha estado casado, mas não sabia nada mais. Cash Grier era um verdadeiro enigma, mas se sentia atraída por ele como jamais se sentiu atraída por outro homem.

Na manhã seguinte, Cash se apresentou as oito em ponto no apartamento de Tippy com uma cafeteira niquelada em uma mão, e uma bolsa de papel na outra.

— Mas se tiver feito café — disse-lhe Tippy contrariada. Cash levantou a cafeteira.

— Capuchino com baunilha — disse-lhe passando sob o nariz — minha única fraqueza... Bom, com exceção a isto — acrescentou agitando a bolsa de papel.

— O que há aí? — perguntou ela, seguindo-o à cozinha.

A mesa já estava preparada, e Rory estava sentado, esperando-os para começar.

— Pão-doces com cheios de nata — respondeu Cash — Sinto muito, mas não posso renunciar ao açúcar. Acredito que é um dos quatro grupos de mantimentos principais junto com o chocolate, os sorvetes, e a pizza.

Rory se pôs a rir, e Tippy o secundou.

— É incrível — comentou ela, percorrendo com o olhar seu corpo musculoso — te vendo ninguém diria que tenha jamais provado nada com gordura nem com açúcar.

— Faço exercício todo dia — confessou-lhe Cash — Não tenho mais remédio. Fazem nossos uniformes justos para que vamos marcando músculo — brincou fleumático, tirando-a jaqueta de couro negra que levava.

Pendurou-a sobre o respaldo da cadeira, e os olhos de Tippy se viram atraídos como ímãs por seus bíceps, que ressaltavam sob o pólo de manga longa.

— Tudo bem? — provocou Cash, sentando-se.

Tippy suspirou.

— Só olhava — balbuciou lacônica.

Aproveitando que Rory se ausentou para ir ao banheiro, Cash agarrou a longa saia de Tippy e a atraiu para sua cadeira.

— Pois, se jogar bem suas cartas, possivelmente tire a camisa algum dia para você — sussurrou-lhe sedutor.

Tippy não soube se ria ou lhe repreendia por tentar fazê-la ruborizar. Nunca sabia se falava brincando ou a sério.

— Embora tenha que ganhar — advertiu-lhe Cash — Não sou um homem fácil.

Dessa vez Tippy sim riu, e, ao fazê-lo, seus olhos brilharam como esmeraldas.

Cash sorriu.

— Venha. Tome um pão-doce de nata. Trouxe o suficiente para que possamos comer os três.

Tippy colocou a mão na bolsa, consciente de seu olhar sobre seu rosto.

— Tem uma pele preciosa; inclusive sem maquiagem — disse Cash com voz rouca — Parece de seda.

Quando Tippy girou a cabeça para ele seus olhos se encontraram, e sentiu como o coração lhe dava um pulo. Deus, era tão sexy...

— No que esta pensando? — perguntou ele em um murmúrio.

— Estava pensando que certamente sabe tudo o que tem que saber sobre as mulheres — confessou-lhe ela calmamente.

Cash entreabriu os olhos.

— E você, em troca, não sabe quase nada sobre os homens. Os olhos do Tippy se encheram de lágrimas.

— Tampouco é que tenha querido — murmurou, baixando o olhar aos bem definidos lábios de Cash.

— Tome cuidado, Tippy: poderia machucá-la — advertiu ele — faz muito que não mantenho relações com uma mulher.

— Sei que você nunca me faria mal — sussurrou ela, levantando o rosto e enfrentando seu olhar inquisitivo — Quero... Oh, Cash, quero...!

— Quer... O que? — insistiu ele, apertando a mandíbula quando inspirou e sua fragrância lhe alagou as fossas nasais.

Tippy estava tão perto dele, que podia ver pulsar a veia em sua garganta. Queria estreitá-la entre seus braços e beijar seus formosos lábios até deixá-los inchados.

Aquele mesmo desejo estava apoderando-se de Tippy. Baixou o olhar para a boca de Cash, e se perguntou que sensação experimentaria se o beijasse apaixonadamente, se fundisse com ele em um beijo como o que tinha encenado ante as câmaras com seu companheiro de rodagem para o filme que tinham feito no rancho Dunn.

Quase podia imaginar o sabor dos masculinos lábios de Cash, e se notava o corpo inchado e dolorido pela excitação contida. Era como uma sede que nem toda a água de um rio poderia chegar a saciar.

Seus carnudos lábios se entreabriram, e aspirou com brutalidade.

— Quero que...

O ruído da cisterna os fez separarem-se. Esquecendo o pão-doce de creme, Tippy se foi à pia a lavar as mãos porque precisava de algo que parassem seu tremor.

Rory voltou nesse momento, ignorando ter interrompido um momento íntimo entre os adultos, e tomou um pão-doce. Ao cabo de um momento Tippy fez café, serviu a seu irmão suco de laranja, e se sentou à mesa como se nada tivesse ocorrido.

O primeiro lugar onde foram naquela manhã foi o museu de História Natural, para visitar a exposição ampliada sobre dinossauros no quarto andar. Havia uma longa fila pelas novidades na programação do museu, entre as que havia, um documentário sobre Albert Einstein e uma loja de presentes com o cientista como tema, e demoraram mais de uma hora em chegar à bilheteria e comprar entradas.

Rory ia de um fóssil a outro, e subiu inclusive ao mais alto de uma escada em caracol metálica que se elevava junto ao maior dos esqueletos para poder ver de cima as enormes omoplatas e as articulações dos quadris.

— Adora os dinossauros — disse Tippy ao Cash, enquanto percorria junto com ele a exposição.

Tinha vestido uma blusa de seda branca, uma saia longa de veludo verde, botas, e uma jaqueta negra de couro. O cabelo tinha deixado solto, e embora logo que levava maquiagem, atraía os olhares tanto de homens como de mulheres.

Cash se sentiu de repente orgulhoso a seu lado. Não podia negar que era muito formosa, mas para ele sua beleza não estava tanto em sua aparência externa como em seu coração de ouro, no que levava dentro... O que verdadeiramente contava.

— Também eu gosto — respondeu — Estive aqui faz anos, mas não pude vê-los porque estavam remodelando esta exposição. São impressionantes.

Tippy se inclinou sobre um pôster para lê-lo.

— Porque não trouxe os óculos? — perguntou Cash.

— Porque sou um desastre andante quando as coloco — respondeu ela, rindo envergonhada — Os limpo com o que tenho à mão, e sempre acabo arrainhando as lentes. Já tive que trocá-los duas vezes.

— Agora vendem umas lentes especiais que não arranham com facilidade — comentou Cash.

— Sei, são as que tenho em meus óculos. Por desgracia não são a prova de pessoas descuidadas como eu — respondeu ela, encolhendo um de seus bonitos ombros — Colocaria lentes de contato se pudesse, mas meus olhos não as agüentam. Produzem-me infecções.

Cash estendeu uma mão grande e forte e tomou entre seus dedos uma mecha do cabelo do Tippy, comprovando sua suavidade e dando um passo para ela.

— Dá a impressão de que seu cabelo está vivo — murmurou — Tinha visto esta cor em outras mulheres, mas nunca tinha parecido tão natural.

— É que é natural — respondeu ela, notando os joelhos trêmulos pela proximidade do Cash.

Cheirava a colônia e sabonete, aromas frescos e sedutores. Pôs as mãos sobre a frente do pólo, regozijando-se em seu calor, e na sensação, como de almofadado, do pêlo de seu tórax sob suas palmas.

Um desejo quase irrefreável de subir a blusa e tocá-lo a invadiu de repente, deixando-a sem fôlego. Nunca havia se sentido tão excitada em toda sua vida.

— E não há nada artificial em você? — provocou-a Cash.

— Nada físico — respondeu ela.

Cash escrutinou os olhos verdes de Tippy durante mais tempo do que tinha pretendido, e notou como lhe esticavam as feições.

Ela estava segura de que estava dando conta de quão nervosa estava, mas não podia evitá-lo. Era um homem tão masculino que despertava tudo o que tinha que feminino nela.

— Não confio nas mulheres.

— Mas estive casado — apontou ela.

Cash assentiu com a cabeça, e enredou a mecha entre seus dedos com uma expressão angustiada.

— Estava muito apaixonado por ela. E acreditava que ela sentia o mesmo por mim — disse — Só depois me daria conta de que o único motivo pelo que estava comigo era meu dinheiro.

Um calafrio percorreu as costas do Tippy.

— Há tantas coisas em seu passado das que não quer falar... — murmurou — tantas coisas que não sei de você...

— Custa-me confiar nas pessoas — respondeu Cash — Se abrir a outros torna-se vulnerável, e podem acabar se machucando.

— E para você a solução é não deixar que se aproxime ninguém? — perguntou Tippy.

— Acaso não é o mesmo que você faz? — perguntou-lhe Cash — Com exceção de Rory e de Judd fecha para todo mundo... Especialmente para os homens.

Tippy engoliu em seco.

— Tive muitas más experiências com os homens... Com exceção de Cullen — disse — e nunca houve nada entre nós. Gostava das mulheres como amigas, mas fisicamente lhe produziam repulsa.

— Amava-o?

— À minha maneira — respondeu Tippy, surpreendendo-o — Em toda minha vida só ele e outra pessoa se comportaram bem sem esperar nada em troca. Não pode imaginar quantas propostas desonestas têm me feito homens ao meu redor ao trabalho — acrescentou com um sorriso cínico — Levou-me anos aperfeiçoar a maneira para repelir sem que fizessem represálias contra mim.

— Não é que desculpe a esses tipos, mas de certo modo é compreensível — balbuciou Cash — é o sonho feito realidade de qualquer homem.

O coração do Tippy deu um salto.

— Também o seu? — perguntou-lhe em um tom zombador. Entretanto, a pergunta era a sério. Queria que a desejasse, como jamais tinha querido nada em toda sua vida. Cash soltou a mecha de Tippy.

— Faz anos que decidi me esquecer por completo das mulheres.

— E não se sente sozinho? — quis saber ela.

— E você? — perguntou-lhe ele a por sua vez.

Tippy suspirou, mostrando sonhadora suas robustas feições.

— Assustam-me as relações sérias — respondeu com voz rouca — Tentei-o com dois ou três tipos que me pareceram boas pessoas, mas nenhum deles estava interessado de verdade em mim, nem queriam me conhecer melhor... Só me queriam em sua cama.

Cash entreabriu os olhos.

— Depois do que aconteceu... Pode?

Tippy baixou o olhar para seu tórax, onde sob a estreita camisa pólo que usava, desenhava-se o relevo dos músculos.

— Não sei — respondeu com sinceridade — Nunca ... Tentei.

— E gostaria de tentar?

Tippy mordeu o lábio inferior e franziu a sobancelha, olhando o dinossauro que tinha diante sem vê-lo absolutamente.

— Tenho vinte e seis anos, Cash, e não estou disposta a arriscar mais vezes meu coração para que me quebrem. — Tenho o Rory, uma carreira... E sou moderadamente feliz. Não me faz falta mais.

— Não é verdade. A vida que leva é uma vida pela metade.

— Também é a sua — falou ela, levantando o olhar para ele.

— Tenho uma razão ainda melhor que a sua para viver como vivo — respondeu Cash com aspereza.

— Mas não vai me contar — adivinhou ela — Não confia o bastante em mim para fazê-lo.

Cash afundou as mãos nos bolsos da calça e a olhou irritado.

— Estive casado uma vez, faz anos. Era a primeira vez em minha vida que estava apaixonado de verdade. Inclusive íamos ter um filho. O dia que me disse que estava grávida me pus louco de contente. Eu não queria que houvesse segredos entre nós, e pensei que devia lhe falar do que tinha sido minha vida antes de que nos casássemos — o brilho que havia em seus olhos se tornou frio — E assim o fiz. Sentou-se e me escutou. Estava muito calma e se limitou a me escutar sem dizer nada, como se o compreendesse. Pôs-se um pouco pálida, mas

não era de sentir saudades, porque algumas das coisas que lhe relatei, coisas que tive que fazer por meu trabalho, eram terríveis, realmente terríveis — explicou-lhe dando as costas — Tive que sair alguns dias da cidade por causa dos negócios, e se despediu de mim com total normalidade, como se nada tivesse acontecido. Retornei com presentes para ela e também com alguma coisa que tinha comprado para o bebê, embora só estivesse de umas semanas. Estava me esperando na porta, com as malas feitas.

Inclinou-se para frente, apoiando-se no corrimão que aparecia o andar inferior, e continuou falando sem olhar para Tippy.

— Disse-me que tinha ido a uma clínica para abortar enquanto estava fora, e que também se entrou em contato com um advogado para tramitar nosso divórcio. Justo antes de sair pela porta me disse que não ia trazer para o mundo o filho de um homem capaz de assassinar a sangue frio.

Tippy tinha intuído no momento em que se conheceram que havia algo traumático em seu passado. De repente tudo encaixava, como os ciúmes que destilavam suas palavras cada vez que mencionava aos gêmeos de Judd e Christabel. Devia ter sido terrível para ele, pensou, sentindo sua dor como se fosse sua. Lisonjeava-a profundamente que lhe tivesse contado algo tão pessoal.

— Não vai dizer nada? — perguntou ele, sem voltar-se, em um tom sarcástico.

— Era muito jovem? — perguntou-lhe Tippy.

— Tinha minha mesma idade.

A jovem baixou o olhar para as mãos de Cash. Seu rosto não refletia emoção alguma, mas tinha os nódulos brancos pela pressão que estava exercendo sobre o corrimão de aço.

— Sou do tipo de pessoas que não pisam em um inseto se puder evitá-lo — disse-lhe — igualmente seria incapaz de me deitar com um homem sem usar algum método anticoncepcional a menos que o amasse. Acredito que os filhos devem ser concebidos por amor, não por engano.

Cash girou a cabeça lentamente para ela, e a olhou com curiosidade.

— Tinha razão, Tippy: sou um assassino — disse-lhe em um tom inexpressivo.

Ela scrutinou seu rosto com olhos amáveis.

— Não acredito.

Cash franziu o cenho.

— Como diz?

— O comandante Marist me contou que formou parte de uma unidade de elite das Forças de Operações Especiais — respondeu Tippy — que lhe enviavam quando as negociações falhavam, quando tinha vidas em jogo. Por mais que o diga não vou acreditar que fosse um assassino, que matasse as pessoas por dinheiro. Não é esse tipo de pessoa.

Cash parecia estar contendo o fôlego.

— Não sabe nada de mim — disse-lhe abruptamente.

— Minha avó era irlandesa, e tinha um sexto sentido para intuir o que outras pessoas não podem — explicou-lhe Tippy, ainda com essa expressão compassiva no olhar — Todas as mulheres de nossa família o têm... Exceto minha mãe. — Eu mesma sei coisas que não deveria saber. Pressinto as coisas antes que ocorram. De fato, estou muito preocupada com Rory, porque tenho um mau presságio; tenho a sensação de que nos espreita um perigo que tem relação com ele.

— Não acredito nessas coisas — disse Cash — não são mais que superstições.

— Possivelmente o sejam para você, mas para mim não — replicou ela, procurando com o olhar a seu irmão.

Rory estava em meio de um grupo de pessoas observando um celacanto dissecado que estava pendurado no alto teto da sala.

Cash tinha a impressão de que Tippy podia ver em seu interior, de que se tornou transparente ante seus olhos, era uma sensação que não gostava. Era um homem reservado, um homem com segredos, e não queria que ninguém esquadrinhasse em sua mente.

— Te zanguei. Sinto muito — disse Tippy suavemente, a olhá-lo aos olhos — Vou à loja de Einstein. Rory quer uma camiseta. Encontro com vocês no vestibulo dentro de uma hora.

Cash lhe agarrou a mão e a fez voltar junto dele.

— Nem pensar. Iremos juntos — tomou pelo queixo para poder olhá-la nos olhos — Como disse ao Rory uma vez, sim há algo que valorizo, é a honestidade.

— Não é verdade, não quando alguém faz conjecturas sobre sua vida privada.

— Conteí sobre minha vida privada — respondeu ele. Inspirou lentamente — Nunca tinha falado a ninguém desse dia.

— Suponho que tenho o tipo de rosto que faz com que as pessoas se justifiquem — disse-lhe Tippy com um terno sorriso.

— Sim o tem — murmurou ele, lhe acariciando levemente a bochecha — Escute, Tippy, tenho mais seqüelas psicológicas que você pelas coisas que vivi, e isso já quer dizer algo. Acredito que não seria sensato que, sendo duas pessoas marcadas por experiências tão terríveis, iniciássemos uma relação, assim simplesmente não vai acontecer, e já está.

Tippy o olhou entre tímida e curiosa.

— Tinha exposto a possibilidade... De ter uma relação comigo? — perguntou, como se não pudesse acreditá-lo.

Era óbvio que a mera idéia a lisonjeava, e aquilo surpreendeu a Cash. Não tinha imaginado que Tippy pudesse sentir-se atraída por ele. Tinha que ser difícil para ela, com o que lhe tinha passado.

— Mas, depois do que ocorreu com você... — murmurou Cash. Tippy deu um passo para ele e sentiu que lhe faltava o fôlego.

— Esqueceu algo: você é policial.

— E por isso não tem medo de mim? — perguntou ele, notando-se sem fôlego pela sua proximidade e o embriagador aroma floral de seu perfume.

Tippy encolheu nervosa um de seus perfeitos ombros.

— Judd esteve nos Texas Rangers e me sentia segura com ele.

— Aonde quer chegar, Tippy?

A jovem mordeu o lábio inferior, e suas bochechas se tingiram de um ligeiro rubor.

— Não me sinto exatamente... Segura contigo. Faz com que me sinta nervosa... Tremendo. É como se estivesse ardendo por dentro. Não faço mais que pensar todo o tempo em quanto eu gostaria de tocá-lo, e me pergunto... Perguntou-me o que sentiria se me beijasse — sussurrou.

Ficaram separados do resto dos visitantes.

Cash não podia acreditar que Tippy houvesse dito o que havia dito, mas em seus olhos podia ler-se também. Parecia que estava em transe.

Suas fortes mãos a agarraram pela cintura, atraindo-a para si, e a escutou aspirar com brutalidade. Baixou o olhar para os carnudos lábios da jovem e lhe disse com voz rouca:

— Também eu gostaria de tocá-la, Tippy. Não sabe quantas vezes imaginei o contato sedoso de sua pele contra a minha — confessou-lhe, acariciando com os polegares a curva exterior dos seios. Enquanto falava, inclinou a cabeça, deixando seus lábios a só a uns centímetros dos dela, e Tippy pôde sentir seu fôlego quente e mentolado — ou quantas vezes me imaginei beijando-a, te fazendo abrir a boca, e te saboreando com a língua.

Tippy emitiu um gemido abafado. Tremendo, apoiou a testa em seu tórax enquanto tentava voltar a respirar com normalidade.

— Cash... — ofegou, lhe cravando as unhas no peito.

Os polegares do Cash se voltaram mais insistentes. O desejo estava alagando-o como a repentina enchente de um rio, e notou como seu corpo se esticava e começava a perder o controle sobre si mesmo. Ia dar um passo atrás, mas nesse instante Tippy moveu ligeiramente os quadris, e sentiu uma chicotada de prazer que o fez estremecer.

A jovem levantou o olhar, surpresa por essa reação imediata de seu corpo. Sabia por que aos homens ocorria aquilo, mas até aquele momento sempre tinha lhe parecido repugnante. Nesse momento, pareceu-lhe algo fascinante, maravilhoso. Seus lábios se entreabriram e se olhava em seus olhos tormentosos. Desejava-a!

Esfregou-se contra ele de novo, ansiosa por lhe agradar, mas as mãos do Cash baixaram a seus quadris, as agarrando com brutalidade.

— Se voltar a fazer isso — resmungou — vamos acabar nos convertendo no centro dos olhares de todo mundo.

— Ah? Oh! — murmurou ela, engolindo em seco ao compreender.

Olhou sobressaltada so redor, mas por sorte ninguém parecia estar os observando.

Cash a afastou de si e se ergueu, recitando mentalmente as pranchas de multiplicar para afastá-la também de seus pensamentos. O estado de excitação em que Tippy o tinha posto, por muito tempo que estivesse sem ter relações, parecia-lhe inquietante.

A jovem estava igualmente confusa. Em questão de segundos tinha passado da apreensão para a mais apaixonada espera e, de repente, a única coisa que podia pensar era em uma cama, com o Cash deitado nela. Quase podia imaginar seu corpo musculoso completamente nu...

Gemeu levemente com a cabeça ainda encurvada. Sentia-se incapaz de olhá-lo aos olhos.

Cash não pôde conter-se, e uma suave risada escapou de sua garganta, tensa ainda pelo desejo. Tippy era como um livro aberto. Era lisonjeador saber que podia excitá-la com algumas carícias tão inocentes. Tippy também o excitava, mas não confiava nela. Sim? Até então nunca tinha falado a ninguém de sua esposa.

Mantendo uma discreta distância entre ambos, Tippy subiu suas bonitas e cuidadas mãos para a frente da camisa do Cash, e apertou vacilante as palmas contra ele. Não se atrevia a levantar o olhar. Nunca havia sentido tão insegura, tão tímida... A nunca se havia sentido tão feliz, nem tão... Excitada.

As grandes mãos do Cash lhe rodearam a estreita cintura, e permaneceram assim por um bom momento. Todos ao seu redor se moviam, falavam, riam... Mas Tippy e ele estavam em seu próprio mundo. Não recordava ter experimentado nada similar em toda sua vida.

— Poderia acabar machucando-a — resmungou irritado consigo mesmo — E não refiro a fisicamente: sou muito independente, não me abro... Tornei-me... Quase incapaz de experimentar emoção alguma.

Parecia tão vulnerável... Fascinada, Tippy levantou o rosto, e quando seus olhos verdes se encontraram com os turbulentos olhos negros dele, estremeceu-se por dentro como se tivesse sido alcançada por um raio, deixando escapar um gemido abafado.

— Mas é que eu... Estou sentindo coisas que não tinha imaginado que pudesse sentir jamais.

As mãos de Cash, ainda em torno de sua cintura, deram uma pequena sacudida. Apertou os dentes.

— Não se dá conta de que permitir isto seria um suicídio? — disse-lhe com aspereza.

Recordando uma frase de um livro, os olhos do Tippy se iluminaram, e lhe sussurrou divertida:

— Bom, acaso quer viver eternamente?

Aquilo dissipou a tensão, e Cash pôs-se a rir. O rosto da jovem irradiava felicidade.

— Até há alguns dias atrás não sabia se poderia ter uma relação com um homem depois do que me passou — confessou-lhe calmamente — mas estou quase certa de que contigo sim poderia. Sei que poderia, Cash!

Ele a olhou com a mesma fascinação com que o tinha ela olhado um momento antes. Escrutinou em silêncio suas feições, e ao cabo de um momento lhe perguntou:

— Com que fim, Tippy?

— Fim? — repetiu ela sem compreender.

Não podia pensar; notava-se todo o corpo dolorido de desejo.

O peito do Cash subiu e desceu em um profundo suspiro.

— Não quero voltar a me casar — disse-lhe em um tom inexpressivo — E não há volta.

Tippy abriu muito os olhos ao dar-se conta do que, sem pretendê-lo, tinham insinuado suas palavras. Ao menos foi capaz de reagir rápido e aplicar o artifício para evitar ficar ainda mais em evidência.

— Ouça, ouça... Espere um momento. — disse-lhe — Isso não era uma proposta de casamento. Apenas te conhecer! Sabe cozinhar e limpar? Sabe fazer as contas? E costurar uma meia três-quartos? Por não falar de fazer a compra..., Porque seria incapaz de considerar seriamente a possibilidade de me casar com um homem que não saiba fazer a compra!

Cash piscou de propósito duas vezes, e ficou uma mão depois da orelha a modo de buzina.

— Poderia repetir o que disse? — pediu-lhe muito educado — Tinha a cabeça em outra parte.

— E além de todo isso — continuou ela sem o levar em conta — se algum dia me casar, meu futuro marido terá que cumprir muitos outros requisitos, e sinto dizê-lo, mas temo que você não teria nem a mais mínima possibilidade. Assim não seja tão presunçoso, Grier. Quando muito pode se considerar em período de experiência.

Os olhos do Cash brilharam maliciosos.

— Bem — disse insolente, encolhendo-se de ombros. Tippy se separou dele, sacudindo a cabeça.

— Digo-lhe isso de verdade: não vá pensar que me tem no bote só porque aceitei sair contigo. E lembre-se que não estamos sozinhos, assim vale não tentar nada.

Cash esboçou um sorriso travesso.

— Bem.

Tippy franziu a sobrancelha.

— Não sabe nenhuma palavra com menos duas sílabas?

O sorriso malicioso do Cash se fez ainda mais amplo. Abriu a boca para responder, mas Tippy o interrompeu.

— Nem se atreva a dizê-lo!

Cash arqueou as sobrancelhas.

— Certamente tampouco acreditará no poder de ler a mente das pessoas, mas acabo de ler a sua, e se fosse sua mãe lavaria a sua boca com sabonete.

Essa referência a sua mãe apagou o sorriso dos lábios do Cash, e lhe mudou a expressão.

— Sinto muito — murmurou Tippy, contraindo o rosto — Sinto muito, Cash. Não deveria ter dito isso.

Ele franziu o cenho.

— Por que?

Tippy fugiu seu olhar e foi junto a um esqueleto pequeno que tinha exposto em uma vitrine.

— Sei... De sua mãe. Crissy me contou isso.

Cash ficou calado um bom momento antes de voltar a falar.

— Quando?

— Aquele dia... Depois de que você me fez chorar — confessou-lhe ela, não querendo recordar aquilo — Disse-me que não era nada pessoal, que simplesmente você não gostava das modelos... E me explicou o porquê.

Cash afundou as mãos nos bolsos da calça, e de repente as dolorosas lembranças do passado lhe revolveram as vísceras.

Tippy se voltou para ele e o olhou.

— Não pode esquecê-lo, não é verdade? Nem sequer depois de todos estes anos. O ódio é como um ácido que o corrói por dentro, e a única pessoa a que faz mal é a você.

— Você sem dúvida sabe bem — respondeu ele bruscamente.

— Pois sim, sei muito bem — respondeu ela, sem sentir-se ofendida — porque sei o que é odiar. Aquele maldito me deu tal surra que não podia sequer me defender. Sangrava, e tinha todo o corpo cheio de hematomas quando me violentou, uma e outra vez... Eu gritava, pedindo ajuda, e enquanto, minha própria mãe... — engoliu em seco e olhou para outro lado.

Cash sentia vontade de vomitar enquanto a escutava, e só podia imaginar quão horrível aquilo devia ter sido para ela.

— Alguém deveria tê-lo matado — disse em um tom desprovido de emoção.

— O vizinho do lado era policial — respondeu Tippy com voz rouca — Sempre pensei que possivelmente fora meu verdadeiro pai, pelo modo em que se preocupava comigo. Ouviu meus gritos e veio correndo. Foi uma sorte que essa fora sua noite livre. Prendeu Stanton e a minha mãe, e os mandaram para a prisão. Levou-me a um centro de apoio. Foi muito amável comigo — acrescentou engolindo em seco de novo — e as pessoas do centro também foram, mas eu sabia que minha mãe acabaria saindo da prisão e que encontraria a maneira de me fazer voltar com eles. Antes teria preferido a morte, assim que escapei do centro.

— E a buscaram? — perguntou ele.

— Parece que sim, mas Cullen se encarregou de apagar meus rastros, e tinha suficiente dinheiro para me manter a salvo. Quando cumpri quatorze anos se transformou em meu tutor legal, e minha mãe não era tão estúpida para tentar me separar dele. Cullen conhecia alguns tipos «perigosos» — acrescentou, lhe dirigindo um sorriso malicioso. Ele certamente encaixava naquela categoria — como um amigo que se movia nos círculos mafiosos: Marcus Carreira. Agora já abandonou esse mundo, e tem cassinos em Las Vegas e nas Bahamas e em não sei quantos locais mais. Por isso sei que Cullen e ele eram sócios em algum tipo de negócio. Reformou-se, como te digo, mas sua reputação lhe sobra e lhe basta para dissuadir à maioria das pessoas de lhe causar problemas.

— E não é homossexual, certamente — balbuciou Cash — Conheço-o. É um bom tipo... Para ser um ex-gângster, quero dizer.

— O caso é que Cullen disse a minha mãe que se tentasse recuperar minha custódia teria um pequeno bate-papo com o Marcus, e minha mãe sabia quem era. Depois daquilo me deixou tranqüila, e desistiu também de recuperar Rory.

— Tornou a vê-la alguma vez?

Tippy cruzou os braços sobre o peito.

— Não, não a vejo, nem falo com ela... Só através de meu advogado. A última coisa que soube dela é o que lhe contei: que se ficou sem banca e pretende ir à imprensa marrom para tirar dinheiro — explicou-lhe levantando o olhar para ele — Estou começando uma nova carreira, e não posso permitir que manche meu nome dessa maneira. Poderia me afetar negativamente, e perder tudo... Inclusive Rory... Se mostrar o passado. O pior é que ela não tem nada que perder.

CAPÍTULO 4

— Ainda não me conhece bem — disse Cash — mas espero que saiba que faria tudo que estiver ao meu alcance pelo Rory e por você. A única coisa que tem de fazer é me chamar e me pedir isso.

Tippy o olhou preocupada.

— Não seria justo envolvê-lo — começou.

— Não tenho família — respondeu ele em um tom inexpressivo — Não tenho ninguém no mundo.

— Isso não é certo — replicou ela — Quero dizer... Você mesmo me contou que tinha vários irmãos, e que seu pai ainda vive...

As feições de Cash se endureceram.

— Com exceção de Garon, meu irmão mais velho, faz anos que não vejo os outros nem a meu pai — respondeu — e meu pai e eu não nos falamos.

— E com seus irmãos tampouco tem contato? — insistiu ela.

Uma expressão atormentada apareceu aos olhos do Cash.

— Só com o Garon — repetiu — Veio para ver-me faz umas semanas. Disse-me que os outros queriam que enterrássemos a tocha de guerra.

— Então nem tudo está perdido.

— Talvez. Não sei.

Tippy franziu suas finas sobrancelhas.

— É incapaz de perdoar alguém, não é assim?

Cash parecia não querer olhá-la nos olhos, e também parecia resistente para contestar. Voltou o rosto para o esqueleto de dinossauro que tinham em frente.

— Sua mãe deveria ser uma mulher muito especial — murmurou Tippy.

— Era uma pessoa amável e calada, tímida com os estranhos — respondeu Cash. Dava a impressão de que as palavras estavam sendo arrancadas uma a uma de sua alma — Não era formosa, nem tinha uma personalidade faiscante. Um ano, na feira do gado, meu pai conheceu uma jovem modelo que estava fazendo uma sessão de fotos ali. Apaixonou-se por ela, e minha mãe não podia competir com essa garota. Meu pai começou a tratá-la com crueldade,

porque o irritava estar preso a ela. Em pouco tempo lhe diagnosticaram um câncer em minha mãe, mas não disse a ninguém. Simplesmente se deixou morrer sem dar lutar contra a enfermidade — fechou os olhos — Em seus últimos dias, quando já estava em fase terminal no hospital, ia vê-la todos os dias. Negava-me a ir ao colégio, e meu pai tinha desistido de tentar me obrigar. Segurei sua mão quando morreu. Eu tinha nove anos.

Esquecendo-se das pessoas que estava ao redor, Tippy o abraçou e se apertou contra ele.

— Continue — sussurrou-lhe — Estou te escutando.

Cash detestava mostrar-se vulnerável diante ela, detestava! Mas apesar de tudo a apertou entre seus braços. Necessitava tanto aquele consolo...! Tinha guardado toda aquela dor dentro dele durante muito tempo.

Suspirou junto à orelha do Tippy, exalando sobre ela seu quente fôlego.

— Levou a sua amante ao enterro de minha mãe — disse em um tom gélido — Aquela mulher me odiava tanto quanto eu a ela. Separou-me de dois de meus irmãos, e eles estavam encantados com ela... E furiosos comigo porque me negava a lhe dar uma oportunidade. Eu tinha percebido desde o primeiro momento; sabia que só estava atrás do dinheiro de meu pai e de nossas terras. Para vingar-se de mim, desfez-se de todas as coisas de minha mãe, e disse a meu pai que a tinha chamado coisas horríveis, e que que a única coisa que procurava era separá-los — inspirou profundamente — O resultado foi previsível, suponho, mas eu então não teria podido imaginá-lo. Meu pai enviou a uma academia militar, e se negava inclusive a me deixar voltar para casa nas férias a menos que eu me desculpasse por ter sido tão grosseiro com ela — acrescentou rindo com amargura. Seus braços apertaram nesse momento a cintura do Tippy com tanta força que lhe fez mal, mas ela não se queixou — No dia em que sai de casa lhe disse que o odiaria até o dia em que morresse, e não tornei a pôr os pés ali.

— Mas... Como o tempo, ele deve ter se dado conta do jogo dessa mulher, não é assim? — perguntou Tippy.

Os braços de Cash relaxaram um pouco.

— Quando eu tinha doze anos a encontrou na cama com um de seus amigos, e a jogou para fora de casa — respondeu Cash — Ela apresentou uma solicitação de divórcio com a qual pretendia lhe tirar até o último centavo, e lhe disse que tinha mentido sobre mim para me tirar caminho. Ria quando o disse, gabando-se disso. Perdeu o pleito, mas tinha conseguido enfrentá-lo comigo, e se assegurou de esfregar-lhe no nariz.

— Como ficou sabendo?

— Negava-me a responder suas ligações, assim, meu pai me escreveu uma carta me contando isso tudo. Dizia-me que sentia muito, que queria que voltasse para casa, e que sentia falta minha.

— Mas você não quis voltar — adivinhou Tippy.

— Não, não quis. Respondi-lhe que jamais o perdoaria o que ele tinha feito a minha mãe, e que não voltasse a tentar entrar em contato comigo. Disse-lhe que não queria que continuasse me pagando a academia e que trabalharia para acabar meus estudos, mas que não pensava voltar para casa — fechou os olhos, recordando o mágoa e a raiva que se havia sentido aquele dia — Assim continuei na academia, tirei boas notas, fui subindo de fila... Disseram-me que na cerimônia de graduação estive ali, mas eu não o vi. Depois ingressei no exército, passando de uma missão a outra. De vez em quando também intervinha em missões coordenadas com governos de outros países, e quando deixei o exército, converti-me em um mercenário. Não tinha nada pelo que viver e nada que perder, assim... Ganhei muito dinheiro — ficou tenso — Pensava que não necessitava a ninguém, que era duro como uma rocha. É curioso, sabe? Há coisas com as que acham que poderá viver... Até que as tem feito.

Tippy subiu uma mão à curtida bochecha de Cash, marcada por várias cicatrizes, e a acariciou com ternura.

— Tem se livrar dessa prisão — disse-lhe baixinho, olhando-o nos olhos — Ficou preso no passado, e não pode sair porque se nega a perdoar, a deixar atrás a dor, o ódio, e a amargura que o corrói.

— Acaso o tem feito você? — perguntou ele — Perdoou ao homem que a violentou?

Tippy exalou um suspiro.

— Ainda não — admitiu — mas tentei, e ao menos aprendi a afastar essas lembranças de minha mente. Durante muito tempo odiei todo mundo, mas quando me encarreguei de Rory me dei conta de que o primeiro era ele, e que tinha que deixar atrás o passado. Não pude fazê-lo de todo, mas já não é para mim um peso tão pesado como estava acostumado a ser há alguns anos.

Cash seguiu com o indicador no arco das sobrancelhas da jovem.

— Não tinha falado disto com ninguém... Nunca.

— Seus segredos estão a salvo comigo — assegurou-lhe Tippy suavemente — No trabalho sou a confidente de todo o elenco.

— Também sou — confessou ele com um leve sorriso — Sempre lhes digo que os governos de muitos países viriam abaixo se contasse o que sei. E possivelmente seria assim...

— Meus segredos não são tão importantes — disse ela sorrindo também — Sente-se melhor agora?

Cash suspirou.

— A verdade é que sim — respondeu surpreso, rindo suavemente — Possivelmente seja uma bruxa — murmurou — e tenha me feito um feitiço.

— Tinha um tio que dizia que nossa família descendia dos druidas da antiga Irlanda. Claro que também me contou que entre nossos antepassados havia sacerdotes, e outro que tinha sido um ladrão de cavalos — disse ela rindo — Odiava a minha mãe, e tentou conseguir minha custódia quando tinha dez anos, mas nesse mesmo ano morreu de um ataque ao coração.

— Que má sorte.

— Minha vida esteve marcada pela má sorte — respondeu ela — como a sua, mas nós dois lutamos e sobrevivemos.

— Embora quisesse não poderia fazê-la ter uma idéia das coisas tão horríveis pelas que passei — respondeu ele.

— Poderia tentar pensar nas más lembranças como grãos — propôs brincando — Se não os arrebenta ficam pior.

— Meus não, querida.

Tippy arqueou as sobrancelhas. Aquele termo afetuoso, e o tom aveludado em que Cash o tinha pronunciado, a fez ruborizar-se um pouco. Era curioso. Até esse instante era uma palavra que sempre tinha detestado, pelas centenas de vezes que a tinha ouvido de lábios dos presunçosos machistas que a tinham pretendido.

Cash arqueou uma sobrancelha e a olhou divertido.

— Gostou de «carinho», não é? — disse arrogante — Espero que saiba que não estou acostumado a usar essa tipo de linguagem normalmente.

Tippy assentiu.

— Sei muitas coisas de você que não deveria saber.

Cash lhe levantou o queixo e a olhou.

— Quando a conheci em Jacobsville me pareceu que podia ser perigosa. Agora sei que o é.

Tippy sorriu travessa.

— Alegra-me que tenha se dado conta. — Cash se pôs a rir e a soltou.

— Vamos. Acabaremos atraindo a atenção de todos se continuarmos aqui parados — disse lhe tendendo a mão. Tippy inclinou a cabeça.

— É essa a única parte de seu corpo que irá me oferecer? — perguntou, ficando vermelha como uma papoula quando se deu conta do que acabava de dizer.

Cash rompeu em gargalhadas e entrelaçou seus dedos com os dela.

— Não seja impaciente — repreendeu-a — Antes de chegar ao interessante temos que passar por algumas fases prévias. Não tivemos ainda nem essas sessões ardentes de carícias e beijos que praticam os adolescentes nos cinemas.

Tippy pigarreou.

— Não se iluda. Sou uma garota muito púdica.

— Fique tranqüila, eu te tirarei a vergonha.

— É um pouco presunçoso, não?

— Não dirá o mesmo quando me vir em ação — provocou-a Cash, apertando-lhe suavemente os dedos. Inclinou-se para ela e lhe disse em voz baixa: — conheço pelo menos uma dúzia de posturas que você adorará, e eu gosto de ir devagar, muito devagar... De fato, se não fosse tão modesto eu poderia dar inclusive referências. A farei experimentar sensações que jamais esquecerá.

— Oh, sim; muito modesto, já o vejo... — disse Tippy com ironia.

— Um homem com tanta perícia nas artes amorosas como eu pode abrir mão da modéstia — murmurou ele provocador.

Tippy jamais o teria admitido, mas Cash o leu em seu rosto, e o sorriso que havia em seus lábios se tornou ainda mais ampla.

Almoçaram em um restaurante japonês, e Tippy e Rory ficaram fascinados por ouvir Cash manter uma conversação fluída com o garçom.

— Nem sabia que falava japonês! — exclamou Tippy — Esteve no Japão?

— Várias vezes — respondeu ele, levando uma parte de frango à boca com os palitos. Parecia que levou toda a vida usando-os pela destreza com que os usava — Eu adoro o Japão.

— E falas mais idiomas, Cash? — quis saber Rory.

— Uns seis, acredito — respondeu Cash, como se aquilo não tivesse nenhum mérito. Sorriu ao ver a expressão admirada por menino ante sua resposta — Quando trabalha para os serviços secretos os idiomas o ajudam mais que uma licenciatura em direito.

— Ah, não, nem pensar — apressou-se dizer Tippy a Rory, que tinha aberto a boca para dizer algo — Você buscará um trabalho normal, como técnico em informática, casará e formará uma família.

Rory lhe lançou um olhar irritado.

— Casarei-me quando o fizer você.

Cash riu.

— Ou melhor — acrescentou Rory — casarei-me quando ele o fizer — disse apontando para Cash.

— Eu não aceitaria essa aposta — advertiu Cash ao Tippy.

— Tampouco eu — respondeu ela.

Cash a olhou curioso, mas não sorriu. Nunca havia sentido nada parecido ao que sentia quando estava com o Tippy, e isso estava começando a preocupá-lo de verdade. Aquela mulher estava gerando nele desejos e necessidades que lhe causavam mais medo que as balas.

Ansiava fazer amor, e era evidente que ela o permitiria. Só o pensamento fazia com que a cabeça desse voltas. Quase podia imaginar o perfeito corpo da jovem debaixo do dele, entre lençóis brancos, suas longas pernas lhe rodeando a cintura, seus carnudos lábios devorando os seus... Tippy havia lhe dito que não sabia virtualmente nada de sexo, mas isso não seria

necessariamente um problema; lhe ensinaria. Tinha experiência de sobra, perícia, e podia lhe mostrar todo um mundo de prazeres que nem imaginava. De fato, o certo era que morria por fazê-lo. Dava-se conta ela de até que ponto a desejava? Suspeitaria-o sequer?

Quando estavam juntos lhe brilhavam os olhos, e embora de certo modo fosse ainda virgem, não podia ser tão ingênua para não perceber o desejo no olhar de um homem e não ler os sinais que emitia seu corpo. Mais ainda, estava certo de que sabia que a desejava. De repente se sentiu como um coelho apanhado.

Obrigou-se a afastar o olhar dela enquanto tentava decidir o que fazer. Ir a Nova Iorque não tinha sido uma boa idéia, pensou zangado. Tinha que partir enquanto ainda estava em tempo.

Tippy, que estava aprendendo a interpretar as emoções de Cash pelos leves matizes expressivos de seu rosto, não lhe passou despercebida sua mudança de atitude, e se retraiu como ele. Na volta ao seu apartamento, continuou mostrando-se educada e alegre, mas adotou a mesma atitude de distanciamento que Cash.

Quando chegaram, na porta havia um menino que teria mais ou menos a idade do Rory, chamando o timbre com impaciência. Ao ouvi-los se aproximarem voltou-se.

— Oi, Rory! Minha mãe disse que nos leva a ver esse filme que acabaram de estreiar, e que pode ficar para dormir! — olhou Tippy e Cash e contraiu o rosto decepcionado — Embora se tiverem visita suponho que não irá querer...

— Cash não é uma visita, Dom, é como da família — disse-lhe Rory, perdendo a expressão emocionada no rosto do Cash — Eu adoraria ir. Posso, Tip?

Dom Hartley e sua família viviam junto a eles, e sabiam os problemas que Rory e ela tinham tido com sua mãe; nunca perderiam ao menino de vista.

— Bom... — começou sua irmã vacilante.

— Asseguro que Cash quer levá-la para algum lugar elegante — insistiu Rory — E nem sequer terão que me subornar para que lhe deixarem a sós!

Cash se pôs a rir.

— Poderíamos ir ao balé — propôs a Tippy — Tenho... Umas... Tenho entradas, mas não sabia se iria querer...

— Eu adoro o balé — respondeu ela encantada — Quando era criança sonhava em ser bailarina, mas... Nunca tive a oportunidade de aprender — girou a cabeça para Dom — Combinado, pode ir, mas amanhã depois do café da manhã irei pegá-lo. Não vou poder ficar muito tempo com ele, porque no dia depois do Ano Novo voltamos para filmar.

— Não está falando sério? — exclamou Cash.

— Temo que sim. O produtor nos disse que o diretor tem que começar outro filme em março... Na Europa, assim quer ter este pronto o quanto antes possível — respondeu ela com um suspiro.

— Acabará outra vez cheia de hematomas — gemeu Rory.

Tippy se encolheu de ombros.

— O que vamos fazer? Ossos do ofício — respondeu, e acrescentou com um sorriso — Sou uma estrela!

Rory guardou um pijama, uma muda de roupa e seus objetos de higiene em uma mochila, e partiu com os vizinhos; Cash retornou a seu hotel para trocar-se; e Tippy... Tippy se levou uma eternidade procurando no armário o vestido adequado.

Tinha acabado de encontrá-lo quando Cash bateu na porta. Quando abriu, Tippy ficou sem fala. Vestia uma imaculada camisa branca e uma gravata negra, calças muito bem engomadas, e sapatos que reluziam de tal modo que se refletia neles o teto. Tirou o colete para a ocasião, e o cabelo, negro e ligeiramente ondulado, caía-lhe sobre a nuca. Estava incrivelmente bonito.

— Vai de roupão? — perguntou-lhe Cash, apontando-a com a cabeça.

Tippy a fechou, e atou o cinto.

— Não, é que... Estava procurando o que vestir. — Cash olhou seu relógio de pulso.

— Pois tem cinco minutos para encontrá-lo — disse — Reservei mesa no Bull and Bear para as seis. Tippy o olhou boquiaberta.

— Esse é um dos restaurantes mais seletos da cidade; e fica no...!

— E fica no hotel Waldorf-Astoria, sei — acabou ele por ela — O balé começa às oito, assim se não estiver pensando em ir com isso... — disse apontando o roupão azul, que chegava aos tornozelos, — será melhor que se apresse.

Tippy correu como um raio a seu quarto. Deixou o cabelo solto, aplicou um ligeiro toque de maquiagem, pôs um conjunto de brincos, colar, e bracelete de diamantes. Logo colocou o vestido que tinha escolhido: veludo branco com um laço negro na cintura, e ainda por cima colocou um casaco de veludo negro com forro branco por dentro. Sem voltar a olhar-se ao espelho, saiu de seu quarto para encontrar-se com o Cash.

Este, que estava dando uma olhada nos livros que tinha na prateleira, voltou-se para ouvir abrir a porta... E ficou paralisado.

Tippy se sentiu repentinamente insegura.

— Deveria vestir outra coisa? — perguntou, nervosa.

Cash continuou olhando-a em silêncio, com os olhos entreabertos.

— Uma vez vi um quadro em uma pinacoteca... — murmurou, dirigindo-se lentamente para ela — de uma fada dançando e redor da luz da lua. Lembra a ela.

— Também vestia um casaco de veludo negro? — perguntou-lhe Tippy travessa.

— Não brinco — disse Cash, tomando seu rosto entre suas grandes mãos — Estava convencido de que essa mulher do quadro era a criatura mais sedutora que jamais tinha visto... Mas neste preciso instante acabo de me dar conta de que estava equivocado — acrescentou baixando o olhar para a boca de Tippy — Deixou-me sem fôlego...!

Devagar, para não assustá-la, posou sua boca sobre a dela, e a atraiu para si com suavidade, não à força, enquanto a beijava com sensualidade até que sentiu que seu corpo começava relaxar-se e que seus lábios se separaram. Tippy inspirou tremendo, e se recostou contra seu peito, rodeando o forte pescoço com ambas as mãos. Cash as sentiu frias sobre sua pele, e levantou a cabeça para olhá-la nos olhos. Estava assustada, mas não parecia querer afastar-se dele. Sim, em seus olhos havia medo, mas também brilhavam de desejo.

— Não vou fazer te machucar — sussurrou-lhe.

— Sei. Não me dá medo — respondeu ela sem fôlego.

— Está segura? — murmurou Cash.

Atacou sua boca em uma sucessão de suaves, mas ardentes beijos que tiveram um efeito explosivo em ambos. Logo, sem aviso prévio, agarrou-a pelos quadris e a atraiu para os seus. Tippy emituiu um gemido abafado, e estremeceu diante daquele contato tão íntimo, sentindo que uma rajada de prazer se disparava por suas veias.

— Oh, sim... Sabe o que está ocorrendo aí abaixo, não é verdade? — ofegou Cash contra seus lábios. Suas mãos apertaram os quadris do Tippy, e sua boca se voltou mais insistente — Quer senti-lo dentro de você? — sussurrou-lhe ao ouvido.

— Cash! — exclamou ela, revolvendo-se em seu abraço e assustando-se ao ver que não podia se soltar.

Aquilo tirou o Cash do estado de transe em que o tinha sumido o desejo, e afrouxou imediatamente a pressão sobre seus quadris.

— Sinto muito — balbuciou.

Tippy não se afastou dele.

— Eu também — murmurou, escrutinando seus olhos — Esqueci que os homens... Perdem o controle.

— Eu não — replicou ele com brutalidade — Isto nunca tinha me acontecido antes. Não tinha acontecido até hoje.

Tippy estava observando-o com os olhos muito abertos, fascinada. Aquela confissão deveria tê-la assustado ainda mais, mas teve o efeito contrário, porque o fez mais vulnerável a seus olhos, e dissipou seu medo. A jovem exalou um longo suspiro.

— Está bem — sussurrou, conseguindo esboçar um leve sorriso — Já não tenho medo.

Os dedos do Cash lhe acariciaram o queixo e depois seus tenros lábios, percorrendo-os com as gemas como o pincel de um artista, riscando seu contorno... Atormentando-a.

Tippy estremeceu quando Cash a atraiu para si com um braço, mas levantou o queixo e fechou os olhos em mudo convite.

— Tem sabor de algodão doce, Tippy — sussurrou Cash enquanto sua boca descia sobre os lábios entreabertos dela — Comería a beijos...

Tippy sentiu como os lábios do Cash roçavam os seus, como apenas os tocavam para retirar-se logo, como sondando. Deixou-se levar, saboreando a cada segundo em seu amoroso abraço. Cash não a intimidava, e tampouco a assustava. Adorava sentir o calor de seu corpo, e aspirar o aroma fresco de seu corpo; adorava o modo em que a tinha apertado entre seus braços: com ternura, mas também com força e confiança.

Começou a notar de repente alguns ligeiros tremores subindo pelas suas pernas e por suas costas que nunca havia sentido, e se apertou vacilante contra Cash.

Suas mãos, ainda no pescoço do Cash, entrelaçaram-se, como se tivessem vida própria, e seu corpo se arqueou involuntariamente para pegar-se ainda mais a ele. Desejava-o tanto...

Cash, ao notar que a jovem começava a lhe responder, separou seus lábios dos dela, e olhou seus confusos olhos.

— Deseja-me, sei, mas não vou aproveitar-me. Comigo pode ficar tranqüila — sussurrou — Deixe se levar. Não vou magoá-la, nem vou forçá-la, combinado?

Tippy ainda se sentia um pouco insegura, mas assentiu levemente e fechou os olhos, esperando que ele desse o passo seguinte.

Que demonstrasse essa confiança nele fez com que a Cash tremessem os joelhos. Sabia o quanto difícil deveria ser aquilo para ela depois do que lhe tinha ocorrido sendo só uma menina, ceder o controle de seu corpo a um homem. Reprimiu com decisão o crescente desejo que o estava invadindo. Queria ser terno com ela; queria lhe dar tanto prazer que nunca olharia para outro homem enquanto vivesse.

Seus lábios roçaram os dela, primeiro com suavidade, logo com mais insistência. Deixou que as reações de Tippy o guiassem, afastando-se um pouco quando a notava esticar-se, sendo um pouco mais audaz quando ela se apertava contra ele... Os segundos foram passando em um ardente compasso de prazer que ia aumentando.

Tippy gemeu suavemente quando os beijos do Cash se tornaram ainda mais intensos, e de novo seu corpo se arqueou para ele desesperado por satisfazer o anseio que a consumia. Cash sentiu a espiral de desejo que se

elevava dentro dela, alimentada pela mesma necessidade abrasadora que ele sentia.

Sim, pensou febril, Tippy o desejava... Embora ela ainda não soubesse. Baixou as mãos à cintura da jovem e a levantou do chão sem deixar de beijar apaixonadamente seus doces lábios.

Tippy tremeu ao sentir a palpitante excitação de Cash. Seus lábios estavam atacando os dela com ferocidade, e logo todo seu corpo começou a ficar rígido de novo. Tippy o ouviu gemer dentro de sua boca ao tempo em que seus braços a estreitavam ainda com mais força.

Deveria estar assustada. Provavelmente Cash não tivesse perdido nunca o controle com outra mulher, mas com ela estava perdendo em questão de segundos. Aquele desejo intenso a lisonjeava.

Recordou então o que havia lhe dito, sobre o tempo que fazia que não mantinha relações. Estava muito excitado, e ela, até de um modo involuntário, estava-se mostrando disposta. O que faria se Cash não quisesse parar? E se não pudesse parar?

Ao notar que o entusiasmo da jovem diminuía, Cash a baixou ao chão e se separou dela imediatamente. Levantou a cabeça, e a olhou. Em seu rosto, carente de expressão, só seus brilhantes olhos negros pareciam vivos.

Tippy engoliu em seco.

— Só queria... Comprovar algo — murmurou.

— Se de verdade seria capaz de parar? — murmurou ele com um sorriso.

Tippy assentiu sobressaltada, e Cash acariciou com o indicador seus lábios inchados.

— Estava equivocado contigo.

— E eu contigo — respondeu ela.

Deu um passo para ele e ocultou o rosto em seu peito um momento, enquanto recordava a descarada pergunta que lhe tinha feito um momento antes. Excitou-se só de pensar nisso, imaginando-o dentro de seu corpo, muito dentro, e o prazer delicioso que a invadiu a fez estremecer. Entretanto, quando ia dizer lhe algo igualmente atrevido, Cash se separou dela.

— Deveríamos ir já — disse inclinando-se para frente, e beijando-a na ponta do nariz — se não, não chegaremos a tempo nem a um lugar nem ao outro.

Vacilante, Tippy levantou o rosto para ele. Sentia-se acalorada, tensa, ansiosa..., E em seus olhos se refletia o desejo insatisfeito.

— Se te pedisse...

— O que? — insistiu ele.

Tippy engoliu em seco e se obrigou a continuar.

— Se te pedisse que fizesse amor comigo...

Os olhos do Cash flamejavam quando a interrompeu, pondo o polegar sobre seus lábios inchados.

— Quero fazê-lo! — disse — Não imagina até que ponto, mas não tenho por costume começar coisas que não posso levar até o final.

— Mas isto sim poderíamos levá-lo até o final — replicou ela — sei que contigo poderia!

Cash estremeceu visivelmente e se separou dela. Não se atrevia a aceitar esse oferecimento. De fato, já tinha ido muito longe com o que tinha feito e dito.

— Bom, pois não vamos fazer esta noite não — respondeu Cash bruscamente, indo para a porta — A convidei para jantar e ao balé; só a isso — abriu a porta e se voltou para olhá-la — Vem ou não?

Tippy se envergonhou de ter feito um oferecimento semelhante de maneira tão precipitada, e precisamente a Cash Grier, dentre todos os homens do planeta. Entretanto, o sobressalto logo deu lugar a uma profunda irritação. Afinal era ele quem tinha começado aquilo, atormentando-a com aquele corpo perfeito, e logo a afastando dele, como quem prova com um caramelo para um menino e logo o volta a guardar no bolso. Seriam todos os homens assim?

— É verdade, só me convidou para jantar e ao balé — repetiu com aspereza, amassando-se em seu casaco e fechando-o até acima — E não se preocupe, não tentarei seduzi-lo no carro!

Cash a olhou irritado.

— Graças. Confesso-te que a idéia tinha me preocupado. Tippy passou diante dele com altivez, e saiu pela porta.

Aborrecidos como estavam, jantaram sem saborear a comida, e em Tippy a invadiu um sentimento de culpa, porque o certo era que estava tudo delicioso. Do elegante restaurante foram ao balé, e se sentou junto a Cash sem prestar tampouco atenção ao espetáculo que estava se desenvolvendo sobre o cenário. Por um lado estava zangada, e por outro se sentia eufórica. Notava-se ardendo por dentro, consumida por um anseio que jamais tinha experimentado. O desejo que sentia por Cash a tinha alienado. Queria saltar sobre ele, ali mesmo, e lhe arrancar a roupa. Entretanto, essas ânsias que não podia evitar a mortificavam e a zangavam, e o ignorou durante toda a representação.

Como se compreendesse como se sentia, Cash não lhe disse uma palavra nem a tocou até que a apresentação tivesse terminado e tivessem saído do teatro.

Quando foram cruzar a rua para retornar ao estacionamento público onde tinham deixado o carro, segurou-a do braço, e a notou tensa como as cordas de um violino.

Já no estacionamento, Cash abriu o carro, e Tippy entrou e prendeu o cinto de segurança sem olhá-lo. Cash se sentou ao volante, e a olhou de esguelha enquanto punha o motor ligado. Sentia-se mal por havê-la repelido com tanta brutalidade, mas o tinha feito com a melhor das intenções. Não tinha nada que a oferecer, nada absolutamente. Além disso, não seria justo que se aproveitasse de algo que ela não podia evitar. Lisonjeava-o que se sentisse tão atraída por ele, mas não confiava nela.

De fato, ainda não podia compreender como tinha podido confiar seus segredos a uma mulher que, depois de tudo, era pouco mais que uma estranha. E mesmo assim... O curioso era que quando estava com ela não se sentia como se estivesse com uma estranha. Sentia-se cômodo, como se conhecessem de toda a vida. Isso o preocupava ainda mais.

Tirou o veículo do estacionamento com uma acelerada, e a Tippy não passou despercebida a irritação implícita nesse gesto.

Deu a volta para sua bolsa sobre o colo, e girou a cabeça para a janela, observando as ruas cheias de gente pelas que passavam, e os anúncios de néon nos edifícios.

— Não deveria ser tão presunçoso, Grier — disse-lhe com aspereza — Estou certa de que deve haver ao menos outros cinco ou seis homens no mundo capazes de me fazer arder de desejo de me equilibrar sobre eles.

Da garganta do Cash escapou um som rouco, mas Tippy não quis voltar-se para ver se tinha sido uma risada desdenhosa ou algo distinto.

— Além disso, sempre posso solucioná-lo com uma ducha fria, ou me apontando para algum esporte de equipe...

Cash apertou o volante entre suas mãos em um intento por se controlar.

— Importaria-se de deixar o assunto? — pediu-lhe depois de um minuto — Nós dois sabemos que assim que a tocasse... E não refiro a carícias inocentes... Começaria a gritar.

Tippy se voltou para ele surpresa.

— É nisso que acredita?

— Olhe, Tippy, levei a maior parte de minha vida servindo no exército e na polícia — respondeu Cash, diminuindo a velocidade para fazer uma curva — Sei mais sobre vítimas de violações que você.

Ela não disse nada, mas ficou olhando-o, esperando.

Cash voltou o rosto para ela enquanto fazia a curva.

— Pode achar que deixou para trás o que lhe aconteceu, que está preparada para fazê-lo, mas não é tão simples... Embora seja com um homem a que pensa que deseja. Um dos piores casos de violação que atestei aconteceu em circunstâncias similares a esta. Uma garota jovem que tinha sofrido uma violação quis fazer o amor com seu namorado, assustou-se e lhe pediu que parasse, mas ele não podia fazê-lo.

— E o que aconteceu?

— Começou a gritar. Seus pais chegaram em casa nesse momento. Chamaram à polícia e detiveram o menino. Ela tentou retirar a queixa, mas já era muito tarde. Soltaram-no em liberdade condicional, porque era seu primeiro «delito», mas não voltou a falar com a garota. Ela o queria; simplesmente era incapaz de ter relações depois do que lhe tinha acontecido.

Tippy cruzou os braços sobre o peito e se estremeceu.

— Faz idéia? — disse-lhe Cash.

Tippy assentiu, e girou a cabeça de novo para a janela, para as vitrines e as luzes de néon. Cash apertou os lábios.

— Se tivesse perdido o controle e a tivesse forçado... Não teria podido viver com isso — acrescentou.

Tippy emitiu um gemido abafado.

— Mas fui eu quem te ofereceu... — murmurou. Cash a olhou zangado.

— E o que importaria isso se lhe tivesse deixado mais seqüelas das que já tem?

A irritação do Tippy se desvaneceu, e o olhou em silêncio.

— Desde que me ocorreu aquilo, nunca havia sentido o que sinto estando contigo — confessou-lhe — Sentia-me atraída por Cullen, mas ele não gostava das mulheres. E nem sequer o que sentia por ele é comparável a isto. Estou... Estou ardendo por dentro — disse-lhe com uma risinho envergonhado — sinto um anseio agudo... Quase é dor. E a única coisa que posso pensar é o que sentiria compartilhando a cama contigo toda uma noite.

Enquanto Cash tentava convencer-se de que aquilo podia converter-se em um desastre anunciado continuava escutando-a, suas mãos apertaram o volante de tal modo que lhe puseram os dedos brancos.

— Claro que se não está interessado, não está interessado — continuou Tippy— . Suponho que se preocupa de acabar preso a mim por uma vida e tudo a mais isso posso lhe assegurar que não tenho intenção alguma de propor-lhe casamento por melhor que seja na cama... Se é que isso mude sua de opinião.

Cash não pôde evitar tornar a rir.

— Não entende, verdade?

— Não me diga que é impotente? — murmurou Tippy.

Lançou-lhe um olhar irritado.

— É obvio que não.

— Oh, então é que está se guardando para alguém de quem não me falou — insistiu ela.

— Sim, claro, isso — balbuciou Cash — Tippy, pelo amor de Deus...!

— Bom, a única coisa que tento lhe dizer é que necessito sua colaboração para um projeto científico — prosseguiu ela, imperturbável.

— Um quê?

— Um projeto científico; de anatomia — respondeu ela sorrindo travessa.

Cash contraiu o rosto. Estava perdendo terreno, e aquilo não ia por bom caminho. Tinha que manter a cabeça fria, porque pelo visto ela estava perdendo a sua.

— Nem sequer te pediria que deixássemos a luz acesa... — disse Tippy.

Cash franziu o cenho.

— E por que ia querer que a apagasse?

— Bom, um homem na sua idade... — murmurou ela malévola, olhando as unhas esmaltadas — enfim, já sabe o que quero dizer: possivelmente tenha certas inibições por seu corpo... — disse-lhe, pestanejando com falsa paquera.

Cash notou como lhe esticava cada músculo, e se perguntou se Tippy teria idéia do muito que estava excitando-o essa conversação.

— Agradeço sua consideração, mas tenho um corpo estupendo.

— Nesse caso poderemos deixar a luz acesa.

Cash suspirou exasperado. Girou para entrar na rua de Tippy, e parou o veículo em frente à casa de pisos onde vivia sem desligar o motor. A rua, iluminada pela luz dos postes, estava deserta e em silêncio. Cash se voltou no assento para o Tippy, e a olhou carrancudo.

— Quer fazê-lo aqui, com o motor ligado? — exclamou ela, fingindo-se escandalizada, olhando a um lado e a outro.

— Não, não quero! — resmungou ele.

— Então... Não seria melhor que subíssemos? — insistiu Tippy — Não posso saber qual seria a reação de cada um, claro, mas estou certa de que meus vizinhos gritariam assustados se nos encontrassem aqui fazendo-o.

Cash a olhou fixamente e tratou de lembrar-se uma vez mais as conseqüências que aquilo poderia ter, mas seu cérebro não parecia disposto a cooperar com ele. De fato, as reações de seu corpo estavam lhe fazendo impossível pensar. O só vê-la ali, diante dele, com esse vestido branco, e a turgidez de seus seios insinuando-se debaixo o estava voltando louco. Fazia tanto tempo da última vez que lhe tinha feito o amor com uma mulher; muito

tempo. Sentia-se mais que disposto para uma noite selvagem, mas não com uma mulher que tinha sido violada e que, evitando esse horrível detalhe, era virgem para todos os efeitos.

— Última oportunidade — disse Tippy sem fôlego, cravando as unhas na bolsa para combater seu natural acanhamento.

Cash suspirou irritado.

— Escute...

Tippy levantou uma mão para interrompê-lo.

— Quantas desculpas mais vai me dar? — disse-lhe — Sinto muito, mas não me servem de nada. Não quer fazê-lo comigo e tudo bem. Não se preocupe; entendo. Obrigado pelo jantar e o convite ao balé. Já sei que por minha atitude lhe terá dado outra impressão, mas o passei muito bem.

Abriu a porta do carro e se baixou. Voltou-se e se inclinou sobre a janela com um sorriso forçado.

— Contaremos contigo amanhã? É Véspera de natal.

Cash franziu a sobancelha.

— Não sei.

— Bom, pois, se o animar, teremos peru com sua guarnição e molho de arándanos — disse Tippy.

Cash estava irritado e parecia uma confusão. Nunca se tinha encontrado tão dividido entre o que queria e o que acreditava que devia fazer. Não tinha desejado jamais nenhuma mulher como desejava Tippy, mas pela maneira como havia reagido com ele estava certo de que não tinha superado completamente o que lhe tinha ocorrido. Tinha que a fazer ver que estava sendo muito otimista.

— Viu algum psicólogo? — perguntou abruptamente.

— Acha que preciso ir a um psicólogo só porque lhe propus que nos deitemos? — exclamou ela.

— Quer parar? — explorou Cash — Não pode falar a sério nem que seja durante um minuto?

— Passei toda a minha vida adulta me comportando com seriedade, e até agora não me levou a parte alguma.

— Necessita assistência psicológica — insistiu ele. Tippy o olhou zangada.

— Não necessito de assistência psicológica. A única coisa que preciso é... Que me dê o que necessito? De todo jeito você não está interessado.

— Não enfrentou o passado — disse Cash.

— Sim o tenho feito. E aprendi a viver com isso. Não sei se você pode dizer o mesmo.

Girou sobre os calcanhares e subiu os degraus de entrada. Estava zangada, mas todo seu ser continuava palpitando como uma ferida. Aquilo era algo que não poderia controlar; nem isso, nem seu desejo insatisfeito.

Cash pensava que não poderia ter relações com um homem, mas se equivocava. De fato, estava convencida de que sim poderia... Ao menos com ele. Entretanto, de nada lhe serviria tentar fazê-lo mudar de opinião, porque não acreditaria.

Parou para tirar a chave da porta da bolsa e se voltou. Cash continuava sentado no carro, com as janelas fechadas e o motor ainda ligado.

Acenou com a mão em sinal de despedida e entrou. Aquilo era o mais difícil que tinha feito em muito tempo, porque sabia que possivelmente nunca voltaria a vê-lo. O engraçado era que lhe havia dito a verdade: seu corpo palpitava de desejo. Desejava-o de tal modo que quase estava tremendo.

Qualquer outro homem a teria levado para cama antes inclusive de que tivesse acabado de propor-lhe. Por que tinha que se ter encontrado com um tão preocupado por sua saúde mental para recusar?

CAPÍTULO 5

Cash a viu desaparecer depois da porta com o coração na garganta. Aquela mulher doce e preciosa o desejava, mas ela estava já dentro, e ele estava fora, ali sentado no frio da noite e com o motor ligado. E por que? Porque temia que uma vez não fosse suficiente.

Tinha a sensação de que finalmente tinha encontrado a uma mulher a quem não poderia deixar para trás, e não queria arriscar-se a lhe fazer amor e acabar completamente em suas redes. Tinha sentido na pelo o pouco valor que a palavra amor tinha para algumas mulheres, e aquela experiência tinha destruído sua vida.

Entretanto, Tippy não era uma mulher qualquer. Tinha sofrido um vexame terrível no passado com cuja lembrança não tinha mais remedeio que aprender a viver, e o compreendia... Possivelmente melhor que ninguém.

Christabel Gaines também o tinha escutado, e se tinha mostrado muito solidário a ele. Sua amabilidade e sua sincera preocupação tinham chegado ao seu coração, mas aquilo não tinha sido amor... Não por parte dela. Unicamente tinha sido amizade.

O que havia entre Tippy e ele era diferente. Tippy despertava uma paixão ardente em seu corpo, em sua mente, em seu coração... Queria saber o que sentiria se a fizesse dela. Ansiava sabê-lo.

Enquanto tentava convencer-se de que deveria partir, sua mão direita girou a chave no contato para desligar o motor, e a esquerda abriu a porta do carro. Estava tão excitado, tão atormentado, que não podia pensar em outra coisa que não fosse aplacar esse fogo que o estava consumindo. Todos seus argumentos estavam sendo destruídos pelo torvelinho de paixão que se gerou em seu interior.

Antes de poder voltar atrás, apertou o botão do apartamento de Tippy no painel do porteiro automático.

Um assobio indicou que a jovem tinha aberto de acima. Cash entrou no portal e subiu as escadas com o coração pulsando como um louco. Não ia pensar no dia seguinte, não até que chegasse a alvorada.

Tippy estava esperando-o na porta quando chegou. Tinha tirado o casaco, mas ainda estava com o vestido de veludo branco, e a formosa juba loira avermelhada lhe caía sobre os ombros em suaves ondas.

Apesar da leve expressão de temor que se refletia em seus olhos, sua rápida respiração delatava a excitação que não podia conter. Sua pele parecia de seda.

Cash entrou e fechou a porta e também o trinco. Tippy retrocedeu, e por um momento Cash acreditou que tinha mudado de idéia, mas era para o quarto para onde se dirigia.

Com o desejo escrito no rosto a seguiu lentamente, cruzou a soleira do quarto, e fechou a porta detrás de si, e trancando também o fecho. Ficou ali de pé, olhando-a, sem reparar apenas na bonita colcha que cobria a cama de casal, nem nas janelas fechadas e as cortinas.

Tippy engoliu em seco.

— A luz... — balbuciou, ruborizando.

Apesar de sua bravata de minutos atrás, não podia ocultar seu sobressalto.

Cash entrefechou os olhos.

— Quer que a apague?

Tippy assentiu com a cabeça.

— Há algo que deve saber antes de que façamos algo — disse Cash — Não tenho preservativos, nem nada que possamos usar.

Os olhos da jovem procuraram os seus.

— Não me importa.

Cash sentiu que o coração dava-lhe um salto no peito. Pensou em Jessamina, a garotinha de Christabel; imaginou um filho de seu sangue... Apesar de estar lhe dizendo que podia deixá-la grávida, Tippy não voltou atrás. Cash sabia o muito que gostava de crianças, e por um instante, permitiu imaginar a uma pequena de cabelo ruivo e olhos verdes, e o coração começou a lhe pulsar como um louco.

— Perdemos a cabeça... Os dois — disse com voz entrecortada pela emoção.

Tippy assentiu lentamente com a cabeça, e entreabriu os lábios.

— Apague a luz, por favor.

Foi o última coisa que disse.

Cash a encontrou na penumbra primeiro com as mãos, e logo depois com os lábios. Tippy se derreteu contra seu corpo. Notou como baixava muito devagar o vestido, e emitiu um gemido abafado ao experimentar a incrível sensação que lhe produziu o contato das mãos do Cash com sua pele nua.

— Oh, sim... — murmurou Cash em seu ouvido — Você também o sente, verdade? Quando a toco é como se produzisse um choque elétrico. Nunca tinha acariciado uma pele tão suave como a sua. Tem o toque das pétalas de uma flor aquecidas pelo sol — sussurrou-lhe com voz rouca. Suas mãos subiram pelas costas da jovem, e logo voltaram a baixar lentamente, levando com elas o vestido, e com ele a combinação e as meias

— Não usa muito debaixo disto — murmurou Cash divertido.

A respiração do Tippy se tornou entrecortada. As carícias do Cash estavam fazendo que lhe tremessem os joelhos.

— Não se pode usar muito debaixo de um vestido como este — confessou-lhe.

A boca do Cash foi descendo por seu corpo ao mesmo tempo em que suas mãos, e quando Tippy a notou sobre um de seus seios estremeceu.

Cash levantou um pouco a cabeça, deixando seus lábios a uns centímetros do endurecido mamilo.

— Assustada? — perguntou em um sussurro.

— Não! — apressou-se a exclamar.

Mas deu um pulo quando sentiu que os quentes lábios de Cash se pousavam abertos sobre a areola, e atiravam do mamilo. Enredou os dedos em seu escuro e fosco cabelo, e emitiu um longo gemido.

Cash riu suavemente.

— Gostou ? Pois isto mal começou.

Nesse momento Tippy não compreendeu o que queria dizer, mas quando Cash continuou explorando-a com a boca e logo com as mãos, e sua paixão foi aumentando, pouco a pouco suas palavras começaram a fazer sentido para ela.

Cash não tinha intenção alguma de se apressar. Tinha todo o tempo do mundo. Estimulou com dedicação cada centímetro de sua pele: explorando, brincando, provando..., Enquanto Tippy gemia e ofegava ante as deliciosas sensações que a invadiam. As quebras de onda de prazer estavam relaxando de tal modo seus músculos, que tinha a impressão de que seus ossos se desintegrariam. Seu desejo, em troca, não fazia a não ser aumentar. Queria que Cash a fizesse dela. Seu corpo lhe pertencia. Pertencia-lhe toda. Cada carícia de

seus lábios em lugares proibidos, cada lento movimento de suas mãos a deixavam louca.

Cash a sentiu empurrar os quadris para ele, e sorriu com os lábios juntos a seu suave ventre. Estava desfrutando com cada uma de suas reações, com seus suaves gemidos de prazer, e também com a maravilhosa sensação de unidade com que experimentava ao estarem nus como estavam. Pele contra pele.

Tippy deu um pulo quando o sentiu, mas Cash a tranqüilizou, beijando-a nos lábios enquanto se posicionava devagar entre suas longas e tremulas pernas.

— Lembra do lhe perguntei? — disse entre beijos, enquanto começava a penetrá-la com cuidado. — Você perguntou se queria me sentir dentro de você — aspirou bruscamente. — Quer, não é verdade? — balbuciou, fechando olhos — Eu também quero te sentir, Tippy. Quero chegar tão para dentro de você... Como é possível.

— Cash...! — exclamou Tippy tremendo, enquanto com ambas as mãos se apertavam a seus musculosos braços — É muito grande...!

— Shhh... — sussurrou ele contra seus lábios — Encaixaremos como duas peças de um quebra-cabeças, apesar do que está pensando. E te prometo que não serei rude, nem violento. Não vou me precipitar, e não vou machucá-la. Relaxe. Isso relaxe. Eu dirijo, assim que você desfruta de do passeio, combinado?

Tippy rompeu em uma suave risada ante a comparação. Cash começou a mover-se lentamente, de um modo rítmico e ela se esticou ligeiramente, mas não experimentou dor. Não era algo violento, nem tampouco... Apressado. Fechou os olhos, e começou a ofegar suavemente de prazer quando os lentos movimentos do Cash começaram a tocar terminações nervosas por todo seu corpo que até então nem sequer sabia que tinha.

As mãos de Cash estavam nesse momento debaixo de seu corpo. Uma estava em sua nuca, enquanto que a outra, sob seus quadris, levantava-a suavemente, atraindo-a para os seus.

— Isso... — sussurrou — Fazer amor é como o blues. Quanto mais lento, melhor.

Sugou suavemente o lábio superior do Tippy entre os seus enquanto se movia sobre ela languidamente, com ternura. Com cada leve investida ela o sentia cada vez mais e mais para dentro de si, e as palpitações de prazer se foram estendendo por todo seu corpo enquanto notava como seu interior se ia

alargando para acomodá-lo. Um gemido abafado escapou de sua garganta ao sentir sua força e seu calor.

— Sinto você dentro de mim... — sussurrou-lhe, apertando-se mais contra ele.

— Eu também a sinto: sua pele de seda, seus suaves seios, sua doce boca... Mas... Não é suficiente...

Ela tinha a mesma impressão. O prazer que a sacudia por dentro se voltou ainda mais intenso, e ofegou seu nome estremecendo-se extasiada cada vez que Cash empurrava seus quadris contra ela. Era maravilhoso!

Os lábios do Cash tomaram os seus quando seus movimentos começaram a tornarem-se mais rápidos e enérgicos, e Tippy voltou a estremecer. Aquilo era tão... Formoso! Sentia-o dentro dela, sentia como seu interior se expandisse para ele... Nunca tinha imaginado que pudesse ser assim.

Abriu a boca da mesma maneira que seu corpo se estava abrindo para ele, e sentiu como a enchia... Por completo. Ante suas pálpebras fechadas apareceram brilhantes auras de cores, e o prazer se transformou em uma autêntica labareda. Verdadeiramente se notava ardendo por dentro, sentia que todo seu ser palpitava, que estavam provocando explosões em cada célula de seu corpo. Soluçou, rodeando-o frenética com ambos os braços, e entrelaçou as pernas com suas poderosas coxas, sentindo a crescente tensão dos músculos quando Cash incrementou um pouco mais a força de suas investidas e avivou o ritmo.

— Não tinha... Nem idéia...! — ofegou Tippy com voz entrecortada — Por favor... Por favor, não pare... Não pare... Não... Pare!

Cash a beijou afetuosamente no pescoço.

— Sei como fazer que você gostar ainda mais: deslize suas pernas entre as minhas — resmungou Cash sem fôlego — Depressa, querida!

Tippy não compreendeu até que fez o que lhe dizia. De repente uma explosão de prazer se produziu em seu interior. Seguiu soluçando sem poder conter-se, e fincou os dentes no ombro de Cash, ao mesmo tempo em que seu corpo se arqueava de tal modo que pareceu que fosse partir se em dois.

Em meio da neblina que cobria sua mente, Tippy escutou a voz do Cash em seu ouvido, sussurrando em um tom rouco e apaixonado: «me dê um filho, Tippy...!».

E de repente se encontrou voando para o sol, estalando de prazer. De sua garganta escapou um gritinho abafado, e ficou em um estado de atordoamento durante alguns segundos. Quando recuperou a capacidade de pensar, escutou Cash gemer em seu ouvido, e ao notá-lo estremecer sobre ela soube que também tinha alcançado o céu.

Entretanto, parecia que seus tremores não passavam, e o apertou contra si enquanto seguia convulsionando-se entre seus braços. Beijou-o meigamente, com o coração cheio de felicidade e seu corpo convertido em um com o dele.

Finalmente Cash se derrubou sobre ela. Os batimentos de seu coração retumbavam contra seu corpo suado na escuridão. Tippy se segurou a ele e fechou os olhos, rogando em silêncio: «Deus, não quero que acabe ainda... Não quero que acabe ainda...».

Sem dar-se conta, acabou pronunciando essas palavras em voz alta, e o tom suplicante de sua voz excitou Cash até o ponto de lhe provocar uma nova ereção.

Aquilo era... Impossível. Tinha tido conversado com suas amigas sobre essas coisas, e sabia por elas que era virtualmente impossível. Abriu a boca para dizer-lhe, mas Cash tinha começado a mover-se de novo, e dessa vez não foi devagar, nem com cuidado, nem foi terno.

Enredou os dedos de uma mão em seus cabelos, e seus lábios tomaram os dela em um beijo apaixonado. Seus quadris investiram com insistência, com investidas rápidas e seguras, que a levaram em questão de segundos a um clímax repentino e maravilhoso.

Tippy proferiu um grito abafado dentro de sua boca, com as pernas presas a seus quadris e os braços apertando-o contra si. Seu desejo tinha sido satisfeito, mas o de Cash ainda não, e a odiava pelo que estava lhe ocorrendo. Não podia parar. Não podia conter-se. Ansiava voltar a saborear o êxtase desenfreado que acabava de compartilhar fazia um instante com ela. Precisava experimentá-lo de novo. Necessitava!

Seu corpo se pegou ao dela enquanto seus beijos se tornavam mais abrasivos. Por que estava demorando tanto em alcançá-lo...?

— Não tenha... Pressa, Cash — sussurrou Tippy contra seus lábios, com voz doce, e quase sem fôlego — Não há pressa.

— Maldita seja, Tippy...! — resmungou ele.

Sua voz soava quebrada pelo desejo, esse desejo que não podia ocultar.

— Não passa nada, Cash — sussurrou ela de novo — Eu também o desejo. Desejo-te tanto... Não há por que ter pressa. Por favor, não renegue do que sente. Vá ao seu ritmo. Farei algo por você. Algo! Só me diga o que quer.

Aquele pequeno e apaixonado discurso fez com que Cash relaxasse e sentisse que recuperava o controle. O ritmo de suas investidas se tornou mais suave.

— Me diga o que devo fazer — sussurrou-lhe Tippy de novo no ouvido, segurando-se a ele — Farei... Farei o que me pedir!

Cash depositou um beijo trêmulo em cada um de suas pálpebras, outros dois em suas bochechas, outro no nariz...

— Nunca tinha me sentido tão excitado — ofegou com voz rouca.

Os dedos do Tippy acariciaram o contorno dos lábios, o queixo, o forte pescoço...

— Não imaginava que pudesse ser assim — murmurou — Acreditava que sempre dóia...

— E não te dói? — sussurrou ele contra seus seios — É uma dor... Maravilhosa!

— Sim!

Cash a fez rodar com ele sobre o colchão até que ficou em cima dele, e com ambas as mãos guiou seus quadris. Assim poderia ver seu rosto, mas intuía seu sobressalto.

— Levante um pouco. Assim...!

Tippy obedeceu, e sentiu que o corpo do Cash se ia excitando ainda mais, mas de sua garganta escapou um gemido.

— O que ocorre? — perguntou ele imediatamente.

— Porque... Não sei nada! — resmungou ela irritada — Vi em filmes, e tenho lido sobre isso em livros, mas não sei como...

— Eu a ensinarei o que precisa saber — sussurrou-lhe Cash, empurrando-a para baixo — Está fazendo muito bem — acrescentou, procurando seus lábios — É a amante mais incrível... Que tive.

Aquilo recordou que a jovem não era, com certeza, a primeira com a que tinha feito aquilo, e começou a dizer algo, mas Cash voltou a fazê-la rodar com ele para colocar-se de novo sobre ela, e ambos experimentaram novos estalos de prazer.

— Fazia anos que não o fazia... — ofegou Cash entre seus seios — e nem sequer a melhor dessas vezes... Poderia comparar-se com isto!

Tippy ficou sem fôlego. Sabia que Cash estava sendo sincero.

— Quero um filho — sussurrou Cash enquanto seguia empurrando seus quadris contra as dela — Oh, Deus, Tippy... Quero um... Filho!

A jovem estava afundando-se naquele mar de prazer. Ouviu Cash lhe sussurrando algo enquanto essas deliciosas sensações começavam a expandir-se por todo seu ser. Seu corpo continuava como que por instinto ao de Cash, e deixou que lhe ensinasse como tocá-lo, como fazê-lo seu.

Foram os minutos mais formosos de toda sua vida e, até a última sacudida de prazer esteve certa de que não poderia sobreviver a aquilo.

Ao ouvir um roçar de tecido sobre pele Tippy imaginou que Cash devia estar se vestindo. Piscou. Ainda não era dia. Deu uma olhada ao relógio da mesinha. Tinha os números grandes, assim podia ver a hora sem os óculos. Eram quatro da manhã.

— Está partindo? — perguntou-lhe aturdida.

Cash não respondeu. Acabou de se vestir e se sentou na poltrona que havia junto da cama para calçar os sapatos.

— Mas... Nem sequer é de dia... — insistiu ela. Cash continuou sem responder.

Tippy o ouviu ficar de pé e ao poucos escutou também como abria a porta do quarto, inundando o quarto com a luz da sala, que tinham se esquecido de apagar.

Cash svoltou-se e a olhou, sentada na cama com os ombros e os braços nus, e o lençol de flores rosas e azuis sobre o peito.

O rosto do Cash não refletia emoção alguma, e suas feições estavam endurecidas.

— Não vai dizer nada? — perguntou Tippy, cheia de insegurança, mas tratando de ocultá-la.

— Nós dois agimos de modo irresponsável — balbuciou Cash — e os nós dois sabíamos que era uma loucura, mas você o começou.

Tippy suspirou.

— Oh, pelo amor de Deus! Quer que eu vá pegar o cilício e o flagelo? — murmurou Tippy, deixando se cair sobre o colchão.

Cash não podia acreditar que Tippy houvesse dito o que havia dito.

— Não vou me casar contigo! — continuou zangado — O que não quer dizer, é óbvio, que se tiver a deixado grávida, vá deixar de assumir minha responsabilidade. E se for assim, quero que me diga!

Tippy se estirou, empurrando o lençol para baixo com os pés, descobriu-se até a cintura, deixando seus rosados seios à vista. Sabia que Cash estava olhando-os. Só a idéia a fez sentir-se estranha: sensual... E muito feminina. Nunca tinha experimentado nada parecido, pensou sorrindo.

— Seriamente? — murmurou, observando suas tensas feições.

Cash aspirou com brutalidade. Não queria olhá-la, mas era incapaz de afastar o olhar.

— Tem os seios mais formosos que vi em minha vida — disse sem poder se conter.

Tippy empurrou de novo o lençol até ficar totalmente descoberta, e se arqueou para que a visse melhor.

— E o que me diz do resto? — perguntou-lhe com voz rouca.

— Morrerei tentando esquecê-lo — disse Cash, lhe dando as costas.

— Por que teria que esquecê-lo? — perguntou ela.

Cash fechou os olhos.

— Olha, Tippy, já lhe tinha dito: não quero amarras — resmungou.

— Menos mal que tenha me dito isso, porque ia te dar uma gravata de presente de Natal.

Cash se voltou para olhá-la e não pôde evitar rir.

— Diabos.

Tippy se estirou, desesperando-se.

— Você não gostaria de ficar até amanhecer? — perguntou-lhe.

— Não acredito que servisse de nada; estou esgotado. E suponho que você também esteja cansada.

Tippy suspirou.

— Um pouco.

Cash a olhou possessivo.

— Todas meus amigas casadas me disseram que nenhum homem pode fazê-lo duas vezes seguidas — comentou. Cash arqueou uma sobrancelha.

— Têm razão.

Tippy ficou olhando-o, e Cash se encolheu de ombros.

— Bom, suponho que seja algo normal quando estiver muito tempo sem fazê-lo.

Ela seguiu olhando-o fixamente, e Cash pigarreou.

— Certo, quando estiver muito tempo sem fazer... E quando é com a mulher adequada. — Tippy arqueou ambas as sobrancelhas.

— O que é o que quer de mim? — perguntou ele.

«De modo que disso se trata», pensou Tippy, advertindo a expressão desconfiado em seu rosto.

— Tenho dinheiro suficiente em minha conta bancária — disse voltando a cobrir-se; não estou acostumada a permitir que nenhum homem compartilhe minha cama... Exceto nesta ocasião, está claro; não necessito um cozinheiro, nem tampouco um guarda-costas, assim tire suas próprias conclusões.

Cash tinha evitado às mulheres desde seu desastroso casamento porque a maioria só queria seu dinheiro, mas o que Tippy lhe havia dito era certo. Tinha fama e, embora em sua profissão não tivesse estabilidade, também tinha dinheiro. Não podia querer nada dele... Salvo a ele mesmo. Claro que

possivelmente o quisesse como amante, pensou recordando que aquela tinha sido sua primeira vez, a primeira vez que o tinha feito por vontade própria. Seria isso? A euforia da primeira vez?

— Oh, sim, é por isso — disse Tippy, como se soubesse o que estava pensando — É o primeiro homem com quem o tenho feito, e me fiquei maravilhada de quão incrível foi, assim é obvio não quero outra coisa mais que mantê-lo junto a mim todo o tempo que possa.

Cash a olhou irritado.

— Pare já com isso. Eu não gosto que me leiam o pensamento

Tippy se encolheu de ombros.

— Como quiser.

— E isto foi só um romance de uma noite. Nada mais.

— Então, por que queria me deixar grávida? — perguntou Tippy, com toda a lógica.

Cash a olhou com os olhos esbugalhados. Tinha esquecido daquilo.

— Os... Os homens dizem essas coisas para excitar às mulheres — balbuciou irritado.

— Oh, já percebo... — murmurou Tippy, assentindo com a cabeça — Que bonito detalhe por sua parte! Não sabe como me pôs!

— Estou partindo — balbuciou Cash em um tom frio.

— Já me dei conta.

— Vou para casa.

— Ótimo. Enviarei-lhe um cartão de Natal.

— Não dará tempo. É depois de amanhã.

— Nesse caso, feliz Natal.

— Digo o mesmo.

— Vai ao menos se despedir de Rory? — perguntou-lhe Tippy.

A mão de Cash vacilou sobre a fechadura da porta. Não tinha pensado em Rory. O menino estava muito iludido com que fosse passar a véspera de Natal com eles.

— Poderíamos tentar nos comportar como pessoas civilizadas durante o jantar de Véspera de natal... Pelo bem do Rory — disse Tippy — E se for ficar mais tranqüilo, dou-lhe minha palavra de que não tentarei me aproveitar de você te tombando sobre a mesa e me jogando em cima como uma selvagem, entre o purê de batata e o pão de milho.

Cash sentiu ao mesmo tempo desejos de uivar e de tornar a rir. Não sabia que diabos queria.

— Estou partindo.

— Isso já tinha dito — murmurou Tippy com malicioso deleite.

Cash estava confuso, aflito... Parecia uma confusão. E ela sabia por que. Embora não quisesse admiti-lo, sentia algo por ela, algo que fazia que lhe custasse manter o controle, mas contra o que parecia disposto a lutar até o final. Apesar de disso, Tippy se sentia estranhamente otimista.

— Voltarei de noite — disse Cash finalmente — Mas só ficarei para o jantar. Vou fazer as malas e esta noite mesmo voltarei a cidade.

— Combinado.

Cash vacilou, e ficou olhando-a pensativo, em silêncio.

— Fiz mal enquanto estávamos...?

— Não, claro que não — respondeu ela suavemente.

Cash suspirou, e seu aborrecimento se dissipou em parte enquanto observava o rosto do Tippy na penumbra.

— Nem sequer da segunda vez? — insistiu preocupado — Fui um pouco brusco, e não o pretendia, de verdade.

— Sei. Mas não me assustei em nenhum momento. Foi maravilhoso! — exclamou, esboçando um sorriso — Nunca imaginei que fosse ser tão incrível... — acrescentou encolhendo-se de ombros — O prazer que sentia era quase... Insuportável.

Cash assentiu com a cabeça.

— Para mim também foi incrível — respondeu — mas mesmo assim foi algo irresponsável por parte de ambos — acrescentou entreabrindo os olhos — Deveria ter usado algo.

— Lembrarei— lhe isso na próxima vez — disse Tippy. Cash franziu o cenho.

— Hei já lhe havia dito, Tippy: não haverá uma próxima vez.

— Bom, na realidade não é exatamente o que disse há um momento.

— Estou partindo.

— Não corra — provocou— o Tippy.

Cash lhe lançou um olhar furioso, e saiu do apartamento batendo a porta. Ao fim de alguns minutos ouviu o rugido do motor do carro de Cash, e logo uma acelerada furiosa. Com razão os chamavam jaguar, pensou Tippy, contraindo o rosto para ouvir o chiado dos pneus.

No dia seguinte, enquanto limpava o apartamento e cozinhava, Tippy se sentia mais feliz do que nunca se sentiu em sua vida. Estava louca por Cash. Não podia tirar da cabeça a lembrança da noite anterior, daquela febril noite de paixão, e uma vez ou outra o revivia em sua mente.

Ocultar de Rory seria difícil. Não estava certa de que compreenderia ou não, mas não queria que a estima do menino por Cash diminuísse pelo que tinha ocorrido entre eles. Não queria que pensasse que tinha se aproveitado dela, ou que a tinha ferido.

— Que alegre está hoje — comentou Rory quando Tippy estava tirando o peru do forno.

— É que me sinto bem — murmurou ela.

— Então seu encontro de ontem à noite foi bem, não é? — perguntou o menino, com olhos maliciosos.

— Não esteve mau — admitiu ela.

— Esta manhã, quando ainda não tinha amanhecido ouvimos um louco afastar-se de carro a todo gás — balbuciou Rory sem olhá-la — Fora há marcas de pneu.

— Cash e eu tivemos... Uma pequena desavença — respondeu ela, também sem olhá-lo — Nada importante, não tem que se preocupar. Disse-lhe que o convite para jantar de hoje continua de pé.

— Cash não é exatamente o que parece — disse-lhe Rory com uma solenidade incomum para um menino de nove anos — Recebeu alguns golpes muito duros em sua vida, e logo que tem amigos.

— Sempre esqueço que o comandante Marist o conhece. — Rory assentiu com a cabeça.

— Cash me parece um ótimo sujeito, mas não quero que acabe machucando-a, irmã.

Rory estava dizendo unicamente o que ela mesma pensava, mas o ouvir o dizer a fez esticar-se. Estava enganando-se a si mesma. Tinha seduzido Cash, e de repente montou na cabeça todo um conto de fadas. Até seu irmão de nove anos tinha os pés mais no chão que ela.

Era uma tola de verdade se acreditasse que um homem que tinha levado uma vida cheia de perigos e aventuras iria querer se amarrar a uma mulher. Sobretudo depois de um casamento desastroso que o tinha destruído, e que ainda não tinha superado.

Cash não estava pensando em casamento. Ele mesmo o havia dito. De fato, em princípio nem sequer tinha querido tocá-la. Tinha sido ela quem se aproveitado de sua fragilidade e seu desejo. Tinha-o conduzido até sua cama, e ele tinha sido incapaz de resistir, mas nada disso implicava que a amasse. Nem sequer aquele apaixonado pedido que lhe tinha sussurrado de que lhe desse um filho implicava amor. Unicamente significava que se sentia sozinho, que tinha ciúmes do Judd Dunn, e que morreria para ter um filho. Ou seria, mas bem que lhe teria gostado que os filhos do Christabel tivessem sido deles, e não do Judd? Amaria-a ainda? Tippy se perguntou se teria rendido a sua sedução simplesmente para satisfazer o desejo por uma mulher que não podia ter.

Em um instante a situação se transformou por completo diante de seus olhos. A alegria a abandonou como a chuva que descarregam as nuvens. Rory contraiu o rosto.

— Sinto muito — murmurou, indo para junto dela e abraçando-a tão forte quanto pôde — Perdoe-me Tippy.

Os olhos da jovem se encheram de lágrimas, mas era muito orgulhosa para as derramar. Rodeou com os braços seu irmão e o apertou contra si sem poder evitar sentir-se enganada, completamente enganada.

— Este vai ser um Natal maravilhoso, já o verá — disse ao fim de um momento, secando as lágrimas discretamente antes de separar-se dele e lhe sorrir — Quer fazer você os biscoitos?

— Quer que possamos comer isso — perguntou o menino por sua vez.

Tippy se pôs a rir. Rory e ela sempre se deram muito bem, desde o momento em que se encarregou dele.

— Suponho que eu terei que fazê-las. Mas terá que entreter Cash se chegar enquanto eu ainda estiver na cozinha.

Rory lhe dirigiu um olhar travesso.

— Essa é minha especialidade, sim, senhor — disse-lhe subindo e baixando as sobrancelhas — Vou ver se encontro meu malabarismo e minha cartola...

Tippy lhe lançou o pano de chão, mas Rory já tinha saído da cozinha entre risadas. Tippy a recolheu do chão e foi pegar o azeite de oliva e o leite. Já sozinha, entretanto, mudou a expressão. O certo era que não tinha a mais mínima idéia de que Cash apareceria ou não, apesar do afeto que sentia por Rory. A noite anterior tinha acabado sendo um completo desastre, e tinha sido por sua culpa. Se não tivesse obrigado Cash a tomar uma decisão a respeito da atração mútua que havia entre eles, possivelmente ainda continuariam sendo amigos. E, partindo dessa base, possivelmente poderia fazê-lo se apaixonar de verdade. Em vez disso, seus sonhos tinham sido reduzidos a uma noite de paixão que para Cash, com uma longa lista de conquistas a suas costas, não passaria nunca de ser o que lhe havia dito: um romance de uma noite.

Tippy suspirou com pesar, desejando que houvesse algum modo de voltar no tempo e assim poder corrigir os maiores enganos que tinha cometido ao longo de sua vida. Por desgraça ante ela só se abria um caminho, e era o futuro.

Cash sim apareceu finalmente... No momento quando Tippy já o tinha tudo preparado na mesa, e estava roendo as unhas, nervosa.

O coração lhe deu um salto quando ouviu soar o timbre do porteiro automático. Rory foi ver quem era, e foi Cash quem respondeu.

— Em seguida lhe abro! — exclamou Rory, apertando o botão.

Tippy se tinha vestido um Top branco de seda, calças de veludo cor esmeralda, e tinha prendido o cabelo com um lenço. O conjunto tinha um ar de festa, mas também era informal. Não acreditava que Cash tinha se psoto muito elegante.

E não se equivocara. Cash tinha optado por ir de negro de novo: a jaqueta de couro, a camiseta, e as calças que levava eram dessa cor. Apenas a olhou, e esboçou um sorriso só porque Rory estava ali.

— Que bom aspecto tem tudo — disse.

— Não é nada especial, são só receita caseiras — respondeu Tippy — Sente-se. Rory reze a mesa? — murmurou, sentando-se em seu lugar.

O menino obedeceu com um grande suspiro, olhando pela extremidade do olho aos dois adultos enquanto recitava a oração.

Foi um jantar muito calado em comparação com a que tinham compartilhado no primeiro dia. Tippy se sentia muito mal porque teve a impressão de que tinha arruinado não só seu natal como e a de Cash, mas também a de Rory. Comeram virtualmente em silêncio até que terminaram o segundo prato.

— Tippy me perguntou se eu queria fazer os biscoitos — disse Rory a Cash — , mas lhe disse que se queria que pudéssemos comer séria melhor que ela as fizesse.

Cash se pôs a rir.

— É tão mau cozinheiro?

— Bom, Tippy me ensinou a fazer algumas coisas — respondeu Rory — mas o pão por exemplo me custa muito.

— A mim também — confessou-lhe Cash — O biscoito não me sai mal, mas estou acostumado a comprar esses envelopes preparados que se colocam em um molde e se colocam ao forno.

— Tippy não — replicou Rory — faz biscoito senhorio de verdade.

— É que tem uma irmã que vale muito — disse Cash sem olhar para a jovem.

E para o Tippy foi uma sorte que não o fizesse, porque se havia posto vermelha. Levantou-se como uma mola para ir cortar o bolo de cerejas que tinha feito, e para tirar do congelador uma caixa de sorvete de baunilha para acompanhá-lo.

A Cash não passou despercebido o ligeiro tremor de suas mãos, e se amaldiçoou por ter perdido a cabeça na noite anterior. Não era justo que Tippy estivesse recriminando-se quando a culpa do ocorrido era só dele.

Tippy cortou três partes de bolo e acrescentou em cima de cada um uma bola de sorvete, para levar a seguir os pires à mesa com um sorriso forçado.

— O bolo é dos que vêm preparado para assar porque se tivesse que fazê-lo, não teria dado tempo, mas o comprei em alguma outra ocasião e está bom.

— Está tudo perfeito, Tippy — disse-lhe Cash em um tom de desculpa.

Tippy não o olhou.

— Obrigada.

Cash se pegou o pedaço de bolo sentindo-se um miserável. Tippy estava se culpando por tudo, e quando ele partisse seria ainda pior, porque certamente acabaria convencendo-se de que não era muito melhor que uma prostituta, e não voltaria a aproximar-se dele.

Piscou, surpreso ante o fato de que a conhecesse tão bem. Tinha acusado Tippy de lhe ler a mente, mas ele mesmo parecia poder ler também na sua como se fosse um livro aberto. Isso era inquietante. Era como se estivessem... Conectados de algum jeito.

— Estava muito bom, Tippy — disse-lhe Rory quando limpou o prato — Quer que eu esfregue?

— Não precisa — respondeu ela imediatamente — Não me importo em fazê-lo.

— Deixe que Rory se ocupe disso — disse Cash com firmeza, ficando de pé — Quero falar contigo.

— Mas se não me importa, de verdade... — protestou ela.

Mas Cash já tinha agarrado sua mão e estava tirando-a da cozinha. Quando ficaram a sós no salão a olhou muito solene.

— Não deve se culpar por ontem a noite, Tippy — disse-lhe com firmeza — simplesmente aconteceu. Não se censure por isso. Aconteça o que acontecer, assumirei minha responsabilidade.

Tippy engoliu em seco. Não queria olhá-lo. Cada vez que o fazia não podia evitar voltar a ouvir em sua mente as coisas que lhe tinha sussurrado ao ouvido na noite anterior, na escuridão, enquanto faziam amor.

Cash tomou o queixo de Tippy e a levantou para que o olhasse, mas ao ver a expressão que havia em seus olhos o rosto se contraiu.

— Me solte, por favor — murmurou Tippy, afastando-se dele — Não sou uma menina. Não tem que se preocupar de que vá... De que eu vá persegui-lo, nem nada parecido.

Cash sentiu nojo de si mesmo. Fez muito mais danos do que tinha acreditado.

— Não pensei isso, Tippy; nem o pensaria nunca — replicou.

Tippy deu outro passo atrás, forçando um sorriso.

— Espero que tenha uma boa viagem de volta. Por favor, saúda Judd e a Christabel de minha parte. Suponho que agora Christabel estará muito feliz, com um marido que a adora, e dois bebês para criar. Tenho certeza que será uma mãe estupenda.

— Ela é — disse Cash, sem poder reprimir uma nota de ternura em sua voz.

Tippy, que sabia que Christabel tinha sido muito especial para ele, invejava-a, e odiava a si mesma por isso. Olhou por um instante Cash, e logo afastou o olhar.

— Vou ajudar Rory com os pratos, e lhe direi que venha para lhe dizer adeus. Obrigado por ter ido pegá-lo, pelo jantar e pelo balé.

Cash se estava zangando. Seus olhos negros flamejavam furiosos pela situação em que se encontrava. Estava certo de que se fizesse ou dissesse algo só pioraria ainda mais as coisas. Antes que pudesse ocorrer-lhe algo, Tippy partiu e Rory saía da cozinha e se plantava diante dele com um olhar curioso.

— Oxalá pudesse ficar mais tempo — disse-lhe — Este foi o melhor natal que já tive.

As palavras do menino, com o que Cash se afeiçoou ainda mais esses dias, emocionaram-no. Estendeu-lhe a mão, e Rory lhe deu um firme aperto.

— Se necessitassem de algo, Tippy tem meu número — disse-lhe — E se ela não estiver, ligue para a delegacia de polícia de Jacobsville e alguém já se encarregará de me buscar, combinado?

Rory lhe sorriu.

— Não acredito que necessitemos de nada, mas mesmo assim obrigado, Cash.

— Nunca se sabe — respondeu ele. Lançou um olhar em direção à cozinha — Cuide dela. É mais frágil do que parece.

— Não se preocupe por ela; estará bem — replicou Rory — É só que, até agora, cada vez que um homem se aproximou era porque queria algo dela, assim é normal que se deixou levar um pouco ao ter encontrado um que não procura nada, e ao que lhe cai bem simplesmente por ser quem é, sabe? — contraiu o rosto — Parece-me que só estou amarrando-o mais, mas é que não sei explicá-lo melhor.

— Entendo o que quer dizer, Rory — disse-lhe Cash, lhe pondo uma mão no ombro — Superará.

— Claro. Com certeza.

Nenhum dos dois acreditava, é óbvio.

— Cuide-se. Já nos veremos — prometeu-lhe Cash. Rory lhe sorriu.

— Você também. Não se meta em nenhuma briga. — Cash arqueou ambas as sobrancelhas.

— Farei se você tampouco o fizer.

Rory sorriu envergonhado.

— Tentarei.

— E eu também. Até mais tarde.

— Até mais tarde.

— Adeus, Tippy! — despediu-se Cash do vestíbulo.

— Adeus, que tenha boa viagem! — respondeu ela da cozinha. Não disse nada mais.

Cash abriu a porta e saiu do apartamento. Quando a fechou detrás de si, teve a sensação de que tinha deixado dentro parte de si.

CAPÍTULO 6

Tippy ficou muito deprimida quando Cash partiu. Sentia falta dele, e era curioso, porque não se conheciam há tanto tempo para isso. Claro que, para falar a verdade, tinham sido bastante rápido, e se tinham saltado alguns passos. Se os batimentos do coração aceleravam cada vez que recordava seu rosto, como poderia continuar vivendo sem ele?

Rory retornou à academia, e ela voltou para filmagem. Entretanto, em pouco tempo começou a sentir-se mal, e ao consultar o calendário de bolso no qual marcava suas regras, deu-se conta de que a noite que tinha passado com o Cash não tinha podido cair em pior data.

Além disso, esse mês ainda não tinha lhe vindo, e nunca se atrasava, nem sequer pelas exigências físicas de seu trabalho.

Preocupavam-na as cenas de ação que teria que fazer. Não diziam que era perigoso fazer exercício durante o primeiro trimestre de gravidez? Ou seria só uma história?

Um mês depois da partida do Cash comprou um teste de gravidez e a usou. O resultado foi exatamente o que tinha imaginado, e a deixou bastante angustiada. Não podia chamar Cash e destroçar sua vida.

Por outro lado, não podia evitar sentir-se feliz. Ia ter um bebê! Pareceria-se com ela, ou se pareceria possivelmente com Cash? Perguntou-se sonhadora. Talvez saísse a algum antepassado que nenhum dos tinha conhecido.

De repente se encontrou pensando iludida em fraldas, mamadeiras, nela lhe dando o peito... E Rory é certo que ficaria muito contente quando se inteirasse de que ia ter um sobrinho ou uma sobrinha.

Claro que teria que deixar de trabalhar, pensou. Não imediatamente, é obvio, só quando começasse a notar-se e aquilo podia lhe supor outro problema. No mundo do cinema ninguém se surpreendia de que as estrelas tivessem filhos sem estarem casadas, mas sua mãe poderia utilizar sua gravidez como uma arma contra ela. Apesar de seu escuso passado seria capaz de ir à imprensa marrom e lhes contar que andava por aí se deitando com qualquer um, e que não era uma boa tutora para seu irmão pequeno.

E ainda havia outra questão a ter em conta... Cash não queria casar-se. Era um solitário, e queria seguir sendo-o. Por muito que ansiasse ter um filho, para ele o que tinha havido entre eles tinha sido unicamente um romance de uma noite. Provavelmente o que lhe havia dito era a verdade, que lhe tinha sussurrado aquilo enquanto faziam o amor só para excitá-la. Os homens diziam coisas que não sentiam quando eram presas da paixão. Não era que soubesse por própria experiência, mas o tinha ouvido outras mulheres dizerem.

O que ia fazer? Não poderia ocultar sua gravidez por nove meses. E em algum momento teria que ir a um ginecologista. Sabia que as grávidas tinham que tomar algumas vitaminas, comer bem... Ao pensar em comer lembrou que ganharia peso, e isso também teria repercussões em seu trabalho, porque não lhe permitiam aumentar mais de dois quilos durante a filmagem; estava nas cláusulas de seu contrato. Não podia perder seu emprego. Não quando necessitava do dinheiro para pagar a academia de Rory, o aluguel do apartamento, os recibos...

Entretanto, queria ter aquele bebê. Pelas tardes, quando voltava do trabalho, sentava-se e ficava sonhando acordada, com esse dia. Esse pequeno seria carne de sua carne e sangue de seu sangue. Ia ser mãe e para isso suportaria grandes responsabilidades, é obvio, mas também alegrias. Deu-se um tapinha no ventre liso, e se imaginou o dia que por fim tivesse a seu filho nos braços. Suspirou, fechou os olhos, e continuou sonhando.

A realidade, por desgrça, era bastante mais crua. O primeiro ajudante de direção do filme que estava rodando tirou alguns dias de folga por motivos pessoais, e o segundo, um cara jovem e exigente chamado Ben, substituiu-o.

Ben estava empenhado em que tinha que saltar do terraço de um edifício do set a outro. Não é que houvesse muita altura, e havia poucas probabilidades de que saísse mal, mas ainda assim era arriscado.

— Não posso fazê-lo — disse Tippy com firmeza, colocando uma mão no ventre.

— Pois se não o fizer, estará despedida — respondeu Ben friamente.

— Estou grávida — replicou ela — Contrate a uma dublê.

— E que mais? Já estamos nos passando do limite, e eu estou com na corda bamba. Não podemos pagar a uma dublê e tampouco não necessitamos; esse salto não supõe nenhum perigo.

— Pode me garantir que se cair não farei mal nem a mim e nem ao bebê?

— Quantas vezes tenho que lhe dizer isso. Não lhe acontecerá nada! — disse ele impaciente.

— Está bem, está bem; se estiver absolutamente seguro... — balbuciou Tippy — Mas se por isso acabar prejudicando minha gravidez, juro que o farei pagar por isso — advertiu.

— Oh, estou tremendo de medo! Como se tivesse alguma influência com meu chefe, que dirige a atores de primeira linha! — replicou Bem — Mova esse traseiro!

Tippy retornou a seu posto, e sua mente se fechou ao set de câmaras, técnicos de som, maquiadores... A única coisa em que podia pensar era no que perderia se algo saísse mal. Nem sequer tinha chegado a dizer a Cash... Embora tivesse a intenção de fazê-lo; do mesmo modo tinha a intenção de ter umas palavras com o Joel Harper sobre aquele símio arrogante que estava sob suas ordens.

Nesse momento, entretanto, o que tinha que fazer era preparar-se para a cena. Fechou os olhos, pronunciou uma pequena oração silenciosa, pôs-se a correr, e saltou. Por desgraça, ao não levar postas os óculos, tinha calculado mal a distância, e sentiu que se precipitava pelo espaço entre os dois falsos edifícios. A queda a deixou prostrada no chão, com uma dor terrível no ventre, e de sua garganta escapou um grito.

Tippy podia caminhar, mas Joel Harper, que chegou quando estava ainda dobrada de dor, fez que pedissem uma ambulância de imediato. Já no hospital, enquanto a levavam a pavilhão de urgências, Ben tentou desculpar-se com seu chefe, que tinham estado chamando o de tudo de caminho dali.

— Está grávida, imbecil. Por que acha que tive tanto cuidado com ela durante a semana passada? — disse Joel — Se perder o bebê pode nos processar por uma demanda milionária, e estaria em todo seu direito. Maldito idiota!

— Mas, senhor... — protestou Ben, que estava lívido.

— Está despedido — cortou-o Joel. E não voltará a trabalhar comigo em nenhum outro filme! Fora de meu olhar!

Ben se afastou amaldiçoando sua sorte, mas não partiu, mas sim ficou a alguns passos, esperando que saíssem para lhes dizer como estava Tippy.

Joel Harper aguardou pacientemente até que se aproximou um médico para lhe falar.

— É casada? — perguntou-lhe o doutor.

— Não — respondeu Joel — Vive sozinha, e tem a seu cargo a seu irmão pequeno.

— Perdeu o bebê — disse-lhe o médico — Estaria com umas seis semanas. Está destruída, e não tivemos mais outra opção a não ser sedá-la.

Joel o olhou horrorizado, e se voltou para Ben, que tinha ouvido cada palavra e estava tremendo como uma folha.

— Filho de cadela! — resmungou, cuspidando essas palavras enquanto ia até ele e o agarrava pelo colarinho da camisa — Perdeu o bebê porque a obrigou a fazer uma cena perigosa que não deveria ter que fazer!

— Não é verdade! Fez porque o quis! — mentiu Ben — eu não a obriguei! Não lhe importava o bebê!

— Porco embusteiro!

Joel estava realmente furioso, e Ben, decidindo que o melhor seria fugir, voltou-se e saiu correndo. Nem Joel nem ele perceberam a presença de um homem com uma caneta e uma caderneta, que começou a escrever nela entusiasmado e tirou de seu bolso um celular. Era um repórter de um dos principais jornais do país. Tinham-no avisado de que um detento fugido e ferido tinha sido levado a hospital por seus captores, e tinha ido ali com a esperança de conseguir uma exclusiva. Entretanto, tinha conseguido algo melhor... Muito melhor.

— Me passe para a redação — disse — Harry? Anote isto: Tippy Moore, a deusa do mundo da moda, sacrificou seu bebê hoje para cumprir com o contrato de um filme...

Esse tipo de imprensa se vendia em todos os supermercados do país, e Jacobsville, Texas, não era uma exceção. Cash tinha ido depois de seu turno de serviço ao supermercado Jensen para comprar ovos, e encontrou ao chegar à caixa com um jornal que tinha em sua capa uma foto grande de Tippy, em que aparecia com um aspecto muito sofisticado, sobre a qual destacava em letras vermelhas um título que dizia que só lhe preocupava o sucesso, e que sua ambição a tinha levado a sacrificar o bebê que levava em seu ventre.

Cash ficou aturdido. Tippy tinha estado grávida, e com toda probabilidade o pai era ele. Segundo o jornal só estava de seis semanas quando ocorreu o acidente, e esse era exatamente o tempo que tinha passado desde que se despedissem um do outro em Nova Iorque.

— Que espanto, não é? — disse-lhe uma mulher mais velha, ao vê-lo com os olhos presos ao jornal — Esteve aqui o ano passado, fazendo um filme. Uma garota muito bonita... Suponho que hoje em dia para as mulheres não importam muito formar uma família, nem construir um lar. Pobre criatura... Seis semanas... Enfim, possivelmente seja o melhor. Que tipo de mãe poderia ter sido uma mulher assim?

Cash logo que ouviu uma palavra. Pagou sua compra, com o rosto lívido, e se voltou para casa. Nem sequer acendeu a luz. Simplesmente se sentou na escuridão, com a sensação de que a história voltava a se repetir.

Tippy estava tão destroçada pela perda do bebê, que se sentiu incapaz de voltar a trabalho apesar de que em menos de vinte e quatro horas esteve fora do hospital sem nenhum outro dano físico.

Joel Harper lhe havia dito que interrompeu a filmagem das cenas que faltavam até que se sentisse com forças para voltar a trabalhar, que contratariam uma dublê, e se tinha desculpado uma e outra vez pelo que tinha feito seu ajudante. De fato, ele mesmo tinha iniciado um processo, e tinha insistido para que Tippy para que iniciasse também ações judiciais.

Para Tippy aquilo era o que menos lhe importava. Estava desolada, e nem sequer podia chamar Cash e lhe dizer o mal que sentia, porque estava certa de que já teria lido o que a imprensa marrom tinha escrito sobre o assunto. Pensaria que era certo, que o tinha feito deliberadamente, igual a sua ex-mulher, que não tinha querido ter o filho dele. Possivelmente inclusive pensaria que com isso tinha pretendido vingar-se dele por que a houvesse desejado. E isso era certo, não o era. Tinha querido ter aquele filho... Com toda sua alma.

Joel Harper estava tão preocupado com ela, que ligou para a academia militar de Rory e lhe explicou a situação ao comandante Marist. Este pôs ao menino no primeiro avião que saía no sábado para o aeroporto do Newark, em Nova York e Joel, que tinha pago o bilhete, foi pegá-lo.

— Como está minha irmã? — perguntou-lhe Rory.

— Tem lido os jornais? — respondeu Joel enquanto o conduzia a uma limusine negra que estava esperando-os no estacionamento.

— Sim — respondeu o menino com tristeza — Na realidade mas bem me contaram isso meus companheiros.

Joel contraiu o rosto.

— Não pensava te fazer vir, Rory, mas ultimamente Tippy não é a mesma.

— Sei — disse-lhe Rory — Ontem foi meu aniversário e não me ligou, e isso é muito estranho nela. Sempre me envia alguma coisa, e sempre liga.

Joel suspirou enquanto o menino entrava no veículo.

— Está muito deprimida, e não há nada que a faça sair de seu estado. Precisa ter a alguém com ela.

Rory estava tentando conter suas emoções, mas tinha os olhos cheios de lágrimas.

— Sabe quem é o pai, não é verdade? — perguntou-lhe Joel — Acha que viria para vê-la se o chamássemos?

— Talvez — respondeu o menino — mas antes de chamá-lo quero falar com Tippy.

Joel não pôde sentir-se menos impressionado com a sensibilidade do garoto, que parecia muito amadurecido para sua idade.

— Combinado — disse— , esperamos.

Tippy estava no apartamento, sentada com camiseta e calças de moletom frente ao televisor, vendo um filme antigo, quando soou a campainha do porteiro automático. Levantou-se sem vontades para responder, mas ao ouvir a

voz de Rory lhe faltou tempo em deixá-lo subir, e assim que cruzou a soleira o estreitou com força entre seus braços.

Chorava como uma menina, enquanto Rory lhe dava tapinhas nas costas e tratava de consolá-la. Joel ficou só uns minutos, e logo os deixou sozinhos, prometendo retornar no dia seguinte pela tarde para levar Rory ao aeroporto, na volta a Maryland.

Rory se sentou no sofá junto a sua irmã, mais preocupado que antes ao ver por si mesmo como que estava, e quão tensa parecia. Em seus olhos havia tanta dor, que logo que podia suportar olhar o rosto.

— Joel quer que chame Cash — começou vacilante.

— Não!

— Mas, Tippy... — pediu ele.

— Não, por favor, me escute — cortou sua irmã — tem que me prometer que não entrará em contato com ele. Prometa-me isso Rory!

— Mas saiu em todos os jornais — insistiu o menino — A esta hora já saberá...

— Rory, pode te custar um pouco para entender isto — disse Tippy com voz rouca — mas Cash esteve casado, e sua esposa... Abortou... Porque não queria ter um filho dele. Não o superou ainda. Não quer voltar a casar-se, e na realidade tampouco quer um filho, mas me culpará de toda maneira por havê-lo perdido. Me... Odiará — sentiu uma forte pontada de dor, e fechou os olhos — Eu queria ter esse bebê... Desejava-o tanto! Mas Cash nunca acreditará. Odiará-me toda a vida, Rory; odiar-me-á porque não me neguei a fazer aquela cena. Pensará que o fiz deliberadamente, não o vê? Além disso — acrescentou com um suspiro — se inteirou, suponho que agora mesmo estará sentindo muito mal, inclusive pior que eu, assim não acredito que devamos lhe fazer mais danos.

Rory não acreditava que Cash fosse capaz de culpá-la pelo ocorrido. Possivelmente não o conhecesse muito bem, mas estava convencido de que nunca faria algo assim. Não, é obvio que não.

Essa mesma fé cega, entretanto, fez que o golpe fosse ainda pior quando, enquanto Tippy tomava uma ducha, chamou à delegacia de polícia de Jacobsville e Cash se negou a falar. Pendurou o telefone sentindo-se só e assustado, mas não disse a Tippy uma palavra sobre essa chamada.

O dia depois de ler sobre o aborto de Tippy na imprensa, Cash não foi ao trabalho, mas ao seguinte já se reincorporou. Queria aparentar que não lhe tinha afetado, mas de repente tinha começado a comportar-se de um modo irascível e tudo parecia cair mal. Ninguém sabia a que se devia essa mudança, é obvio, porque não sabiam que ele era o pai do filho que Tippy Moore tinha perdido.

Judd o suspeitava, mas não se atrevia a perguntar a Cash por temor de acabar com um olho arroxado. Contudo, dias depois se surpreendeu ao escutar um dos homens lhe dizendo a outro que Cash tinha dado instruções de que não lhe passassem chamadas de ninguém com o nome Danbury.

Danbury era verdadeiro sobrenome do Tippy. O tinha revelado um dia, quando estava rodando aquele filme no rancho onde vivia atualmente com sua esposa Christabel.

— Quem era? — perguntou preocupado. O agente se encolheu de ombros.

— Um menino que se chamava Danbury.

— Também há dito Cash que não lhe passem chamadas de meninos?

O agente o olhou com o cenho franzido.

— Se não se importar que te quebre o nariz, você diga-lhe — balbuciou — Já me tem cansado hoje uma boa, e não sou masoquista.

Judd entrou no escritório de Cash sem chamar, e o observou em silêncio antes de falar.

— Está com uma cara horrível— disse-lhe.

Cash não levantou o olhar.

— Estou ocupado.

Judd fechou a porta e se sentou em uma esquina do escritório.

— Não acredito que foi deliberado.

Cash lhe lançou um olhar furioso.

— Por que não? Minha ex-mulher o fez! — Judd ficou estático.

— As mulheres não querem crianças; dão muito trabalho. Querem somente uma carreira!

— Oh, claro — balbuciou Judd, perdendo a paciência — por isso Tippy se fez encarregou seu irmão pequeno e está o criando.

Cash o olhou fixamente, mas não disse nada. Entretanto, suas palavras pareceram suavizar um pouco suas endurecidas feições.

— Até no caso de que Tippy o tivesse feito deliberadamente, o menino não tem a culpa — disse Judd com frieza, ficando de pé — Não deveria descontá-lo ele.

— Não me descontei nele — defendeu-se Cash.

Judd soprou.

— Um dos homens acaba de lhe desligar o telefone dizendo que segue ordens suas — disse-lhe, assentindo com a cabeça quando Cash o olhou horrorizado — Se eu fosse você tentaria contatá-lo, e me desculparia. Se te chamou só pode ser porque esteja preocupado por sua irmã — acrescentou olhando-o irritado — Suponho que se deve ter engravidado por obra do Espírito Santo. Girou-se sobre os calcanhares e saiu da sala, deixando ao Cash desprezando-se a si mesmo.

Tinha-lhe doído que Tippy não lhe houvesse dito que estava grávida, e ter acabado inteirando-se pela imprensa. Mas ainda mais lhe tinha doído ler que, apesar de ter sabido que o estava, não se tivesse negado a fazer aquela cena de risco. Havia-lhe dito que chegado o momento assumiria sua responsabilidade, mas não o tinha chamado.

E por que, perguntou-se se sentindo mal, deveria havê-lo feito, quando lhe tinha dado todas as razões para acreditar que não queria saber nada dela, nem desse possível filho? Não poderia lhe haver deixado mais claro que não queria que lhe desse problemas. De fato, se Tippy, já por si mesma, tinha pouca auto-estima, sua atitude não devia havê-la ajudado em nada. Rory devia estar verdadeiramente preocupado para haver-se decidido a chamá-lo. Ao menos o fato de que o tivesse feito significava que não estava zangado com ele, mas também que suspeitava que era o pai do bebê que sua irmã tinha perdido.

Entretanto, seguindo suas instruções, um de seus homens lhe havia dito que não queria falar com ele, e certamente o menino estaria sentindo-se traído.

Apesar dessa sensação de culpa, não lhe retornou a chamada. Não queria falar com o Tippy, nem tampouco falar dela... Ainda não, não até que pudesse perdoá-la pelo que tinha feito.

— Sabia que sua carreira era importante para dinheiro. Necessito-o. Mais te vale me enviar dinheiro, ou direi ao Sam que o consiga como é. Conhece gente em Manhattan; pode se colocar em um montão de problemas. Espera e verá.

— É o ser mais ruim e desprezível que... — murmurou Tippy sem fôlego
— Não sei como suporta se olhar ao espelho cada manhã.

— Me mande um cheque, ou se não...

E a linha se cortou.

Depois daquela chamada Tippy passou vários dias furiosa, perguntando-se como teria sido ter uma mãe que a tivesse querido, que a tivesse protegido. Se tivesse podido ter uma mãe assim...!

Por desgraça, entretanto, não podia trocar a realidade de que sua mãe era o que era. Como tinha temido, queria mais dinheiro, mas o que lhe havia dito era a verdade: tinha ficado sem trabalhar pelo que tinha passado, e não receberia o cheque até fim de mês. Enquanto isso, entretanto, tinha que pagar a mensalidade da academia de Rory, o aluguel do apartamento, e as faturas da luz, o gás... Rompeu em uma risada histérica. Acabaria morrendo de fome, enviariam Rory a um centro de apoio, e sua mãe iria contar lhe à imprensa quão ingrata era sua filha com ela, e o mal que a tratava.

Tirou uma garrafa de uísque no armário, e pegou um copo. Era fim de semana, não tinha que trabalhar, e podia fazer o que quisesse, disse-se. Se ia perder o tudo, ao menos tinha o álcool para afogar um momento nele suas penas.

Logo chegou o mês de abril, e com ele as férias da Semana Santa. Rory voltou para Nova Iorque de trem para passá-las com sua irmã, mas a Tippy que foi pegá-lo na estação era muito diferente da que o menino recordava: tinha perdido muito peso e a via frágil. Sorriu-lhe e o abraçou, mas havia um olhar vazio em seus olhos, e havia sombras escuras debaixo deles. Parecia uma morta viva.

— Voltou para trabalho? — perguntou-lhe Rory preocupado.

Tippy assentiu com a cabeça.

— Acabaremos a filmagem a semana que vem — disse-lhe muito apagada — Joel me procurou uma outra... Um pouco cedo, não acha? — acrescentou com uma risada nervosa — embora, bom, que diabos, já sabe o que dizem: mais vale tarde que nunca!

— Tippy... Está bem? — perguntou Rory.

— Claro que estou bem! — respondeu ela, com um entusiasmo claramente fingido — Verá que bem o vamos passar... Fiz um bolo, e lhe desenhei em cima uma cara sorridente.

— Já estou um pouco grande para bolos com caras sorridentes — murmurou Rory.

— Bobagens — replicou ela — Nós vamos passar isso muito bem. Seremos como... Como uma família.

Quando foram caminhando para o táxi, Rory se deu conta de que ela cambaleava um pouco.

— Esteve bebendo! — acusou-a em voz baixa, com evidente assombro — Não deveria beber, Tippy Quer acabar como nossa mãe?

Aquele comentário pareceu incomodar a sua irmã, mas logo riu, como negando que aquilo pudesse chegar a passar.

— Digo-lhe isso a serio, Tippy, pode acabar se convertendo em uma alcoólatra — insistiu o menino.

Tippy riu de novo, essa vez de um modo um tanto escandaloso.

— Rory, pelo amor de Deus... Só me tomei um par para relaxar, isso é tudo. E não comece a me fazer sermões — disse, lhe dando logo um abraço — É um encanto... E me alegra tanto tê-lo outra vez comigo...

— Eu também — respondeu ele, mas não sorriu.

Essa noite, chamaram por telefone, mas quando Rory foi responder penduraram imediatamente. Tippy tinha um desses aparelhos de identificação de chamadas, mas na tela só punha: «número oculto». Possivelmente tivesse sido Cash, pensou o menino esperançoso. Não tinha tentado voltar a chamá-lo, mas

possivelmente ele tinha estado pensando em Tippy e nele e tinha decidido lhes dar um toque.

— Soube alguma coisa de Cash? — perguntou-lhe abruptamente a sua irmã.

O rosto do Tippy se contraiu.

— Não! — respondeu zangada — e não quero saber nada mais dele! Se lhe importasse pelo menos um pouco, me teria ligado há semanas.

— E você não tentou ligar? — Tippy o olhou irritada.

— Por que ia ligar? Odeia-me.

— Isso não sabe.

— Sim que sei — respondeu ela com absoluta certeza, servindo-se um pouco de uísque em um copo e apurando o de um gole — dá no mesmo.

Rory sabia muito bem que aquilo não era certo. A indiferença de Cash a estava matando, disse-se observando angustiado sua cara gasta, a magreza de seu corpo... Como gostaria de poder ser mais velho e saber o que fazer...!

Justo quando Tippy se estava servindo outro copo, bateram na porta. Ao abrir, Rory se encontrou com seu amigo Dom, que parecia contrariado.

— Olá, Rory. Acabamos de chegar da compra e lá embaixo há um cara que diz que a conhece. Pediu-me que desça porque quer falar contigo.

— Cash! — exclamou Rory — É Cash?

O outro menino se encolheu de ombros.

— O amigo de sua irmã? Não estou certo. Só o vi uma vez. O cara que está lá embaixo tem um chapéu enterrado até os olhos, e um casaco comprido...

— Tem que ser Cash! — disse Rory muito excitado — Vou descer para vê-lo. Não diga nada para minha irmã? — acrescentou a toda pressa.

— O que você disser. Ouça, gostaria de ir amanhã à pista de patinação sobre gelo com minha mãe e comigo?

— Já te direi. Obrigado, Dom!

— De nada.

Rory ia atravessar a soleira, mas vacilou um instante.

— Vou um minuto para a casa de Dom! — gritou a Tippy voltando-se —
Volto em seguida!

— Combinado. Mas não vá há lugar nenhum sem me dizer isso antes! —
respondeu-lhe ela, recordando as ameaças de sua mãe.

— Fique tranqüila, não o farei!

Rory saiu, fechando detrás de si, e desceu as escadas.

Uma hora mais tarde Tippy se deu conta de que o «minuto» de Rory se
estava alongando muito. Soltou o copo de uísque, e tratou de pôr sua mente em
funcionamento. Rory havia lhe dito que ia para casa de Dom. Foi até mesinha do
telefone, e chamou o número.

— Não, Rory não veio até aqui — respondeu surpresa a mãe de Dom —
Está certa que lhe disse que viria aqui?

O coração deu um salto.

— Sim. Sim, tenho certeza.

— Espere um momento — pediu-lhe a mãe de Dom. Ouviu-a chamar seu
filho, e logo os ouviu falando — Acabo de perguntar a Dom — disse-lhe em um
tom preocupado — diz que lá embaixo havia um homem, e que lhe perguntou se
podia pedir a Rory que descesse. Rory acreditou que era seu amigo... Cash é
assim como o chama, não? Mas Dom diz que ele não o reconheceu. Diz que usava
um chapéu e um casaco, e que tinha um aspecto misterioso.

Tippy lhe agradeceu e desligou. O medo subia pela garganta. Estava
segura de que o desumano namorado de sua mãe tinha Rory, estava segura..., Mas
sua mente estava confusa pelo álcool, e não sabia o que fazer. De repente soou o
telefone. Levantou o telefone.

— Temos Rory — disse uma voz familiar, que a fez estremecer — Terá
que nos dar cem dos grandes, ou lhe enviaremos seu cadáver. Não chame os
federais. Amanhã pela manhã nos poremos em contato contigo para lhe dar
instruções. Durma bem, preciosa — acrescentou sarcásticamente... E desligou.

Tippy estava tremendo de medo. Era Sam; sabia que era Sam, e
também que falava sério. Nunca havia deixado de temê-lo, nem sequer com o
passar dos anos, depois de haver fugido de casa. Não podia permitir que fizesse

mal a Rory... E estava segura de que seria capaz de fazê-lo embora fosse seu pai, porque aquele inseto era incapaz de gostar de alguém.

Com mãos tremulas agarrou a bolsa e procurou em sua agenda o número de Cash. Provavelmente não iria querer falar com ela, mas tinha que tentar.

Quando acabou a filangem em Jacobsville, Cash tinha lhe dado o número de seu celular. Não estava certa de que continuava sendo esse número, mas ainda assim o chamou.

Esperou um tom, dois, três, quatro... Seus lábios pronunciaram uma oração silenciosa: «por favor, Meu deus, faz que responda; faz que responda...». Cinco tons... Seis... A Tippy lhe caiu a alma aos pés. É que nem sequer ia responder?

— Diga? — respondeu uma voz profunda ao outro lado da linha.

— Cash! — exclamou Tippy — Tenho que falar contigo; necessito de sua ajuda!

— Necessita de ajuda? Va para o inferno! — gritou-lhe ele, em um arranque de ira.

— Só lhe peço que me escute — disse Tippy com firmeza — Por favor... Trata-se de algo sério!

A voz do Cash soou gélida quando lhe respondeu.

— Não tenho nada que falar com uma mulher como você, Tippy. E me faça um favor: não volte a me chamar.

— Cash, por amor de Deus...! — gemeu ela se desesperada, mas a comunicação já se cortou.

Voltou a chamarr, mas esperou vários tons em vão. Sabia que Cash não ia responder, e sabia que tampouco tinha caso tentar contatar com ele em outros números, como o da delegacia de polícia.

Estava certa de que Cash teria tentado ajudá-la se tivesse sabido o que o tinha ocorrido a Rory, mas, como podia dizer-lhe se negava a escutá-la?

Amaldiçoou entredentes enquanto pensava no que podia fazer. Tinha que salvar Rory! Em um impulso, ligou para o número da casa do Judd, mas ninguém respondeu, nem sequer Christabel.

Serviu-se de uma xícara de café puro e o bebeu com a esperança de que lhe clareasse a mente. A única outra possibilidade que tinha era conseguir reunir

o dinheiro do resgate. Joel! Joel Harper! Se conseguisse entrar em contato com ele...!

Ligou para o número de sua casa, mas a secretária eletrônica a atendeu. Tentou o do estúdio, mas lhe disseram que não estavam ali nem ele, nem ninguém de sua equipe; foram preparar as coisas no lugar onde foram rodar o novo filme, já que a que ela participava estava quase terminada. E não era precisamente perto: nas selvas do Peru, nada menos, onde seu celular nem sequer teria cobertura.

Tippy tentou chamar depois um diretor do estúdio, mas lhe disseram que também estava fora, e que não voltaria em uma semana. Podia ter tidopior sorte? Perguntou-se desolada. Não podia conseguir ajuda, e estava sozinha naquilo. Pensou em chamar à polícia, mas temia que pusessem em perigo a vida de Rory, entrando com suas pistolas onde o tivessem retido e que comesçassem a disparar. Não lhe ocorria nada mais.

Desligou o telefone com um pesado suspiro. Seria-lhe impossível reunir para a manhã seguinte a quantidade de dinheiro que Sam queria. Não tinha mais que mil dólares em sua conta corrente, tinha esgotado o crédito de todos seus cartões de crédito, e tinha empenhado suas jóias para poder pagar as mensalidades da academia de Rory até o verão. Não tinha nada mais do que atirar, nem tinha nada que pudesse utilizar como aval para pedir um empréstimo.

Só havia uma solução possível: oferecer-se em troca do Rory, e lhe dizer a Sam que entrasse em contato com a produtora para pedir o resgate. Não sabiam que Joel estava fora do país, e se jogasse bem suas cartas poderia convencê-los de que podia ser um refém mais valioso que Rory, e que a produtora estaria disposta a pagar o que quisesse por sua liberação.

Seria uma mentira colossal, é obvio, porque a companhia não teria mais sorte que ela para encontrar a alguém que pudesse reunir a soma que pediam, mas aquela mutreta poderia salvar ao Rory.

Serviu-se outro café, e permaneceu a noite toda junto ao telefone, aguardando que Sam voltasse a chamar. Enquanto ficou ali sentada, desesperando-se, não pôde evitar pensar no que seria para ela ficar voluntariamente nas mãos de Sam Stanton. Recordava muito bem o medo, a dor, e a angústia que aquele homem lhe tinha causado no dia em que a violentou, anos atrás. Ainda lhe tinha um medo atroz. Era muito violento, e ficaria incontrolável quando descobrisse que não ia tirar lhe nenhum dinheiro nem dela nem de seus chefes. Com sorte unicamente a mataria. Tomou outro gole de café, e se perguntou se as coisas teriam sido diferentes se não tivesse feito amor com o Cash aquela noite, ou se tivesse negado a fazer aquela cena, ou se...

O mais importante para ela era a segurança do Rory. Seu irmão pequeno ainda era um menino, queria-o com toda sua alma, e não merecia morrer.

Tomou de novo a xícara de café, e antes de apurar seu conteúdo se disse em voz alta:

— Pode fazê-lo, garota, pode fazê-lo.

Levantou a xícara como se fosse um copo de uísque, e brindou a sua saúde:

— Pelos que têm mais guelra que cérebro, e quando são derrubados caem envoltos nas chamas da glória — murmurou.

Momentos depois soava o telefone. Com sangue-frio e aprumo fingido, fez a Sam a proposta de trocar-se pelo Rory. Ele o considerou um momento, discutiu-o com alguém a seu lado, e finalmente concordou e lhe deu um endereço.

— Tome um táxi, e não avise a ninguém — ameaçou-a — Se o fizere matarei o menino antes de que chegue. Entendeu?

— Claro, querido — respondeu Tippy, pondo um tom mais sarcástico que pôde.

— E não se distraia — resmungou Sam, desligando.

Tippy repassou mentalmente as aulas de artes marciais que tinha recebido. Pensou em levar a navalha que tinha usado no filme. Era certo que não sabia como usá-la, mas tinha uma lâmina longa e afiada. Se tivesse a oportunidade, por menor que fosse, faria Sam Stanton pagar por tudo o que tinha feito em sua miserável vida. Cash o lia nos jornais, pensou friamente, e esperava que sua consciência o torturasse cada vez que se lembrasse dela.

CAPÍTULO 7

Quando chegou ao aeroporto, Cash tomou um táxi para ir à casa do Tippy. Não tinha querido viajar de carro porque teria demorado muito mais, e a frenética chamada da jovem o tinha deixado preocupado. Não sabia o que poderia ter ocorrido, mas tinha uma sensação estranha na boca do estômago, como um pressentimento de que algo ia mal. Tinha que averiguar o que era.

A lembrança da atormentada voz de Tippy o tinha açoitado desde aquela chamada, e não podia tirá-la da cabeça. No final tinha acabado telefonando, simplesmente para assegurar-se de que estava bem. O número do telefone que tinha chamado era o do Tippy, mas não foi Tippy quem respondeu.

De fato, o que o tinha levado a Nova Iorque era a voz que tinha respondido. Era a voz de um homem, séria e áspera, e ao perguntar por Tippy, depois um frio silêncio do outro lado da linha. O homem lhe perguntou o que queria. Cash, cada vez mais inquieto, disse-lhe que o que queria era falar com o Tippy Moore. Produziu-se um novo silêncio, e o homem lhe disse que não podia falar nesse momento, e que chamasse o dia seguinte, e desligou.

Cash se tinha ficado com o telefone na mão um longo momento depois de que a comunicação foi cortada. O medo se apoderou dele. Tinha acontecido algo com Tippy. Havia homens em seu apartamento controlando as chamadas... Gente da polícia. Sabia pelo tom que tinha empregado seu interlocutor... A tipo de tom que se usava nos casos de seqüestro, e que ele mesmo tinha utilizado naqueles que tinha ajudado a resolver.

Não podia chegar ao fundo da questão por telefone, assim disse a todo mundo que se produziu uma emergência familiar, pegou uma permissão, deixou Judd ao mando, e tomou o primeiro avião para Nova Iorque.

Após lhe tinha dado voltas e mais voltas a essa chamada. Havia policiais no apartamento de Tippy e estavam controlando as chamadas, como se estivessem esperando a de alguém em particular. Cash pensou na mãe de Tippy e o pai de Rory, e nas ameaças que a jovem lhe havia dito que lhe tinham feito. E se tivessem raptado Rory? Aquilo explicaria por que Tippy quase se havia posto histérica quando lhe havia dito que não queria falar com ela. Tinha-o chamado para lhe pedir ajuda, e lhe tinha respondido de maus modos e lhe tinha desligado. Fechou os olhos, sentindo uma pontada de culpa no peito. Se acontecesse algo a Rory ou a Tippy por lhe haver negado essa ajuda, não poderia continuar vivendo. Entretanto, havia algo que não se quadrava: se era Rory quem estava em perigo, por que não tinha respondido Tippy ao telefone em vez de um agente da polícia?

Pagou ao taxista, acrescentando uma gorjeta, desceu do veículo, e em um par de passos estava na entrada da casa de Tippy. Chamou a campainha do porteiro automático.

— Quem é? — respondeu uma voz de homem, a mesma que tinha respondido a sua chamada essa manhã.

— Sou um velho amigo do Tippy Moore... Seu companheiro de trabalho — mentiu Cash.

Houve uma pausa, e de repente se ouviu a voz angustiada de um menino:

— Deixem-o subir! Por favor!

Rory! Cash apertou os dentes com intenção de manter a calma. Rory estava ali, não o tinham seqüestrado... Entretanto, parecia muito alterado. Tinha que ter ocorrido algo a Tippy.

Houve outra pausa.

— Está bem, suba.

Abriam-lhe o portão, e Cash entrou. Subiu as escadas com pressa, mas tratou de controlar-se um pouco quando chegou à porta de Tippy. Rory abriu espaço entre os homens que o estavam esperando, e se lançou em seus braços, chorando.

— O que está acontecendo? O que aconteceu? — perguntou-lhe suavemente, abraçando-o com força.

— Conhece menino? — perguntou-lhe um dos homens.

Cash ficou observando-o. Parecia-lhe familiar, mas não podia recordar de onde o conhecia... Até que caiu a ficha: era um agente do FBI com o qual tinha trabalhado anos atrás.

— O que aconteceu a Tippy? — perguntou Cash sem lhe dizer nada ao indivíduo, já que não parecia havê-lo reconhecido.

— Isso não é assunto seu.

— Não pode entrar e tomar um café? — pediu Rory ao homem — É um bom amigo de minha irmã.

— Sabe onde está? — perguntou-o agente ao Cash com um olhar desconfiado.

— Estará trabalhando, suponho — mentiu Cash — Não é assim? — perguntou a Rory.

O menino o olhou com olhos angustiados, mas não respondeu; não estava autorizado a lhe responder isso.

— Sim, isso, está trabalhando. Tem cinco minutos; logo o quero fora daqui — disse o homem a Cash — Estamos esperando uma chamada.

Cash seguiu ao Rory até a cozinha, e abriu a torneira para que não pudessem ouvi-los falar. Voltou-se para o Rory com um olhar implacável.

— Fala; depressa — disse-lhe.

— Sam me raptou para tirar dinheiro de Tippy — explicou-lhe Rory em voz baixa — mas ela não tinha a quantidade que lhe pedia porque não receberá até que se estréia o novo filme, assim que se trocou por mim — acrescentou, a beira das lágrimas — Disse ao Sam que pedisse o resgate para produtora para a qual trabalha.

O coração de Cash deu um salto.

— A matarão — disse antes de poder conter sua língua.

— Ela sabe. Deu-me um beijo para despedir-se de mim quando me deixaram partir, e me disse que sabia o que estava fazendo, que sua vida não importava — respondeu Rory, engolindo em seco — Desde que perdeu o bebê já não lhe importa nada. Disse-me que voltasse para casa e que não pensasse nela, que não lhe importava que a matassem, porque assim acabariam com sua dor... Cash! — exclamou dolorido quando o agarrou bruscamente pelos braços.

Cash balbuciou uma desculpa.

— Mas... Nos jornais dizia que tinha feito aquela cena até sabendo que era perigoso em seu estado... — resmungou.

— Isso é mentira. O ajudante de direção lhe jurou que não lhe aconteceria nada — replicou Rory — e quando o senhor Harper se inteirou do que tinha feito o despediu... Mas já era muito tarde.

Cash fechou os olhos atormentado, recordando as coisas tão duras que havia dito a jovem. Tippy ia morrer, e era todo culpa dele. Tinha-o chamado para lhe pedir ajuda, mas ele a tinha negado, e não tinha visto outro remédio mais que trocar se por Rory... Entregando-se a um homem ao qual tinha verdadeira razão para temer.

— Cash, por favor, reaja! — vaiou-lhe Rory de repente, sacudindo-o — Temos que salvá-la!

Cash tinha se posto lívido, e estava tentando controlar sua agitada respiração ao mesmo tempo em que se esforçava para não pensar no que Tippy poderia estar passando nesse mesmo instante.

— Cash! — insistiu-lhe Rory.

Nesse momento ele parecia o adulto e Cash o menino assustado.

— Está bem — disse Cash finalmente — Eu me ocuparei.

— Não acredito que estes tipos saibam o que estão fazendo — disse-lhe Rory preocupado — Estão aí sentados, esperando que soe o telefone, mas duvido que Sam esteja tão louco para ligar para cá. Irão chamar à produtora, mas Joel Harper está fora do país e não há forma de entrar em contato com ele, e nenhuma das pessoas que ficam aqui pode autorizar o pagamento do resgate sem seu consentimento. Vão a matá-la, Cash, sei que o farão.

— Como conseguiu Stanton chegar até você? — apressou a lhe perguntar Cash. Os homens na sala contígua ficaram de repente muito calados.

— Disse a meu amigo, que vive aqui ao lado, que queria que descesse, mas eu acreditei que se tratava de você — respondeu Rory, apertando os olhos — Sam tem um primo que vive nos bairros baixos deste zona, não muito longe daqui. Seu pai tem um bar. Pertence a uma banda, e tem contatos com a máfia.

— Como se chama?

— Alvaro não sei o que. Montes, acredito. O bar se chama «A corrida» e está perto da rua dois.

Cash olhou para a porta, aonde tinham aparecido os agentes, que estavam olhando-o desconfiados. Um deles era moreno, e só um pouco mais velho que Cash. O outro, ao que Cash conhecia, era mais alto, de cabelo grisalho, e tinha uns cinquenta anos. As feições de seu rosto pareciam de aço.

— Acabaram seus cinco minutos — disse o alto a Cash — Sabe? Sua cara me soa de algo... — acrescentou.

Cash sorriu.

— Possivelmente tenha me visto em alguma filme. Viu A bailarina? Eu fazia o papel de garçom... — O homem o olhou com desdém.

— Eu não gosto dos musicais.

Cash baixou o olhar para o Rory, tomando cuidado de que seu rosto não deixasse entrever nada.

— Quando sua irmã voltar jogaremos essa partida de xadrez que lhe prometi — disse-lhe para despistar — Não irá deixá-lo muito tempo sozinho aqui, verdade?

— Não estará sozinho — balbuciou o tipo alto com aspereza — ficaremos com ele até que sua irmã retorne.

Cash tirou um cartão visita e a entregou ao Rory.

— Tenho um pequeno negócio perto daqui — explicou aos homens com um sorriso — para ter algo com o que poder comer entre filme e filme... Assim o menino poderá me chamar se necessitar de algo quando Tippy não esteja em casa.

Os agentes o olharam ainda com maior receio.

— Me deixe ver esse cartão — disse o mais baixo ao Rory.

O menino olhou para Cash, que voltou a tomar o cartão de suas mãos e a entregou aos agentes. Nela punha: «Para que se sinta como se fosse em casa quando está longe de casa, A guarida do Smith, Brooklyn, N.Y », e debaixo havia um número de telefone.

— Esse é seu nome? Smith? — perguntou-lhe um dos homens ao Cash.

— Esse sou eu. Um nome fácil de recordar, verdade? — acrescentou com um sorriso encantador. Era uma sorte que levasse um desses velhos cartões.

O agente a devolveu a Rory.

— Se algo lhe fizer falta entrará em contato com você — disse a Cash — Agora saia daqui.

— Te cuide, Rory — despediu-se ele com uma inclinação de cabeça, para lhe indicar que tudo ficaria bem.

Rory imitou seu gesto, mas não se sentiu mais calmo. Não sabia como poderia Cash resgatar Tippy sozinho. Aquilo não ia ser nada fácil.

Cash estava pensando o mesmo enquanto saía do apartamento. Tirou o telefone celular que reservava para as emergências, e chamou um número.

— Peter? — perguntou quando alguém respondeu ao outro lado da linha
— Sou Grier. ... Bem, e você? ... Preciso que me faça um favor.

— O que te faz falta? — respondeu o outro homem.

— Uns trezentos mililitros de C4, uma faca K-Bar, corda, um revólver automático do quarenta e cinco, um par de granadas cegadoras, e transporte para ir ao Brooklyn.

O homem do outro lado da linha pôs-se a rir.

— Sem problema, amigo. Irei ao supermercado da esquina e te conseguirei todas essas coisas. Onde está?

Meia hora mais tarde Cash subia em um carro a dois quarteirões dali, e apertava a mão de seu protegido, Peter Stone, um jovem que já se transformou em mercenário profissional. Tinha estado no grupo do Micah Steele, mas nesse momento estava trabalhando como perito em segurança junto com o Bojo, outro ex-membro do grupo, no Qawi, um país do Oriente Médio, para o xeque Philippe Sabon. Peter estava nos Estados Unidos só de visita, vendo seus parentes, aproveitando um recesso entre uma missão e outra.

— Tio, ainda não posso acreditar... Imagine: você, chefe de polícia no Jacobsville»! — disse-lhe Peter rindo.

— Muito engraçado. Eu tampouco nunca imaginei você lutando contra terroristas internacionais... — respondeu Cash.

Peter se encolheu de ombros.

— Bom, a cada um o seu — respondeu. Logo, ficou sério — Qual é seu problema?

— Uma amiga minha foi seqüestrada e vou resgatá-la.

— Uma amiga? — repetiu Peter — Quer dizer que há uma mulher sobre a face da terra a qual se importa o bastante para ir resgatá-la? Deve ser muito especial.

— Ela é — respondeu Cash, afastando o olhar — Trocou-se por seu irmão pequeno e disse a seus seqüestradores que poderiam conseguir o resgate pedindo à produtora para a qual trabalha... Sabendo de que não o pagarão porque não há ninguém no país que possa autorizar e negociar o pagamento.

— Uma garota com coragem — murmurou Peter admirado.

— Você disse, tem muita coragem... Mas morrerá se não fizermos algo. O indivíduo que a raptou é da pior índole.

— Dom Kincaid está na cidade — informou-o Peter — E posso me pôr em contato com o Ed Bonner se for necessário. Estava às ordens do Marcus Carreira antes que se reformasse...

— Só recorrerei a Carreira se não tiver mais remédio — disse-lhe Cash — Ele e sua gente só fazem favor por favor.

— Sim, sei a que se refere — respondeu Peter sarcástico — Eu lhe devo um, e estou tremendo só de pensar o que lhe ocorrerá me pedir.

— Possivelmente só esteja procurando algum tecido exótico... — respondeu Cash rindo entredentes.

— Não deveria brincar sobre sua afeição ao patchwork — advertiu-lhe Peter — Há um cara no hospital que se lamentará sempre de havê-lo feito.

— No Texas há um advogado que também tem essa afeição... E além disso conhece Carrera — disse-lhe Cash — Saiu em um programa na televisão. De fato, na delegacia de polícia temos um tipo que trabalhava para ele até que lhe ocorreu fazer um comentário engraçado sobre os homens que fazem trabalhos. Mas já está bem — acrescentou Cash — De fato, as próteses dentárias que lhe puseram parecem quase reais.

Peter riu enquanto girava o volante para colocar-se em um beco.

— Bom, e aonde vamos agora?

— A um pequeno bar que se chama «A corrida».

— Conheço esse local! — exclamou Peter — O tipo que o gerencia, Álvaro Montes, é espanhol. Seu pai era toureiro, e morreu na praça, tal e como o teria querido.

— Sabe se está metido em assuntos escusos?

— Ele não — respondeu Peter sem dúvida — embora tenha alguns parentes que não são muito de confiar... Começando pelo inútil de seu filho — acrescentou com desdém — Alguém teria que colocá-lo nos eixos.

— Tem graça que o mencione — disse Cash — porque é atrás dele quem iremos.

— Não chateie! — exclamou Peter sorrindo — Genial, vamos ver papai Montes. Possivelmente possa nos dizer se seu menino deu agora pelo seqüestro.

— Escute, Peter, não estou com humor para brigas de botequim...

— Não vamos nos pegar com ninguém — assegurou-lhe o jovem — Fique tranqüilo, me deixe fazer .

Quando entraram no pequeno e mal iluminado local, um homem alto de cabelo encaracolado grisalho que estava no balcão levantou o olhar para eles. À exceção de um velho sentado em um rincão, o bar estava vazio.

— Peter! — saudou o proprietário ao jovem, esboçando um amável sorriso — Não sabia que estava de volta na cidade!

— Só por uns dias, velho — respondeu Peter, sorrindo também — Este é Grier, um amigo.

O dono do bar ficou calado enquanto olhava Cash com os olhos entreabertos.

— Ouvi falar de você — disse-lhe.

— Muita gente ouviu falar dele — interveio Peter — Uma amiga dele foi seqüestrada.

— E você veio aqui a ver-me... — balbuciou o ancião, fechando os olhos e suspirando com pesar — Não me faz falta te perguntar por que, é obvio. É esse meu sobrinho do Sul, que não veio aqui mais do que para nos dar problemas, verdade? A última vez foi tráfico de armas. O que tem feito agora?

— Temo-me que algo pior — respondeu Peter — Parece-me que você saberia onde levaria a um refém se tivesse seqüestrado alguém.

— Um refém... — murmurou o homem, fechando os olhos — Sim, sim sei onde o levaria — acrescentou lentamente — a um armazém onde guardo meus licores e minhas melhores garrafas de vinho. Está a umas maçãs daqui — explicou, lhe dando ao Peter a direção — Tentará manter meu filho fora disto?

— Seu filho já está metido — disse Cash sem andar-se com finezas — e se ocorre algo à mulher que seqüestraram, se arrependerá.

O ancião contraiu o rosto.

— Eu fui um bom pai — murmurou com pesar — Fiz tudo o que pude para lhe ensinar a distinguir o que está bem do que está mau, a afastou-se da gente

que vai contra a lei, mas quando fugiu de casa perdi o controle sobre ele, já vê. Você tem filhos? — perguntou a Cash.

— Não — respondeu ele em um tom que não convidava a fazer comentários— . Acredita que seu filho estará com alguém mais além de seu primo?

O homem sacudiu a cabeça.

— Seu irmão é advogado, o qual possivelmente nos acabe vindo bem. Não, meu outro filho nunca me deu nenhuma dor de cabeça. Sempre foi um bom menino.

— Não deve se culpar — disse Cash — Trabalhei na polícia o tempo suficiente para saber que um filho pode tornar-se a perder embora seus pais lhe dêem a melhor educação. No final é cada um quem decide que tipo de pessoa quer ser.

— Obrigado — respondeu-lhe o dono do bar.

— Até mais tarde, velho — despediu-se Peter — E obrigado.

O homem só fez uma inclinação de cabeça. Parecia muito triste.

— É um bom homem — disse Peter a Cash quando estavam de novo no carro — e sacrificou muito para criar esses meninos. Sua mãe morreu quando nasceu o pequeno. Ela também era boa gente.

— Tippy também é — grunhiu Cash, impaciente por começar a se mover.

Não ia ser nada fácil resgatar Tippy com vida, embora contasse com ajuda, e não queria nem pensar nas conseqüências se não chegassem a tempo.

— Por certo, trouxe-lhe seu antigo «uniforme» — disse-lhe Peter — Vai ser uma noite memorável.

— Não o duvido — respondeu Cash.

O armazém estava em um beco, e alguém tinha feito pedacinhos das luzes, provavelmente com uma pedrada. Havia um grupo de adolescentes rondando por ali e armando ânimo, mas quando viram Cash e Peter com sua «roupa de trabalho» se foram na direção contrária.

— Não se preocupe com eles — disse Peter — Ninguém deste bairro se atreveria a meter-se conosco... Nem por todo o ouro do mundo. Bom, como entramos?

Já tinham inspecionado os arredores do edifício e localizado todas as saídas.

— Pelo telhado — respondeu Cash — e logo nos colocaremos pelo sistema de ventilação para passar ao segundo piso. Ali ataremos a corda ao corrimão e nos desprenderemos até a andar de baixo.

— Procure não quebrar muitas garrafas, combinado? — pediu-lhe Peter — O velho não tem muito dinheiro, e provavelmente o que tem aqui é sua única fortuna.

— Tentarei. Vamos.

— E o que tem com os federais? — perguntou-lhe Peter.

— Obrigado por me recordar isso — disse Cash, tirando o telefone celular e chamando um número.

Subiram o telhado com a ajuda de uns ganchos de escalada e desceram silenciosamente pelo sistema de ventilação até o piso superior.

Graças aos potentes, mas ligeiros cascos com microfone integrado que levavam podiam comunicar o um com o outro embora estivessem longe, e sem ter que gritar. Cash ia à frente, com uma corda de náilon atada em torno de um ombro, uma faca K-Bar com sua capa na cintura, e um revólver automático de calibre quarenta e cinco. Ia vestido tudo de negro, igual a Peter, e um gorro na cabeça.

Deteve-se na passarela, e olhou para baixo, aparecendo por cima do corrimão. Entre os barris e os porta-garrafas distinguiu Tippy deitada de barriga para baixo sobre uns papelões. Junto a ela, de pé, havia três homens discutindo. Um deles tinha uma garrafa suja na mão, e estava agitando-a em direção a um dos outros. Tippy não fazia nenhum ruído, para Cash o coração se encolheu no peito enquanto a olhava. Se lhe tivessem feito algum mal, os mataria. Não poderia se controlar.

Fez um gesto a Peter para que rodeasse e cruzasse para o outro lado, e Peter assentiu com a cabeça, apontando a corda que ele levava. A Peter levou uma eternidade avançar por entre as caixas sem fazer ruído. Não podia arriscar-se a alertar aos seqüestradores, e sua cautela era tal, que num dado momento, quando lhe pareceu impossível seguir sem evitar passar sobre uma grande parte de plástico, esperou até que passou um caminhão pela rua para que o ruído mascarasse suas pegadas.

Finalmente Peter chegou à posição, e fez um sinal a Cash com os polegares levantados. Os dois ataram suas cordas de náilon no corrimão de ferro, logo Cash tirou seu revólver, e Peter fez o mesmo. Cash se apoiou ao corrimão, ficando de pé sobre ele, observou Peter enquanto fazia o mesmo ao outro lado, e se desprenderam com fortes gritos que desconcertaram aos seqüestradores.

— Que diabos...? — exclamou o mais alto dos três homens.

— Dispare!, Dispare! — gritou-lhe o segundo.

O cara alto tirou uma pistola e deu um par de tiros em direção a Cash, mas Cash já estava mais que curtido em esquivar balas. Soltou-se da corda, deu uma cambalhota, e disparou.

O segundo cara caiu agarrando-a perna e gemendo de dor. Peter tinha o alto agarrado pelo pescoço de trás, e o terceiro, compreendendo que não tinha nada que fazer, saiu correndo para a saída. Por desgraça conseguiu sair do edifício antes do Cash pudesse lhe ver bem o rosto.

Guardou a arma em sua capa, e correu para junto de Tippy. Quando chegou a seu lado, viu que tinha o rosto banhado em sangue. Sua blusa também estava manchada, além de rasgada, e tinha hematomas nos ombros e as costas. Não se movia. Nem sequer parecia respirar.

Por um aterrador instante Cash recordou o momento, meses atrás, em que tinha visto Christabel Gaines caída no chão depois de ser alvejada por um dos inimigos de Judd. O mesmo pânico que o tinha invadido então voltou a invadi-lo, mas essa vez foi ainda maior.

— Tippy... — resmungou, ajoelhando-se a seu lado, e lhe buscando o pulso no pescoço com uma mão tremula.

Durante alguns segundos, os piores de sua vida, pensou que estava morta porque não conseguia lhe encontrar o pulso, mas de repente sentiu a débil pressão do sangue que corria pela veia sob seus dedos.

— Está viva! — gritou a Peter.

Tirou seu celular e chamou à polícia.

Tippy ainda estava inconsciente quando chegaram a ambulância e a polícia, acompanhados dos dois agentes do FBI com os quais Cash se encontrou

no apartamento de Tippy. Para então Peter já se escondido com toda a equipe, incluindo a roupa que tinha levado para Cash para efetuar o resgate, e todas as provas que pudessem ligá-los à cena do crime. Não podia deixar que a polícia encontrasse nenhuma arma que coincidissem com a bala que estava incrustada na coxa do seqüestrador ferido.

Cash tinha ligado ao apartamento de Tippy enquanto ele recolhia, tinha alertado aos agentes do FBI do que estava ocorrendo, e estes tinham chegado com a polícia.

O mais alto dos dois agentes franziu os lábios ao encontrar ao Cash sentado no chão do armazém com a cabeça ensangüentada de Tippy sobre o ombro, enquanto os paramédicos entravam com uma maca. Na porta havia policiais uniformizados, e o pessoal do departamento criminalista estavam já procurando pistas.

— Agora lembro de onde o tinha visto antes... — disse-lhe divertido o agente do FBI a Cash.

— Equivoca-se — replicou Cash com firmeza. O homem franziu o cenho.

— Como? Escute, amigo...

— Não, é você quem me vai escutar — cortou-o Cash — Estes homens tinham raptado a minha prometida, e não ia ficar me sentado junto a um telefone esperando uma chamada dos seqüestradores. Por desgracia perdi toda a ação. Quando cheguei aqui o tiroteio já tinha começado.

— Não pode interferir nos assuntos federais!

— É claro que sim que posso — replicou-lhe Cash muito tranqüilo.

— Chamarei à central e pela manhã estará com a corda ao pescoço — disse-lhe o agente furioso.

— Equivoca-se de novo. Eu chamarei à central, e amanhã você estará nas ruas da Broadway, vendendo lápis em uma copo — disse Cash.

O outro agente agarrou seu companheiro pelo braço e lhe sussurrou algo que o fez afastar-se de Cash.

— Mais é melhor não estar aqui amanhã.

— Não estarei — assegurou-lhe Cash sem perder a calma.

Voltou a centrar sua atenção em Tippy, que respirava ofegante, como se lhe custasse trabalho.

Os dois homens se aproximaram e observaram horrorizados Tippy.

— Por que diabos lhe fizeram isso? — perguntou o alto, zangado — Não era uma ameaça para eles!

— O cara que ficou ferido gosta de maltratar às mulheres — disse Cash sem olhá-lo.

Não podia apagar de sua mente a imagem do Stanton de pé junto ao Tippy com a garrafa suja na mão.

— Ah, sim? — murmurou o agente, dirigindo-se onde estava Stanton.

Este tinha se sentado no chão, alguns metros mais à frente, e estava amarrando ao redor da coxa uma parte de tecido que arrancou da camisa para cortar a hemorragia.

— Traga ajuda, pedaço inútil! Atingiram-me! — exigiu-lhe — Um desses caras com gorro me colocou uma bala na perna!

— Não tenham pressa para atender a este, meninos — disse-lhe o agente aos paramédicos, que se aproximavam nesse momento — só tem um arranhão. Atendam a ela primeiro — acrescentou apontando para Tippy.

— Filho de...! — resmungou Stanton.

Cash olhou ao agente.

— Obrigado — disse-lhe.

O homem se encolheu de ombros.

Os paramédicos examinaram Tippy enquanto a subiam à ambulância. Cash subiu com eles, e tomou sua mão, apertando-a entre as suas. Estava tentando mostrar-se forte, mas o certo era que estava morto de medo por ela. Pensou em Rory, sozinho no apartamento. Não tinha perguntado aos agentes o que tinham feito com o menino ao virem ali, e rogou a Deus para que o tivessem deixado com os vizinhos, com os pais de seu amigo Dom.

Entretanto, quando a ambulância parou em frente à entrada do pavilhão de emergência, ali estava o menino, esperando com os dois agentes.

Cash sentiu desejos de abraçá-los. Rory correu para a maca, com o rosto pálido e os olhos vermelhos e inchados.

— Tippy! — gritou.

Cash o agarrou e o abraçou com força.

— Está viva — disse-lhe — Está ferida, e tem uma contusão e alguns hematomas. Sei que agora mesmo tem um aspecto terrível, mas ficará bem, já o verá.

Rory levantou o olhar para ele, desesperado para acreditar nele.

— Não mentiria, verdade, Cash?

— Nunca — disse-lhe ele com firmeza — Jamais, jamais lhe mentiria. Vai ficar bem, prometo-lhe isso.

— E Sam, detiveram-no? — perguntou-lhe Rory.

— Pergunte a estes cavalheiros — respondeu-lhe Cash, dirigindo um sorriso cansado aos dois agentes do FBI — Estão esperando que curem a ferida de bala para poder detê-lo junto com seu cúmplice. Havia outro mais, mas escapou, embora possivelmente possam dar com ele.

— Alguém disparou nele? Genial! — exclamou Rory sem poder reprimir-se — Foram vocês? — perguntou aos agentes do FBI.

— Não, sentimos — responderam a dueto.

— Não me olhe — mentiu Cash, pondo cara de pôquer — não vou armado quando saio do Texas. É contra a lei.

O mais velho dos dois agentes o olhou com uma sobrancelha arqueada, mas Cash sorriu como se não houvesse nada.

— Nem o próprio Stanton sabe quem disparou — explicou o agente a Rory, enquanto olhava de esguelha ao Cash — E diz que os que os atacaram eram dois e não só um.

— Obviamente tinha estado bebendo — disse Cash, pondo cara inocente.

O agente suspirou.

— Sim, obviamente — balbuciou — Não conhecerá um cara de nosso corpo que se chama Callaghan, verdade?

— Não estou certo — respondeu Cash com um sorriso.

O agente se limitou a sacudir a cabeça.

Rory se deu conta de que Cash ocultava algo, e teve que fazer um esforço para não sorrir.

— Quantos anos pegam agora por rapto e violação? — perguntou-lhe Cash aos federais.

— O suficiente como para que quando sair esse inseto tenha uma longa barba branca — respondeu o agente mais alto — Tentaremos fazê-los falar do que escapou, e juro Por Deus que enquanto viva assistirei a cada junta que avalie a solicitação de liberdade condicional para essa escória do Stanton. Encarregarei-me pessoalmente de lhes recordar o que fez a essa pobre jovem.

— É você um grande indivíduo.

O homem se encolheu de ombros.

— Só faço meu trabalho — respondeu.

— Graças aos dois — disse Rory com sinceridade aos agentes — Recordarei-os sempre.

— Só fazemos nosso trabalho; nada mais — repetiu o homem. Mas sorriu.

Quando o médico da emergência saiu por fim para falar com o Cash, disse-lhe que Tippy tinha sofrido uma contusão, coisa que já sabia, e que, embora já estivesse consciente, manteriam-na em observação. Além dos numerosos cortes que tinha no rosto e no corpo, tinha um forte traumatismo nas costelas que os tinham preocupado porque podia lhe ter prejudicado os pulmões. Aquilo não só podia provocar que se levaria uma hemorragia interna, mas também, no pior dos casos, podia causar uma falha pulmonar. Para determinar o alcance dos danos, acrescentou, fariam-lhe ressonâncias magnéticas da cabeça e a cavidade torácica, além de radiografias por raios X, e de qualquer maneira teria que permanecer vários dias engessada. Logo que soubessem algo mais concreto entrariam em contato com ele, prometeu-lhe.

Mas Cash, irritado, respondeu-lhe que não se iria a parte alguma, que aguardaria na sala de espera tanto tempo quanto fosse necessário. O médico lhe perguntou se era parente de Tippy. Cash sabia que se respondesse que não, não o

deixariam passar para vê-la, e não podia sair dali sem poder dizer a Rory que a tinha visto, assim mentiu:

— Sou seu prometido — disse-lhe, repetindo o que lhe havia dito aos federais — Tippy era modelo — acrescentou — mas agora é atriz de cinema. Estava trabalhando em seu segundo filme. A primeira estreou em novembro, e foi um sucesso. Seu rosto... É seu modo de vida — murmurou com tristeza.

— Assegurarei-me de que chamem imediatamente a um bom cirurgião plástico para lhe consultar — respondeu o médico — Ainda temos que limpar os cortes, costurá-los, e lhes aplicar compressas estéreis para acautelar uma possível infecção, mas pelo que vi posso lhe dizer que estou bastante seguro de que não tem danos importantes no rosto — explicou-lhe amavelmente — Neste momento são seus pulmões o que mais nos preocupa, mas, como tinha lhe dito, o manteremos informado.

— Obrigado — respondeu Cash.

— Não tem por que agradecer — replicou o homem com um sorriso.

Cash foi em busca de Rory, que tinha ficado com os dois agentes do FBI. Depois de lhes dizer que se ocuparia do menino, levou-o a cafeteria, comprou-lhe um refresco, e contou o que o médico havia lhe dito.

— Obrigado — murmurou Rory depois de que ficaram os dois calados um momento. Quando Cash o olhou curioso, acrescentou — por me dizer a verdade.

— Como já te disse, sempre valorizo a honestidade — disse-lhe Cash.

Então foi Rory quem o olhou com curiosidade.

— Por que não quis falar comigo quando o chamei na delegacia de polícia?

Cash gostaria que nesse momento a terra o engolisse. Aquela pergunta o enchia de vergonha.

— Aquele agente não me passou a ligação porque pensava que era o que eu queria — começou, baixando o olhar a seu café puro — Acreditei no que li nos jornais — acrescentou, sentindo verdadeiro desprezo por si mesmo.

— Tippy não é esse tipo de mulher — disse Rory com firmeza — Nunca teria sido capaz de sacrificar seu bebê por sua carreira, por mais rica ou famosa que pudesse chegar a ser. Uma vez me disse que o dinheiro e a fama não podiam substituir jamais às pessoas que te querem bem.

Cash sabia que não deveria ter acreditado no que a imprensa havia dito dela, mas depois do que seu ex-esposa lhe tinha feito, ficava difícil voltar a confiar.

— Superará — disse Rory de repente — só necessita um pouco de tempo. Vai... Ficaré até que saibamos com certeza que vai estar bem?

— É obvio — respondeu Cash sem vacilar. Rory se relaxou um pouco.

— Obrigado.

Cash não respondeu. Estava pensando em Tippy e em quão delicado era seu estado. Não se atrevia sequer a pensar o que ocorreria depois da hora seguinte.

Quando o médico saiu para comunicar os resultados dos exames, Rory estava dormindo em uma das poltronas da sala de espera.

Como já tinham imaginado, um dos pulmões tinha ficado prejudicado e estava sangrando ligeiramente. Tinham aspirado o fluido, e também tinham costurado os cortes. O cirurgião plástico tinha esperanças de que não ficassem marcas, já que os cortes não tinham afetado os músculos nem aos nervos. Só esperavam, controlar para que o dano à malha pulmonar não se estendesse, e vigiar a contusão cerebral. Para isso, tinham mandado Tippy para a unidade de cuidados intensivos.

Cash sabia muito sobre lesões pulmonares e cerebrais para não se preocupar. Sentou-se junto à cama do Tippy e tomou a mão. Tinham-lhe dado algo para a dor, e estava tão aturdida que não parecia reconhecê-lo sequer.

Não se separaria de seu lado até que não soubesse que ia estar bem. Se a tivesse escutado, em vez de comportar— se como um bruto o dia que o tinha chamado lhe pedindo ajuda, nada daquilo teria ocorrido. A só idéia o estava devorando por dentro. Tippy poderia ter morrido. De fato, nesse mesmo momento sua vida corria perigo pelo que lhe tinham feito aqueles bastardos. Não queria compartilhar seu temor com o Rory, a quem tinha deixado dormindo na sala de espera, com a crença de que sua irmã estava bem.

Ele, em troca, não dormiu absolutamente. Ao amanhecer Tippy abriu por fim os olhos. Contraiu o rosto e ofegou, esforçando— se por respirar, mas lhe doía, e se levou uma mão ao peito com um gemido.

— Tranqüila — disse Cash em voz baixa— . Fica quieta. O que é o que quer?

Tippy o olhou com olhos preocupados, mas logo sorriu levemente e murmurou:

— É um sonho...

E, depois de pronunciar essas palavras, voltou a dormir. Cash apertou a aldrava e em seguida apareceu a enfermeira. Para ouvir que Tippy tinha despertado e tinha falado, sorriu, e foi procurar ao médico.

— Não é um sonho — sussurrou — Cash a Tippy, beijando-a com doçura na fronte — Estou aqui, contigo, e você está viva. Obrigado meu Deus, obrigado...

No meio do torpor que envolvia sua mente, Tippy acreditou ouvir a profunda voz do Cash. Parecia assustado. Mas não podia ser Cash. Cash não podia estar com ela. Odiava-a. Alguém a tinha golpeado com força... Muitas vezes. No final ela só chorava pedindo piedade, pedindo por sua vida. Não tinha tido forças para lutar; não tinha querido lutar... Já nada importava. Queria Cash, mas ele a odiava. Tinha perdido o filho que ele tinha plantado em seu ventre, e nunca a perdoaria. Não, era impossível que Cash estivesse com ela. Só estava sonhando...

De seus olhos fechados brotavam lágrimas.

— Odeia-me... — soluçou — Odeia-me!

— Não! — replicou ele com voz rouca — Não a odeio!

Tippy sacudiu a cabeça de um lado a outro do travesseiro.

— Me deixe... — murmurou em um fio de voz — Dá no mesmo que saia...

— Não, não dá no mesmo!

Havia um matiz de desespero na voz de Cash que Tippy nunca tinha ouvido. Aquilo tinha que ser um sonho. Mas parecia tão real... Ouviu Cash lhe suplicar, lhe dizer que o sentia, que tinha que perdoá-lo, que tinha que viver...

Não! Era um sonho... Só um sonho... Cash havia lhe dito que fora ao inferno, e isso era o que tinha feito. Não podia haver uma descrição mais exata do que tinha vivido naquele armazém. Tinha todo o corpo machucado e dolorido, e o futuro se mostrava muito vazio... O trabalho já não a preenchia, e nem sequer o ter Rory ao seu lado a consolava. Estava cansada de lutar. No caminho que se abria diante dela só via dor. Começou a chorar, gemendo de novo ao sentir uma forte pontada no peito.

Nesse momento a enfermeira retornou. Apesar dos seus protestos, tirou Cash do quarto. Parecia que Tippy tinha perdido o desejo de viver; parecia disposta a deixar-se ir e morrer... Não podia permiti-lo!

— Ficar bem — assegurou-lhe a enfermeira — Vá sentar-se na sala de espera e nos deixe trabalhar. Não vai morrer, asseguro! Pode acreditar.

Olhou Cash nos olhos, e adivinhou em seu olhar atormentado o que ele não queria que tivesse visto.

— Não se renderá — disse-lhe calmamente, pondo uma mão sobre a dele, e apertando-lhe suavemente — Não deixarei que o faça. Prometo. Terá a oportunidade de arrumar as coisas com ela — acrescentou, soltando sua mão e sorrindo — Agora deveria tentar dormir um pouco. Ela será bem cuidada, e não permitiremos que se vá. Combinado?

Cash relaxou um pouco. Estava tão cansado... Tão assustado...

— Combinado — disse ao cabo de um momento.

A mulher o conduziu à sala de espera, e o fez sentar-se na poltrona, junto a Rory.

— Virei avisá-lo quando a tivermos mudado de andar.

— Vão tirá dos cuidados intensivos? — perguntou Cash, surpreso.

— Claro que sim — respondeu a mulher com um sorriso — Quando os pacientes estão se recuperando não podem ficar aqui.

A enfermeira se voltou e saiu, deixando Cash com os olhos cheios de lágrimas. Tippy não ia morrer! Não importava que o odiasse para o resto de sua vida; não ia morrer! Fechou os olhos e tombou para trás. Segundos depois estava dormido.

Cash sentiu que alguém o sacudia. Entreabriu os olhos, ainda meio pesados pelo sonho, e viu que se tratava de Rory.

— Cash, ela acordou! Está um pouco atordoada pelo que estão lhe dando para a dor, mas abriu os olhos. A pobre tem um aspecto terrível...

Cash piscou, tentando enfocar o olhar enquanto olhava ao sorridente para o garoto.

— Está acordada?

Rory assentiu com a cabeça.

— São quase as onze horas da manhã. Vamos.

Cash ficou de pé lentamente, contraindo o rosto de dor ao fazê-lo.

— Estou velho para esse tipo de trabalho — falou para ele mesmo.

Rory estava observando-o em silêncio.

— Foi você quem a resgatou, não é verdade? — Cash assintiu.

— Um antigo companheiro me acompanhou... — respondeu — mas você não sabe nada sobre isto — acrescentou muito sério.

Rory levou uma mão aos lábios e fez como se os fechasse com um zíper.

— Obrigado — disse-lhe.

Cash afastou o olhar incomodado. Ainda se sentia culpado pelo que tinha ocorrido a Tippy. De fato, estava muito nervoso ante a idéia de ter que confrontá-la, mas entrou no quarto com Rory.

Tippy se encontrava ainda muito aturdida. Doía-lhe o rosto, doíam-lhe as costelas... Doía-lhe o corpo inteiro. Tinha colocado um gesso, um tubo intravenoso no braço esquerdo, e lhe estavam subministrando oxigênio por alguns tubos no nariz.

Quando viu Cash e Rory de pé junto à cama, não estava certa de que estivessem ali de verdade. Estava tendo um sonho no qual Cash a beijava e lhe

dizia em um sussurro que tinha que lutar, que tinha que viver. Não podia ter sido outra coisa mais que um sonho porque Cash a odiava.

Em sua mente voltaram nesse momento suas mais recentes e terríveis lembranças: Sam Stanton de pé a seu lado com uma garrafa na mão, gritando que a tinha jogado, e que não viveria para contá-lo. Tinha batido nela com a garrafa nas costas, nos ombros, e no peito, onde lhe doía tanto. Cobriu o rosto com as mãos, e então algo a tinha acertado na cabeça. Ao mesmo tempo em que desabava, Sam tinha batido a garrafa contra o cimento duro, e a parte de acima se fez em pedaços.

Notava-se a cara torcida e mudada, mas não parecia que os corte fossem muito profundos. Possivelmente tinha caído sobre os cristais quebrados e assim tinha sido como os tinha feito.

O atordoamento estava passando um pouco, e se deu conta de que Cash e Rory estavam de verdade ali com ela, embora não os via com total nitidez.

Ao entrar, Cash emitiu um gemido abafado ao vê-la. Os cortes de seu formoso rosto tinham sido limpos e tratados, mas não havia pontos neles. Deu graças a Deus em silêncio: só eram cortes superficiais. Sabia por experiência própria que um corte não se costurava a menos que fosse profundo.

Passariam meses antes que se curassem por completo, mas provavelmente não ficariam cicatrizes permanentes. Os cortes que tinha no braço, ao contrário, mostravam pontos de sutura, mas também se curariam. O mais preocupante era a lesão do pulmão prejudicado, porque se chegasse a produzir uma hemorragia poderia morrer. Cash deu graças a Deus de novo por Peter e ele terem chegado a tempo, quando ainda respirava.

Cash e Rory rodearam a cama para ficar à direita de Tippy, e o menino tomou sua mão sem vacilar.

— Vai ficar bem, Tip.

— Sim — balbuciou ela. Sua voz soava ligeiramente fanhosa pela medicação — A cabeça me dói horrores — gemeu — já vomitei duas vezes, e me dói na cabeça...

Levantou o olhar e olhou Cash, que estava atrás de seu irmão, mas não disse nada, nem deu amostras externas de nenhum tipo de emoção. Simplesmente ficou olhando-o.

— Necessita algo? — perguntou ele.

Tippy inspirou tremula, e baixou o olhar para suas mãos.

— Se não ser incômodo... Poderia levar Rory ao apartamento, para que me traga o cartão do seguro? — pediu-lhe muito séria — O médico passou para ver-me faz um momento e me disse que tenho algumas costelas bastante ruins, e que terei que permanecer ao menos três dias no hospital, porque querem assegurar-se de que não pegarei uma pneumonia. De fato, estão me dando antibióticos. Também sofri uma contusão, mas é leve, e na ressonância magnética não se vê danos... Ao menos nada importante. Os cortes não são muito profundos, graças a Deus, e o médico me disse que acredita que se curarão perfeitamente sem necessidade de cirurgia plástica, embora isso leve vários meses. Depois decidirão se precisarei ou não.

As feições de Cash estavam tão tensas que pareciam que se transformaram em pedra.

— Por que Stanton lhe fez isso? — perguntou— lhe.

Tippy tentou mover-se, e contraiu o rosto dolorido pela fígada que sentiu nas costelas. Custava-lhe respirar, e também falar.

— Estava zangado porque não conseguia entrar em contato com ninguém da produtora que pudesse autorizar o pagamento do resgate — respondeu — Enquanto me batia disse que ia assegurar de que nunca voltaria a trabalhar, mas por minha sorte estava muito bêbado, e não chegou a me bater com força suficiente para me matar. Antes de perder a consciência vi como quebrava a garrafa contra o chão. Suponho que pretendia usá-la para me fazer mais cortes.

— Estava de pé junto a você, e a tinha na mão — recordou Cash — mas provavelmente os cortes do rosto foram feitos ao cair sobre os vidros quebrados.

Tippy riu com amargura.

— De qualquer maneira, não se curarão da noite para o dia. Ficarei vários meses sem trabalhar, e é possível que Joel Harper procure alguém que me substitua no filme.

— A única coisa na qual tem que pensar agora é se recuperar bem — disse-lhe Cash — Eu me encarregarei do resto, inclusive de Rory.

— Obrigado — respondeu ela, com certa tensão.

— Sei que detesta a idéia de ter que depender de alguém — disse Cash — , e eu em seu lugar me sentiria da mesma maneira, mas já terá bastante se recuperando disto.

— Agora já sei a que se referem com isso de «cortar e pegar» — murmurou ela.

— Que mais precisa que lhe tragam do apartamento? — perguntou ele.

— Além do cartão do seguro? Um par de camisolas, um roupão, roupa de baixa, e meus chinelos — respondeu Tippy — Rory sabe onde está tudo. E também me viriam bem umas moedas para a máquina de café, e alguma coisa para ler.

Cash se deu conta de que continuava sem olhá-lo, e quando se aproximou mais da cama a viu esticar-se.

— Rory, poderia nos deixar a sós um minuto? — pediu ao menino.

Mas antes que Rory pudesse lhe responder Tippy levantou o olhar para ele. Não havia emoção alguma em seus olhos verdes.

— Não precisa sair — disse — Você e eu não temos nada que nos dizer, Cash. Nada absolutamente.

Cash soprou, mas não pronunciou palavra.

— Se me trazer o que lhe pedi ficarei muito agradecida — continuou Tippy — Rory, esteve aqui um policial e me disse que um dos seqüestradores escapou. Não pode ficar aqui comigo, nem tampouco no apartamento... Nem com Dom — acrescentou quando ele abriu a boca para lhe replicar — Poderíamos pô-los a ele e a sua família em perigo. Sei que não te rá graça ficar sem férias, mas o melhor é que volte para a academia. Ali estará seguro. Cash poderia falar com o comandante e lhe explicar o que ocorreu?

— É obvio — respondeu ele. Voltou-se para o Rory — Sua irmã tem razão. Em Maryland estará seguro; se ficar aqui, não.

Rory contraiu o rosto aborrecido.

— Mas eu não quero ir — protestou.

Tippy tomou sua mão e a apertou fortemente.

— Sei, mas não quero te perder, Rory; só temos um ao outro — murmurou, esboçando um pequeno sorriso — Ficarei bem, prometo-lhe isso. Não vou me render. Combinado?

Rory engoliu em seco.

— Combinado.

— Além disso, já não falta muito para o verão — recordou-lhe Tippy, com um sorriso cansado — Faremos algo especial quando lhe derem as férias.

— Poderíamos ir para as Bahamas — sugeriu o menino. Tippy assentiu com a cabeça.

— Já veremos. Ande, vá com o Cash, dê para ele as coisas que lhe pedi, e faça a mala. Cash, você pode ir ao aeroporto e comprar um bilhete para Rory? — perguntou-lhe — Esgotei o crédito de todos meus cartões, mas assim que puder lhe pagarei.

— Não há problema — disse-lhe Cash — mas não preciso que me devolva o dinheiro.

Tippy queria replicar, mas se sentia sem forças para discutir. Moveu-se na cama, em a intenção de ficar mais cômoda, e Cash viu que suas feições se contraíam de dor.

— O que ocorre? — perguntou.

— As costelas — murmurou Tippy — dói cada vez que faço o mais mínimo movimento.

Os olhos de Cash relampejavam de fúria. Lamentava não ter atirado para matar em vez de ter dirigido o disparo para a perna de Stanton.

— Não se preocupem comigo e partam. Vou tentar dormir um pouco — disse Tippy, fechando os olhos — Obrigado, Cash — acrescentou.

Cash voltou a sentir-se como um miserável. Só olhá-la fazia que se sentisse mal. Se não lhe tivesse desligado o telefone...

— Vamos — disse-lhe Rory, pegando sua mão.

Cash suspirou e saiu do quarto com ele, mas não foi capaz de olhar atrás; doía-lhe muito o coração.

O apartamento de Tippy estava um desastre. Conforme parecia, os agentes do FBI tinham estado procurando indícios da presença de algum intruso, e Cash e Rory levaram um bom tempo voltando colocando tudo no lugar. Logo separaram o Tippy havia pedido, e quando estiveram certos de que não lhes faltava nada fizeram a mala de Rory.

— Sei que não quer ir — disse-lhe Cash — mas não posso cuidar de Tippy e de você ao mesmo tempo.

Rory ficou calado um momento.

— Ela não te deixará que cuide dela — balbuciou enquanto colocava uma camisa na mala.

— Pois terá que me deixar — replicou Cash — Não tem a ninguém mais que possa tomar conta dela. Falarei com ela estes dias que permanecerá engessada e verá que tenho razão. Logo a levarei para a casa comigo, no Texas.

Rory levantou o olhar para ele.

— Não irá.

Cash suspirou.

— É claro que sim, verá. Eu sei que me odeia, e não a culpo, mas não tem outro lugar aonde ir, e não poderá arrumar até que esteja recuperada completamente.

— Mas é chefe de polícia — recordou-lhe Rory — se levá-a para casa...

— Eu também pensei nisso — interrompeu-o Cash — Contratarei uma enfermeira para que esteja com ela dia e noite enquanto estiver comigo. Assim não haverá falatórios.

Rory começou a dobrar outra camisa para colocá-la também na mala.

— Escute, Rory — disse Cash — logo que as aulas terminarem, poderá vir também.

Rory levantou a cabeça.

— É sério? — perguntou timidamente.

Cash sorriu.

— Pois é claro. Embora tenha que fazer a sua parte das tarefas da casa — advertiu-lhe — Tippy não poderá fazer nenhum esforço por pelo menos seis semanas, o que significa que eu terei que fazê-lo até que você chegue — balbuciou, fingindo-se aborrecido — Não me entusiasma muito limpar, mas os aspiradores... Deus, não sabe como os detesto! É uma invenção diabólica. Eu já perdi três este mês.

Rory o olhou com os olhos abertos como pratos.

— Mas como?

Cash o olhou incomodado.

— O tubo se dobra, o cabo se engancha no tubo... E são como elefantes! Tem que arrastá-lo pela tromba.

Rory se pôs a rir. Era a primeira vez que o fazia desde que começou o pesadelo do seqüestro.

— Sim, sim, ria — disse Cash — mas espero vê-lo brigando com um tubo de três metros e todo o fio enroscado nos tornozelos... Isso se não tropeçar e cair! Por isso prefiro à última — acrescentou entreabrindo os olhos — Deveria ter dado um tiro nessa maldita coisa, em vez de me amarrar os pés com ela.

— Pois eu gosto — replicou Rory — e é divertido usar o aspirador.

— Ótimo. Então isso será o que fará quando vier em férias.

— Também sei cozinhar — disse-lhe Rory, surpreendendo-o — Sei muito bem fazer saladas e sei preparar um molho senhorio.

Cash sorriu para o menino.

— OK, pois eu acredito.

Rory lhe sorriu também.

— Obrigado, Cash... Por tudo.

Cash se sentou na cama, com os antebraços apoiados nas coxas, e as mãos entrelaçadas pendurando entre os joelhos.

— Para mim não é um menino, Rory — disse-lhe solenemente — Acredito que é muito maduro para sua idade, e por isso penso que posso lhe dizer isto. Cometi um terrível engano com Tippy. Não me sentia preparado para uma

relação, mas me deixei levar pela tentação sem pensar bem nas coisas. Suponho que imagina que o filho que perdeu era meu.

Rory assentiu.

— Ela o queria. Passou muito mal quando o perdeu.

Cash engoliu em seco. Sentia-se incapaz de olhar ao menino aos olhos.

— Eu também teria querido esse bebê... Se soubesse que estava grávida.

— Tippy me disse que você não acreditava que tivessem futuro — murmurou Rory — mas apesar de tudo ela queria ter o bebê e criá-lo. Me... Contou-me que antes do acidente tinha estado comprando roupa e coisas para o bebê — acrescentou contraindo o rosto — Depois do aborto se tornou muito calada, e começou a beber. E o que falaram sobre isso nos jornais só piorou mais as coisas — levantou o olhar para o Cash — Não a deixe beber, Cash. Nosso médico nos disse que por causa de nossa mãe temos predisposição ao alcoolismo.

— Obrigado por me dizer isso — murmurou Cash — Conheço bem os perigos do álcool; não deixarei que tome esse caminho.

Rory inspirou profundamente.

— Obrigado, a verdade é que é algo que me preocupava.

— Estará bem, prometo-lhe isso.

Rory assentiu com a cabeça.

— Me ligará de vez em quando para me contar como vai?

— Ligarei todos os dias. E ela também falará contigo.

— A recuperação vai ser lenta e difícil, verdade? — perguntou o menino.

— Sim, mas sua irmã é muito forte — respondeu Cash — Vai superar isto, já o verá.

— Agora pensando bem... Alguém deveria chamar Joel Harper — apontou Rory.

— Eu me encarregarei — prometeu-lhe Cash — Você não precisa se preocupar com nada, Rory; tudo ficará bem.

Rory sentiu que as lágrimas lhe queimavam os olhos, e afastou o rosto para que Cash não as visse.

— Estes dois últimos dias foram muito difíceis — balbuciou com voz quebrada.

Cash se levantou e pôs as mãos nos ombros do menino.

— A vida é como uma carreira de obstáculos — disse-lhe — e quando supera um, recebe um prêmio. Sempre. Rory levantou o rosto para ele, surpreso.

— Isso é o que Tippy me diz sempre. Cash sorriu.

— E nós dois temos razão. Verá como tudo ficará bem.

Teve um impulso de abraçar ao menino, para consolá-lo, mas não estava acostumado com demonstrações de afeto, e tinha a impressão de que Rory tampouco, assim que clareou a garganta e se voltou para a mala.

— Bom, vamos acabar com isto.

Tal e como tinha pensado, Rory se sentiu agradecido por Cash não ter tentado consolá-lo, porque estava seguro de que não teria podido conter as lágrimas. — Vamos — repetiu, esboçando um sorriso.

Tippy ainda estava um pouco aturdida aquela tarde, mas ao menos sua mente tinha começado a funcionar de novo, a medicação lhe aliviava os dores, e também tinham lhe dado algo para as náuseas. Não podia pensar ainda com clareza, mas estava melhor que há algumas horas.

A presença de Cash no hospital, depois do que tinha passado, estava sendo um autêntico suplício para ela. Não tinha esquecido suas palavras duras, nem como se negou a escutá-la. Tampouco tinha esquecido o terror que a tinha invadido quando se deu conta do desaparecimento de Rory, e tinha ficado gravada em sua cabeça a ligação de Sam, dando-lhe instruções para a libertação do Rory..., A mesma ligação em que ela se ofereceu a trocar-se por ele.

Mas o pior tinham sido as horas que tinha passado no armazém, quando Sam e seus cúmplices, depois de deixar ir a seu irmão, deram-se conta de que não iriam conseguir nenhum dinheiro. Sam stinha ficado furioso, e havia se tornado ameaçador, lhe dizendo que embora não conseguissem o resgate, ia pagar...

A porta do quarto se abriu nesse momento e levantou o rosto, deixando de lado por um instante, aquelas horríveis lembranças. Cash havia retornado há algumas horas com o Rory, com seu cartão do seguro e as outras coisas que lhe tinha pedido, e o menino se despediu dela chorando antes que Cash o levar para aeroporto para que tomasse o avião que o levaria de volta a Maryland.

Tippy tinha perdido por completo a noção do tempo enquanto tinham estado fora.

— Voltei há algum tempo, mas estava dormindo e não quis despertá-la — disse Cash — Estive na cafeteria.

— Estive dormindo por muito momento — respondeu ela lentamente — mas me sinto um pouco melhor.

— Alegra-me ouvir isso. Acabo de falar com o comandante Marist — disse-lhe Cash, aproximando-se da cama — Foi pegar Rory no aeroporto e o levou para a academia de carro. Não deixarão que ninguém, com exceção de você ou de mim, o tire dali. Estará seguro.

Tippy deixou escapar um pesado suspiro.

— Graças a Deus que não lhe fizeram mal. Tinha tanto medo do que Sam pudesse lhe fazer...!

— E se trocou por ele — murmurou Cash — Poderia tê-la matado, Tippy.

— Se Rory ficasse livre, não me importaria o que me ocorresse.

Cash colocou as mãos nos bolsos, e ficou observando-a com os lábios apertados, enquanto se esforçava por conter a raiva que sentia para si mesmo por não havê-la escutado quando lhe tinha pedido ajuda.

Tippy não queria olhá-lo.

— Sabe que não pode ficar sozinha, verdade? Não com esse outro lunático solto por aí. Certamente Stanton lhe disse onde vive.

A jovem engoliu em seco.

— Poderia ir a um hotel...

— Venha para Jacobsville comigo.

— Não! — exclamou ela irritada — Não posso ir com você depois do que publicaram os jornais!

— Vou contratar a uma enfermeira para que fique com você dia e noite — continuou Cash, como se Tippy não tivesse falado — Assim ninguém poderá dizer nada.

— Vai... Vai fazer isso por mim? — perguntou ela, surpresa. Cash assentiu com a cabeça.

— Rory me disse que não poderíamos viver os dois sozinhos sob o mesmo o mesmo teto. Sou o chefe de polícia; tenho que pensar em minha reputação — disse-lhe Cash, como burlando a si mesmo.

— Pela minha certamente não terá que se preocupar — balbuciou Tippy com voz sonolenta — Já não sobrou nada dela.

— Tippy, não fale assim — repreendeu-a Cash com aspereza — ninguém acredita no que publicam nesse tipo de jornais!

— Ninguém exceto você — replicou ela, levantando o rosto desafiante.

Cash não podia negar, mas lhe tinha dóido ouvi-la dizer. Brincou com as moedas que levava no bolso, as fazendo tilintar.

— Disse para o pessoal do hospital que estamos comprometidos.

— Com que fim? — perguntou Tippy em um tom frio, tentando dissimular a emoção que essas palavras tinham provocado nela.

— Se não o tivesse feito não me teriam deixado entrar para vê-la quando estava na unidade de cuidados intensivos. Fiquei ali enquanto lhe faziam vários exames e lhe curavam as feridas — respondeu Cash — Não queria me afastar de seu lado sem me assegurar de que fosse se recuperar bem. De fato, estava pensando que quando chegarmos a Jacobsville também poderíamos dizer às pessoas que vamos nos casar — acrescentou estudando o rosto sobressaltado do Tippy — Assim sossegaríamos qualquer possível rumor.

— Não preciso que se sacrifique por mim — disse ela em um arranque de orgulho — E além disso, tampouco penso em ficar sem fazer nada muito tempo. Quando a lesão das costelas tiver curado, os cortes poderão ser escondidos com um pouco de maquiagem. Quando Joel voltar terei que retorna para a filmagem e para acabar o filme.

Cash se aproximou um pouco mais da cama.

— Escute, Tippy, já sei que fiz uma estupidez... — disse-lhe com os dentes apertados —, ...Ou duas. Acreditei no que li nos jornais, e é por minha culpa que

está aqui neste estado. Aquele dia... Ligou-me para pedir que a ajudasse a resgatar Rory, não é certo?

Tippy assentiu sem olhá-lo, e Cash voltou a brincar com as moedas de seu bolso. Fazia anos da última vez que tinha pedido desculpas a alguém.

— A estúpida fui eu — replicou a jovem com pesar — Desde o princípio foi sincero comigo; disse-me o que sentia... E eu o empurrei a fazer o que fizemos. Nem sequer sei por que o fiz, mas se alguém tem a culpa do ocorrido, sou eu.

Cash franziu o cenho.

— Rory me disse que queria ter o bebê.

Tippy afastou o rosto; não queria que Cash visse as lágrimas que havia em seus olhos.

— Isso já não importa.

— Sim que importava — disse Cash, sentindo em suas próprias carnes a dor que emanava dela.

— A única coisa que importa agora é conseguir que se recupere o mais rápido possível — disse Cash — e se manter a salvo para que possa testemunhar no julgamento do Stanton.

— Acreditei que receberia alguma ligação de minha mãe — disse Tippy sarcástica — mas suponho que Sam ainda não tenha conseguido entrar em contato com ela. Jogará a culpa em mim porque seu namorado está na prisão, como se o visse...

— Disso não há dúvida — assentiu Cash — O FBI está investigando a possibilidade de que ela também fizesse parte na organização do seqüestro, e se conseguirem achar provas suficientes disso, a levarão perante os tribunais por confabulação delitiva. O seqüestro é um delito federal.

— Não tinha pensado nisso — disse Tippy abruptamente — E além disso ainda há um dos seqüestradores foragido.

— Essa é a razão pela você terá que vir ao Texas comigo. Judd e eu estaremos perto de você todo o tempo para que não lhe aconteça nada.

Tippy o olhou incomodada.

— Mas, não incomodará Christabel... Depois do que aconteceu com Judd? — perguntou preocupada.

— Christabel e Judd vivem em um perpétuo estado de felicidade desde que se casaram... E mais desde que chegaram os gêmeos — respondeu Cash — É obvio que Christabel não se importará. Já não tem ciúmes de você.

Tippy suspirou, e ao fazê-lo sentiu uma fisgada nas costelas que contraiu suas feições de dor.

— Acha melhor que eu viva em uma pequena cidade rural? — perguntou-lhe — Quando estive ali por causa da filmagem me senti como um peixe fora da água.

Cash vacilou.

— Não estou certo. Fui até ali em principio de brincadeira. Meu primo Chet necessitava de ajuda, e me convenceu, embora estivesse certo de que detestaria o local e o trabalho. Claro que também estava cansado de me dedicar só aos ciberdelitos, e um pouco farto de minha vida — confessou com um suspiro — Não é que tenha me integrado plenamente na comunidade..., Mas o trabalho é interessante. É variado; nunca é aborrecido. E tenho a sensação de estar fazendo algo bom de verdade. Por exemplo, os traficantes de drogas estavam abandonados. Chet não queria problemas, assim fazia-se de cego, mas quando eu entrei, me pus em contato com o Departamento Antidrogas e começamos a vigiar os bares.

— Pode buscar inimigos — apontou Tippy.

— Já tenho muitos, assim que outros poucos... Que diferença fará? Temos um prefeito em exercício e pelo menos dois vereadores que dariam o que for para que eu deixe o posto — replicou Cash. Aproximou uma cadeira da cama e se sentou — Embora, quem sabe? Se conseguir manter uma secretária sem que demita em dois dias, possivelmente fique um ano mais.

— Terá que procurar uma que não tenha medo de serpentes e que não esvazie cestos de papéis em cima de você — apontou Tippy.

— Pois sim, isso mudaria as coisas.

Tippy passou os dedos pela boca.

— Deus, tenho uma sede terrível...

Cash lhe serviu água em um copo e levantou-lhe a cabeça para que pudesse beber.

— Mmm... Até hoje não sabia quanto é boa a água... — disse Tippy rindo— se suavemente.

Com cuidado, Cash voltou a lhe deixar cair a cabeça sobre o travesseiro, e deixou o copo na mesinha.

— Teve muita cotagem; se trocar pelo Rory...

— Você teria feito o mesmo em meu lugar — replicou ela, fechando os olhos.

— Certo, mas teria levado uma faca escondida em uma bota, e uma pistola na outra — apontou Cash.

Tippy ficou dormindo uns segundos.

— Tive que pedir que me pusessem algo um pouco mais forte para a dor — disse-lhe — Tenho medo de dormir e ter pesadelos, mas está me dando sono.

Cash aproximou a cadeira um pouco mais e tomou os finos dedos do Tippy entre os seus.

— Eu estarei aqui a seu lado — disse-lhe em um tom reconfortante — Ande, durma.

Tippy tentou sorrir, mas parecia que tinha se esquecido como. Pouco depois acabou dormindo.

Um aroma de frango e batatas arrancou finalmente ao Tippy do sonho. Abriu os olhos, e viu que Cash estava desentupindo uma bandeja de metal que tinha colocado no suporte extensível da mesinha.

— Não tem má aparência apesar de ser comida de hospital — murmurou, voltando o rosto para ela — E de sobremesa tem sorvete.

Tippy tentou alcançar com a mão o cabo com o interruptor que levantava a cabeceira, e Cash, vendo que não podia, o fez por ela, e girou logo a mesinha de modo que a bandeja ficasse frente à jovem.

— Você também deveria comer algo — disse-lhe Tippy.

— Tomei algo na cafeteria enquanto dormia — respondeu Cash — Falei com o médico. Disse-me que não sabe com exatidão quantos dias terá que permanecer engessada. Querem ir devagar, e ver como progride. Só lhe darão alta quando estiver fora de perigo, é obvio, mas alguém terá que fazer o acompanhamento quando tiver saído do hospital, e como vamos ao Texas, perguntei-lhe se saberia de alguém de confiança lá que pudesse se ocupar. Recomendou um companheiro de Santo Antonio, e me disse que ficará em contato com ele.

Tippy o olhou boquiaberta e sacudiu a cabeça.

— É incrível.

— Não queria que tivesse que voar outra vez dentro de duas semanas para vir aqui para a revisão — explicou-lhe Cash — Em seu estado é arriscado.

— Está bem, está bem... Entendo.

— Não vai protestar? — murmurou ele.

— Não, estou muito cansada.

— Ande, coma o jantar — disse Cash, lhe tendendo o garfo.

Tippy inspirou lentamente, e comeu. Não tinha muito apetite, mas ao menos a comida era decente.

— Por certo, liguei para Joel Harper — acrescentou Cash, omitindo que tinha tido que fazer várias chamadas internacionais, e até ameaçar algumas pessoas para conseguir falar com ele — Teve um contratempo com o filme no qual está trabalhando agora, assim demorará pelo menos três meses para voltar. Disse-me que não se preocupasse pelo seguro, que pagará o que não ele cubrir... Como adiantamento de seu salário.

Tippy se sentiu tão aliviada em ouvir aquilo que esteve a ponto de sair chorando.

— Graças a Deus — murmurou — Estava tão preocupada...

— Não deixe que o frango esfriar — disse-lhe Cash — Eu o comi na cafeteria e estava bom.

Tippy levou um pedaço à boca.

— É uma receita italiana. Eu sei prepará-lo assim, embora não esteja acostumado a fazê-lo freqüentemente porque é bastante trabalhoso.

— E Rory sabe fazer salada.

Tippy levantou o olhar para ele.

— Como sabe?

— Ele me disse — respondeu Cash, brincando com a manga de sua camisa — É um grande menino.

— Sim que é.

— Disse-lhe que poderá ir conosco ao Texas quando acabar as aulas.

Tippy vacilou.

— Não deve-lhe dizer isso. Pode se iludir com a idéia, e até lá provavelmente eu já estarei trabalhando de novo.

— Temo que não — replicou ele — Estamos no começo de abril, e Joel não voltará até julho, ou começo de agosto. — Tippy suspirou enquanto acabava o frango.

— Acreditava que você não gostava das amarras.

— Por que o diz? Não estou usando nenhuma gravata.

— Sabe a que me refiro.

Cash cruzou uma de suas longas pernas sobre a outra.

— Vai ter a oportunidade de ver uma campanha política de perto — disse mudando de assunto — Calhoun Ballenger se apresentou pelos democratas, como oponente a um dos senadores que estão há mais tempo no cargo em nosso estado. O primeiro turno acontecerá na primeira terça-feira de maio, e parecer que será muito disputada.

— Não entendo muito de política.

— Bom, será divertido aprender — replicou ele com um sorriso.

— Você acha? — perguntou Tippy abrindo o copinho de sorvete.

— Não comeu as ervilhas — apontou Cash.

— Odeio as ervilhas.

— Os legumes são bons para o organismo.

— A meu organismo só vêm bem o que eu gosto — se obstinou Tippy, colocando uma colherada de sorvete na boca.

Como mastigar a incomodava bastante o rosto por causa dos cortes, o sorvete, que se desfez na língua, pareceu-lhe uma verdadeira bênção.

— Em Jacobsville há uma sorveteria artesanal — disse-lhe Cash — e têm sabores de todo tipo, embora eu goste mesmo é o de morango.

— Eu também.

Quando terminou a taça deixou-a na bandeja junto da colherinha. Tentou ficar um pouco mais cômoda, e voltou a sentir uma fisgada no peito que a fez contrair o rosto.

— As costelas doem? — perguntou Cash.

Tippy assentiu, recostando-se sobre o travesseiro.

— Oxalá eu tivesse uma pistola e cinco minutos a sós com o San — balbuciou — Sabe? Quando se deu conta de que não ia conseguir nenhum dinheiro graças a mim e ficou furioso, tentei lhe dar um desses chutes giratórios que me ensinaram para o filme, e até bloqueei seu primeiro murro, mas quando começou a me bater com a garrafa já não pude fazer nada. Eu adoraria lhe ensinar o que se sente quando amassam suas costelas e lhe dão com uma garrafa na cabeça.

— Se te servir de consolo, ele levou uma bala de lembrança na perna — disse Cash.

Tippy franziu a sobrancelha.

— Recebeu um tiro?

— Foi isso que eu disse. É porque escorreguei... Senão não teria saído unicamente ferido.

Tippy entreabriu os lábios e o olhou com os olhos esbugalhados.

— Você me tirou dali. O agente do FBI se referia a isso quando me disse que alguém tinha interferido... Foi me resgatar!

— Não tinha muita fé nos agentes aos quais tinham atribuído seu caso — confessou Cash — Estavam sentados em seu apartamento com Rory, esperando uma ligação de telefone que possivelmente nunca tivesse chegado. Assim, segui a pista até Stanton e seus cúmplices com a ajuda de um antigo companheiro.

— Eu... me perguntei por que ninguém podia me dizer o que foi exatamente o que aconteceu.

— Não disseram porque não sabiam — respondeu Cash sinceramente — Dado que não há prova alguma que possa me incriminar por ter disparado contra Stanton, os federais e eu chegamos a um acordo. Um dos de cima me devia um favor, assim que me cobrir as costas frente à polícia e os agentes que estavam no caso. Se me descobrissem poderia acontecer um verdadeiro escândalo; imagine: um chefe de polícia indo contra as leis federais...

— Oh.

— Assim que o que diz o relatório da polícia é que Stanton deu um tiro a si mesmo, que estava muito bêbado para fixar-se na direção em que disparava — acrescentou Cash, reclinando-se em sua cadeira — Esse inseto tem sorte de estar ainda com vida depois do que lhe fez.

— Estava realmente furioso — recordou Tippy estremecendo.

— Tentou te forçar?

— Não, estava muito ocupado me batendo para pensar em sexo — respondeu Tippy com um pesado suspiro — Devo dizer, em favor de um de seus cúmplices, que tentou detê-lo quando começou a me bater, mas Sam estava fora de controle. Além de estar bêbado devia ter-se usado algo, porque tinha os olhos frágeis e estava muito alterado.

— Quem foi o que tentou detê-lo? — perguntou Cash.

— Era loiro — murmurou ela — é tudo o que lembro.

— O outro que foi preso era loiro — disse Cash — o que escapou parece que era moreno.

— Pode ser — concedeu Tippy — Minha mãe terá que responder muitas perguntas depois disto — disse — Se eu fosse uma pessoa vingativa iria à imprensa marrom e lhes daria uma história que não se esqueceriam jamais.

— Se fizer isso passariam o resto de sua vida perseguindo-a — replicou Cash — Afasto esse pensamento de sua mente.

Tippy o olhou com olhos tristes.

— Não acredito que possam me fazer mais dano do que já me têm feito.

Cash contraiu o rosto.

— Fui um estúpido por acreditar nas mentiras que publicaram — disse — O que aconteceu é em grande parte minha culpa.

Tippy sacudiu a cabeça.

— Isto poderia ter ocorrido de qualquer maneira — replicou com pesar — Sei que minha mãe está atrás do seqüestro. Tinha me ligado para me ameaçar, mas nunca acreditei que fosse colocar em perigo a vida de seu próprio filho por dinheiro. Que ingenuidade...

— Sempre foi alcoólatra?

Tippy assentiu com a cabeça.

— Desde que me lembro por gente esteve bebendo. E à tenra idade de oito anos já comecei a procurar fiadores para tirar minha mãe da prisão cada vez que se metia em confusões. Prendiam-na por prostituição, embriaguez, por dirigir bêbada, por roubar... De todo o que possa imaginar. Prostituí-a com clientes fixos para conseguir dinheiro com o qual vivia, mas com o tempo acabou se embebedando com muita freqüência até para isso. Eu tive que entregar jornais para comprar roupa — acrescentou contraindo o rosto — Mas tudo isso foi antes que Sam começasse viver conosco.

— Esse tipo é escória, da pior índole — resmungou Cash.

— Sim, mas por desgraça minha mãe pensa diferente.

— Enfim, gosto não se discute.

Tippy riu.

— Isso mesmo eu tenho dito sempre — murmurou fechando os olhos — Deus, estou tão cansada...

— É normal, depois do que passou.

— Não permitirá que façam mal a Rory, certo, Cash? — perguntou-lhe Tippy.

— Não se podur evitar — assegurou ele.

Entretanto, havia algo que preocupava Cash. Se ao Stanton fosse designado um juiz pouco honrado, graças aos contatos que esse inseto tinha, podia acabar deixando-se convencer, e estabelecer uma fiança razoável com o qual sairia da prisão se a pagasse. E, se isso ocorresse, sem dúvida iria direto a Tippy. Depois de tudo, não tinha nada a perder.

Não ia ser tarefa fácil manter a salvo ao mesmo tempo Tippy e Rory, mas ia fazê-lo. Não permitiria jamais que algo voltasse a lhes acontecer.

CAPÍTULO 9

Tippy foi interrogada pela polícia na manhã seguinte, e enquanto prestava declaração teve que segurar a mão de Cash. Era o primeiro passo em sua recuperação, disse-se a si mesmo para dar-se forças, um obstáculo mais a superar. Logo tiraram fotografias com uma câmara digital de suas lesões e cortes como prova para o tribunal do tratamento que tinha recebido das mãos de Stanton.

Cash não se separou dela nem um momento, e teve que tomar ao menos meia dúzia de cafés. O procedimento era o usual, mas levou mais do que tinha esperado, e quando acabaram, acompanhou os investigadores até a delegacia de polícia para prestar declaração também. Não poderia dizer toda a verdade, ou acabaria incriminando-se, mas deu todos os dados que acreditou que lhes serviriam de ajuda.

— O que pode nos dizer da mãe do Tippy? — perguntou-lhe o investigador chefe, depois de que conversassem uns minutos.

— Ela acredita que possa estar atrás do rapto, que o que pretendia era lhe tirar dinheiro — acrescentou outro, um pouco mais velho.

— Eu também acredito. Sua mãe é drogada — respondeu Cash.

O investigador chefe soprou e sacudiu a cabeça.

— Surpreenderia-lhe saber quantos drogados nos chegam aqui... A maioria está implicada em roubos de pouca monta, ataques, ou assassinatos, mas na semana passada nos chegou um menino de dezoito anos que usou ácido e tinha moído a pauladas a sua avó até matá-la. Não se lembra de nada do que fez, mas se o condenarem pegará prisão perpétua.

— Sei — respondeu Cash — Sou chefe de polícia de uma pequena cidade do Texas. De fato, estou há vários meses tentando descobrir a procedência do dinheiro que financia o mundo da droga. E não é muito difícil saber de onde provém, como já saberá.

O homem assentiu com a cabeça.

— Sim, de cidadãos respeitáveis que querem fazer dinheiro fácil sem lhes importar como.

— Bingo.

— Eu sempre quis trabalhar em uma cidade pequena — murmurou o detetive — Pagam bem?

Cash riu entre dentes.

— Se gostar de cerveja, sim. Com o que ganha não poderia permitir-se champanhe.

Um brilho divertido iluminou os olhos do homem.

— Ódeio champanhe.

— Então possivelmente queira experimentar. Pode fazer muito bem... Embora seja a uma escala pequena.

Houve uma breve pausa.

— Ouvi minha tenente contar coisas sobre você. Trabalhou em operações secretas durante a Guerra do Golfo. — Cash arqueou as sobrancelhas.

— Verdade?

— Sim, tem um sobrinho, Peter Stone, que vive aqui, no bairro do Brooklyn.

Cash o olhou divertido.

— Nossa, o mundo é um ovo... — murmurou sorrindo. O investigador sorriu também.

Cash tomou um táxi para retornar ao hospital, e ao entrar no quarto a encontrou dormindo. Entrou silenciosamente e se sentou junto à cama. Estava

preocupado com ela. O interrogatório da polícia devia ter sido um calvário para ela, como o tinham sido as feridas e lesões que lhe tinha infligido aquele monstro. Levaria-lhe tempo recuperar-se por completo, e não podiam menosprezar os danos psicológicos que tinha sofrido, e que vinham a reunir-se aos que já tinha. Era todo culpa dele, culpa dele...

— O que ocorre, Cash? Por que esta cara?

Tippy tinha despertado, e estava olhando-o sonolenta.

— Que cara tenho? — perguntou ele.

Tippy abriu mais os olhos para poder olhá-lo bem. Adorava olhá-lo; Cash era tão bonito... Sabia que não sentia nada por ela, que se estava ali era só porque se sentia culpado por ter lhe falhado, mas para ela o fato de que se preocupara e estivera a seu lado era como estar no sétimo céu.

— Parece... Confuso.

Cash se inclinou para frente.

— Não posso escapar do passado — disse-lhe ao fim de um momento — A cada lugar que vou, há pessoas que me conhecem.

— Bom, isso não pode ser tão mau.

— Acha isso? — murmurou ele, observando-a ansiosamente — Sinto que tenham tido que incomodá-la com as fotografias e as perguntas, mas a investigação não pode levar-se a cabo sem provas e declarações.

— Também terei que testemunhar no julgamento, verdade? — perguntou Tippy.

Cash assentiu com a cabeça.

— Sim, mas eu estarei a seu lado em todo momento.

Tippy esboçou um débil sorriso.

— Obrigado — disse movendo-se na cama, e contraindo o rosto ao fazê-lo — Tenho certeza que você já estive pior: quero dizer que já sofreu coisas piores que uma contusão, muitos cortes, e algumas costelas lesadas.

— Costelas quebradas, dentes quebrados, feridas de bala, queimaduras de cigarro, hematomas por todo o corpo...

Tippy emitiu um gemido abafado de espanto.

— Cortes e fraturas no rosto... — continuou Cash — só que no meu caso sempre me davam pontos e não havia tempo para cirurgia plástica — acrescentou apontando as leves marca esbranquiçadas que haviam em suas bochechas.

— Eu acreditava que tinham me destruído o rosto — murmurou Tippy — havia tanto sangue... Mas o médico me disse que só eram cortes superficiais, e que não tinham prejudicado os nervos nem os músculos. Suponho que tive sorte.

— Muita sorte — assentiu Cash — mas eu... Sinto não tê-la escutado no dia que ligou para me pedir ajuda — balbuciou baixando o rosto envergonhado.

Tippy fez pequenas inspirações para evitar a dor que sentia quando o fazia profundamente.

— Não foi nada. Acreditou que o que se publicou sobre mim era verdade, e estava zangado...

Cash fechou os olhos com força.

— Isso não me desculpa. Mas é que... Custa-me tanto confiar...!

— E se te servir de consolo, o mesmo acontece comigo. — Quando Cash levantou a cabeça e a olhou havia um brilho frio em seus olhos.

— Dizem que as balas são perigosas — murmurou — mas não é verdade. O mais perigoso que há neste mundo é o amor. Se o permite pode chegar a destruí-lo por dentro.

Tippy tossiu, e levou uma mão ao peito, gemendo desesperada pela forte dor que experimentou.

Cash se levantou da cadeira.

— Pegue — disse-lhe pondo sobre seu peito uma almofada que tinha tirado da cadeira — Quando precisar tossir, aperta-o contra o peito. Doerá menos.

Tippy o provou e viu que estava certo.

— Como sabia?

— Em uma ocasião quebrei duas costelas, e uma me perfurou o pulmão — respondeu — A consequência daquilo foi pneumonia e tive que ficar duas semanas acamado.

Tippy o olhou surpresa.

— Isso é o que o médico temia que acontecesse comigo. Disse-me que quando custasse respirar não soltaria para fora todo o ar viciado, e isso pode produzir uma infecção.

— Por isso estão lhe dando antibióticos e estão fazendo-a beber tão líquido.

Tippy esboçou um sorriso.

— Sabe um montão de coisas.

— Bom, tenho muita experiência. Sofri fraturas em todos os ossos importantes do corpo — respondeu ele, encolhendo-se de ombros e voltando a sentar-se — Se não fosse o fato de que mantenho me em boa forma física poderia ter morrido já em um par de ocasiões.

Os olhos verdes do Tippy procuraram os seus.

— Rory lhe admira muitíssimo.

Cash se moveu incômodo no assento.

— Eu também gosto dele.

— Você não gosta que a gente se aproxime muito, não é?

Cash sacudiu a cabeça.

— Não me sinto cômodo compartilhando meu espaço — murmurou, entreabrindo os olhos enquanto a estudava — O que ocorreu entre nós... Era muito rápido.

— Sei — assentiu ela — Muito rápido. E além disso foi minha culpa — acrescentou.

— Não é verdade, Tippy, foi dos dois — replicou ele — Lançamo-nos sem pensar nas conseqüências.

Os olhos da jovem percorreram seu rosto como se fossem duas mãos amorosas.

— Tinha comprado roupinha de bebê — disse com uma risada amarga — Que estupidez, verdade?

— Sei. Rory me contou isso.

Tippy fechou os olhos.

— Tudo ocorreu tão... De repente. Meu trabalho se transformou num suplício com o ajudante de direção que substituiu Joel — disse recordando a aquele tipo arrogante, e o que a tinha feito perder — perdi o bebê, minha mãe me chamou para me ameaçar... — apertou os dentes, e uma lágrima que não tinha podido conter, rodou eloqüente por sua pálida bochecha — ...E comecei a beber.

Tippy sentiu que Cash pegava sua mão e a apertava com força.

— Rory também me contou isso. Está preocupado com você — disse-lhe — Escute, Tippy, eu sei quanto a bebida pode ser má; experimentei na própria pele. Pensa que pode com isso, que não chegará a dominá-lo, mas no final perde o controle. Bebe porque acalma a dor, mas a única coisa que consegue é que o impacto seja ainda pior quando passa o efeito do álcool.

— É verdade.

— Quando passa um tempo já nem sequer diminui a dor — murmurou Cash — Eu acabei em reabilitação.

— Depois de que... Sua mulher o deixou? — perguntou Tippy suavemente.

Cash assentiu e afastou o olhar.

— Queria-a muito, não é verdade?

Cash a olhou e franziu o cenho.

— Eu acreditava que sim — respondeu involuntariamente — Possivelmente foi uma questão de orgulho ferido, mais que de amor traído.

Tippy sorriu e fechou os olhos. O contato da mão do Cash, grande e quente, reconfortava-a. Entrelaçou confiante seus dedos com os dele, e a medicação começou a fazer efeito de novo, sossegando suas dores e levando o medo...

Cash observou com olhos turbulentos, que Tippy tinha acabado de dormir. Tempo atrás não tinha nenhum trabalho para controlar suas emoções, mas de repente, em troca, estavam começando a minar sua força interior. Tinha permitido que Tippy chegasse ao seu coração, mas continuava sem poder confiar nela. Era natural que se sentisse agradecida para com ele por que tinha salvado

sua vida, mas tinha sofrido uma experiência traumática, e não estava certo de poder levar muito em conta o que fizesse ou dissesse nesses momentos.

O médico havia dito que tirariam os pontos em cinco dias, mas teriam que esperar quatro a seis semanas para que se recuperasse e pudesse voltar ao trabalho, e também levaria tempo, possivelmente mais, que suas emoções se estabilizassem. Cash tinha intenção de cuidá-la, de protegê-la, e inclusive de mimá-la. Depois, quando estivesse curada de tudo, física e mentalmente, fariam de sua relação.

Isso era o que lhe dizia sua mente, mas seu corpo estava atormentado pela doce lembrança de seus beijos, do contato de sua pele, do incrível prazer que o tinha dado naquela noite. Nunca sentiu uma pele tão quente e tão perfeita, nem tinha desejado nunca tanto a uma mulher. Aquela noite o tinha enfeitado, e sua lembrança o perseguiria sempre. Se a perdesse...

Soltou a mão de Tippy e se recostou na cadeira, preocupado. Aquele não era um problema novo, e de fato já o tinha confrontado... Mas sem sucesso. Ao voltar para o Texas no dia de Natal tinha tentado afastá-la de sua mente, mas não o tinha conseguido, e depois se sentia incompleto.

Tippy estava ferida e necessitava dele, e Rory também, mas ele nunca tinha tido que cuidar de ninguém... Claro que tinha cuidado de companheiros feridos em batalha, e tinha se preocupado quando teve amigos sob o fogo inimigo, e tinha salvado a civis do perigo no cumprimento de seu dever, mas ninguém tinha necessitado dele a um nível tão pessoal como o necessitavam Tippy e seu irmão. Talvez sua mãe, pensou, mas então ele tinha sido muito pequeno. Não tinha conseguido protegê-la da morte, mas sim tinha salvado Tippy.

Escrutinou com avidez o rosto da jovem adormecida. Não diziam que a vida de uma pessoa salva pertencia a quem a tinha salvado? Cash começou a imaginá-la em sua casa, cuidando dela, lhe dando tudo, e imaginou também Rory vivendo com eles, olhando-o com admiração, indo até ele para ser consolado, para procurar seu apoio, seu carinho... Até então o menino só tinha tido Tippy; não havia nenhuma figura masculina em sua vida, com exceção de seus professores e companheiros da academia militar.

De repente, entretanto, sentiu medo de tanta responsabilidade. Não estava certo de poder com tudo isso. Desde que chegou a maioridade nunca teve que pensar no bem-estar de ninguém mais que no seu próprio, e isso ia mudar porque Tippy ia depender dele durante várias semanas, e Rory também, já que sua irmã, em seu estado, não poderia atendê-lo.

Sua vida estava transformando-se diante seus olhos, e não estava certo de que fosse gostar das mudanças... Embora sim seriam sem dúvida interessantes.

Até há somente alguns anos, sua vida tinha sido sujeita a uma sucessão de intermináveis mudanças: tinha ido de trabalho em trabalho, e nunca tinha chegado a sentir-se cômodo de tudo, nem feliz. Nunca tinha chegado a encaixar com seus companheiros, nem tinha encontrado nada que lhe desse uma sensação de segurança.

O posto que tinha conseguido na pequena cidade do Jacobsville podia parecer insignificante em comparação com o que tinha feito até então, mas ele mesmo se surpreendeu do muito que o preenchia. De fato, dava-lhe uma sensação de satisfação que nunca experimentou durante o tempo que tinha estado no exército, nem em delegacias de polícia de cidades maiores.

Em Jacobsville ia visitar as pessoas mais velhas para assegurar-se de que estavam bem, ia aos institutos para falar com os meninos sobre a prevenção do vício às drogas, ajudava às forças de segurança locais e estaduais nas batidas a rede, tranquilizava os cidadãos que tinham sofrido um roubo, ajudava a quem tinha sido atacados por seus filhos sob os efeitos das drogas a superar a terrível e difícil situação de ser ao mesmo tempo pais e vítimas, dava seu apoio às mulheres maltratadas que tinham que testemunhar contra seus maridos, organizava patrulhas de vigilância nos bairros perigosos, ensinava a quem queria a usar uma arma e lhes dava aulas de autodefesa...

De nada lhe tinha servido até o momento o insistir repetidamente ao prefeito em exercício, Ben Brady, sobre a necessidade de que a prefeitura aprovasse a subvenção de carros patrulha mais modernos e um maior investimento para a vigilância noturna nos bairros mais conflitivos. O prefeito se negou todas as vezes. Preocupavam-lhe mais seu tio, o senador Merrill, e sua campanha de reeleição, do que algo que tivesse a ver com a cidade.

Era uma pena que o prefeito anterior tivesse deixado o posto por causa de um ataque ao coração, mas não parecia que Brady fosse durar muito no cargo, já que um ex-prefeito apreciado por todo mundo, Eddie Cane, apresentava-se para as eleições municipais. Os dois eram democratas, assim não parecia que fosse haver muitas brigas nas eleições, que se celebrariam em maio. Além disso, ganhasse quem ganhasse dos dois, era quase certo que revalidaria essa vitória nas eleições gerais de novembro.

Quase ninguém em Jacobsville gostava de muito Brady. Era um tipo de mente fechado que se limitava a fazer o que o senador Merrill ou a filha do senador, Julie dissessem. Cash sabia coisas deles que a maioria das pessoas

ignorava, e muito em breve se produziria um escândalo político em Jacobsville que faria com que todo mundo se levasse às mãos a cabeça.

Com exceção a dois vereadores que eram leais a Brody, e provavelmente só porque os tinha intimidado. Tanto o administrador municipal como o resto dos vereadores, davam-se bem com o Cash e se mostravam abertos a suas sugestões. Também os membros do corpo de polícia se foram aproximando dele nos poucos meses que estava trabalhando ali, e estavam começando a ser, para ele, como uma família. Mais ainda; Jacobsville estava se convertendo para ele em um lar. E era uma sensação curiosa porque até esse momento, durante toda sua vida, não tinha se sentido parte de nada.

Seus olhos voltaram a pousar no rosto do Tippy, que contiuvava dormindo. No espaço de alguns meses aquela mulher tinha passado a ser para ele uma amiga íntima. Transformou-se em parte de sua vida, e ele em parte da dela. Não sabia se aquilo era algo bom ou algo que devesse preocupá-lo, não era capaz de entender seus sentimentos. Tinha ficado loucamente apaixonado pelo Christabel Gaines porque sua inocência, sua amabilidade, seu senso de humor, sua independência, e sua força de vontade o tinham atraído desde o primeiro momento, mas Christabel nunca soube o tipo de vida que tinha levado. Se tivesse lhe falado de seus pesadelos e de seu horrível passado sem dúvida teria se mostrado solidária, mas não teria conseguido compreendê-lo. Tippy por sua vez o compreendia. Não tinha participado de nenhuma batalha, mas tinha vivido experiências em sua juventude tão traumáticas quanto as que ele tinha tido.

Engraçado, disse a si mesmo, que a primeira vez que a tinha visto a tivesse tomado por uma mulher sofisticada, liberada... Alguém que devorava homens. E para sua surpresa viu que ela era frágil e vulnerável, mas absolutamente uma tímida florzinha. Não, também era forte, e capaz de proteger com unhas e dentes às pessoas que queria apesar de ter crescido em um ambiente turbulento com a dor e o medo como professores.

Não sabia se poderia compartilhar seu passado algum dia com ela, com tantos horrores como havia nele, mas tinha o pressentimento de que, se chegasse a fazê-lo, Tippy não se afastaria dele enojada. Sentia uma empatia com ela que não tinha sentido com quase nenhuma outra pessoa. E o certo era que, embora não lhe tivesse contado de sua vida mais que a terça parte, esse irritante sexto sentido que dizia ter a tinha permitido ver em seu interior, mergulhar nas águas de seus mais profundos pensamentos, e se havia algo que Cash detestava era que pudessem lê-lo como a um livro aberto. Tippy tinha adivinhado muito, via muito.

Riu suavemente. Estava tornando-se um pouco fantasioso. Era tarde, e precisava dormir um pouco, e em uma cama, não uma cadeira, pensou. Entretanto,

quando seus olhos se deslizaram pela figura da jovem deitada na cama soube que não podia deixá-la. Mas não quis expor-se por que se sentia assim.

Cash estava dormindo quando a última enfermeira acabou seu turno, e quando voltou a despertar encontrou com a que tinha ocupado seu posto sacudindo-o suavemente pelo ombro.

— Perdoe por despertá-lo — disse-lhe quando abriu os olhos — mas temos que lavar à senhorita Danbury.

— Oh, claro — respondeu Cash.

Ficou de pé, esticando-se e bocejando, e voltou o rosto para Tippy. Aquela manhã estava com aspecto muito pior. Tinham-lhe saído mais os hematomas, e os cortes estavam muito mais avermelhados. Em vez de uma ex-modelo parecia a estrela de um filme de horror. Esperava que não a deixassem que se olhasse no espelho.

— Vou reservar um quarto em um hotel para dormir algumas horas e logo voltarei, combinado? — disse-lhe. Tippy vacilou.

— Não precisa que volte, Cash...

— Se não o fizer é capaz de pedir que lhe dêem alta, assinar e ir para casa — murmurou ele.

A jovem se ruborizou.

— Eu não...! Por que ia fazer isso? — protestou, perguntando-se como teria adivinhado o que estava pensando.

— Parece que é recíproco, não? — murmurou enigmático. Dava-lhe a impressão de que ele também pudesse ler sua mente algumas vezes.

— Não a deixem partir — disse à enfermeira com firmeza — Liguei para o controle da enfermaria deste andar logo que eu tenha me registrado no hotel, e darei-lhe meu número se por acaso a ocorrer de pôr um pé para fora deste quarto. Ou melhor, lhe darei o número de meu telefone celular.

— Como queira, senhor — respondeu a enfermeira com um sorriso divertido.

Tippy o olhou irritada.

— Não é justo. Poderia ir a casa... Ali estaria... Tão... Bem... quanto aqui — balbuciou, detestando ter que espaçar as palavras. Continuava lhe doendo ao falar e respirar.

— Sim, claro, tal e como está agora mesmo, provavelmente o mais longe que chegaria seria o elevador — apontou Cash — e isso sem ter em conta as seqüelas que pudesse haver...

— O senhor tem razão — disse a enfermeira a Tippy, rindo — ao vê-la zangada — Vamos, vamos, esta mesma manhã vamos começar a lhe fazer um tratamento para a respiração. Não queremos que pegue uma pneumonia, verdade?

— Não, não queremos — disse Cash.

— Está se divertindo muito com isto, não é certo? — acusou-o Tippy — E eu enquanto isso me sinto como o prisioneiro de Zenda!

— Esse era Stewart Granger, e era muito mais alto que você, embora deva dizer que igualmente rebelde.

— Eu não sou rebelde! — protestou Tippy de novo.

Cash e a enfermeira cruzaram um olhar eloqüente.

— Basta! Não é... Justo! — gemeu Tippy — Dois contra... Um!

— Não pode evitá-lo — disse Cash à enfermeira — Não quer que você dê conta de que está louca por mim. Na verdade o que está desejando fazer é ir para casa comigo.

— Não é... Certo! — exclamou a jovem irritada.

— É claro que sim, que o é, e iremos... Assim que o médico diga que pode lhe dar alta — prometeu ele.

Tippy emitiu um grunhido furioso que pareceu o miado de um gato ao qual lhe tivessem pisado na cauda, e Cash pôs-se a rir.

— Seja boa e obedeça à enfermeira — disse-lhe — Se o fizer, lhe trarei um presente quando voltar.

Ela queria lhe lançar um olhar fulminante, mas não conseguiu.

— Não acostumo a me deixar subornar — balbuciou.

— Rory me disse que você gosta de gatos — murmurou Cash — e também os de pelúcia.

— Não acredito que encontre nenhum gato de pelúcia por aqui — replicou Tippy.

— Acha isso? — disse Cash.

A enfermeira estava assentindo com muito entusiasmo e lhe dizendo silênciosamente: «na loja de presentes!».

Tippy ia continuar discutindo, mas o certo é que gostava dd gatos de pelúcia. Olhou para Cash, e ao vê-lo sorrindo com olhos brilhantes foi incapaz de continuar protestando. O efeito que tinha Cash sobre sua respiração era igual ao que lhe provocavam suas maltratadas costelas.

E ele sabia, o quanto... Mas antes que pudesse dizer algo, Cash piscou um dos olhos para ela e saiu do quarto.

— Que homem tão bonito! — disse a enfermeira enquanto ia ao banheiro para encher a bacia que havia trazido com ela — É uma garota de sorte.

Tippy não respondeu. Não sabia muito bem como podia ser uma garota de sorte estando na situação em que estava, nem quanto duraria a atitude conciliadora de Cash. Mais ou menos até que suas feridas se curassem e pudesse voltar a trabalhar, pensou. Sabia que se recriminava por não tê-la escutado quando tinha ligado lhe pedindo ajuda, que só estava fazendo penitência. Assim que se recuperasse a esqueceria com a mesma facilidade com que esqueceria uma dor de dente.

Essa tarde, na hora do jantar, Cash foi perguntar a alguém que conhecia na polícia se tinha averiguado algo sobre o paradeiro do terceiro seqüestrador, que ainda continuava foragido, e tinha deixado ao lado de Tippy na cama um bonito gato de pelúcia alaranjado e com uma cara muito graciosa para que lhe fizesse companhia. Entretanto, essa mesma tarde a jovem receberia uma visita inesperada.

A essa hora, um homem enorme, corpulento como um lutador, entrou pela porta. Acompanhava-o outro homem de igual porte, mas se deteve na soleira, o de trás lhe murmurar algo saiu e ficou esperando no corredor.

O visitante se aproximou dos pés da cama. Tinha o cabelo fosco, negro e ondulado, e em seu largo rosto azeitonado, destacavam dois grandes olhos

castanhos. Estava vestido com um terno azul marinho com raia diplomática, que devia custar o apartamento de Tippy. A camisa branca que aparecia sob a jaqueta era de um branco imaculado, e no pescoço brilhava uma gravata xadrez azul que contrastava vivamente com a cor de sua tez.

Escrutinou Tippy curioso, com suas povoadas sobrancelhas levantadas, como se o que estivesse vendo o irritasse.

— Quem é você? — perguntou ela inquieta.

— Marcus Carreira — disse o homem com uma voz profunda e áspera. Entrefechou os olhos — Suponho que meu nome lhe seja familiar — acrescentou, e em seus finos e largos lábios apareceu um leve sorriso.

— A verdade é que ouvi falar de você... Por um amigo meu muito querido que se chamava Cullen Cannon — respondeu Tippy, fazendo um esforço para lhe devolver o sorriso.

— Cullen era um dos melhores caras que conheci — murmurou o homem, colocando as mãos nos bolsos — Um dos homens que lhe fez isto trabalha para mim, embora tenha feito isso por conta própria, é obvio, e eu não soube nada até esta manhã.

Tippy apertou o interruptor que subia a cabeceira.

— Sabe onde está? — perguntou-lhe com voz rouca — Eu gostaria de agarrar um taco de beisebol e ter um pequeno bate-papo com ele.

O homem riu surpreso.

— Não, não sei — respondeu — Mas se o encontrar juro que farei com que o tragam aqui envolto em uma rede de pescar, e eu mesmo lhe proporcionarei o taco de beisebol.

O sorriso do Tippy se fez mais amplo.

— Obrigada.

Os olhos do homem se fixaram em cada corte e nos hematomas que cobriam as partes visíveis de seu corpo.

— Os outros dois estão presos — murmurou — Falei com um juiz e com o ajudante do fiscal do distrito que acompanha o caso, e lhe asseguro que esses tipos terão mais possibilidades de serem santificados que de sair dali sob fiança.

— Obrigada — respondeu Tippy com um suspiro.

— Odeio que alguém tão próximo se meta em algo como isto — disse Carreira repugnado — Nem sequer quando era um menino mau teria aprovado algo assim.

— Um menino mau? — repetiu Tippy.

A porta se abriu nesse momento, e por ela entrou Cash, que ficou olhando com os olhos entreabertos o visitante de Tippy.

— Olá, Grier — disse Carreira em um tom amável — Há um cara preso que assegura que você disparou contra ele.

— Eu? — exclamou Cash com ar inocente — Eu nunca dispararia contra ninguém... De verdade.

Carreira explodiu em risadas e lhe estendeu a mão.

— O que está fazendo aqui? — perguntou Cash apertando-a — E é o senhor Smith o que está esperando aí fora?

— Sim — respondeu Carreira — Trabalhava para o Kip Tennison, mas quando se ele casou com o Cy Harden não precisou mais de seus serviços.

— Por desgracia não — respondeu Carreira — mas, como disse à senhorita, falei com o ajudante do fiscal do distrito encarregado do caso, e lhe disse tudo o que sabia sobre esse filho da mãe.

Cash o olhou surpreso.

— Fez isso?

Carreira pareceu abarrecido.

— O que parece? Já não sou um ganster! Agora me dedico a ganhar dinheiro com cassinos e hotéis, isso é tudo!

Cash limpou a garganta.

— Certo, perdoe-me.

— Só porque fiz duas ou três coisinhas más há muito tempo... — começou Carreira.

— Ouvi que encontraram em um remanso do rio New Jersey os corpos de uns jogadores trapaceiros da Dakota do Sul em... Digamos não muito bom estado...

— Se Tate Winthrop lhe disse que eu era responsável por isso... — interrompeu-o Carreira.

— Na realidade seu chefe, Pierce Hutton, me disse isso.

— Hutton? O que saberá ele? Se viver em Paris! — resmungou o outro homem.

— E depois essa história de que um tal Walters que estava tirando dinheiro da mãe anciã de um de seus homens, e que logo apareceu misteriosamente em um barril de azeite flutuando no rio Hudson...

— Ouça, ouça... Eu não tenho barris de azeite — interrompeu-o Carreira de novo — E pela última vez: agora sou um cidadão decente, cumpridor da lei.

— O que você diz — respondeu Cash — Bom, e o que sabe do cara que ajudou Stanton a raptar o irmão mais novo de Tippy? — perguntou-lhe.

— Não o suficiente para dar com ele — respondeu outro homem pesaroso — Se não te jurar que...

— Não dizia que foi um cidadão decente, cumpridor da lei? — recordou-lhe Cash,

— Trabalha para mim.

— Que personagem... — murmurou Cash — Continua tendo essa iguana?

Carreira sorriu.

— Sim, sim a tem. Agora mede um metro cinqüenta. Tem seu quarto do complexo hoteleiro do Paradise Island, e quando tem problemas com algum cliente rebelde lhe manda ao lagarto... Isso costuma bastar.

— Não me surpreende. O que faz aqui? — Carreira ficou sério.

— Um de meus meninos tomou parte nesta trama de seqüestro... Mas não o soube até esta manhã — acrescentou ao ver relampejar os olhos de Cash.

— Sabe onde encontrar esse tipo?

— Um, sim, claro — balbuciou Carreira, franzindo os lábios — Mas conheço um montão de tipos que não o são, e que me devem favores.

— Nem imagina o tipo de favores que pede — disse Cash a Tippy com um brilho divertido nos olhos.

Tippy lançou ao outro homem um olhar surpreso.

— Não esse tipo de favores... — grunhiu Carreira. Encolheu seus largos ombros — Eu gosto dos tecidos exóticos. De fato tenho um fraco pelos tecidos antigos.

Tippy estava olhando-o como se não estivesse certa de estar ouvindo bem.

— Faço colchas de recortes — explicou o homem a contra gosto — E ganhei alguns prêmios, além disso. Algumas de minhas «obras» estão expostas em galerias.

— Fala a verdade — disse Cash a Tippy — É famoso em todo mundo por seus desenhos — acrescentou Cash com um sorriso malicioso — Não encontraram em uma ocasião um corpo envolto em uma dessas colchas...?

— Não era uma das minhas — disse o outro homem ofendido — Nunca desperdiçaria uma de minhas criações com um valentão.

Cash se pôs a rir, e Tippy também.

— Bom, parto já. Só queria ver como estava a senhorita — disse Carreira — Ficar bem — assegurou a Tippy, apontando sua bochecha, onde se podiam ver duas linhas brancas rugosas sobre a pele azeitonada — Estas chegaram ao osso, e por isso ficou cicatriz, mas os seus cortes se curarão bem.

— Obrigada — respondeu Tippy.

Carreira se encolheu de ombros.

— Não deixarei de procurar esse cara. E, por certo, sobre o que me perguntou antes do que sabia sobre ele, Grier, seu nome é Barkley, Ted Barkley. É mecânico. Um bom mecânico — acrescentou com ênfase — É capaz de arrumar tudo. Por isso o tinha trabalhando para mim. Tem família no sul do Texas, assim se for levar a senhorita contigo, mantenha os olhos abertos.

— Eu gostaria de saber algo sobre sua família — disse-lhe Cash.

— Imaginei — murmurou Carreira, tirando um papel dobrado de um bolso interior de sua jaqueta e entregando-o para Cash — É a mesma informação que dei ao ajudante do fiscal do distrito. O cara também se maneja bem uma pistola, assim vigie suas costas. E faria tudo por dinheiro. E quando digo «tudo», refiro a tudo. Stanton é um morto de fome, mas o filho dos Montes está metido em lavagem de dinheiro, e conhece gente que pode lhe fazer empréstimos.

Logicamente não irá querer que a senhorita testemunhe no julgamento, assim é capaz de oferecer dinheiro a Barkley para que se livre dela.

Da garganta de Tippy escapou um gemido abafado.

— Antes de tocá-la terá que se ver comigo — assegurou-lhe Cash — Não se preocupe.

— Se precisar de ajuda é só me chamar — disse-lhe Carreira.

— Não tenho nenhum tecido exótico.

Carreira sorriu e deu a Cash uma palmada no ombro.

— Não precisa. Porei-o em sua conta.

— Obrigada — disse-lhe Tippy.

O homem lhe piscou um olho e saiu.

— Está mudado de verdade? — perguntou Tippy a Cash quando ele se foi.

— Sim, está. Sei algo dele que não posso lhe contar, mas asseguro que agora é um tipo legal — respondeu ele. Observou o machucado e arroxeadado rosto da jovem com olhos tristes — Ninguém voltará a machucá-la, juro.

Tippy tomou suas palavras ao pé da letra. Sentia-se culpado e sentia pena dela, mas esse mal-estar que tinha acabaria por diluir-se quando ficasse bem, estava certa, assim que se limitou a sorrir, e não disse nada.

CAPÍTULO 10

Os médicos vigiaram de perto a evolução do pulmão do Tippy até que estivessem seguros de que não se produziram complicações, e continuaram lhe dando antibiótico para acautelar. Ela, por sua parte, evitava olhar-se no espelho, porque estava convencida de que devia parecer saída de um filme de terror, e se alegrou de não ter que aparecer em público durante um tempo.

Sua maior preocupação nesse momento era o terceiro seqüestrador, que ainda andava solto, além da possibilidade de que o primo de Stanton tivesse posto preço por sua cabeça.

— Acha o que disse Carreira que possa acontecer? — perguntou a Cash numa tarde no hospital — que o primo de Stanton possa chegar a oferecer dinheiro a esse Barkley para que me mate?

Cash estava há dois dias desviando do assunto, da visita de Carreira.

— Acho é possível — disse — mas em Jacobsville estaremos a salvo.

— Ouvi dizer que os assassinos atuam em qualquer lugar.

Cash arqueou as sobrancelhas.

— Jacobsville tem quase dois mil habitantes. O vice-presidente foi ali o ano passado, e ficou alguns dias na casa de um dos irmãos Hart... Ao que parece são primos... E alguns agentes do serviço secreto o acompanharam e tentaram misturar-se com a gente.

Tippy o estava escutando com curiosidade.

— São boa gente, os do serviço secreto — comentou Cash, rindo suavemente — e são conscienciosos em seu trabalho, mas acreditaram que a maneira de não destacar era vestirem-se de cowboys — acrescentou sacudindo a cabeça — Imagine esses tipos em umas lojas de departamentos com calças jeans completamente novas, sem um grãozinho de pó, e camisas xadrez perfeitamente engomadas. Um peão do rancho do Hart se aproximou de um deles e lhe perguntou se queria lhes ajudar a cortar gado, e o agente lhe disse que nunca tinha trabalhado em um matadouro.

Tippy, que não era uma perita em gado, mas sabia que no jargão dos fazendeiros «cortar gado» significava afastar algumas cabeças de um rebanho, e não as sacrificar e fazer filetes pôs-se a rir.

— Assim no final voltaram a ficar seus trajés e fizeram seu trabalho sem se disfarçar — disse Cash, sacudindo a cabeça — O que quero dizer é que em uma pequena cidade como Jacobsville, onde gerações e gerações de distintas famílias viveram juntas, é impossível que chegue e não se dêem conta de que é um forasteiro. Em uma cidade de meio milhão de habitantes... Possivelmente, mas em uma cidade do tamanho de Jacobsville um forasteiro sempre se destaca.

— Bom, isso me tranqüiliza um pouco — murmurou Tippy.

— Não vou deixar que voltem a machucá-la — prometeu-lhe Cash de novo — E eu nunca dou minha palavra em vão.

Tippy se moveu na cama e contraiu o rosto. Ainda tinha as costelas doloridas.

— Tem televisão em casa? — perguntou a Cash.

— Televisão, rádio, CD Player, e duas estantes cheias de livros de detetive e de mistério, junto com uma boa coleção de livros de história de civilizações antigas, e até algumas novelas de ficção científica — respondeu ele — E se tudo isso falhar, também tenho algumas fitas de vídeo estupendas: toda a saga do Star Wars, Guerra nas Estrelas, a trilogia do Senhor dos Anéis, e os filmes de Harry Potter.

— Essas são as favoritas de Rory! — exclamou Tippy.

— O que você gosta?

Tippy ficou pensativa.

— Pois... As de Sherlock Holmes, os filmes antigos da Bette Davis, qualquer um em que saia John Wayne, e filmes de fantasia épica e ficção científica como as das que falou.

— Eu também gosto dos filmes da Bette Davis — confessou Cash. Aproximou-se da cama e estudou seu rosto com olhar clínico — Os cortes já estão com aspecto muito melhor, mas apareceram mais hematomas — acrescentou com um suspiro — Qualquer um que a visse pensaria que esteve metida em uma briga de gangs de ruas.

— Nunca me tinham batido tão forte, nem quando me escapei de casa e estive vários dias vivendo na rua — balbuciou Tippy.

Cash franziu o cenho.

— Bateram em você?

Tippy afastou o olhar.

— Antes de que Cullen me recolhesse, houve algumas de ocasiões nas que escapei por um fio de ser espancada — disse Tippy — e não quero falar disso — acrescentou com uma careta.

Cash, ainda carrancudo, colocou as mãos nos bolsos.

— Continua sem confiar em mim, verdade?

— Todo mundo sente pena quando uma pessoa está ferida, ou doente, mas quando fica bem se esquecem dela — respondeu ela — E não acredito que você seja diferente.

Cash nunca pensou que Tippy pudesse ser tão cínica. Entretanto, ele também o era freqüentemente. Deixou essa questão de lado e recordou a advertência de Carreira. O certo era que tinha suas dúvidas sobre poder proteger Tippy. Não poderia estar em casa todo o tempo, e havia a possibilidade de que alguém entrasse na casa de noite sem ser visto. Sabia bem que era possível... Porque ele mesmo o tinha feito. Deixaria de atormentá-lo algum dia seu passado?

— O que lhe ocorre, Cash? Está com uma má cara... — disse a jovem.

Cash piscou e seu rosto se transformou em uma máscara inexpressiva.

— Não diga bobagens — replicou ele — Quem está engessada é você, não eu.

Tippy inclinou a cabeça e o olhou pensativa.

— Você tampouco se abre muito, não é verdade? Seu passado é como um livro fechado, e vive acompanhado de seus pesadelos, completamente sozinho na escuridão.

Os olhos do Cash relampejaram.

— Não confio o bastante em ninguém para falar de certos aspectos de meu passado... Nem sequer em você — arremeteu contra ela zangado sem pretendê-lo.

— Em mim em menos que ninguém... Porque sou capaz de ver dentro de você, não é isso? — Particularizou ela — Esse foi o motivo pelo qual estava zangado naquela noite antes de voltar para o Texas, no Natal.

Cash lhe deu as costas e foi até a janela. Estava chovendo lá fora, o usual em Nova York no mês de abril. Não, não gostava que Tippy pudesse ver em seu interior. Era algo inquietante, porque denotava uma conexão entre eles que ia além da amizade.

— Está bem, deixarei de passear por sua mente quando não estiver olhando — murmurou Tippy.

— Sou muito ciumento de minha intimidade — disse Cash sem voltar-se.

— Sei. Soube na primeira vez em que o vi. Mas não é assim com todo mundo... Lembro daquele dia em que estava conversando com Christabel, em seu rancho — disse ela, e sua voz mudou — Falava-lhe com tanta ternura... Quase como se estivesse falando com um menino pequeno. Ofereceu-se para levá-la à cidade para comer um hambúrguer, lhe dizendo que a deixaria subir em seu carro patrulha, e até ligaria a sirene.

Cash se voltou, surpreso de que se lembrasse daquilo.

Tippy fugiu de seu olhar. Sua atitude para com Christabel lhe tinha doído muito, embora não soubesse até há pouco: tinha tido ciúmes dela. Era absurdo, porque Cash era um homem que não estabelecia vínculos afetivos com ninguém; sempre tinha sido um forasteiro, um solitário.

Não deixava que ninguém se aproximasse, mas com Christabel se comportava de um modo diferente, e não precisava ser adivinho para saber que teria sacrificado tudo por ela, inclusive sua própria vida.

— Christabel agüentou muitas coisas de mim — disse em voz alta sem se dar conta — Fui muito injusta com ela. Senti-me tão horrivelmente mal quando lhe dispararam... Havia dito algumas coisas de Judd para machucá-la e se tivesse morrido, teria que conviver com isso.

Com o cenho franzido, Cash retornou para junto a ela.

— Não sabia.

Tippy brincou com o lençol que cobria sua descolorida camisola de flores.

— O ajudante de Joel no filme que rodamos em Jacobsville era um déspota, e me lembrava de Sam Stanton. Eu tinha medo dele. Judd, em troca, era meu protetor, meu anjo da guarda. Tinha medo de que se apaixonasse por Christabel, porque então eu ficaria sozinha — levantou o olhar para ele com tristeza — E a verdade é que estava... Até que apareceu você. Não podia acreditar quando agarrou aquele tipo pelo braço e fez com que deixasse de me acostrar — acrescentou admirada.

— Eu não gosto dos valentões — respondeu ele com simplicidade.

— Sim, mas você me detestava — recordou-lhe Tippy.

— Minha opinião sobre você mudou quando dispararam contra Christabel — disse Cash — Sabia exatamente o que teria que fazer quando uma pessoa fosse ferida à bala. Naquele momento não me parei para pensá-lo, mas, como sabia? — perguntou com os olhos entreabertos.

Tippy esboçou um leve sorriso.

— Pela quantidade de séries de médicos que vi na televisão — respondeu bocejando — Estou cansada, Cash. Acredito que vou dormir um pouco.

Cash observou como se fechavam suas pálpebras, e ficou ali de pé olhando-a enternecido. Era a pessoa mais incrível que tinha conhecido em toda sua vida. Alegrava-o que fosse ter tempo de compensá-la pelos enganos que tinha cometido quando se fossem a Jacobsville.

Já tinha ligado para a delegacia de polícia para dizer a Judd como evoluía Tippy, e para lhe dizer uma data aproximada de sua volta. Não acreditava que faltasse muito, a julgar como Tippy estava melhorando.

E estava certo: três dias depois Tippy tinha saído do hospital. Foram a seu apartamento, e Cash começou a preparar sua bagagem.

A jovem se deu conta de que parecia sentir-se incomodado ali, em seu quarto, onde tinham compartilhado uma longa noite de paixão, mas não mencionou aquele dia, e ele tampouco.

Enquanto fazia sua mala, Tippy o observava fascinada, seguindo-o com o olhar enquanto abria gavetas e dobrava blusas, admirando como se ocupava de cada detalhe com eficiência, e devorando com os olhos as masculinas formas de seu corpo e suas feições.

— Se arranja muito bem — disse-lhe.

Cash a olhou e lhe sorriu.

— Vivi com a mala nas costas quase toda minha vida: primeiro na academia militar, depois no exército... Tenho muita prática.

— Já se vê — respondeu ela. Olhou ao seu redor com um suspiro — Vou sentir falta de ter meu próprio espaço durante estas semanas — confessou-lhe — Este é o primeiro lugar «meu» de verdade. Antes de alugar este apartamento tinha vivido com o Cullen em seu apartamento de cobertura, e depois estive dividindo o aluguel com outra modelo. Este por sua vez é só meu.

Cash sorriu.

— Você gostará de minha casa. Dizem que é encantada.

Tippy arqueou as sobrancelhas.

— Sério?

— Contam que um homem a construiu para sua esposa, que era de ascendência escocesa-irlandesa, mais precisamente da Ilha do Skye — explicou Cash, dobrando outra blusa e colocando-a na mala — Segundo as lendas locais não convinha fazer zangar à boa senhora, porque podiam ocorrer coisas terríveis. Não é que fosse uma má pessoa, só que tinha o «dom» do mal olhado. Também diziam que era clarividente.

— Nossa, como eu — murmurou Tippy — embora não saiba jogar o mal olhado, e disse estou certa, porque se soubesse Sam estaria alguns metros abaixo da terra.

Cash se pôs a rir.

— Não acredito que pudesse viver com uma morte sobre sua consciência.

Fez-se um silêncio eloqüente atrás dele, e Cash se voltou, curioso, mas Tippy não estava olhando em sua direção, mas sim estava tirando livros de uma estante.

O coração da jovem disparou, e se alegrava de ter-se voltado para que Cash não pudesse lhe ver o rosto. Havia ainda algumas coisas de seu passado que não queria que Cash soubesse. Ao menos ainda não.

— Que livros são? — perguntou Cash, olhando os dois volumes que tinha nas mãos.

— Este é do Plínio o Velho — respondeu ela rindo — Escrevia sobre a natureza, sabe? Sempre me pareceu fascinante. Morreu quando o Vesúvio entrou em erupção no ano setenta e nove depois de Cristo, quando tentava resgatar com um navio a quem fugia. Este outro é de seu sobrinho, Plínio o jovem, que escreveu a única descrição existente da erupção. É uma leitura fascinante.

— Não os li.

— Levarei-os e assim poderá lê-los enquanto estiver em sua casa — disse Tippy — O melhor que posso fazer agora que estou convalescente é educar

o ignorante. É um dever moral — acrescentou sorrindo. E logo, colocando o antebraço sobre a fronte, exclamou com ênfase teatral — nobreza obriga!

Cash rompeu em risadas, e Tippy o olhou fascinada. Tinha a impressão de que rir não era algo que fizesse muito com frequência. Mostrou-se muito alegre naqueles dois dias que tinha passado com Rory e com ela no Natal, mas ainda assim notava uma certa reticência à risada. Nesse momento, via-o contente.

Cash se deu conta de que o estava olhando, e se voltou para ela com expressão curiosa.

Tippy sorriu.

— Eu gosto de ouvi-lo rir — respondeu encolhendo-se de ombros.

Como se suas palavras o tivessem sobressaltado, Cash se deu a volta e continuou o que estava fazendo.

Tippy disse a si mesma que aquele era um começo. E que a única coisa que tinha que fazer era convencê-lo que ao sorrir se usavam menos músculos que para franzir a sobrancelha, e que a risada era boa para a alma. Aquilo poderia inclusive mudar sua vida.

Quando a mala do Tippy ficou pronta, Cash limpou a geladeira, e levou o que estava em bom estado para a família de Dom, o amigo de Rory. Depois desligou a luz, e falou com o senhorio para assegurar-se de que Tippy ainda teria o apartamento quando retornasse.

Tippy sabia que Cash só pretendia tê-la em sua casa até que se recuperasse, mas mesmo assim doeu-lhe que chegasse ao extremo de falar com seu senhorio para que não alugasse o apartamento para outra pessoa aproveitando sua ausência.

Para ir a Jacobsville fariam escala em Houston. A viagem de avião se mostrou incômoda para Tippy, apesar de Cash ter reservado assentos na primeira classe contra sua vontade. Cash não queria que todos passassem o vôo todo a olhando, e tinha pensado que nessa parte do avião haveria menos passageiros e iria mais acomodada. Além disso, tiveram sorte, porque os dois comissários de bordo, um rapaz e uma garota, mostraram ser muito discretos.

Em Tippy ainda se notava as seqüelas da contusão: enjôos, dores de cabeça..., E um pouco de congestão peitoral pela lesão nas costelas. Cash tinha estado muito preocupado ante a idéia de ter que colocá-la em um avião, mas o

médico lhe havia dito que era preferível do que fazê-la enfrentar várias horas em carro, embora parassem de vez em quando.

Quando chegaram ao aeroporto de Jacobsville, Judd estava ali para recebê-los. Ao saudar Tippy contraiu o rosto, mas logo sorriu.

— Não se preocupe; embora agora esteja horrível, em pouco tempo voltará a ser você outra vez — assegurou-lhe.

Cash lhe perguntou porque estava ser o uniforme.

— É meu dia livre — recordou-lhe Judd — Deixei à tenente Palmer ao mando.

— Palmer? Por que não Barrett? — perguntou Cash. Ambos eram policiais experientes e com autoridade.

— Barrett também pegou o dia livre — respondeu. Judd, limpando a garganta — Tinha que fazer alguma coisa.

Cash se parou de repente junto a pick up de Judd, com uma mala em cada mão.

— Um momento... — balbuciou — Não terá lhe ocorrido... Não terá mandado Barrett limpar minha casa? — exclamou com olhos relampejantes.

Judd pareceu muito ofendido.

— Ouça, ouça, sou oficial de polícia... De fato, sou ajudante do chefe de polícia — acrescentou com altivez, dirigindo um sorriso a Tippy — Jamais faria algo ilegal.

— Como encontrar uma só pedaços de papel higiênico sobre minha grama recém plantada... — começou Cash.

— Tinha imaginado alguma vez que Cash pensasse ser tão mal? — disse Judd a Tippy enquanto a ajudava a subir no alto veículo.

— Se responder a isso farei fígado acebolado para jantar — ameaçou Cash a Tippy enquanto colocava a bagagem no porta-malas e subia no assento traseiro.

Tippy o olhou por cima do ombro, contraindo o rosto de dor ao fazer esse movimento.

— Odeio fígado acebolado!

— Sei disso — respondeu Cash sorrindo.

Judd se pôs a rir. Subiu na pick up negra, ligou o motor e saíram do estacionamento do aeroporto.

Em alguns minutos entravam pelo caminho de cascalho que conduzia à casa de Cash. Era uma construção singela de pranchas de madeira grafite de branco, com venezianas negras e um amplo alpendre frontal com um balanço e uma cadeira de balanço. Ao redor do alpendre havia roseiras, e grama recém plantada que logo que apareciam por cima da terra.

Cash ajudou Tippy a descer do veículo enquanto Judd levava as malas para o alpendre.

— Lembre de não pisar sobre os meus canteiros! — advertiu-lhe Cash.

Judd se deteve com uma de seus grandes expulsa no ar, e girou a cabeça para olhar ao Cash.

— Que canteiros?

— Os que está a ponto de pisar! — resmungou Cash — Plantei dalias nesse, e naquele outro uma mistura de tremoceiros azuis, pincéis índios, malmequeres e margaridas.

— Você gosta da jardinagem? — perguntou-lhe Tippy em um murmúrio.

Cash baixou o olhar para seus olhos verdes, e teve a impressão de que estivesse se acostumando que tremesse um instante sob seus pés. Tinha olhos preciosos, e apesar dos cortes e os hematomas continuavam sendo igualmente exóticos e fascinantes.

— Eu gosto de sentir a terra entre minhas mãos.

Tippy também estava perdida em seus olhos, e se sentia um comichão que a percorria de cima abaixo pela intensidade de seu olhar. Queria aproximar-se mais dele, e que ele a rodeasse com seus braços fortemente. Não lhe faria nenhum bem a suas costelas, é obvio, mas a tentação era tão grande que detestou ter que resistir.

— O traficante ao que prendemos o ano passado dizia o mesmo — disse Judd com ironia, sem olhá-los. Passou as malas por cima dos tapetes e as soltou na beira do alpendre — Tinha plantado dois quilos de cocaína em seu jardim — disse com um sorriso malicioso — Tenho certeza que esperava que crescesse algo.

Cash afastou seus olhos dos de Tippy.

— E pegou dez anos por isso — disse.

— Por desgraça outros ocuparão seu lugar — balbuciou Judd — Bom, na verdade já o fizeram. Nosso novo traficante de crack tem alguns parentes influentes na cidade. Mas você é obvio não me ouviu dizê-lo, nem sabe nada disto — advertiu Tippy.

— Oh, é obvio que não sei nada; nada de nada — ela apressou-se a assentir com um sorriso cúmplice — E na verdade — acrescentou ao fim de um momento, ficando séria — Muitas vezes me sinto tola... Sobretudo ao lado de Cash, que parece saber sobre tudo.

— Pare já com isso — repreendeu-a Cash, tocando-lhe com o indicador a ponta do nariz — Você é uma garota muito inteligente.

Tippy sorriu e se ruborizou ligeiramente, sentindo que não podia afastar seus olhos dos de Cash.

Judd concordava, mas não quis intervir porque tinha a sensação de que seria intrometer-se em algo que não da sua conta. Ao menos parecia que a relação entre Tippy e Cash tinha mudado, que se lestavam bem. Era um começo.

— Christabel me pediu que lhes diga que podem vir para casa para jantar quando quiserem — convidou-os Judd — Esta noite mesmo, se quiserem.

Tippy vacilou, e olhou para Cash.

— Bem, não sei... — disse ele a Judd — Tippy teve alguns dias um pouco difíceis, e a viagem em avião deve tê-la deixado cansada, mas a próxima semana iremos.

— Agradeça a Christabel da parte de nós dois — disse-lhe Tippy — É um detalhe por sua parte, porque na verdade a única coisa que faremos será incomodar, quando tem dois meninos pequenos dos quais se ocupar.

— Não tão pequenos — replicou Judd rindo — já engatinham.

— Jessamina já engatinha? — exclamou Cash. Judd o olhou irritado.

— Os dois engatinham. Jessamina tem um irmão, Cash, e se chama Jared.

— Já sei — respondeu Cash — mas o deixo para vocês — balbuciou arrogante — Jessamina é minha menina. Espere até irmos para sua casa; quando entrar pela porta, nem notará em você.

Judd esteve a ponto de lhe sugerir que pedisse a Tippy que lhe desse uma filha já que tinha tomado tanto afeto pela sua, quando recordou o bebê que a jovem tinha perdido, e que suspeitava que ser de Cash. Pelo que pareceu, as palavras de Cash também tinham incomodado a Tippy, cujos olhos se haviam ficado tristes de repente.

Nesse momento, se lembrou de repente do mascote de Cash.

— Sua serpente! — exclamou — Está... Está aí dentro? — perguntou preocupada.

— Fique tranqüila — respondeu-lhe Cash pacientemente — Imaginei que ficaria assim se visse Mikey em casa, por isso a devolvi a Billy Harris.

— Obrigada — disse Tippy aliviada.

— Bem, eu tenho que ir para casa, mas deveríamos entrar antes — disse Judd.

— Os três? — perguntou Cash sentido saudades.

— Pois claro, os três.

Judd subiu os degraus do alpendre e abriu a porta.

— Isso se chama invasão de domicílio, Dunn — advertiu-lhe Cash.

— É... Se não tiver a permissão do proprietário.

— Pois eu sou o proprietário e não tem minha permissão — replicou Cash.

Judd não lhe fez caso e riu.

Entraram os três, e se encontraram com a mesa de refeição cheia de comida. Havia panelas tampadas, travessas com fatias de presunto dos York e queijo, uma enorme salada, e ao menos cinco sobremesas distintas.

O tenente Barrett, um homem magro e moreno, estava ali com uma grande bolsa na mão e um sorriso nos lábios.

— Bem a tempo, chefe — disse a Cash — Todas nossas algemas lhe prepararam algo para que não tivesse que cozinhar ao chegar. Sabemos que gosta das rosquinhas e as geléias da Julia García, assim aqui tem um pote de geléia de amora, outro de geléia de uva, e uma bandeja inteira de rosquinhas.

— A esposa do tenente García faz as melhores rosquinhas do mundo — disse Judd a Tippy.

— Obrigado — murmurou Cash surpreso — Não esperava por isto.

— Teve uma longa semana — disse Judd, encolhendo-se de ombros — e pensamos que estaria muito cansado para se colocar na cozinha, isso é tudo.

— Estou — admitiu Cash — E a senhora Jewell?

— Virá assim que tiver preparadas suas coisas — respondeu Judd — Disse-me que estaria aqui aproximadamente dentro de uma hora. Sandie Jewell é a enfermeira que irá atendê-la — explicou a Tippy — Tem uns cinquenta anos e adora cozinhar. Você gostará. Viu seu primeiro filme no cinema e adorou. Mas vá preparando, porque a bombardeará de perguntas sobre seu companheiro de cena, Rance Wayne. É uma grande admiradora dele.

Tippy sorriu.

— Já vi. Nesse caso lhe direi o menos possível... Para não lhe tirar a ilusão — respondeu. Levantou uma mão ao rosto — Embora com este rosto ninguém acreditará que saí em nenhum filme.

— Os hematomas e os cortes se desaparecerão, senhorita — disse-lhe o tenente Barrett — Voltará a ser tão bonita quanto antes, já o verá.

— Obrigada — respondeu Tippy timidamente.

— Bom, hora de ir — disse Judd a Barrett.

— Como é que não vi seu carro? — perguntou-lhe Cash à tenente.

— Porque eu o deixei aqui com a comida a caminho do aeroporto — confessou-lhe Judd com um sorriso — Não queríamos que ao ver seu carro lhe desse uma pista e que acabasse com a surpresa.

— Sim que foi uma surpresa — admitiu Cash, e sorriu — Obrigado. E digam à senhora García que suas rosquinhas e suas geléias não se estragarão. Darei boa conta delas.

— Se não se apressar, não — disse-lhe Tippy travessa — Eu adoro as rosquinhas e a geléia de amora. Minha avó estava acostumada a me fazer as duas coisas quando era menina.

— Bom, vamos partir antes de que comecem sua batalha campal — disse Judd lhes piscando um olho — Que os vizinhos não nos inteirem de que estão montando animação!, Não é?

Cash sorriu e acompanhou Judd e Barrett até a porta.

Em menos de cinco minutos Cash tinha retornado junto de Tippy. Não lhe disse que tinha posto Judd e Barrett sobreaviso em relação à possibilidade de que o ex-empregado de Carrera ou um capanga de fora a para Tippy. Assim se encarregavam de manter a casa vigiada quando ele não estivesse.

Cash também tinha pensado em ter armas carregadas e escondidas em diferentes partes da casa, e tinha ocultado de Tippy que a senhora Jewell, além de cuidar de pessoas doentes, também tinha trabalhado como ajudante do chefe de polícia do condado. De fato, seu filho era agente de polícia e trabalhava com Cash, e a mulher sabia usar uma arma quase tão bem quanto o próprio Cash e não havia nada que a assustasse. Se houvesse algum problema, manteria Tippy a salvo até que chegasse ajuda.

— Que detalhe tão bonito, verdade? — disse Tippy a Cash — Embora não acredito que seja capaz de me comer toda comida de uma vez.

— Precisa comer proteínas para se recuperar — disse ele — E não se preocupe em ganhar algum quilograma. Perdeu tanto que pode se permitir a isso.

Tippy se voltou para ele e o olhou preocupada.

— Pareço-lhe que estou muito magra? De verdade?

Cash inspirou devagar.

— Sua figura não é meu assunto — disse-lhe em um tom o mais amável que pôde — Trouxe-a aqui para protegê-la...

Tippy fechou sua mente; não queria escutá-lo. Em seus lábios se desenhava um sorriso, mas foi um sorriso forçado.

— Sei — balbuciou — Só era por falar. Bom, onde está essa geléia?

Cash a observou enquanto tirava os dois potes de uma bolsa de papel, junto com alguns pratos de papelão e outros utensílios, e começava a levantar as tampas das vasilhas de plástico que continham as comidas preparadas.

— Tudo isto tem um aspecto maravilhoso — murmurou, como se não tivesse acontecido nada.

Em seu interior, porém, seu coração estava se partindo em dois. Tinha tecido sonhos e esperanças em torno dele, e não estava certa de que pudesse chegar jamais a desprezá-los por muito que soubesse que Cash só a tinha levado ali para ocupar-se dela até que se recuperasse. Tinha que se enganar, disse-se. Talvez a achasse atraente, desejável, mas isso eram só questões superficiais. Não queria nenhum tipo de compromisso, e ela sim.

— Isto parece um guisado de cabaca — murmurou levantando a tampa de uma panela.

Cash pôs cara de asco.

— Onde está minha pistola?

— Cash, por favor, a cabaca é um vegetal tão nobre quanto outro qualquer — informou Tippy com um ar fingido de superioridade — Os índios a deram para o homem branco, e você tem antepassados índios, assim deveria lhe encantar.

— Só a deram para desfazer-se dela — replicou Cash. Tippy se pôs a rir, e colocou em seu prato uma concha bem grande do conteúdo da panela.

Logo levantou o prato até o nariz para inalar o delicioso aroma.

— Mmm... — murmurou.

— Ótimo — respondeu Cash, afastando-se daquela panela. Os dois encheram seus pratos em silêncio e comeram com apetite, porque em nenhum dos dois vãos lhes tinham servido nada para comer, com exceção dos típicos pacotinhos de amendoins. Cash serviu a Tippy um copo de chá doce e gelado de uma jarra que tinha encontrado na geladeira, serviu-se e voltou a guardar a jarra.

— Que bem que nos tenham feito chá gelado — comentou a Tippy, sentando-se a seu lado — Eu adoro.

— Eu não posso tomá-lo quando estou trabalhando — explicou ela — As calorias, já sabe.

— Todos os mantimentos têm calorias — replicou Cash.

— Sim, mas o açúcar tem o mesmo valor nutricional de um pedaço de papelão.

— Não sente saudade de ser magra.

— Não é porque coma pouco, é pelo ritmo de vida que levo — respondeu Tippy. Virou-se na cadeira para olhá-lo, e contraiu o rosto ao fazê-lo. Ainda sentia dor — Rodar um filme é um processo longo e pesado, e os filmes de ação, como a que estamos fazendo, implicam muito esforço físico: artes marciais, cenas perigosas...

Nesse momento recordou a queda que tinha tido e a perda de seu bebê, e ficou calada.

Cash percebeu a expressão perdida em seu rosto.

— Não faça isso — disse suavemente — Olhar para trás não soluciona os problemas, só faz com que surjam outros novos. E por desgraça nada do que faça poderá mudar o que ocorreu.

Tippy pegou com o garfo um pouco de salada de batata e o levou a boca.

— Nunca tinha ficado grávida antes.

— Teria acabado com sua carreira — disse Cash com aspereza.

— Poderiam ter mudado o roteiro para ajustá-lo para meu estado — disse Tippy encolhendo-se de ombros — Não teria sido tão difícil. Joel fez com que modificassem o roteiro da protagonista de um filme que anunciou em meados da rodagem que se ficou grávida.

Cash a olhou com curiosidade. Não falava como essas mulheres que acreditavam que era impossível unir a maternidade com o trabalho. De fato, ouvindo-a dava a impressão de que parecia ser algo fácil.

Tippy, que tinha se dado conta de que a estava olhando, pôs-se a rir.

— Não tem por que se preocupar, Cash. Nem sequer lembro quando foi a última vez que tentei deixar um homem incomodado.

Tinha esperado que Cash estivesse bebendo para dizer isso, e, como esperado, o chá saiu disparado em todas direções.

Cash soltou um palavrão, e Tippy, rindo, estendeu-lhe alguns guardanapos de papel, e o observou enquanto limpava a camiseta.

— Sinto muito — disse-lhe — não pude evitá-lo. É que estava muito sério.

Cash a olhou longamente.

— Fique tranqüila, não estou acostumado a me zangar... Mas estou acostumado a me vingar. — Tippy se pôs a rir.

— Bom, ao menos mereceu a pena.

Cash levou de novo o copo de chá aos lábios, e esboçou um sorriso. Uma coisa estava clara: durante a estadia do Tippy não ia se aborrecer.

CAPÍTULO 11

Sandie Jewell tinha, como havia dito Judd, uns cinqüenta e tantos. De sorriso sempre disposto, era alta, magra, de olhos castanhos, e tinha o cabelo castanho claro, encaracolado, e curto. Tippy gostou dela desde o primeiro momento em que a viu. Não era absolutamente a típica senhora mais velha, séria e gorda.

Assim que chegou fez uma tabela com os medicamentos que tinham receitado para Tippy e as horas para tomar cada um para assegurar-se de que não pulasse nenhuma apesar de serem apenas dois: o antibiótico, e pastilhas para manter os pulmões descongestionados. E assim que acabou de jantar a levou para cama, dizendo que precisava descansar depois da longa viagem.

Quando Tippy estava deitada, Sandie saiu de seu quarto fechando a porta atrás de si, e foi à cozinha a falar com Cash.

— Colocou-a na cama? — perguntou-lhe Cash, lhe oferecendo uma taça de café, que a mulher aceitou.

— Está cansada — respondeu Sandie — e tem um pouco mais de congestão no pulmão. Amanhã pela manhã assim que se levantar, a levarei para

dar um passeio, e farei com que tome bastante líquido para diluir as secreções. Jesus, parece que a atropelaram com um carro! — acrescentou sacudindo a cabeça — Nunca entenderei como um homem pode chegar a ser tão cruel com uma mulher.

— Eu tampouco — disse Cash — Terá que a ter vigiada todo o tempo para o caso de Stanton ou seu primo mandarem um capanga para matá-la, não podemos nos arriscar que nos encontrem despreparados. Escondi seu revólver no armário do banheiro... Na parte de cima, debaixo de umas toalhas. Está carregado.

— Obrigado. Se tiver que usá-lo não falharei — disse-lhe Sandie. Cash sorriu.

— Sei. Agradeço que tenha vindo. Não há ninguém em quem confie tanto como em você.

— Vai se reincorporar ao trabalho esta noite?

— Bom, tinha pensado...

Justo nesse momento soou o telefone. Cash se apressou a atendê-lo, antes que despertasse Tippy. — Aqui é Grier — respondeu.

— Chefe, deveria vir à delegacia de polícia... E rápido — disse um de seus agentes, com voz vacilante — Temos problemas.

— De que tipo?

— Dois de nossos patrulheiros acabam de prender um homem supostamente por dirigir bêbado. Trouxeram-no algemado, fizeram-lhe um controle de alcoolemia... E deu positivo, assim começaram a redigir uma citação judicial, e o detido se ficou furioso e está ameaçando-os fazendo que os despeçam.

— De quem se trata?

Houve um silêncio ao outro lado da linha.

— O senador Merrill.

Cash inspirou profundamente. Aquele era o pior pesadelo para qualquer policial. A maioria dos políticos fazia que qualquer agente que se atrevesse a prendê-los que fosse cassado, e se não o conseguissem, faziam-lhe a vida

impossível até que se demitissem por conta própria. Tinha vivido essa situação em uma dúzia de cidades em seus anos de serviço no corpo policial.

— O prefeito em exercício ligou e me disse para despedir no ato aos agentes que o prenderam — acrescentou o comandante de guarda.

— Não despeça ninguém, e se Brady insistir, lhe diga que são minhas ordens e que terá que falar comigo antes de fazer que alguém perca seu trabalho — respondeu Cash. Estarei aí em dez minutos.

— Chefe, acredito que deva saber que a filha do senador também está a caminho — disse o comandante da guarda — E já sabe que Jordan Powell e ela são como unha e carne.

Powell era um fazendeiro rico... Muito rico e com muito mau gênio. Cash se perguntou se enfrentar a um capanga não seria mais fácil que entrar naquele mar de lava que o comandante de guarda lhe estava pintando.

— Estou indo para aí — respondeu — Não percam a calma.

Sandie sacudiu a cabeça quando Cash pendurou o telefone.

— Não precisa me dizer o que se passou. Por parar o carro de um legislador estatal jogaram um de nossos companheiros. Não pudemos fazer nada.

— Pois não vão despedir os meus homens — resmungou Cash.

Colocou o uniforme, tirou o revólver de uma gaveta de seu escritório, e o colocou em sua capa.

Tippy, que o tinha ouvido falar no telefone e com Sandie, e movendo-se acima e abaixo, saiu curiosa de seu quarto e foi pelo corredor quando se topou com ele, vestido de uniforme. Já o tinha visto assim quando estavam filmando em Jacobsville, mas não por isso foi menos chocante. Fazia tanto tempo...!

— Está muito bonito — disse-lhe — Vai trabalhar a esta hora?

Cash a olhou.

— Volte para a cama; precisa descansar — ordenou-lhe — Houve um problema no centro. Voltarei assim que puder.

Tippy esteve a um triz de lhe dizer «tome cuidado». De repente se encontrou imaginando como seria se estivessem casados, e ela se despedisse dele a cada dia quando ele fosse trabalhar, sabendo que possivelmente não voltasse para casa.

Esse temor se refletiu em seu rosto, e Cash, que o percebeu, pareceu se incomodar. Revisou sua arma e voltou a embainhá-la antes de dirigir-se para Tippy e segurá-la suavemente pelos ombros.

— Isto é ao que me dedico — sussurrou-lhe — Nunca conheci um modo de vida que não implique algum tipo de risco. De fato, não acredito que pudesse levar outro tipo de vida.

Tippy teve a sensação de que estava lhe dizendo que não podia converter-se no tipo de homem que ela precisava.

— Sei que é bom no que faz — murmurou, esboçando um sorriso — Judd me disse isso em uma ocasião.

Cash tomou o rosto da jovem entre suas grandes mãos.

— Sempre tomo cuidado, e os únicos riscos que rodeia as pessoas são riscos calculados. E não sou um suicida, asseguro-lhe isso. Neste trabalho o descuido é a única coisa que pode te matar.

Tippy inspirou profundamente, e lhe arrumou a gravata. Sorriu, pensando em que aquele gesto era um gesto típico entre mulheres e maridos.

— Não deixe que o matem — disse-lhe.

O coração de Cash deu um salto. Segurou a cabeça e a beijou muito suavemente nos lábios. Tippy não usava maquiagem alguma para dissimular os hematomas, mas mesmo assim estava formosa. Cash inspirou, e o difuso aroma de rosas do perfume de Tippy o invadiu.

Tippy, cujas mãos ficaram na frente da camisa de Cash, levantou sorridente seu rosto para o dele, e fechou os olhos. Adorava deixar que fosse ele quem a beijasse.

O beijo que recebeu foi terno, lento e diferente dos que tinham compartilhado anteriormente. Não foi apaixonado, a não ser suave... E cheio de promessas.

— Volte para a cama — disse-lhe Cash quando levantou a cabeça. Em seus olhos negros havia um olhar turbulento — Pode demorar em retornar.

— Combinado.

Cash arqueou uma sobrancelha.

— Humm... Que dóceis nos tornamos... — murmurou Cash, observando o sorriso inocente do Tippy — Estou certo que quando sair pela porta se porá a limpar a cozinha ou a tentar reorganizar as gavetas.

— Temo que não. Ainda dói muito ao tentar me mover — respondeu ela, sorrindo com ar de paquera — Esperarei ao menos até a semana que vem.

Cash riu suavemente.

— Não se acomode muito — murmurou — Sou feliz sendo um solteirão.

— Não existem os solteirões felizes — replicou ela divertida.

Cash lhe lançou um olhar furioso, mas o sorriso não desapareceu do rosto de Tippy.

— O que é o que aconteceu? Houve um roubo em um banco ou algo assim? — perguntou.

— Não, querem despedir dois de meus agentes por prender um político que dirigia bêbado — respondeu Cash.

Tippy o olhou com os olhos muito abertos.

— E querem depedi-los? Por que?

— Porque o individuo que prenderam é um político rico.

— E o que? A lei é a lei — replicou ela categórica.

— Meu amor! — exclamou Cash, plantando um beijo em seus lábios. Quando se separou dela, riu ao ver a expressão aniquilada de Tippy — Não tenha ilusões, foi só um acidente.

Tippy inclinou a cabeça e o olhou curiosa.

— Bom, é que eu gosto quando se coloca ao meu lado — acrescentou Cash encolhendo-se de ombros.

Tippy sorriu maliciosa.

— Sei onde podemos comprar um anel de noivado — disse-lhe para provocá-lo.

— E eu sei — respondeu ele, franzindo os lábios — mas não vamos comprar nenhum.

Tippy viu que a senhora Jewell estava na cozinha.

— Senhora Jewell, ele está brincando com meus sentimentos e se nega a casar-se comigo.

A mulher a olhou boquiaberta.

— Não, não vou me casar com você — disse Cash com um sorriso — mas não estou brincando com seus sentimentos. Só a beijei porque pensa igual a mim.

— Não é verdade. Beijou-me porque não pode se conter — replicou ela, adotando uma pose de mulher fatal, a pesar da dor que sentiu nas costelas ao fazê-lo — Sou simplesmente irresistível.

— Se você encontrar um grupo e comprar um violão pode cantar essa canção — apontou Cash.

Tippy sabia a que canção se referia, simples irresistível, uma canção de um maravilhoso compositor que já havia falecido.

— Pois é uma canção genial.

— Sim é — respondeu Cash, lhe piscando um olho — Ande, vai para a cama.

Tippy moveu as sobrancelhas de um modo insinuante.

— E quer parar com isso? — exigiu-lhe Cash — A senhora Jewell vai me proteger de você, assim cuidado com o que fizer.

— É verdade que vai fazer isso? — perguntou Tippy a Sandie — Por que? É que não lhe caio bem?

A senhora Jewell rompeu em gargalhadas, e Cash aproveitou que Tippy estava distraída para correr para a porta.

— Conheço-o há quase um ano — disse a mulher a Tippy, enquanto escutavam como arrancava com a caminhonete e se afastava nela — e nunca o tinha visto rir tanto como nos últimos dez minutos. Parece-me que está caidinho por você.

— Não acredito. Estou ferida e sente pena de mim — replicou Tippy, como se não se importasse — mas parece que agora grunhe menos que antes quando o provoco.

A senhora Jewell, a quem não escapava nada, perguntou-lhe:

— O quer muito, não é certo?

Tippy vacilou, mas logo sorriu e suspirou.

— Sim, mas é um amor destinado ao fracasso. Cash não é dos que se casam, e para ele sou um risco que pode pôr em perigo sua independência.

— Mas na realidade você não é como aparece na tela — apontou a mulher.

— Você é muito perspicaz — disse Tippy surpresa — A maioria das pessoas não é capaz de distinguir.

— Bem, tenho muita prática em conhecer as pessoas — respondeu a senhora Jewell — E agora volte para a cama, senhorita. Precisa descansar para ficar bem.

Tippy tocou seu próprio rosto. Ainda se notava os cortes inflamados.

— Devo ter um aspecto terrível — murmurou.

— Tem o aspecto de alguém a quem têm feito mal, querida — foi a resposta da mulher — Esses cortes se curarão, e também as costelas... E os hematomas desaparecerão, mas deve descansar e tomar muito líquido para que não lhe congestionem o pulmão mais do que já o está. A viagem de avião não lhe fez muito bem.

— Não, é verdade — assentiu Tippy—, mas se tivéssemos que percorrer essa distância de carro teria sido ainda pior. Enfim, tenho a medicação, e lhe prometo que a tomarei. Quero acabar o filme que estava fazendo; se não, não receberei.

Deu-se conta de como estava a olhando, e recordou zangada do que escreveram nos jornais sobre o acidente que tinha tido.

— Um ajudante do diretor me jurou que aquele salto não era perigoso e se negou a contratar uma dublê — explicou-lhe — Eu tinha um mau pressentimento, mas não queria perder meu trabalho por estar paranóica com a idéia de pôr em risco minha gravidez. Nesse momento não tinha muitos ganhos, e tinha que pagar o aluguel do apartamento, as mensalidades do colégio de meu irmão pequeno. Fazia outras cenas de ação e não tinha me passado nada, assim fui tão tola que confiei naquele tipo e me arrisquei quando não tinha por que havê-lo feito. Não calculei bem o salto e caí... E perdi meu bebê — acrescentou, com a voz quebrada pela dor.

A senhora Jewell contraiu o rosto.

— Eu perdi dois — disse-lhe — sei o que se sente.

As duas mulheres cruzaram um olhar que não necessitava de palavras.

— Volte para a cama — insistiu-lhe a senhora Jewell — Levarei-lhe um copo de leite e assim possivelmente se consiga dormir.

— Não acredito que possa dormir até que Cash volte para casa — disse Tippy preocupada.

A outra mulher riu suavemente, empurrando Tippy para o quarto.

— Por esse homem nunca precisa se preocupar. Sabe cuidar muito bem de si mesmo. Logo você comprovará.

A delegacia de polícia do Jacobsville, que normalmente era um lugar tranqüilo durante o turno de noite, com um pessoal mínimo, estava cheia de atividade. Três patrulheiros estavam de pé em torno da mesa em que trabalhava a secretária do turno de noite que fazia o registro. Um homem mais velho, que cambaleava ligeiramente, estava ameaçando tomar ações imediatas contra dois dos patrulheiros, um homem e uma mulher, que pareciam preocupados e não diziam uma palavra. Enquanto, uma atraente jovem com um traje muito caro estava dizendo a todos o que aconteceria se não retirassem imediatamente as acusações contra seu pai.

Cash entrou nesse momento, com passo ameaçador.

— Está bem, o que se passa aqui? — perguntou com brutalidade.

Todo mundo começou a falar com mesmo tempo.

Cash levantou uma mão para pedir silêncio.

— Quem fez a detenção? — perguntou.

O tenente Carlos García, um agente com experiência que estava a cargo da unidade patrulha, e a agente Dana Hall, uma novata, deram um passo adiante. Cash os conhecia bem. A esposa de García, era a responsável por saúde pública do condado, querida por todos os cidadãos, e o falecido pai de Dana tinha sido um dos juizes mais respeitados do tribunal superior de seu distrito judicial.

— Hall ia no carro comigo — começou a explicar *García* — Vimos um carro que ia fazendo esses, primeiro fora de sua pista, invadindo o contrário, e logo para o bordo. Seguimos durante um quilômetro e meio para nos assegurar de que a denúncia seria válida... E quase bateu frontalmente com outro carro! Então foi quando liguei as luzes e a sirene, e fiz com que parasse.

— Continue — insistiu-o *Cash*.

— Hall e eu nos aproximamos do carro cada um por um lado, para acaso o suspeito estar armado. Pedi-lhe que me mostrasse a carteira de motorista, mas imediatamente saiu do veículo e começou a me ameaçar. O fôlego cheirava a álcool, assim comprovei seus reflexos fazendo-o tocar nariz com os olhos fechados, e logo lhe pedi que caminhasse em linha reta. Não pôde fazer nenhuma das duas coisas.

— E o que ocorreu depois? — perguntou *Cash*.

— Disse-lhe que íamos trazê-lo aqui para delegacia de polícia para submetê-lo a um controle de alcoolemia, e então começou a me insultar, e resistiu a prisão. Eu o prendi enquanto Hall lhe punha as algemas, o trouxemos aqui, e lhe fizemos o exame. Segundo o resultado, o nível de álcool no sangue é de 0,15... Acima do nível permitido de consumo, assim que lhe dava uma citação, prendi-o, pedi para nossa secretária, a senhorita *Phibbs*, que telefasse para sua filha para que ela pudesse depositar a fiança e assim deixá-lo livre.

— Não podem prender meu pai por dirigir bêbado a um mês das primárias! — protestou a bonita filha loira do senador — Quero que despeça estes agentes, senhor *Grier*. Meu pai não está bêbado!

— É obvio que o estou... Que não o estou! — balbuciou o senador — Estão todos despedidos! — acrescentou cambaleando.

— Já que sua filha depositou a fiança, pode você ir para casa sob sua custódia — disse *Cash* ao senador educadamente — encontre uma pessoa para defendê-lo da acusação no tribunal da cidade e o juiz estimará se deve retirar temporalmente sua carteira de motorista.

— Nosso advogado se fará cargo disso assim que eu entrar em contato com ele, posso assegurar! — disse-lhe a filha do senador com altivez.

— Não podem me tirar a carteira de motorista; sou senador! — queixou-se o senhor *Merrill* extremamente irritado.

— O juiz é quem dirá isso.

— Isto lhe custará o posto! — rugiu o senador.

Antes que a coisa pudesse ficar pior, o prefeito em exercício, Ben Brady, entrou na delegacia de polícia vestido com uma camiseta e calça que parecia que foram vestidas as pressas.

— O que está acontecendo aqui? — exigiu saber.

García explicou de novo o ocorrido.

— Pelo amor de Deus — resmungou Brady — Meu tio nunca dirigiu bebido. Já estão retirando as acusações e encerrando a citação. Diremos que foi um engano e nos esqueceremos deste assunto.

— Não foi nenhum engano — replicou Cash com firmeza. Aproximou-se de Brady, a quem superava vários centímetros em altura, e o olhou ameaçador — Meus agentes fizeram uma detenção legítima, e têm o resultado do exame de alcoolemia para respaldá-la. O nível de álcool no sangue do senador está acima do permitido, e por isso lhe deu uma citação judicial. A lei é a mesma para todos.

Brady ficou vermelho de raiva.

— Já veremos o que pensa o advogado municipal de tudo isto!

— Por seu bem espero que seja o mesmo que eu: que o dever destes agentes é velar pelo cumprimento da justiça — respondeu Cash — E antes de que questione o que acabo de dizer — acrescentou ao ver que Brady ia replicar — permita que o recorde que o fiscal geral do estado é Simon Hart.

— O qual não o servirá de nada! — replicou Brady, feito uma fúria.

— Os Hart são meus primos em segundo-grau — respondeu-lhe Cash muito calmo, e de repente todo mundo ficou em silêncio. Nunca o havia dito a ninguém.

Brady se voltou para seu tio, o senador,

— Tio, estou seguro de que isto não é mais que um engano. Faça o que lhe dizem; o mês que vem abrirei um expediente disciplinador contra os agentes que lhe prenderam, e chegaremos ao fundo desta questão. Suponho que você não tem nada a objetar — disse ao Cash.

Cash se limitou a sorrir.

— Por que eu teria que objetar? Meus agentes não fizeram nada mau — respondeu — E não serão suspensos, com ou sem pagamento, por não os terem

acusado formalmente por má conduta profissional e tenham a oportunidade de defender-se — acrescentou, e o sorriso se apagou de seus lábios.

Brady parecia querer ir nesse mesmo momento ao tribunal a interpor a demanda, mas Cash o intimidava.

— Muito bem — balbuciou — Seus agentes receberão uma citação para o tribunal.

— E eu se fosse você iria procurando outro trabalho — disse Julie Merrill a Cash com verdadeiro ódio.

— Eu gosto do que faço, senhorita Merrill — replicou Cash sem perder as maneiras — e não tenho intenção de deixá-lo.

— Veremos se irá conservá-lo! — burlou-se ela.

Cash lhe sorriu, e a jovem deu um passo atrás para ir com seu pai e o prefeito em exercício sem dizer nenhuma palavra.

Minutos depois os três partiram e na delegacia de polícia só ficaram a secretária, que tinha um sorriso divertido nos lábios, Cash, e os dois agentes.

— O que? — perguntou-lhe Cash aos patrulheiros ao ver a expressão em seus rostos.

García se esfregou a nuca incomodado.

— Acreditávamos que queria que nós nos demitíssemos.

— Sim, senhor — disse a agente Hall.

— Como se com apenas estalar os dedos pudesse encontrar outros dois bons patrulheiros em uma cidade de menos de duas mil almas! — exclamou Cash.

— Mas podemos acabar dentro de uma boa confusão — disse García — Eu vi casos similares. O velho sargento Manley prendeu um vereador por dirigir bêbado faz anos, e o despediram. Só lhe faltava um ano para se aposentar, mas o chefe Blake não disse uma palavra.

Cash o olhou aos olhos com muita serenidade.

— Eu não sou Chet Blake.

O sargento García esboçou um sorriso.

— Sei, senhor. Nós... Em... Já tínhamos nos dado conta. — Agradecemos-lhe que tenha se posto ao nosso lado, chefe — disse-lhe a agente Hall — mas se tivermos que nos demitir, o faremos.

— Pois eu não penso demitir — respondeu-lhe Cash imediatamente — nem vai demitir ninguém desta chefia por fazer seu trabalho.

— Não nos porão isso fácil — insistiu García — E nós não contamos com um assessor jurídico. Somos uma chefia tão pequena que nem isso temos.

— Poderíamos pedir ao senhor Kemp que nos represente — propôs Hall.

— Eu me ocuparei disso — tranquilizou-os Cash — E não devem se preocupar; há um montão de gente aí fora que está farta de que os políticos burlam as leis. Isso vai acabar, e aqui não vão demitir ninguém, entendido?

Os dois agentes sorriram. Não estavam muito convencidos de que as coisas fossem sair como Cash dizia, mas ao menos se sentiam mais esperançosos.

Cash se foi para casa cansado, mas satisfeito e, para sua surpresa, quando chegou, encontrou-se com que Tippy ainda estava acordada, e que se sentou no salão a esperá-lo.

— Disse a Sandie que se assegurasse de que se deitava! — resmungou.

— Não a culpe — disse-lhe Tippy. Estava de camisola, mas se tinha posto em cima um roupão que chegava aos tornozelos — Estava caindo de sono, e quando dormiu voltei a me levantar. Não tinha vontade de ficar na cama, isso é tudo — mentiu.

Na realidade, tinha ficado preocupada que tivesse podido lhe acontecer algo, e tinha ficado acordada porque sabia que seria incapaz de conciliar o sono até que retornasse.

Cash estava experimentando nesse momento uma das sensações mais estranhas que nunca tinha experimentado antes. Não podia recordar que sua esposa, a esposa que tinha acreditado que o tinha amado, ficou acordada nenhuma só vez para assegurar-se de que voltava para casa. Tinha sido o mesmo que não estivesse se casado.

E em troca, nesse momento, frente a ele havia uma mulher maravilhosa de cabelo loiro avermelhado e hipnotizadores olhos verdes, a que todos os homens idolatravam, e estava sentada em seu sofá, esperando-o, porque tinha ficado preocupada com ele.

Cash não disse nada. Tirou o cinturão da pistola, deixou-o sobre a mesinha, e se voltou para o Tippy, olhando-a curioso, com o cenho ligeiramente franzido.

— Está zangado — assumiu ela.

Cash afastou o olhar.

— Não sei como me sinto.

— Poderia se jogar no sofá e me falar de sua infância — lhe sugeriu Tippy, com um sorrisinho malicioso.

Cash arqueou uma sobrancelha e a olhou longamente.

— Se me jogar no sofá, será contigo por baixo.

As bochechas da jovem se ruborizaram ligeiramente.

— Tenho uma lesão nas costelas — recordou-lhe.

— Oh, mas se curará — respondeu ele — e então terá que ficar de olho.

— Para que? Já disse que não quer se casar comigo... — replicou ela, com um amplo sorriso — E eu nunca faria amor num sofá com um solteiro declarado.

— Desmancha-prazeres.

Cash se deixou cair com um pesado suspiro na poltrona que havia junto ao sofá, tirou a gravata, e desabotoou os primeiros botões de sua camisa azul deixando entrever a camiseta branca que usava por baixo.

— Quer falar? — perguntou-lhe Tippy, sem querer pressioná-lo.

Cash franziu o cenho.

— Nunca tive a ninguém com quem pudesse falar — confessou-lhe Cash — Nem sequer durante o tempo que estive casado; minha esposa detestava meu trabalho.

Tippy escrutinou seus olhos castanhos.

— Algo o tem preocupado.

— Quer deixar de ler em minha mente? — disse Cash irritado, jogando a gravata sobre a mesinha, junto ao cinturão.

— Não faço de propósito — tentou explicar Tippy — E, se quer saber a verdade, o certo é que para mim isto é mais uma maldição que uma bênção. As únicas coisas que sou capaz de ver são coisas negativas, como perigo, e inquietação.

Cash se recostou na poltrona e cruzou uma perna sobre a outra.

— Assim, quando está lhe ocorrendo algo mau a Rory, pode intuí-lo?

Tippy assentiu com a cabeça.

— Desde que era muito pequeno. E com minha avó se passava o mesmo. Antes de que ocorresse soube quando ia morrer e como — disse estremecendo-se, e rodeando o magro corpo com os braços — Vi acontecer em um sonho que tive.

— As pessoas devem se inquietar quando os contas essas coisas — apontou Cash.

Tippy o olhou muito serena.

— Nunca contei a ninguém. Nem sequer ao Rory.

— Por que?

— Porque não quero assustá-lo; estou bastante segura de que ele não tem o dom. Minha mãe certamente não o tem — acrescentou — O que passará agora com ela?

— Se for comprovado que estava implicada no seqüestro irá para prisão. O seqüestro é considerado um delito federal.

Tippy ficou calada durante um bom momento.

— Talvez se a mandarem para prisão se curará de seu vício com a bebida e às drogas.

Cash esboçou um sorriso zombador.

— Acaso acha que os prisioneiros dos cárceres não podem conseguir drogas e álcool?

— Quer dizer que podem? — perguntou ela com incredulidade.

Cash se recostou na poltrona e fechou os olhos cansado.

— Querida, na prisão pode se conseguir tudo. Dentro existe toda uma estrutura social com sua própria hierarquia. E todo mundo se deixa subornar se lhe der um bom motivo.

— Não o tinha por um cínico — murmurou Tippy sobressaltada.

Ainda sentia um comichão por dentro por aquele termo afetuoso que Cash tinha empregado certamente sem sequer se dar conta. O pensamento de que estavam a sós, e que estavam falando como se fossem marido e mulher a fez sentir-se acalorada.

— Sei como funciona o mundo — respondeu ele cansado — e a maioria das vezes é um lugar perigoso e triste onde se recebem muito poucas compensações por todas as dificuldades que terá que enfrentar.

— Eu acredito que a família é uma compensação muito importante — comentou Tippy.

Cash abriu os olhos e a olhou com frieza.

— A família pode ser mais perigosa que o mundo que há aí fora.

Tippy sabia por própria experiência que tinha razão, e Cash o viu refletido na expressão triste de seus olhos. Contraiu o rosto irritado consigo mesmo. Não tinha sido sua intenção atacá-la daquele modo; o que passava era que ela o fazia sentir estranho que soubesse quando estava zangado. Nunca falava de seu trabalho com ninguém fora de seu âmbito trabalhista. Além disso, Tippy já sabia muito sobre ele, e não confiava nela. Não confiava em ninguém.

Apenas olhando-o, Tippy soube que Cash lutaria com unhas e dentes por mantê-la à distância, tanto física como emocionalmente. Tinha medo de que o ferisse.

— Inclusive neste momento sabe o que estou pensando, não é certo? — grunhiu Cash.

Tippy piscou e afastou o olhar.

— Acredito que ocorreu algo relacionado com o trabalho que o zangou, e que está guardando isso dentro porque sente que não há ninguém com quem pode falar. Não se trata de algo que tenha se passado com voê — acrescentou — é algo... Tem a ver com alguém a quem gosta.

O ruído que fizeram as solas dos sapatos de Cash ao golpear o chão quando ficou de pé soou como uma pequena explosão. Olhou-a carrancudo, e saiu irado do salão.

Tippy suspirou. Não queria irritá-lo mais, mas tampouco era bom para ele que reprimisse suas emoções desse modo. Embora estivesse em forma e gozasse de boa saúde, o estresse podia acabar lhe afetando. Se tentasse pelo menos uma vez falar de seus problemas...! Tippy sorriu ao recordar o que lhe tinha contado sobre seu pai e sua mãe, e o transtorno que tinha sido para ele. Primeiro sua madrasta e mais tarde sua esposa o tinham traído do modo mais cruel. Não era a toa que fosse capaz de confiar antes em qualquer homem do que em nenhuma mulher.

Tippy se levantou devagar. Tinha sido uma tola ao se iludir. Estava muito claro que nada ia mudar enquanto estivesse ali; Cash continuaria mantendo a distância entre eles. Na realidade não a surpreendeva, mas nem por isso era menos doloroso. Se não confiava nela, não havia esperanças de que pudesse chegar jamais a manter sentimento algum além de uma amizade superficial.

Com passo lento se dirigiu pelo corredor de volta a seu quarto, e fechou a porta suavemente atrás de si. Tirou-se o roupão, colocou-se na cama, e ficou lendo um dos livros que levou porque continuava sem ter sonho.

Tinha se passado somente cinco minutos quando bateram na porta e Cash entrou com uma bandeja. Nela havia uma xícara de chocolate quente e alguns biscoitos de gengibre.

— Não se iluda — balbuciou Cash enquanto fechava a porta e se dirigia para a mesinha de cabeceira para depositar a bandeja — isto não implica que me renda, nem que vá falar de trabalho.

— Combinado — respondeu Tippy — Nesse caso obrigada pelo lanche.

Cash ficou ali de pé, olhando-a com aparente indiferença, mas quando seus olhos pousaram nos brancos ombros da jovem, marcador só pelas alças da camisola, e na turgidez dos firmes seios, veio a sua mente a lembrança do que tinha sentido ao beijá-los, fazendo-a gemer de prazer.

A Tippy não passou despercebido o fogo que se acendeu de repente em seu olhar, mas fingiu não tê-lo percebido. Tomou um gole de chocolate.

— Está bom — comentou.

— É desses instantâneos, que só tem que acrescentar leite fervendo — explicou Cash — Não sei fazer chocolate caseiro.

Tirou a camisa, ficando somente com a camiseta e a calça, e parecia cansado.

Tippy provou um dos biscoitos de gengibre. Estavam deliciosos.

— A senhora García os enviou junto com as rosquinhas e os dois potes de geléia — disse-lhe Cash.

— Estão muito boas.

Cash inspirou profundamente.

— Dois agentes de minha chefia prenderam há algumas horas um político por dirigir bêbado. Quer que os despeça, e o prefeito em exercício, seu sobrinho, está me pressionando para que o solte e também quer que me despeça.

Tippy engoliu o resto de biscoito sem mastigá-lo. Um comichão a percorreu de cima a baixo. Cash tinha decidido lhe falar de seu trabalho! Aquilo era um marco, e teve que fazer um esforço para conter as lágrimas.

— Mas você não o deixará que se saia dessa — disse-lhe Tippy, tratando de ocultar sua satisfação.

Cash não pôde menos de sentir-se lisonjeado por essa fé cega que parecia ter nele.

— É claro que não deixarei — assentiu — Sabe? Acabei me apegando a esta pequena cidade. Para muita gente ainda sou um forasteiro, mas eu me sinto daqui.

— Você gosta deste lugar — disse Tippy.

Ele esboçou um leve sorriso.

— Sim, eu gosto de muito.

Cash a observou enquanto pegava outro biscoito.

— Fica bem com essa cor — disse-lhe — Acreditava que as ruivas não se vestiam de rosa.

Tippy sorriu.

— Normalmente não visto nada rosa. Esta camisola é um presente de Rory. Comprou-me isso no Natal, junto com o roupão.

— Ele já tinha me dito.

— Sinto falta dele.

— Imagino — respondeu Cash — mas está muito mais seguro na academia do que estaria se tivesse ficado em Nova Iorque contigo. Assim que acabar as aulas o traremos para cá.

— Obrigado — murmurou Tippy — Rory gosta muito de você.

— É um menino maravilhoso.

— Para ele é um herói — acrescentou ela, pestanejando com fingida admiração.

Cash riu.

— Logo se dará conta de que no geral os heróis não são tão perfeitos como as pessoas acreditam.

— Não o seu — disse Tippy sem olhá-lo — O de Rory é um herói de verdade.

Cash ficou calado um bom momento. Sabia que Tippy estava dizendo como o sentia, mas não queria que o idealizasse desse modo. Estava enganando-se só porque sua primeira vez a tinha deixado impressionada, porque tinha gostado de como a tinha feito se sentir.

Aquilo não era algo novo para ele. Sua ex-mulher também tinha gostado dele na cama, mas quando havia lhe contado tudo o que acreditava que devia saber sobre ele, sobre sua vida antes de conhecê-la, afastou-se repugnada dele. Com Tippy seria o mesmo. O Cash pelo qual se sentia atraída era uma ilusão, não um homem de carne e osso.

— Vou para cama — disse-lhe — Precisa de alguma coisa antes de que saia?

Tippy levantou o olhar para ele. Cash estava muito sério e lhe fazendo perguntas só conseguiu voltar a irritá-lo.

— Não, mas obrigado pelo chocolate e os biscoitos — disse-lhe com um sorriso.

— Não há de que. Bom, até manhã — vacilou um instante — Se precisar de algo durante a noite...

— Sei, o quarto da senhora Jewell está logo no final do corredor, e aqui tenho um interfone — respondeu Tippy, apontando o aparelho sobre a mesinha de cabeceira — Disse-me isso antes de ir se deitar.

Cash assentiu com a cabeça, e vacilou de novo um momento, como se houvesse algo mais que queria dizer, mas não soubesse o que era. Dirigiu-se para a porta, mas quando tinha a mão sobre a fechadura se deteve de novo.

— Obrigado por ficar acordada para me esperar — balbuciou sem se voltar.

E, antes que Tippy pudesse se recuperar e responder, saiu e fechou atrás de si.

No dia seguinte correu o assunto entre o pessoal da prefeitura, dos corpos de polícia e de bombeiros de Jacobsville, de que Cash ia defender seus oficiais embora lhe custasse o posto. Da noite para o dia tinha deixado de ser um forasteiro tentando fazer um lugar na comunidade para ser considerado parte dela.

Cash se surpreendeu com a admiração que causou, porque ele considerava que simplesmente estava cumprindo com seu dever. Os cidadãos de Jacobsville, em troca, tinham apreciado seu gesto no que valia, e quando as pessoas se encontravam pela rua o principal, o tema de conversa era a ferrenha defesa que Cash fazia de seus companheiros.

E é que, como diria Sandie a Tippy, fosse Cash ou não consciente disso, transformou-se em um herói aos olhos da cidade inteira. Ante essas palavras Tippy tinha sorrido, sentindo-se já parte daquela grande família.

CAPÍTULO 12

Tippy, que nunca tinha vivido em uma casa de verdade, estava fascinada com a de Cash. Até então só tinha conhecido a casa em ruínas de sua mãe, o

apartamento de cobertura de Cullen, o apartamento que tinha compartilhado com outra modelo, e seu apartamento alugado.

A casa de Cash tinha um alpendre comprido na parte dianteira, um pouco menor na parte traseira, amplos quartos, um banheiro e uma cozinha enormes, e parecia que era verdadeiramente encantada.

E tinha ainda algo mais que a atraía, onde passava horas e horas: o jardim da parte de trás, onde havia flores em todas as partes, arbustos em flor, e altas árvores. Cash tinha uma rede ali, e Tippy adorava ficar nela e balançar-se sob a fresca brisa primaveril. Ainda lhe doíam as costelas, e lhe custava subir na rede, mas uma vez que subia recostava e se encontrava no céu. Já estava lhe custando menos respirar, graças à quantidade enorme de líquido que a senhora Jewell a estava fazendo beber, os hematomas estavam desaparecendo e adquirindo um tom amarelo. Os enjôos e as dores de cabeça não tinham desaparecido de tudo, mas estavam muito melhores, e embora seu rosto parecesse um mapa de estradas os cortes lhe doíam menos e do que parecia, como lhe havia dito o médico, iriam se curar perfeitamente.

Entretanto, apesar dessa melhoria, a senhora Jewell tinha estado virtualmente em cima dela durante os últimos dias, e Cash lhe lançava olhares preocupados quando estava em casa. Tippy intuía que algo não ia bem, mas não tinha conseguido que nenhum dos dois lhe dissesse do que se tratava.

Esticou-se na rede com um enorme bocejo e fechou os olhos, deleitando-se na agradável sensação do calor do sol em seu rosto. Tinha colocado um vestido de alça verde estampado que chegava aos tornozelos, seus pés estavam descalços, e o cabelo loiro avermelhado lhe caía em torno do rosto em suaves ondas. Não podia sabê-lo porque não via si mesma, mas formava um formoso quadro com a verde grama ao fundo.

Embora a senhora Jewell tivesse saído para as compras e Cash estivesse trabalhando, Tippy não pensava que pudesse lhe acontecer nada estando no jardim, e menos em plena luz do dia, mas quando de repente sentiu um comichão no pescoço, ficou tensa, e abriu os olhos para encontrar-se com o Cash inclinado sobre a rede com o cenho franzido.

— Oh! — exclamou dando um pulo. O brusco movimento quase fez que caísse da rede — Cash, me assustou! — disse com voz entrecortada.

— Bem feito — respondeu ele — Um dos homens que a seqüestraram anda ainda solto por aí e você é a única pessoa que pode testemunhar contra ele e seus cúmplices. Olhe, Tippy, eu não posso estar aqui todo o tempo, nem

tampouco Sandie, e é arriscado e irresponsável de sua parte ficar aqui completamente só no estado em que está. E nem sequer está armada!

Tippy, que não tinha deixado de olhá-lo enquanto falava, engoliu em seco.

— Não se preocupe, lhe asseguro que da próxima vez trarei um taco de beisebol — disse-lhe, com o coração pulsando como um louco e sem fôlego pelo susto.

Cash se abrandou, embora só um pouco, e escrutinando o rosto da jovem com seus olhos castanhos murmurou fascinado:

— Estou quase acreditando nessa história que diz que a casa é encantada, porque parece uma fada aí estendida.

— Uma fada feita de pedaço de carvão vegetal, será — comentou ela, rindo para ocultar seu sobressalto.

— Que pedaço de carvão vegetal, nem pedaço de carvão vegetal... Ande, afaste-se para um lado.

Sem compreender para que queria que o fizesse, Tippy obedeceu. Para sua surpresa, Cash subiu na rede com ela, colocou a capa do revólver de modo que não se enganchasse nos buracos da malha da rede, se recostou com um bocejo pondo as mãos debaixo da cabeça.

— O que gosto — murmurou fechando os olhos — Montei este traste faz um mês, e não tive nem cinco minutos para prová-lo. Enfim, pelo menos parece que as coisas se acalmaram um pouco na prefeitura.

— O senador continua ameaçando despedir a todos? — quis saber Tippy.

— Sim, é claro que sim. E o prefeito em exercício também — respondeu Cash, sorrindo sonolento — mas o advogado do senador Merrill não é dos que apóiam as ações ilegais. É um tipo honorável que acredita no estado de direito. Desde que falou com o prefeito não houve muita comunicação entre nós.

— Mas ainda fique de olho — recordou-lhe Tippy.

— Sim, mas não contam com que teremos um assessor jurídico que ninguém conhece exceto eu — disse-lhe Cash, olhando-a com um sorriso misterioso — E além disso, há outro assunto no qual estou trabalhando, relacionado com o tráfico local de drogas.

Tippy franziu os lábios.

— Quer dizer... Que há alguém da cidade comprometido?

— Não conseguirá me tirar nada — disse-lhe Cash sonolento — se falar de uma surpresa antes de tê-la pronta pode acabar estragando-a.

— Está bem, então não me conte nada. Mas não permitirá que despeçam nem esses agentes nem a você, verdade?

— Com certeza.

Tippy não duvidou nem por um momento. Recostou-se com um longo suspiro, e murmurou:

— Nunca tinha feito isto... Relaxar-me, quero dizer. Bom, para começar jamais tinha tido uma rede em que me deitar, mas tampouco nunca tinha me sentido suficientemente segura para me relaxar.

Cash lhe acariciou o longo cabelo com uma mão.

— Teve amigos quando menina?

— Não muitos — respondeu ela — Havia uma menina em meu bairro com a qual fiz amizade, mas tinha medo de Sam, e sabia quão cruel podia ser minha mãe quando bebia. A maioria das vezes era eu quem ia até sua casa... Até que minha mãe decidiu que eu estava me divertindo muito — explicou fechando os olhos, alheia ao interesse com que Cash estava escutando-a — Odeia-me desde dia em que nasci, sabe? Sempre estava me dizendo que eu não tinha sido mais que um engano, que se tinha ficado grávida de mim porque tinha tido relações sem tomar nenhum tipo de precaução.

— Que coisa tão bonita para se dizer a uma menina... — balbuciou Cash indignado.

— Aos oito anos já tinha tido que aprender a fazer as tarefas da casa e a cozinhar porque eram raros os dias em que não estava bêbada. Acredito que nunca a vi sóbria. Depois Sam entrou em sua vida e começou com as drogas pesadas. Eu o odiava — recordou em um murmúrio — mas no final terei a oportunidade de fazê-lo pagar por tudo o que me fez.

Cash girou para um lado para olhá-la.

— Stanton disse à polícia que o atacou.

— É verdade, eu o fiz — respondeu ela — Graças às aulas de artes marciais que tinha recebido para o filme fui capaz de lhe dar alguns golpes em pontos vulneráveis antes de que me imobilizasse. Não sabe o bem que senti ao lhe bater. Também tinha levado uma navalha, mas não pude chegar a usá-la.

Cash acariciou com ternura seu rosto machucado.

— Eu acrescentei um disparo de bala a esses golpes que lhe deu — disse — embora quando vi o que tinha lhe feito desejei que meu disparo tivesse sido mais certo.

Tippy contornou seus lábios com as pontas dos dedos.

— Sinto me segura com você.

Cash arqueou as sobrancelhas.

— Não o dizia nesse sentido — balbuciou ela — Refiro-me a que não tenho medo quando está a meu lado.

— Obrigado pelo esclarecimento — murmurou ele.

Tippy se moveu para ficar mais cômoda, e contraiu o rosto ao sentir uma pontada de dor nas costelas.

— Está se falando muito das eleições ao senado — comentou — A senhora Jewell acredita que esse tal Ballenger ganhará.

— Como a maioria das pessoas aqui em Jacobsville — respondeu Cash — Deixando de lado o fato que Merrill beba, há muitas pessoas que acham que não deveria ter se apresentado para uma relação. E não por sua idade, mas sim por sua atitude — acrescentou — Está desligado dos eleitores, e espera que as famílias de ascendência, pessoas com dinheiro que o apoiou sempre, mantenham-no no cargo. Mas muitas dessas famílias foram perdendo grande parte de sua fortuna e seu poder, e está surgindo uma nova estrutura social da qual os Ballenger formam parte. Seu nome tem peso.

— Então, acredita que Merrill perderá?

— Sim, estou convencido — respondeu Cash — E ao prefeito em exercício também lhe apresenta uma difícil competição para as eleições municipais de maio. Não acredito que tenha possibilidade alguma de ficar no cargo. Eddie Cane está na frente dele nas pesquisas. É um homem que se dá bem com todo mundo, e já foi prefeito uma vez, há alguns anos; um bom tipo.

— Nem precisa dizer ficará contente se derrotar Brady — comentou Tippy.

— É claro que sim — respondeu ele — Brady e pelo menos um dos vereadores estão metidos em um assunto bastante escuso... Coisa que não deve mencionar a ninguém — acrescentou em um tom firme.

— Meus lábios estão selados — assegurou-lhe Tippy — Tem algo a ver com o tráfico de drogas?

— Sim. Esteve aproveitando seu cargo para proteger certos associados, mas em Jacobsville não o conseguiu.

— A senhora Jewell me contou algo disso — confessou-lhe Tippy sorrindo — Disse que organizou uma brigada antidroga intercorporativa para encontrar os distribuidores.

— Assim é; e já colocamos a alguns traficantes atrás das grades.

— Isso explica por que não se dá bem com o prefeito — disse Tippy.

— Mas sim me dou bem com o chefe de polícia do condado — replicou Cash, rindo entredentes — Hayes Carson e eu temos nossas diferenças, mas os dois estamos muito envolvidos na luta contra a droga. Seu irmão morreu de uma overdose, e é ainda mais obstinado que eu.

Tippy suspirou e levantou o olhar para os frondosos ramos da árvore junto ao qual estava colocada a rede. Fechou os olhos, deixando-se acariciar pela suave brisa que lhe despenteava o cabelo.

— Não lembro de ter desfrutado tanto de um dia como estou desfrutando deste — disse de repente — Imagina quão maravilhoso seria poder acontecer todo o dia assim, em uma rede, à sombra de uma árvore, sem nada mais importante que fazer do que respirar? — murmurou. Cash riu suavemente — Já lhe disse que eu adoro sua casa? Sempre associei a palavra «lar» a uma casa como esta, uma casa de verdade. O casebre de minha mãe nunca foi para mim um lar, e tampouco pode dizer-se que tivéssemos muita vida familiar.

— Eu tampouco a tive — disse Cash — e menos ainda depois da morte de minha mãe.

— Nenhum de nós dois tivemos muita sorte nesse sentido, não é? — murmurou Tippy — Todos estes anos tentei dar a Rory o carinho que nossa mãe não nos deu; fazê-lo feliz, embora só possamos estar juntos durante as férias.

— Ele gosta muito de você — disse Cash.

— Eu também gosto muitíssimo dele — respondeu Tippy, desesperando-se de novo — E acredito que ter lhe dito isso uma dúzia de vezes, mas para ele você é o melhor. Sabe que agora diz que quer ser policial?

— Sério? — perguntou Cash, entre surpreso e lisonjeado.

— Mmm-hmm — murmurou ela — Por certo, acaba as aulas na semana depois das eleições ao senado.

— Ele passará muito bem aqui — disse Cash — Temos um centro de jovens que organiza todo tipo de atividades recreativas.

— Se encontrar alguém que o leve para pescar ficará como louco — murmurou Tippy dormindo — Adora a pescar.

— Engraçado. Eu também gosto.

— Na academia tem a um colega que compartilha sua gosto, e vão juntos pescar nos fins de semana — acrescentou Tippy — Mmm... Que bom está nesta rede! Se deitar fosse um esporte, passaria todo o dia praticando-o — disse-lhe, girando ligeiramente para um lado, e pertando-o contra seu peito.

Cash deu um pulo, mas imediatamente relaxou e virou o rosto para olhá-la.

— Não se acomode muito — disse-lhe rindo suavemente — só poderei ficar alguns minutos. Tenho um montão de papelada acumulada do tempo que passei em Nova Iorque, cuidando de você.

Tippy passou uma de suas pequenas mãos na frente da camisa de seu uniforme, e fechou os olhos, aproximando-se um pouco mais a ele.

— Cheira muito bem.

Cash lhe acariciou o cabelo.

— Você também, anjo — sussurrou-lhe.

A Tippy adorava que a tocasse no cabelo. Abraçando-o na sombra ali com ele, enquanto escutava os batimentos de seu coração e sentia sobre a cabeça sua respiração quente, teve a impressão de ter morrido e subido ao céu. Nunca havia se sentido tão segura.

— Estive olhando anéis — disse-lhe sonolenta.

— Ah, sim? — murmurou Cash.

Tippy bocejou.

— Mas não encontrei nenhum que me parecesse que você pudesse gostar — acrescentou maliciosa.

— Não se rende facilmente, não é? — perguntou Cash.

— Não, quando coloco algo na cabeça é impossível me tirar isso — disse-lhe Tippy — Cash, Sandie disse que é parente dos Hart. É verdade?

— Somos primos em segundo-grau — respondeu ele.

— E pelo que entendi têm parentesco com o vice-presidente e que também são aparentados indiretamente com seu governador.

— Assim é.

— Nunca me fala de seus parentes.

— Não há muito que contar — disse Cash — Meu pai vive da exploração de suas propriedades... Sobretudo minas, e tem milhões. O mais velho de meus irmãos trabalha para o FBI, o segundo tem um rancho de gado no oeste do Texas, e o caçula é guarda de caça e pesca — acrescentou, e girou a cabeça para Tippy — Porque está fazendo todas estas perguntas?

Tippy sorriu contra seu peito.

— Bom, é que se você se distrair ficará mais tempo; estou tão cômoda...

— Oxalá pudesse — murmurou Cash.

Tippy jogou a cabeça para trás para poder ver seu rosto. Estava sorrindo, e havia um leve brilho em seus olhos negros.

— É tão preciosa, tão suave, e cheira tão bem... Jogaria-me em cima de você neste mesmo momento e a beijaria até deixá-la com os lábios inchados.

Tippy emitiu um gemido abafado, e o olhou cheia de desejo.

— Mas seria perigoso — sussurrou-lhe Cash, com os olhos fixos em seus lábios — Estamos à vista de todo o mundo. O que aconteceria se seguisse meus instintos?

— O que aconteceria? — repetiu ela, baixando também o olhar para seus lábios.

— Porque começariam a sair repórteres até debaixo das pedras, que dois de meus patrulheiros parariam frente à casa acreditando que se tratasse de um assunto oficial, e as pessoas que passassem de carro baixariam as janelas e apontariam os objetivos de suas câmaras de vídeo para nós.

— Está brincando comigo... — acusou-o Tippy.

— Absolutamente. Foi isso que me contaram, quando Micah Steele estava cortejando a sua Callie, estavam um dia se beijando na entrada da casa dela, por volta da meia-noite... E se encontraram de repente com a anciã vizinha do lado que estava supostamente podando suas roseiras, com dois casais que estavam passeando e casualmente passavam por ali nesse momento, e com outro vizinho que estava espiando-os de sua janela. E Micah nem sequer era chefe de polícia como o sou eu...

— Oh, já vejo... — murmurou Tippy — É tão importante dentro da comunidade que todo mundo está ciente do que faz em cada instante.

Cash sacudiu a cabeça.

— Você é uma famosa modelo e atriz; você é a estrela, quem está no sob mira, não eu — acrescentou, aparentemente contente por isso.

— Sim, já, pequena estrela... — balbuciou ela, tocando o rosto com cuidado — Devo parecer Frankenstein...

Cash tomou sua mão e a levou aos lábios para beijar lhes os nós.

— Essas feridas a honram — sussurrou-lhe — E não seria feia nem que tomasse cada manhã duas pílulas «afeiadoras». — Tippy sorriu.

— Obrigada.

Os olhos de Cash escrutinaram com avidez os da jovem. Tippy estava tão perto dele que podia cheirar o sabonete em sua pele. O cabelo lhe emoldurava o rosto como uma marca roxa, e era óbvio que estava tão excitada quanto ele.

Ela tinha visto refletida também em seus olhos a chama do desejo que estava acendendo-se em seu interior, e se esticou como um gato, olhando-o de um modo sensual.

— Tippy, não... — Rogou-lhe ele com voz rouca.

Os quadris da jovem se moveram contra sua vontade.

— Não posso evitá-lo — disse-lhe, ficando cada vez mais excitada — Te desejo tanto...

Cash estremeceu.

A Tippy não passou despercebida essa amostra de fragilidade, e se aproximou mais dele, querendo explorá-la, embora de um modo um tanto torpe, porque não era fácil mover-se na rede. Estendeu uma mão para sua bochecha, e começou a desenhar arabescos nela com os dedos.

— Se quisesse, poderia me beijar... — disse-lhe.

— E em alguns minutos nos transformaríamos em uma atração turística.

— Desculpas, desculpas... — balbuciou Tippy, lhe rodeando o pescoço com as mãos, e atraindo sua boca para seus lábios entreabertos e dispostos.

— Tippy... — protestou Cash.

Entretanto, não foi um protesto muito enérgico, e Tippy só sorriu antes de atraí-lo mais para si.

Finalmente Cash deixou de resistir, e apertando-se contra ela se entregou ao beijo de um modo laborioso e apaixonado.

Tippy estava beijando-o com o mesmo ardor, mas ao fim de alguns segundos sentiu dor nas costelas... E também algo que estava se cravando no ventre, e emitiu um gemido de protesto.

Cash levantou a cabeça.

— O que? — perguntou aturdido.

— Sua pistola — sussurrou Tippy.

Cash baixou o olhar. A capa do revólver estava apertada contra o ventre da jovem. Afastou-se dela sem poder evitar rir.

— Já lhe disse que as redes não foram feitas para isto... — murmurou — E estou certo que também estava sentindo dor nas costelas, verdade? — perguntou-lhe, ficando sério.

Tippy suspirou ofegante.

— Oxalá estivesse bem...

— Também eu gostaria que estivesse bem — respondeu Cash, descendo da rede e ajustando bem o uniforme e o cinturão do revólver — Vê o que conseguiu tentando me seduzir aqui, à vista de todo o mundo?

— Quer me prender por conduta imoral? — sugeriu Tippy, movendo as sobancelhas de um modo insinuante e estendendo ambas as mãos — Poderia me algemar e ler meus direitos... Embora possivelmente deveríamos fazê-lo lá dentro.

— Não serviria de nada — respondeu ele, com olhos brilhantes — Sei o que ocorreria se ficássemos a sós em casa: que suas costelas não lhe permitiriam fazer o que quer fazer.

Tippy se encolheu de ombros.

— Suponho que tenha razão — disse causando pena. — Está bem, rendo-me... Ao menos até que esteja completamente curada.

Cash sorriu. Por ter tido uma experiência tão horrível em seu passado, o certo era que estava superando-o muito bem. Ao menos ainda era capaz de sentir desejo por um homem, e aquilo já era o primeiro passo. Sem que pudesse evitá-lo, veio a sua mente a lembrança da longa e deliciosa noite em que tinham ficado juntos no Natal, fazendo amor. Quase tinha feito que desaparecessem seus pesadelos... Quase. Era difícil viver com as coisas que tinha feito ao longo de sua vida.

— Já está outra vez ruminando algo — murmurou Tippy — Só lhe disse que estive olhando anéis; não que tivesse comprado nenhum — disse-lhe divertida.

Cash franziu o cenho.

— E onde os esteve olhando?

Tippy sorriu maliciosa.

— Na Internet. Não me sentiria cômoda passeando pelas lojas tendo ainda o rosto como o tenho.

— Não o tem tão mal — disse Cash com sinceridade — Dentro de uma semana ou duas o terá igual a antes. E quando estiver completamente curado

estou certo de que não ficarão cicatrizes. Os médicos fizeram um trabalho magnífico.

— Então, não acha que Joel procure alguém para me substituir? — perguntou Tippy insegura.

— Não, nem pensar — respondeu Cash. Deu uma olhada no relógio — Tenho que ir já. Tinha passado só para ver como você estava. E que não volte a fazer isto — acrescentou — Embora estejamos em uma pequena cidade do Texas poderia ser perigoso.

— Combinado — respondeu ela, descendo com cuidado da rede — Irei para dentro e pedirei alguns vídeos picantes pela Internet. Preciso de idéias — disse lançando um olhar eloqüente — tem de haver alguma maneira de minar suas defesas...

Cash não pôde evitar tornar a rir. Era irônico que, apesar do que lhe tinha feito aquele momento do Stanton sendo só uma menina, queria seduzi-lo a todo custo. Se algo demonstrava aquilo, era o afeto que sentia por ele.

— Ao menos já vai sorrindo mais — disse-lhe Tippy — Isso tem que ser algo positivo.

— Mais positivo do que acha — apostilou ele — porque não sou dos que sorriem.

Tippy não estava escutando-o; estava estudando seu atraente rosto e perguntando-se que aspecto teria tido seu filho se tivesse nascido. Só de pensar nisso era muito doloroso, e se voltou, dando lhe as costas, mas antes que tivesse dado dois passos Cash estava atrás dela.

— De repente se fechou... Como um nenúfar na escuridão — murmurou — Por que?

— Não é nada — respondeu Tippy imediatamente.

As mãos do Cash descenderam pelos braços nus da jovem.

— Estava pensando no bebê — sussurrou.

Tippy se esforçou por conter as lágrimas.

— Engana-se. Foi imaginação sua — disse-lhe com voz tensa.

— Não acredito — replicou ele, apertando lhe suavemente os braços, ao tempo em que depositava um beijo em seu cabelo — Deveriam me prender pelo

modo em que lhe falei nesse dia por telefone. Sempre penso o pior das pessoas, e me custa muito me desfazer desse hábito.

Tippy engoliu em seco num novo esforço para conter as lágrimas. O calor que emanava do corpo de Cash, atrás dela, era embriagadora, e sem querer se voltou para trás, reclinando-se contra ele com um profundo suspiro.

— Me ocorre o mesmo — murmurou — É difícil voltar a confiar quando lhe traíram.

— Sim é.

Tippy olhou para frente, para a casa, e de repente uma pergunta cruzou por sua mente.

— Por que comprou uma casa, em vez de procurar uma de aluguel? — perguntou.

Cash vacilou.

— É estranho, não? — murmurou — A verdade é que não sei.

— Não será porque quer criar raízes? — aventurou ela.

Cash ficou muito calado. Tinha o cenho franzido, mas Tippy não podia vê-lo.

— Nunca tentei criar raízes em lugar nenhum — disse-lhe — De certo modo suponho que poderia se dizer que quando ainda era só um menino me converti em um lobo. Não deixo que as pessoas se aproximem muito de mim, e as mulheres menos — acrescentou com aspereza.

— Bom, é compreensível — disse-lhe ela.

— Não, não o é — replicou Cash ao fim de um momento — você nunca me deu uma razão para desconfiar de você.

— Nem o farei nunca — disse ela — Cash, eu... Nada do que faça ou diga poderia me fazer odiá-lo.

— Acredita nisso? — perguntou ele, rindo com cinismo — Possivelmente um dia lhe contarei a história de minha vida e veremos poderá demonstrá-lo.

Tippy se voltou e o olhou com olhos amorosos.

— Quando se quer a uma pessoa não é pelo que ela tenha feito ou tenha deixado de fazer, Cash — disse-lhe — A quer simplesmente por ser como é. Nossas ações não sempre são um reflexo de nosso caráter.

Cash franziu o cenho. Tippy o fazia sentir-se estranho... Jovem... Dava-lhe esperança.

Tippy levantou a mão e acariciou seus lábios.

— Como lhe disse quando nos vimos no Natal, não acredito que seja capaz de fazer algo por maldade.

— Eu... Já não sou o homem que fui uma vez — balbuciou Cash — mas tenho feito algumas coisas imperdoáveis...

Tippy o olhou aos olhos com serenidade.

— Não há nada imperdoável.

— Oxalá estivesse certa — murmurou Cash.

Atrás de seu olhar se escondiam terríveis lembranças, e também atrás dos dela. Se ele tinha segredos com ela, sem dúvida não era menos certo que ela também os tivesse com ele. Entretanto, para se abrir um com o outro, teriam que aprender a confiar de novo, e era muito difícil.

— Pouco a pouco — disse-lhe Tippy — assim é como terá que viver.

Cash pôs suavemente a palma de sua mão contra a bochecha da jovem e a deixou ali um bom momento, sobre os hematomas esfumados e os cortes.

— Nenhum de nós dois teve uma vida fácil, verdade, querida? — disse, pensando em voz alta.

— Neste vida se obtêm muito poucos prazeres por tudo o que sofreremos — respondeu ela filosófica — E, em meu caso, eu diria que já sofri o bastante... E já está na hora de que me paguem os atrasos!

Cash riu, e Tippy também.

— Penso o mesmo.

Tippy ficou nas pontas dos pés e o beijou suavemente nos lábios.

— Sandie vai fazer guisado de frango para jantar.

— Uma boa escolha..

— Sabia que você gostaria — disse-lhe Tippy maliciosa — Eu o sugeri.

Cash levantou o queixo, e a olhou fingindo-se irritado.

— Não me deixarei seduzir embora se empane em guisado... Por muito melhor que esteja.

— Já era outra vez — queixou-se Tippy.

— Embora, por outro lado... É uma tentação muito grande para resistir... — concedeu-lhe.

— Obrigada — respondeu Tippy — Colocarei uma camisola sexy e usarei umas gotas de perfume.

— Vou voltar para trabalho agora que ainda estou em tempo — disse-lhe Cash, afastando-a com suavidade.

— E eu vou entrar para ver um filme.

— Boa garota — murmurou Cash, olhando-a de um modo terno e afetuoso.

Tippy estava flutuando. Escrava com o corpo quente, como se estivesse envolta nos braços de um amante.

Cruzaram um olhar longo e cheio de sentimento, e Tippy sentiu que um comichão a percorria por dentro.

— Que diabos! — balbuciou Cash, aproximando-se de novo dela — Um beijo de nada não pode machucar ninguém, verdade?

E depois de pronunciar essa última palavra seus lábios se posaram sobre os dela. Não se atrevia a apertá-la muito contra seu corpo por temer machucar suas costelas, mas imprimiu todo seu ardor no beijo. Tippy suspirou, derretendo-se contra seu corpo, e sentiu de novo que flutuava quando o beijo se tornou mais profundo e os lábios de Cash mais insistentes.

Fez-se um estranho silêncio ao redor deles, e Cash, estranhando que estivesse tudo tão calmo, e meio aturdido pelo beijo, levantou a cabeça e olhou a seu redor.

No meio da rua, tinha parado um carro patrulha. Junto à calçada havia um veículo particular, com o Judd sentado dentro. No outro lado da rua havia um

caminhão de bombeiros. Alguns operários da companhia telefônica tinham posto uns cones sinalizadores na frente e atrás de sua caminhonete, mas não estavam fazendo nada. Na calçada havia duas anciãs observando-os sorridentes.

— Bom, o que se pode esperar quando beija uma famosa estrela de cinema à vista de todo o mundo? — gritou Judd a Cash.

— Eu não a estava beijando! — gritou Cash — É ela que estava me beijando!

— Grande conto! — respondeu Judd. — Ofereceu-se para comprar um anel!

As pessoas lhe responderam com vitória.

— Agora tenho testemunhas — disse Tippy descaradamente. Cash a soltou e sacudiu a cabeça.

— Até no acampamento militar tinha mais privacidade... — balbuciou.

— Não pare por nossa causa, chefe! — gritou um dos bombeiros, enquanto ligavam o caminhão — Sabemos onde conseguir entradas...

Cash levantou as mãos ao céu, inclinou-se para beijar à sobressaltada Tippy na bochecha, e se dirigiu para o carro patrulha.

Apesar das feridas que ainda eram visíveis em seu rosto, Cash convenceu Tippy para que o acompanhasse a uma festa que Calhoun Ballenger celebrava para arrecadar recursos para sua campanha. Não se separou dele durante toda a festa. Sorria com acanhamento para os outros, mas era óbvio que só tinha olhos para ele.

Quando a orquestra começou a tocar Cash a tirou dançar, vê-los girar pela pista era como ver uma só pessoa movendo-se ao ritmo da música.

Tippy se sentiu naquela noite mais feliz do que se sentou em toda sua vida.

Na manhã seguinte reuniu coragem suficiente para ir comprar algumas verduras no supermercado com o pouco dinheiro que tinha. Queria preparar para o jantar uma lasanha para Cash. Vestiu-se de modo discreto, colocou um lenço na cabeça, e aplicou um pouco de maquiagem para dissimular os hematomas e as cicatrizes.

Entretanto, quando estava esperando sua vez no caixa, teve uma desagradável surpresa. Na estante de metal junto à caixa havia várias revistas e jornais, e em um deles leu o título que dizia: «A atriz Tippy Moore finge ser seqüestrada para ser compadecida pelo bebê não desejado que perdeu, e se refugia em algum lugar recôndito do país». Debaixo havia sua foto ocultando seu rosto dos fotógrafos no dia que tinha abandonado o hospital.

O que tinha fingido um seqüestro? Quase a tinham matado... E a imprensa tinha a coragem de dizer que tinha sido tudo fingimento!

Ainda não se tinha recuperado do impacto quando ouviu duas mulheres cochichando atrás dela.

— E está vivendo com o chefe de polícia! — estava dizendo de uma para a outra — Primeiro põe em perigo seu bebê para não perder seu emprego, depois mente para dar pena, querendo fazer acreditar que a seqüestraram... E logo vai viver com um homem! E aqui, em Jacobsville! É abafado, uma vergonha!

— Suponho que algumas mulheres simplesmente não querem ter filhos — disse a outra com pena — Deve se importar muito sua aparência para...

Não acabou a frase, porque de repente se encontrou com Tippy frente a ela, olhando-a furiosa.

— Perdi meu bebê porque o substituto do diretor me mentiu, me dizendo que o salto não era perigoso, e porque necessitava de dinheiro! De fato, agora mesmo estou sem trabalho. E adivinham por que? — perguntou-lhes, arrancando o lenço e utilizando-o para limpar parte da maquiagem — O que acontece? — perguntou-lhes sarcástica — Por acaso não lhes pareço uma estrela de cinema?

As duas mulheres tinham avermelhado até as orelhas.

— É senhorita Moore... Eu... Sinto muito — disse a mais velha imediatamente.

— Queria ter esse bebê! — exclamou Tippy com a voz rouca pela dor e ao beira das lágrimas — Nunca tinha desejado nada tanto em toda minha vida! O namorado de minha mãe seqüestrrou meu irmão, e me troquei por ele para lhe salvar a vida; assim foi como me fiz isto! — gritou-lhes destacando as cicatrizes — Esse tipo de imprensa não conta mais que venenosas mentiras, e se você as acreditam, não são muito melhores que quem as escreve!

Voltou-se sobre os calcanhares, pagou sua compra, e saiu furiosa do estabelecimento, deixando mudos a quem ali estavam.

CAPÍTULO 13

Tippy se alegrou de que a senhora Jewell tivesse que ficar fora todo o dia, porque assim ao menos não a veria chorar desconsolada. Pôs a carne no refrigerador, e se sentou na sala até que acabar com o desgosto.

Justo quando acabava de fazer um pouco de café ouviu o carro de Cash. Nesse mesmo momento bateram na porta. Tippy foi abrir, resando para que seus olhos não estivessem muito vermelhos, e se encontrou com as duas mulheres do supermercado. Pareciam envergonhadas de si mesmas e enquanto que uma levava na mão uma cesta com queijo e biscoitos salgados com um laço, a outra levava um pequeno vaso com uma rosa amarela.

Tippy ficou boquiaberta.

— Queríamos lhe dizer quanto sentimos o que dissemos — murmurou a mais velha — Tinha você razão; tendemos a acreditar no que lemos nos jornais mesmo que ser sabermos se é o certo, mas não vamos voltar a fazê-lo, e nos asseguraremos de que ninguém em Jacobsville dê crédito ao que se publica nesse tipo de imprensa. Pegue, aceite isto, por favor — disse pondo-lhe a cesta nas mãos.

— E isto também — pediu a mulher mais jovem, com um débil sorriso — Bom, não a entretemos mais. Só queríamos nos desculpar.

— Obrigada — disse-lhes Tippy, sorrindo também — Não imaginam quanto isso significa para mim.

As mulheres se voltaram para Cash.

— Estamos muito orgulhosas de você, senhor Grier — disse a mulher mais velha — e esperamos que não permita que esse inseto do Ben Brady os deixe sem trabalho a você ou a seus agentes.

— Não o farei — prometeu ele.

As mulheres sorriram timidamente e partiram.

Quando estavam na cozinha e tinham fechado a porta, Cash olhou primeiro os presentes nas mãos de Tippy, e depois seus olhos avermelhados e inchados.

— O que ocorreu?

— Fui ao supermercado — confessou ela — e essas mulheres fizeram alguns comentários desagradáveis sobre a capa de um jornal que falava de mim.

— O vi e por isso vim para casa assim que pude — disse-lhe Cash. Pegou pelos ombros e a olhou — E não tem que se preocupar, Tippy; tomei medidas para acabar com isto.

— O que quer dizer? — perguntou ela preocupada.

— Não me peguei com ninguém — tranquilizou ele — Trata-se de algo que farei público dentro de pouco. Dá-se conta de que nossa melhor chance seria atrair o terceiro seqüestrador até aqui e nos enfrentar com ele em nosso próprio terreno, verdade? — acrescentou.

Tippy suspirou.

— Sim.

Entretanto, havia vacilado em sua resposta, porque temia que aquilo pudesse implicar que Cash ficasse ferido defendendo-a.

Cash tomou pelo queixo, levantou-lhe o rosto, e se inclinou para beijá-la com infinita ternura.

— Tudo sairá bem, já o vera. Ande, não chore mais. Tippy esboçou um sorriso.

— Combinado.

— Gostaria de me acompanhar a um comício de Calhoun Ballenger esta noite? — perguntou-lhe Cash com um sorriso — Conheceria parte da aristocracia de Jacobsville.

— Não sei... Ainda não tenho o rosto bom o bastante para sair.

— Tolice. É uma heroína, e estará linda.

Tippy se sentiu lisonjeada de que não lhe importasse que as pessoas o vissem em sua companhia.

— Combinado — aceitou finalmente — Esta noite vou fazer lasanha para jantar — acrescentou.

Cash sorriu.

— Meu prato favorito. Bom, tenho que voltar para trabalho.

— Tome cuidado.

— Sabe que o terei.

Cash lhe piscou um olho e partiu, deixando-a a sós com seus pensamentos.

O comício do Calhoun Ballenger teve lugar no Shea's. Tratava-se de um estabelecimento de estrada com bar, restaurante, e salões para celebrações situado em Vitória Road, mas a polícia o tinha muito controlado, e as coisas tinham estado bastante tranquilas depois da recente briga com os irmãos Clark.

John Clark tinha morrido em um tiroteio com Judd Dunn e um guarda de segurança em Vitória quando tentava roubar um banco. Seu irmão Jack tinha tentado matar Judd em vingança, mas o disparo feriu Christabel Gaines, e acabou sendo sentenciado a prisão perpétua pela tentativa de assassinato de Christabel e o assassinato de uma jovem de Vitória a que tinha violentado e por cuja causa tinha ido a prisão.

Cash apresentou Tippy a outros presentes com patente orgulho, enquanto ela sorria, apertava mãos, e cativava todos os homens com menos de cinquenta anos. Entretanto, como sempre, unicamente tinha olhos para Cash, e isso saltava à vista.

Quando saíram dançando se derreteu em seus braços. Há mais de um ano, antes de que Christabel se casar com o Judd e tivessem os gêmeos, Cash tinha deixado impressionadas à todos do lugar dançando várias músicas latinas com ela.

Entretanto, como Tippy não tinha o corpo ainda para esse tipo de ritmos rápidos, só dançaram temas lentos, olhando um ao outro sorridentes enquanto as pessoas cochichavam entre si. E é que, como disse alguém, o amor é como o fogo: vêem antes a fumaça os que estão fora... Que as chamas os que estão dentro.

Cash continuava preocupado com o terceiro seqüestrador, e seu temor por Tippy o levou a reforçar a vigilância dos patrulheiros em torno de sua casa, e advertiu a jovem fechasse as portas com o trinco quando ele não estivesse em casa. Não podia suportar a idéia de que algo pudesse lhe ocorrer.

Na semana antes da audiência de Hall e García na prefeitura, Cash voltou para casa do trabalho para almoçar, e encontrou Tippy na cozinha preparando a comida. Estava descalça, usava uma saia jeans longa, uma blusa azul xadrez, e estava com o cabelo preso em um rabo com um elástico. Não estava maquiada, mas estava resplandecente, e Cash se deteve na soleira admirando sua beleza enquanto a jovem guardava um pote na geladeira.

Voltou o rosto para ele por cima do ombro, e seus olhos verdes se iluminaram ao vê-lo.

— Chegou cedo! — exclamou — Estou fazendo pão especial para acompanhar o guisado de atum. Quase está pronto.

— Fique tranqüila, não tenho pressa — disse-lhe Cash — Posso pegar uma hora para almoçar se quiser. Pois sou o chefe — acrescentou com um sorriso.

Tirou o cinturão do revólver, pendurou-o no respaldo da cadeira, e se espreguiçou, esticando os formidáveis músculos de seus braços.

O coração de Tippy parecia flutuar como uma nuvem quando lhe sorria dessa maneira; a fazia sentir-se jovem e despreocupada. Como tantas outras vezes, viu com que não podia deixar de olhá-lo. Era tão bonito, tão vital, e tinha um corpo tão incrível...

A Cash não passou despercebido aquele expressivo escrutínio, e seu peito se encheu de orgulho.

— Outra vez me devorando com o olhar, não é? — provocou-a — Por que em vez de olhar não vem aqui e faz algo?

Tippy arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Não o deprimirei se o fizer?

— Vejamos — desafiou-a ele.

Tippy franziu os lábios, soltou o pano de cozinha que tinha na mão, foi até onde estava, e pôs as palmas das mãos sobre seu musculoso tórax.

— Muito bem, amiguinho — disse-lhe Tippy brincalhona — Vejamos o que sabe fazer com uma mulher de verdade — acrescentou em seu melhor tom de mulher fatal, pestanejando provocante.

Não precisou de mais para fazer fraquejar a força de vontade de Cash. Tippy cheirava a farinha e especiarias, e tendo-a tão perto ficou óbvio por que

tantas revistas a tinham escolhido para figurar em sua capa. A estrutura óssea de seu rosto era simplesmente perfeita; os cílios eram da mesma cor que o cabelo e incrivelmente longos; os olhos grandes; as íris de um verde claro com uma borda de um tom mais escuro; o nariz reto; a boca um conjunto de suaves curvas que o faziam louco por beijá-la; a pele deliciosa... Deus, quando recordava o contato de seda de sua pele na escuridão o coração disparava.

Tippy percebeu surpresa os sinais visíveis de excitação em Cash. Sempre parecia imune às preocupações, e era bom em dissimular seus sentimentos, mas estando tão perto dela não poderia ocultá-los de todo.

Esse pensamento a fez sentir-se poderosa, e se aproximou a ele, deleitando-se na reação imediata de seu corpo.

— Cuidado — advertiu-lhe Cash com voz rouca — a senhora Jewell está no jardim de atrás — acrescentou apontando a janela aberta com a cabeça, através da qual se via a mulher.

— A senhora Jewell sempre está cantarolando — disse-lhe Tippy sem alterar-se — Ouviremos se vier para aqui.

Cash engoliu em seco. Ele seria incapaz de ouvi-la tal e como lhe ressonavam nesse momento os batimentos de seu coração nos ouvidos.

Tippy lhe rodeou o pescoço com ambas as mãos e lhe fez baixar a cabeça.

— A vida sem um pouco de risco seria muito aborrecida — sussurrou-lhe Tippy.

Cash pôs suas grandes mãos na cintura da jovem, mas ao senti-la dar um pulo se apressou às baixar para seus quadris evitando as costelas.

— Perdoe-me, esqueci — murmurou.

— Eu também — sussurrou ela sorrindo — Vamos, Cash, me demonstre o que sabe fazer...

— Quer parar já com isso? — gemeu Cash, inclinando-se para ela.

Tippy sorriu ao sentir a doce pressão de seus lábios. Cash já não a intimidava absolutamente. A lembrança da noite que tinham feito amor unicamente lhe tinha feito desejar que aquilo voltasse a se repetir.

O aroma e o calor do corpo da jovem quebraram a vontade de Cash tanto quanto o ardor de seus beijos, e ao final acabou abraçando-a contra a parede da cozinha e cedendo com um arranque de paixão que não pôde controlar.

Tippy riu suavemente, com malícia, dessa necessidade urgente que tinha dela. Levantou um pouco mais os braços, contraindo o rosto pela pontada que sentiu nas costelas, mas até da dor se esqueceu quando Cash abriu a boca, introduziu a língua entre seus lábios de um modo impetuoso, e a beijou ainda com mais intensidade, sentindo que seu corpo ficava rígido de desejo.

— Isto é uma loucura — resmungou enquanto suas mãos atraíam os quadris de Tippy para as seus, e lhe abria as pernas — Nem sequer tenho um preservativo...

— Na segunda-feira a senhora Jewell esteve no ataque ao supermercado que seus agentes impediram — disse ela sem fôlego — Entre o que tentaram levar havia duas caixas, e estou certa de que guardou alguma. Podemos lhe perguntar e...

Cash se pôs a rir.

— Tippy, pelo amor de Deus!; Só tenho uma hora para comer!

A jovem o olhou com olhos travessos e o rosto aceso.

— Bom, ainda faltam quarenta e oito minutos.

Cash se separou dela ofegante.

— Com quarenta e oito minutos não daria nem para começar a lhe fazer o que gostaria de lhe fazer — disse-lhe com voz rouca.

Tippy o olhou exasperada.

— Não me posso acreditar nisso; aqui estou eu, pondo isso tudo na bandeja...

Um sorriso se desenhou lentamente nos lábios do Cash.

— Não se irrite. As coisas boas ocorrem quando menos se esperam. De fato, só terá que esperar até a semana que vem.

— O que acontecerá semana que vem? — perguntou ela imediatamente.

— Haverá algumas surpresas — prometeu-lhe Cash — mas não posso lhe dizer do que se trata. Terá que esperar. Mas posso assegurar lhe que ao menos de uma delas você gostará.

Tippy riu suavemente.

— Está bem. Se você está dizendo... Bom, sente-se e lhe darei o que comer.

— Como sabia que eu gosto do guisado de atum? — perguntou-lhe Cash enquanto se sentava à mesa.

— A senhora Jewell me disse — respondeu Tippy — Sabe tudo sobre você. Por certo, você sabia que ela foi ajudante do chefe de polícia do condado? E que sabe disparar?

— Sim — respondeu Cash, lhe dirigindo um olhar curioso.

Tippy sorriu.

— Não, não o traiu. Encontrei uma pistola no banheiro e lhe perguntei o que fazia ali. Disse-me que não queria que me inteirasse de seus antecedentes. Contratou-a para que me protegesse no caso de um capanga vir até a mim, não é certo?

— Sim, é verdade — admitiu ele.

— Lisonjeia-me que se preocupe comigo desse modo — disse-lhe Tippy, pondo a comida na mesa e lhe servindo café — Obrigada — acrescentou em um murmúrio.

Cash esticou o pescoço e a beijou suavemente nos lábios.

— Enquanto estiver aqui tenho que me assegurar de que esteja bem — disse — Já sei que não é uma menina, e que sabe cuidar de si mesma, mas esta não é uma situação que você possa enfrentar sozinha, e não vou permitir que nada nem ninguém lhe faça mal.

Tippy sentiu que um comichão a percorria de cima a baixo. O coração deu um salto no peito, e não pôde evitar sorrir ao ver a expressão de ternura nos olhos negros de Cash.

A Cash, em troca, saiu-lhe a veia de lobo solitário e ficou nervoso.

— Não irá começar a falar outra vez de anéis de noivado só porque me preocupo com você — interrompeu a Tippy quando viu que abria a boca para dizer algo.

A jovem exalou um suspiro.

— Desmancha-prazeres... Foi você o que falou que surpresas, não eu.

Cash sorriu malicioso.

— Sim, e não poderá averiguar do que se trata nem me lendo a mente — disse-lhe.

Tippy esboçou um sorriso. Tinha uma pequena idéia do que estava ocorrendo na prefeitura pelas coisas que a senhora Jewell lhe tinha contado. Dizia-se que a filha do senador Merrill estava metida em um assunto escuso, e também o prefeito em exercício e dois vereadores, e havia também muitos rumores sobre as próximas eleições estatais e municipais.

— Sabe? Espero que o senhor Ballenger consiga esse banco no senado — disse.

— E eu acredito que o conseguirá — respondeu Cash — Virá comigo na segunda-feira a noite, verdade? — perguntou-lhe.

Não o teria admitido nem que o esfolassem, mas queria que Tippy estivesse ali com ele; necessitava apoio emocional.

— É obvio — respondeu Tippy sem pensar duas vezes — Oxalá Rory já estivesse aqui.

Cash não disse nada, e tratou de dissimular o melhor que pôde o sorriso que se formou em seus lábios, mas não lhe passou despercebida, e se perguntou que o que ele estaria tramando.

Toda Jacobsville recebeu assombrada a notícia de que a filha do senador Merrill, Julie Merrill tinha ido para a prisão do condado acusada de incêndio premeditado.

Era de conhecimento geral que tinha caluniado Calhoun Ballenger em cunhas publicitárias de promoção da candidatura de seu pai, mas ninguém teria podido imaginar que tivesse enviado dois empregados de sua família para queimar a casa da namorada de Jordan Powell, Libby Collins. A audiência para fixar uma

possível fiança estava prevista para na segunda-feira seguinte, o mesmo dia em que teria lugar na prefeitura e a junta disciplinadora dos agentes Hall e García. Conforme dizia as pessoas, o presumido incendiário estava confessando tudo, e para a senhorita Merrill estavam começando a acumular-se as acusações.

Cash tinha mencionado que tinha muito que ver no assunto um ato heróico por parte de algum político, mas embora Tippy, cheia de curiosidade, tinha tentado lhe surrupiar, não havia dito nada.

Tampouco lhe tinha conseguido informações sobre essas surpresas das quais lhe tinha falado, mas no domingo pela tarde, uma delas foi revelada quando saiu de casa e ao fim de uma hora retornou com Rory.

— Não posso acreditar! — exclamou Tippy, abraçando com força a seu irmão — Grande surpresa!

— Eu tampouco posso acreditar nisso ainda — disse-lhe seu irmão — Cash disse ao comandante que estava triste, e que precisava que a animassem, e conseguiu convencê-lo para que me deixasse fazer os exames antes. E penso ficar todo o tempo que Cash me deixar — acrescentou, lhe lançando um olhar.

Cash riu.

— Pode ficar tanto tempo quanto Tippy — respondeu-lhe.

O que não disse foi que nesse sentido também estava planejando algo.

Tippy, entretanto, tomou suas palavras no sentido literal. Já estava muito melhor, e logo poderia voltar ao trabalho... Se Joel a chamar é claro, porque ainda não tinha sabido nada dele. Perguntou-se se Cash estaria começando a cansar-se de tê-la ali.

Aquela tarde Cash levou Tippy e Rory para dar uma volta em sua caminhonete pelo condado para que desfrutassem da paisagem, e os dois adoraram. As árvores já estavam caindo folhas, e os campos estavam cheios de flores silvestres.

Na volta, Cash lhe ocorreu que podiam passar pelo rancho Dunn para que Tippy pudesse ver o Christabel e os gêmeos. Quando chegaram Judd tinha saído para fazer uns reparos para sua esposa, mas Christabel e os bebês estavam em casa.

Tippy no princípio se sentiu um pouco incômoda. Aquela casa lhe trazia muitas lembranças dos dias em que tinha estado ali rodando seu primeiro filme.

Comportou-se com o Christabel de um modo vergonhoso e cruel, mas nos últimos meses tudo tinha mudado.

Lançou a Cash um olhar possessivo, tomando cuidado de que ele não a visse, mas aquilo não passou despercebido a Christabel, que lhe sorriu com cumplicidade.

Tippy ficou vermelha, e ao vê-la Cash riu suavemente antes de inclinar-se para beijar Christabel na bochecha. Tippy dissimulou o arranque de ciúmes que sentiu o melhor que pôde. Cash estava tentando lembrá-la com esse beijo que a bonita Christabel que não lhe pertencia? De repente ressurgiram todas suas inseguranças, mas cruzou os braços sobre o peito e fingiu estar alegre.

Rory se mostrou entusiasmado com os bebês.

— Que pequenos são! — exclamou enquanto Jared fechava sua mãozinha em torno de seu dedo — São lindos! — acrescentou sorridente.

Tippy e Cash puseram-se a rir.

— E não fazem idéia de quão rápido estão crescendo — disse-lhes Christabel, sorrindo para Tippy com a mesma sinceridade com que sorria para Cash.

Cash tinha tomado Jessamina em seus fortes braços, e estava lhe sussurrando algo com o coração nos olhos. Tippy sentiu uma pontada de dor ao vê-lo, e se perguntou se teria sido tão carinhoso com seu próprio filho.

— São uns meninos preciosos — disse para Christabel, sorrindo para ocultar o rasgada que se sentia por dentro. Crissy lhe estendeu Jared.

— Você gostaria de tomá-lo nos braços? — perguntou-lhe suavemente.

Os olhos do Tippy lhe responderam, cheios de emoção e de afeto. Tomou o pequeno em seus braços, sorriu-lhe... E o bebê lhe sorriu também. Tippy emitiu um gemido abafado de surpresa, e seu rosto se iluminou.

— Sorriu para mim! — exclamou.

— Sorriem todo o tempo — disse-lhe Christabel orgulhosa — Já vão fazer seis meses.

— É o menino mais bonito que vi na minha vida — murmurou Tippy, olhando ao pequeno com uma expressão que chegou à alma de Cash.

Não tinha se permitido considerar uma possível relação estável com ela. Tippy tinha sido modelo, e trabalhava atualmente como atriz; estava acostumada aos luzes e a fama. Entretanto, nas últimas semanas parecia haver-se adaptado muito bem à pequena cidade, e se tinha convertido em parte de sua vida. Dava-se bem com todo mundo, e as venenosas histórias que contavam sobre ela na imprensa marrom já não a afetavam tanto como antes. E, falando de histórias, Cash estava preparando uma para a semana seguinte, depois de um longo bate-papo que teve com a doutora Lou Coltrain, que tinha se convertido em sua cúmplice secreta. Ia limpar o nome de Tippy de um só golpe, e fazer com que a imprensa marrom engolisse todas as mentiras que tinham difundido. Perguntou-se como reagiria Tippy.

Tippy parecia uma verdadeira mãe com o menino nos braços. Estava radiante, embora a visse um pouco triste. Levantou o rosto para ele, e seus olhos se encontraram. Para Cash foi como se olhar em um espelho.

Crissy queria consolar Tippy lhe dizendo que ainda era jovem e poderia ter outro bebê, mas não tinha confiança suficiente. Embora a relação entre ambas se tornou muito mais amistosa, ainda se tratavam com certo receio. Sabia que Tippy continuava considerando-a, embora fosse de um modo involuntário, uma rival. Entretanto, ao vê-la nesse dia com Cash se disse que já não tinha motivos para que sentisse ciúmes dela. Saltava aos olhos o quanto que se sentiam atraídos um pelo outro.

— Como está a preparação da junta disciplinadora? — perguntou Crissy a Cash.

— Oh, maravilhosamente — respondeu ele sorrindo.

— É amanhã a noite, verdade? — perguntou Crissy, tomando Jared dos braços de Tippy.

— Sim, e não deveria perder isso — disse-lhe Cash — Vamos fazer história; tenho alguns coringas sob a manga.

— Nesse caso pode contar com que Judd e eu estaremos lá — respondeu-lhe Crissy com um sorriso.

E assim foi. No dia seguinte Tippy e Rory os encontraram na porta da prefeitura, esperando para entrar.

Tippy os saudou com um sorriso. Esmerou-se tanto com a maquiagem que não lhe notava nenhuma cicatriz, nem um hematoma. Prendeu o cabelo em uma

longa trança, e colocou um conjunto de jaqueta calça de seda cor verde esmeralda.

— Estou desejando ver Cash em ação — disse Rory. Voltou-se logo para um menino de sua idade do qual tinha se feito amigo e os tinha acompanhado, e lhe disse — Disse-me que vai dar uma lição de política.

— Eu acredito que esta noite vai ser uma lição para muita gente — sussurrou — Tippy sorridente a Judd e a Crissy — Cash tem uma grande surpresa para o prefeito e os vereadores.

— Sei — respondeu Judd, rindo entredentes — Será digno de se ver. Não perderia isso por nada do mundo.

— Nem eu! — riu ela.

Quando abriram as portas fez passar Rory e seu amigo diante dela, e se deteve para trocar algumas palavras com Jordan Powell e Libby Collins, que conforme parecia tinham ido juntos. Durante muito tempo, as pessoas tinham relacionado Jordan com a filha do senador Merrill, mas finalmente tinha sido Libby quem o tinha conquistado.

Tippy e Rory puderam se sentar, mas tinha ido tanta gente à junta que a maioria teve que ficar de pé nos corredores e na parte de trás da sala.

Cash estava sentado com Hall e García em uma mesa em frente ao prefeito e aos vereadores, e o fiscal municipal estava em outra a sua direita com uma expressão entre intranquila e irritada.

Na parede havia uma enorme fotografia aérea de Jacobsville, calendários com fotos de membros do corpo de polícia e de bombeiros, e ao fundo da sala havia uma máquina de café, outra de aperitivos, e dois telefones.

O prefeito e dois vereadores estavam cochichando quando as pessoas que haviam no corredor central deixaram e entrar na sala várias pessoas. O prefeito ficou lívido.

Simon Hart, o fiscal geral do estado, um homem alto e moreno, e seus quatro irmãos avançaram entre as filas de cadeiras junto com o fiscal do condado, dois senadores, o que parecia um grupo de repórteres, e duas câmeras de televisão.

Simon apertou a mão do fiscal municipal, que lhe sussurrou algo, e pediu ordem na sala.

— Isto é muito irregular — protestou o prefeito, ficando de pé — Esta é uma junta disciplinadora!

— Não, isto é um tribunal desautorizado — replicou Cash, levantando-se também — Meus agentes, no cumprimento de seu dever, prenderam um político por dirigir sob os efeitos do álcool, e você e dois de seus vereadores querem castigá-los por isso. O político em questão é parente dele, o qual constitui um conflito de interesses pelo que você nem sequer deveria estar tomando parte nesta junta.

— Exato — interveio Simon Hart — Faço-lhes saber em nome do governador do estado que serão investigados por estas práticas ilegais que lhes acusará por esta subversão da justiça.

Os repórteres estavam tirando fotos, as câmeras estavam gravando... E parecia que o prefeito estivesse engasgado com uma melancia inteira.

— Tentei dissuadir à câmara de vereadores para que não se celebrasse esta junta — disse com aspereza o fiscal municipal — mas se negaram a me escutar. Possivelmente o escutem.

Calhoun Ballenger ficou de pé.

— Pelo menos terão que escutar aos cidadãos de Jacobsville — disse, aproximando-se da mesa em que estava sentado o fiscal municipal. Tirou um grosso calhamaço e a entregou ao secretário da prefeitura — As eleições municipais serão amanhã, e o prefeito Brady enfrentará o seu oponente nas urnas, mas esta é uma petição de destituição dos vereadores Barry e Culver assinada por centenas de cidadãos — acrescentou, olhando com olhos entreabertos dos envergonhados vereadores — em virtude da qual o secretário da prefeitura está obrigado a convocar eleições extraordinárias para substituir a estes homens.

— E o farei — assentiu o secretário — já falei com o secretário de estado.

Simon Hart assentiu com a cabeça.

— A justiça se viu posta em perigo nesta cidade — disse em um tom grave — não se deveria penalizar a nenhum agente de polícia por cumprir com seu dever — acrescentou olhando à tenente García e a agente Hall, que pareciam preocupados e orgulhosos.

— Não poderia estar mais de acordo — interveio Cash.

Nesse momento se adiantou outro homem, um bombeiro vestido com seu uniforme, que ficou frente ao prefeito.

— Como chefe do corpo de bombeiros de Jacobsville vim aqui para lhe transmitir uma mensagem de meus vinte companheiros, de vinte e cinco policiais, e de vários empregados de outros serviços municipais — disse — Se você despedir a esses dois agentes, ou ao chefe Grier, todos nós demitiremos.

Todos os vereadores emudeceram, e o prefeito tampouco parecia saber o que dizer. Nunca na história do Jacobsville se produziu tal amostra de solidariedade entre funcionários públicos. Os meios de comunicação que tinham ido cobrir a notícia estavam entusiasmados, e Cash parecia estar contendo o fôlego. Voltou-se para Tippy e Rory, que lhe fizeram um gesto com os polegares levantados. Cash engoliu em seco.

Simon Hart se aproximou do estrado e olhou o prefeito aos olhos.

— Você move.

Ben Brady esboçou um sorriso forçado.

— Bem, é obvio que estes agentes continuarão em seu posto, o mesmo acontecerá ao chefe Grier — disse, quase engasgando-se com as palavras — Não tínhamos intenção alguma de despedi-los; depois de tudo, como disse você, só estavam cumprindo com seu dever! É mais, os elogiamos!

Os agentes pareceram relaxar-se, e Cash também.

Entretanto, Simon Hart não tinha terminado.

— Há outra coisa mais — disse — Um investigador especial de meu departamento esteve examinando certos informes que recebemos sobre tráfico de drogas que implicam a um cidadão desta comunidade, e dois políticos. A acusação dos cargos correspondentes ficará pendente até que o caso tenha sido remetido ao fiscal do distrito do condado.

— Esperarei impaciente esse momento — disse o fiscal do distrito com um frio sorriso.

O prefeito em exercício, que estava vendo como sua carreira política se ia afundando, pôs-se muito pálido. As eleições municipais, como havia dito Calhoun Ballenger, celebravam-se no dia seguinte, e enfrentaria Eddie Cane, que era muito querido por todo mundo, e à vista do que acabava de ocorrer duvidava que tivesse alguma possibilidade de manter-se no cargo. Em uma cidade tão

pequena como Jacobsville em questão de algumas horas todo mundo saberia o que tinha se passado nessa noite.

— Muito bem — disse fracamente — Poderia o secretário ler a ata completa desta última junta?

Aquilo não levou muito tempo. Em trinta minutos a junta se deu por finalizada e as pessoas começaram a abandonar a prefeitura.

— Felicidades — disse Judd a Cash, lhe dando uma palmada nas costas.

Cash parecia não acreditar ainda que tinham triunfado.

— Nunca imaginei que fôssemos contar com o apoio de tanta gente.

— Isso é porque subestima a avaliação que sente por você das pessoas de Jacobsville — respondeu Judd com um sorriso — Sente-se agora parte da comunidade?

Cash não podia estar mais sobressaltado. Nesse momento chegaram Tippy e Rory, que se colocaram a um e outro lado dele.

— Sim — respondeu finalmente com voz rouca — sim agora me sinto parte de algo — acrescentou, olhando de um modo possessivo para Tippy, que estava radiante de alegria por ele.

Judd apertou-lhe a mão e partiu com uma sorridente Chris. Cash e Tippy se detiveram falar com o Jordan Powell e Libby Collins antes que Rory os arrastasse para a porta lhes dizendo que morria de fome.

No dia seguinte o prefeito em exercício, Ben Brady, demitiu-se de seu cargo e abandonou a cidade. Nas eleições Eddie Cane obteve uma vitória esmagadora com noventa por cento dos votos, enquanto que nas eleições estatais ao senado foi Calhoun Ballenger, quem ganhou do senador Merrill por uma margem tão ampla, que este, envergonhado, negou-se inclusive a conceder alguma entrevista aos meios de comunicação.

Julie Merrill, por sua vez, saiu sob fiança, e começou a ir para programas de televisão para falar das «sujas táticas» que se usaram contra seu pai nas eleições, e para verter acusações contra Calhoun Ballenger.

E se produziu mais um escândalo que alcançou a pequena comunidade de Jacobsville, já que se ordenou prisão preventiva para Janet, a madrasta de Libby Collins, pelo presumido assassinato por envenenamento do velho senhor Brady, o pai do Violet.

A secretária do advogado Blake Kemp a acusava de ter envenenado também a outros homens, mas não havia nenhuma prova que a conectasse com essas mortes. De fato, nem sequer ao exumar o cadáver do pai de Libby e Curt Collins se acharam novas provas ao contrário. O julgamento, cuja data ainda não foi fixada, prometia ser interessante... Igual ao de Julie Merrill.

Na mesma semana das eleições, Blake Kemp fez comparecer Julie Merrill como demandada em um pleito por difamação interposto por Calhoun Ballenger. Era uma advertência para a filha do senador do que lhe vinha a seguir, porque de fato já estava metida em uma boa confusão pela acusação de incêndio premeditado, e Cash tinha estado reunindo durante muito tempo prova que a vinculavam a uma banda de traficantes. Seu futuro se via cada vez mais negro, mas o mesmo dia que Cash foi prendê-la, Julie Merrill abandonou a cidade e desapareceu.

CAPÍTULO 14

Rory estava encantado de poder passar as férias com o Tippy na casa de Cash. Fez amizade com um menino de sua mesma idade que vivia a três portas rua abaixo e era filho de um agente de polícia sob o mando de Cash. Os meninos tinham muitas coisas em comum, mas sobretudo sua afeição pelo vídeo game. Cash deu de presente a Rory os últimos lançamentos que tinham ao mercado, e o menino os compartilhou com seu novo amigo.

Tippy, por outro lado, estava cada dia mais apaixonada por Cash, mas depois da chegada de seu irmão o notou distante e reservado. Perguntava-se por que. Havia-lhe dito que ainda havia uma surpresa mais, e que possivelmente não o passaria, mas não tinha conseguido que lhe dissesse do que se tratava.

Essa noite Tippy fez pipocas e ficaram vendo um filme sobre um grupo de mercenários que Rory estava louco para ver. Enquanto olhavam a televisão Cash não abriu a boca, e quando acabou se desculpou com eles lhes dizendo que ia se deitar porque estava cansado.

— Acha que o filme o tenha aborrecido? — perguntou-lhe Rory a sua irmã.

Tippy se encolheu de ombros.

— Talvez; não estou certa — confessou-lhe — Cash nunca fala de seu trabalho, nem de seu passado. É um homem com muitos segredos.

— Mas um dia lhe contará isso — disse-lhe Rory muito seguro.

— Você acha? — murmurou ela sorrindo, embora tivesse suas dúvidas.

Cash não se abria com ela; não de verdade desde dia em que lhe tinha contado o que lhe tinha feito sua ex-mulher. Comportava-se de um modo brincalhão, afetuoso, amável... Mas também distante como a lua. E essa noite havia algo que o tinha realmente preocupado. Se somente lhe dissesse do que se tratava...!

Essa mesma noite, a altas horas da madrugada, um ruído incomum despertou Tippy: Cash estava gritando. O eco de sua grave voz ressonava atormentada através do corredor. Levou um bom momento recordar onde estava e assegurar-se de que estava acordada. Incorporou-se na cama e ficou ali sentada, escutando. Possivelmente tinha sonhado, pensou, mas de repente começaram de novo aqueles ásperos e terríveis gritos.

Vestida só com uma comprida camisola azul de seda, levantou-se e saiu descalça ao corredor, o cabelo alvoroçado e o rosto com restos de sono. Foi até o quarto de Cash, empurrou a porta, entrou, e se dirigiu para a cama. Só ao fim de um momento se deu conta de que não estava sozinha; Rory estava do outro lado da cama com expressão vacilante.

Cruzaram um olhar de preocupação, e antes que pudessem dizer algo Cash começou a revolver-se sob os lençóis.

— Não posso fazê-lo... — balbuciava ofegante — Não posso... Disparar! Pelo amor de Deus, é só um menino... Não! Não, filho, não o faça... Não faça... Não!

— Tippy, não estou certo de que seja uma boa idéia despertá-lo — disse Rory a sua irmã quando a viu inclinar-se instintivamente sobre o Cash, que continuava remexendo-se na cama — Poderia ser perigoso.

— Perigoso? — repetiu ela detendo-se.

— Muitos soldados e policiais dormem com uma pistola — apontou Rory.

Tippy imediatamente fez uma idéia do que queria lhe dizer. Se despertasse e acreditasse que era um inimigo, poderia lhe disparar.

— Não! — gemeu Cash, afastando os lençóis.

Só tinha posto um calção de seda negro, tinha o peito suado, igual ao curto e ondulado cabelo castanho, e não deixava de revolver-se.

— Matei-o... Maldito seja! Você fez com que disparasse! Malditos sejam todos! Tire-me daqui, Meu deus... Faça que parem... Faça... Que parem!

Tippy se sentou na cama junto a ele e colocou suavemente uma mão no centro de seu musculoso tórax.

— Cash — sussurrou-lhe — Cash, acorde!

— Não... Não posso continuar fazendo... Isto — ofegou ele.

— Cash! — insistiu Tippy, apertando a mão contra seu peito.

Em apenas um décimo de segundo se encontrou tombada de costas na cama, com uma das mãos de aço de Cash imobilizando-a pelo pescoço.

— Cash, é Tippy! — gritou-lhe Rory — É Tippy!

Cash despertou imediatamente. Seus olhos, frágeis e exagerados, enfocaram-se de repente sobre sua refém. Tirou-se de cima, sentando-se a seu lado, e aspirou com brutalidade ao dar-se conta do que podia lhe haver feito.

— Estava tendo... Um pesadelo — disse-lhe Tippy, quase sem fôlego, levando as mãos ao pescoço avermelhado.

— Disse-lhe que não o fizesse — defendeu-a Rory.

Cash inspirou lentamente.

— Te fiz mal? — perguntou a Tippy.

— Não, só me assustei — respondeu ela, se incorporando também e esfregando a garganta — Estava tendo um pesadelo — repetiu.

Cash suspirou com pesar, olhando primeiro para ela e depois para Rory.

— O que fizeram foi uma imprudência — disse-lhes irritado, sem sequer se desculpar — Vêem isto? — disse-lhes apontando a capa de sua automática

quarenta e cinco, que estava pendurada num dos lados da cabeceira — Está carregada. Durmo com ela há anos. Poderia tê-los matado!

— Pois não é muito prudente dormir com uma pistola carregada ao lado quando há meninos em casa — repreendeu-o Tippy.

— Eu não sou um menino — protestou Rory indignado.

— Bom, tem razão; é muito maduro para sua idade — apontou Cash.

— E eu também tenho razão — replicou Tippy.

Cash deixou escapar um longo suspiro, tirou a pistola de sua capa, abriu a antecâmara, tirou a única bala que continha, e pôs ambas na gaveta da mesinha de cabeceira.

— Contente? — balbuciou — Amanhã procurarei uma caixa e uma trava de gatilho... Embora me farte de rir se durante a noite entrar pela janela um homem armado.

— E que pensa que virá algum? — perguntou Tippy.

— Não se trata de que espere que venha algum — disse Cash com aspereza — Tenho inimigos, Tippy; tenho que estar sempre preparado.

— Oh, vamos, Cash, com os maravilhosos policiais que temos aqui, em Jacobsville... — começou ela.

— Não estou rindo, Tippy — cortou-a Cash.

Passou as grandes mãos pelo cabelo úmido pelo suor, e se inclinou para frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos. Estava tremendo de medo por dentro. Estava acostumado às armas, a estar rodeado delas, mas essa noite tinha descoberto o quão perigoso podia ser ter uma carregada no quarto. Tinha sido um erro que nunca voltaria a cometer.

— Quer beber algo? — perguntou Rory — Gosta de uma Coca-cola.

— Não, não quero nada — respondeu Cash.

Tippy se limitou a sacudir a cabeça.

— Volto dentro de um momento — balbuciou o menino, e saiu do quarto.

— Deveria estar na cama — disse Cash a Tippy.

— Estava, mas lhe ouvimos gritando a pleno pulmão — respondeu ela, cruzando as pernas debaixo de si — Me fale, Cash — disse-lhe — Jogue para fora; se sentirá melhor.

Cash se recostou contra os almofadões, e a olhou carrancudo sob a tênue luz da lua que entrava pela janela.

— Vamos — insistiu Tippy — você conhece todos meus segredos.

Nisso tinha razão, admitiu Cash para si, mas vacilou. Nunca poderia esquecer o que sua esposa tinha lhe feito, nunca poderia voltar a confiar em uma mulher.

Tippy estendeu uma mão e lhe tocou vacilante o musculoso braço nu. Seu tórax era coberto de espesso pêlo escuro, e também era muito musculoso. Embora fosse um prazer para o olhar, Tippy tratou de dissimular sua admiração.

— Não pode me julgar igual a sua ex-mulher — disse-lhe — não com o que vivi em meu passado. Eu nunca, nunca o esperaria na porta com a mala, dissesse o que me dissesse — acrescentou com firmeza.

— Não vou cometer o mesmo engano duas vezes — resmungou ele.

— A diferença entre sua ex-mulher e eu, é que não me interessa seu dinheiro — disse ela com brutalidade.

Cash apertou a mandíbula.

— Se está insinuando que...

— O que estou dizendo é a verdade — interrompeu-o ela — Se sua ex-mulher o tivesse querido de verdade não teria lhe feito aquilo. Terá que ser muito ruim para abandonar alguém que está mal, para lhe dar as costas só por algo que fez no passado. O amor de verdade é incondicional.

— O que saberá você? — balbuciou Cash sarcástico.

Tippy escrutinou seu rosto, e esboçou um sorriso.

— Mais do que pensa — murmurou, passando a mão por seu peito coberto de pêlo.

Cash a interpretou mal, pensando que se referia a Cullen, o homem com o que tinha vivido durante alguns anos. Afastou o olhar, esforçando-se para voltar a respirar com normalidade. O pesadelo que tinha tido, um pesadelo recorrente, tinha-o deixado alterado.

— Não tem nem idéia dos horrores com os que tenho que viver.

— Atirou contra um menino.

Cash levantou seus olhos para os dela, cheio de incredulidade.

— Como diabos sabe isso?

— Era o que estava gritando faz um momento — respondeu Tippy com simplicidade — Cash, vejo as notícias na televisão como todo mundo. Sei que em alguns países do terceiro mundo as organizações paramilitares têm em suas filas meninos soldados capazes de usar um rifle, ou inclusive uma faca se a ocasião o requerer.

Cash franziu o cenho. Tippy não parecia horrorizada; nem sequer surpresa.

— Cullen lutou no Vietnam, Cash — murmurou — Falou-me disso, de coisas que nunca pensaria que um homem como ele tinha visto. Era uma pessoa culta, com muito mundo... Mas também tinha visto morrer a meninos. Por ele sei de coisas sobre a guerra que Rory não pode nem imaginar.

Cash se relaxou, embora só um pouco.

— Eu lutei no Oriente Médio — disse-lhe — no Sul da América, nas selvas da África... O fazia para ganhar dinheiro, mas logo compreendi que há um preço por fazer-se rico tão depressa... E ainda estou pagando-o.

Tippy estendeu uma mão para lhe tocar os lábios com as pontas dos dedos.

— Tem pesadelos — disse — igual a mim. De fato — acrescentou quando uma carinha pálida apareceu à porta entreaberta — Rory também as tem. Verdade? — perguntou a seu irmão pequeno.

O menino entrou no quarto, fechou a porta, e rodeou a cama.

— Sam me deu um dia uma surra tão terrível que quase me matou — disse a Cash, sentando-se a seu lado sobre o colchão — Às vezes acordo gritando no meio da noite. E ela também — acrescentou apontando a sua irmã com a cabeça.

Cash que estava contendo o fôlego, exalou com pesar.

— E eu — admitiu.

— Mas esta noite já não terá mais — disse-lhe o moço, cobrindo-se com o lençol — Boa noite, Tippy.

Não era o momento de forçar Cash a falar se não quisesse, disse-se Tippy. A idéia de Rory era muito melhor. Depois de tudo, se não quisesse companhia sempre poderia jogá-los de sua cama.

Assim levantou o lençol, deitou-se, cobrindo-se com ela, e se aproximou de Cash usando seu ombro como travesseiro. Sorriu, suspirou suavemente, e fechou os olhos. Sentia-se como se tivesse chegado a casa, ao lar que nunca tinha tido.

— Boa noite, Rory.

— Boa noite, Cash — acrescentou o moço sonolento.

— Boa noite, Cash — secundou-o Tippy bocejando.

Ainda faltavam várias horas para que se fizesse de dia.

La fora o vento uivava, e estava começando a chover. Enquanto o sonho a arrastava, Tippy pensou em quão afortunados eram os que tinham um teto sob para os cobrir. As pessoas não estavam acostumadas a dar importância a essas coisas, mas quando tinha fugido de sua mãe e de Sam tinha passado muitas noites sozinha e assustada nas ruas antes que Cullen a recolhesse.

Cash, ali sentado com Tippy a um lado e Rory do outro, não sabia o que pensar. Sentia-se seguro, sentia-se a gosto. Deitou-se e exalou confuso um suspiro. Queria protestar, dizer lhes que não precisava de companhia, nem que o consolassem, que era um tipo duro capaz de cuidar de si mesmo e enfrentar seus pesadelos, mas no fim de um momento o calor do corpo de Tippy a sua direita, e o de Rory a sua esquerda terminou por fazê-lo render-se. «Que diabos!», pensou; fechou os olhos, e dormiu.

No dia seguinte, quando se levantou e foi ao trabalho, Cash não disse nada a ninguém sobre os dois companheiros de cama que tinha tido durante a noite.

Durante vários dias esteve fechado em si mesmo, embora em seus momentos livres ensinou Rory a fabricar uma caixa para vermes, e inclusive o levou a pescar, a Tippy nunca a convidava. De toda maneira não se importava muito; bastava ver Rory feliz.

Uma manhã cedo, quando o menino ainda estava dormindo e Cash já tinha partido, despedindo-se dela com um gesto de cabeça, Tippy, que estava na cozinha, ouviu um ruído lá fora. A senhora Jewell tinha saído para as compras, assim devia tratar-se de Cash. Teria se esquecido de algo, pensou com um sorriso enquanto colocava a frigideira sobre a boca do fogão para preparar alguns ovos mexidos.

Ouviu abrir porta de tecido metálico atrás dela, mas não escutou o som de nenhuma chave introduzindo-se na fechadura. Em troca, quem quer que estivesse lá fora sacudiu a fechadura com todas suas forças.

O coração começou a pulsar como um louco, e entrou pânico ao pensar que pudesse se tratar do terceiro seqüestrador que tinha ido atrás dela. Acostumou-se à calma e a rotina das semanas anteriores, e quase se esqueceu de que sua vida corria perigo. Entretanto, em um instante todos seus sentidos ficaram em alerta. Ouviu-se um chute na porta, como se quem estivesse fora estivesse tentando rompê-la.

Agarrou o telefone e com dedos trementes marcou o 911 com a cabeça voltada, vigiando a porta de madeira.

— Chefe Grier? — respondeu a surpresa operadora de emergências, do outro lado da linha.

— Sou Tippy Moore — respondeu ela — Alguém está tentando entrar em casa. Por favor, mandem alguém o quanto antes.

— Lhe enviaremos uma unidade em seguida, senhorita Moore. Por favor, não desligue... Senhorita Moore?

Tippy tinha soltado o telefone e tinha agarrado a frigideira pelo cabo com as duas mãos. A porta estava começando a romper-se. Tinha sido uma vítima toda sua vida, de um modo ou outro: primeiro do namorado de sua mãe, logo depois dos tipos prepotentes que a tinham acossado no trabalho, depois dos seqüestradores de Rory, que tinham estado a ponto de matá-la... Estava cansada de ser uma vítima.

Ficou a um lado da porta para que o intruso não a golpeasse ao entrar. Tinha o coração disparado e estava assustada, mas não ia se acovardar. Não dessa vez. Aquele tipo ia pagar por cada homem que a tinha maltratado, física e psicologicamente. Apertou o frio cabo da frigideira entre suas mãos, sentindo que seu próprio peso lhe dava segurança.

O intruso se pôs a se jogar contra a porta, que estava se estilhaçando, lhe dando um aspecto velho e quebradiço. Com um par de investidas a mais a porta se abriu bruscamente, golpeando contra a parede, e um homem alto e magro, vestido com uma calça jeans e uma camisa pólo irrompeu na cozinha com uma pistola na mão.

Ao fim um branco! Tippy lhe deu um frigideira na mão com todas suas forças. A pistola saiu voando, e o homem gritou.

Ironicamente, a dor do intruso deu forças a Tippy.

— Acreditava que fosse entrar em minha casa? — gritou-lhe, golpeando-o no ombro com a frigideira. O homem gritou dolorido de novo, e Tippy baixou a frigideira para lhe bater na rótula — Acreditava que fosse atirar em mim? Pois se equivocou!

O homem se pôs a uivar, literalmente. Estava saltando sobre uma perna e protegendo o ombro com a mão sã enquanto tentava retroceder para a maltratada porta.

Tippy seguiu golpeando-o. Estava furiosa. Aquele tipo tinha invadido seu lar, a teria matado se tivesse conseguido... Não lhe importava se fosse para a prisão; ia fazê-lo pagar por tentar matá-la.

— Pode dizer a Stanton, quando o vir, que não é mais que lixo! — gritou, batendo lhe de novo no ombro com a frigideira.

O tipo uivou de dor outra vez, e deu um tropeção quando tentava voltar para atrás.

— Não vou me esconder em um armário enquanto manda a escória como você para tentar me calar antes do julgamento!

— Socorro! — gritou o intruso, engatinhando para a porta.

Tippy tinha a frigideira levantada para lhe dar outro golpe quando ouviram serenes na rua, e três carros de polícia pararam com um chiado de freios em frente à casa. Em um deles era Cash. Segundos depois vários agentes uniformizados e armados se desdobravam em torno da casa.

— De joelhos! E ponha as mãos sobre a cabeça! — gritou Cash ao intruso, apontando lhe com a pistola.

Esperava que sua voz soasse calma, porque sentia que o coração ia sair do peito. Tinha passado tanto medo, pensando que não chegassem a tempo para salvar Tippy...!

— Não... Não posso levantar os braços! — gemeu o homem — Bateu-me! Tentou me matar! Quero ajuda!

Rory entrou na cozinha nesse momento, e ficou ali de pé, de pijama, esfregando os olhos, e demorou um instante em fixar-se na porta destrozada, o estranho, e nos carros de polícia que havia na rua.

— O que aconteceu? — perguntou a Tippy.

Só então os agentes e Cash repararam na presença de Tippy. Tinha uma enorme frigideira de ferro cujo cabo estava preso com ambas as mãos, o cabelo lhe rodeava alvoroçado no rosto aceso como um halo, e estava vestida com um pijama verde de cetim e um roupão. Estava tão bonita que por um momento os policiais ficaram olhando-a encantados.

— Algemem! — gritou Cash para dois agentes, que depois de sair desse estado de transe correram para o suspeito.

Ofegante e com os olhos verdes ainda lhe relampejando, Tippy desceu as escadas do alpendre para o intruso, que saiu gritando:

— Me salvem! Contarei tudo! Mas não deixem que se aproxime de mim!

Os vizinhos de ambos os lados da rua tinham saído de suas casas e estavam em seus jardins observando boquiabertos aquela cena um tanto cinematográfica que tinha quebrado a monotonia dessa manhã de segunda-feira. Uma anciã estava rindo abertamente.

— Tippy? — chamou-a Cash suavemente, indo junto dela — Está bem, querida?

A jovem assentiu, emocionada pelo termo carinhoso e sua preocupação, e baixou a frigideira.

— Acreditei que era você... Até que começou a sacudir a fechadura da porta, e a lhe dar chutes e empurrá-la.

Inspirou profundamente, os olhos fixos no intruso, que estava sendo conduzido a um carro patrulha pelos agentes.

Cash, que ainda não tinha recuperado o fôlego, embainhou a arma sem olhar, já que não podia afastar o olhar do rosto da jovem.

— Está segura de que não te tem feito mal? — Tippy sorriu fracamente.

— Em realidade foi ao contrário. Zanguei-me tanto quando vi a pistola em sua mão... — confessou-lhe.

Cash franziu a sobancelha.

— Usava uma pistola?

Ela assentiu com a cabeça.

— Está no chão da cozinha. A tirei das mãos com um golpe de frigideira — disse cambaleando-se um pouco — Estou um pouco enjoada.

— Não deixe que outros a vejam — disse-lhe Cash, pegando-a pelo cotovelo — estragará o efeito.

Tippy riu.

— Estou bem — sussurrou — mas não me solte.

— Não o farei — prometeu-lhe ele.

Tippy se voltou para os agentes que estavam congregando-se em torno deles nesse momento.

— Obrigado, meninos — disse-lhes sorrindo, e conseguindo que voltassem a ficar embevecidos — Sua pistola está aí dentro, no chão. Acredito que queria atirar em disparar.

— Estava armado? — perguntou um dos mais jovens, surpreso.

Tippy assentiu.

— Pareceu-me um quarenta e cinco — acrescentou.

— Eu o recolherei — disse Cash — Harry, me traga uma bolsa de provas e chame a nosso investigador para que venha. Já sei que é seu dia de folga — acrescentou ao ver vacilar ao jovem — mas estou certo de que não se importará.

— Combinado — disse Harry imediatamente — Me alegro de que esteja bem, senhorita Moore — despediu-se de Tippy com um sorriso, e recebeu outro dela em troca.

Outros agentes continuavam olhando-a embevecidos.

— Bateu-lhe com uma frigideira? — perguntou Rory, que ainda estava tentando inteirar-se do que tinha ocorrido — Puxa Tip, que valente! Vou chamar Jake para lhe contar.

E saiu correndo em direção a sala.

— Vamos — disse Cash a Tippy, lhe rodeando a cintura com o braço — Eu levarei a frigideira, querida — sussurrou-lhe com um sorriso malicioso — Não queremos que se canse.

Ela se pôs a rir e a deu.

— Vai me prender por assalto a um intruso a mão armada? — perguntou-lhe num murmúrio.

— Isso depende... Vai assaltar me a mim?

— Assim que se descuidar — brincou ela.

Quando Cash entrou com ela, olhou zangado a porta destróçada, mas ainda mais zangado olhou para a pistola automática quarenta e cinco jogada no chão. Imaginou toda uma série de cenas horríveis. Seus homens e ele não teriam chegado a tempo para salvá-la, apesar da pressa que se deram em chegar ali. Se Tippy não tivesse tido essa frigideira à mão...

Atraiu-a para si, beijando-a afetuosamente, que lhe respondeu com o mesmo ardor. Estava se excitando, e a jovem o percebeu. De fato, começaram a lhe tremer as pernas, em parte de desejo, e em parte pelo efeito retardado de temor pelo ocorrido.

— Poderia tê-la matado — resmungou Cash, enquanto seus lábios desciam por sua suave e quente garganta, e ela começou a estremecer de cima a baixo — Esse inseto...!

Tippy lhe rodeou a cintura com os braços, e apoiou a bochecha em seu peito.

— Sabe que não senti medo? — disse-lhe cansada — Acredito que estou começando a pegar sua coragem.

— Isso parece, sim — disse alguém em tom divertido da porta.

Tippy girou a cabeça sobre o peito de Cash e viu Judd entrando na cozinha. Cash o olhou e lhe sorriu.

— Ela sozinha pôde com ele — disse-lhe levantando a frigideira — Quando chegamos aqui estava afastando-se dela a rastro e pedindo ajuda aos gritos.

Os olhos do Judd cintilaram divertidos.

— Minha mãe.

— Os vizinhos falarão disto durante semanas — disse Cash com um suspiro, olhando nos olhos de Tippy — Rory já está chamando seus amigos para presumir de quão valente é sua irmã. «A famosa e elegante senhorita Moore enfrenta um assassino com uma frigideira de ferro»...

— Por sua culpa não pude me fazer os ovos mexidos que ia fazer — balbuciou Tippy — Foi instante que estava pondo a frigideira no fogo que apareceu. Acha que é o cúmplice que faltava de Sam Stanton? — perguntou — que escapou em Nova Iorque?

— Provavelmente — respondeu Cash — Em todo caso logo saberemos se cumprir o que estava dizendo de confessá-lo tudo se o salvávamos de você — acrescentou rindo.

— Pois como não tomei o café da manhã, vai necessitar que o salvem — brincou ela, afastando-se de Cash e lhe tirando a frigideira — Vocês gostam de alguns ovos mexidos? — perguntou-lhes.

E voltou como se nada à boca do fogão, com os dois homens olhando-a sorridentes.

Apesar das objeções de Cash, nesse dia Tippy preparou o jantar para Rory, para ele e para ela. Cash lhe havia dito que tinha que descansar depois do que tinha ocorrido, e se ofereceu a levá-los a um restaurante, mas Tippy não o deixou.

Precisava manter-se ocupada; não queria ficar dando voltas a algo que já tinha passado.

— Ela é assim — disse Rory a Cash com um sorriso malicioso, para provocar a sua irmã — Nunca se queixa; por pior que fiquem as coisas.

— Já o notei — respondeu Cash.

Terminou seu filé e tomou um gole de café. Ainda estava irritado com a facilidade com que o terceiro seqüestrador tinha entrado na cidade e tinha chegado até sua casa sem levantar suspeitas. Enquanto pensava nisso, baixou o

olhar para a xícara com o cenho franzido, como se o café fosse o responsável por todos seus problemas.

— Está muito fraco? — perguntou-lhe Tippy imediatamente.

Cash levantou o rosto para ela.

— O que? Oh, refere-se ao café? — murmurou, levando a xícara taça até os lábios — Não, não, está bem.

— Está preocupado porque esse homem conseguiu entrar na casa... — começou ela.

Cash franziu o cenho ainda mais.

— Terá que se acostumar — disse Rory em um tom familiar — Tippy sabe ler pensamentos.

— Já o notei — repetiu Cash, apertando os lábios em uma fina linha. Entretanto, deu-se conta de que estava se comportando de um modo tolo quando o que Tippy necessitava depois do ocorrido era compreensão e carinho — Sinto muito — murmurou.

Tippy se limitou a sorrir.

— Não precisa — respondeu — Deveria ser eu quem a me desculpar não pretendia incomodá-lo.

— Não me incomodou. Os pensamentos como disse Rory, isso são tudo — replicou ele.

— Sim, mas só o seu e o meu — disse-lhe o menino — Não é capaz de ler a de outras pessoas.

Cash ficou quieto.

— Só o seu e o meu?

Rory assentiu com a cabeça, e levou a boca com o garfo o que estava em seu prato do purê de batata.

— Tentou várias vezes, mas nunca o conseguiu.

Aquilo mudava totalmente a coisa. Era como se Rory e ele fossem parte dela. Cash nunca havia sentido nada semelhante em sua vida, nem sequer durante seu breve casamento.

O que lhe preocupava era o medo que teve quando lhe haviam dito que havia um intruso em sua casa e que Tippy estava em perigo, preocupava-lhe o fato de não ter conseguido antecipar isso. Durante os escassos minutos que tinha demorado a chegar ali tinha passado por um inferno imaginando o que poderia lhe ocorrer. Havia-se sentido impotente, e disso não gostava. Pior ainda, o medo que tinha experimentado ao saber do perigo à sua segurança tinha sido diferente das outras vezes que tinha sentido medo em sua vida. Tippy tinha se convertido em parte dele, em parte de sua vida. Se a perdesse não saberia o que faria.

— Querem um pouco de sorvete? — perguntou Tippy, com intenção de desviar a mente de Cash dos escuros pensamentos que o deixavam tão sério — De chocolate.

— A verdade é que não tenho muita vontade de sobremesa — respondeu Cash.

— Eu tampouco — disse Rory — Foi um dia muito longo, verdade? — acrescentou ficando de pé. Rodeou a mesa para dar um forte abraço na irmã — Alegra-me muito que não tenha lhe acontecido — sussurrou-lhe com os olhos fechados — é a única coisa que tenho.

— Não é certo — corrigiu-o Cash — tem a mim também.

Rory levantou a cabeça e o olhou um pouco surpreso. Durante as semanas que estava ali tinha acreditado que mais que tudo o que fazia era incomodar, mas Cash estava sorrindo.

Rory lhe devolveu o sorriso timidamente.

— Obrigado. O mesmo digo — murmurou — Se pudesse o salvaria.

No rosto do Cash se desenhara uma expressão curiosa, entre o afeto e o orgulho.

— Lembrarei-o — disse-lhe sorrindo de novo.

— Importa-se que eu ponha no vídeo o filme de aventuras que trouxe? — pediu Rory a Cash.

— Não, claro que não. De todo jeito não tem nada de bom na televisão esta noite.

— Obrigado!

E o moço desapareceu em um abrir e fechar de olhos, deixando a sós na cozinha Tippy e Cash, que ficou brincando com sua xícara vazia de café.

— Quer mais? — ofereceu-lhe Tippy.

— Por que não? — aceitou ele.

Tippy pegou a xícara e foi junto à cafeteira para enchê-la, mas quando a depositou na mesa, em frente a Cash, ele pegou sua mão e a sentou com cuidado em seu colo.

— Quando meu pai me colocou na academia militar não sabia o que queria fazer — disse-lhe, enquanto a acomodava, apoiando lhe a cabeça no ombro, e tomando uma de suas finas mãos — Terminei ali meus estudos superiores, e meu sargento se deu conta de que nunca falhava nas práticas de tiro. Recomendou-me para uma unidade especial, uma unidade ultra-secreta. Atribuíam-me uma missão, e eu me encarregava de cumpri-la. A informação sobre a maioria dessas missões é classificada, assim não posso lhe falar delas, mas basta dizer que me era exigido matar.

Tippy não se moveu, nem disse nada. Temia que Cash deixasse de falar. Era a primeira vez que demonstrava suficiente confiança nela para lhe falar de seus segredos, e tinha a sensação de que só se justificou a esse respeito com outra pessoa: sua ex-esposa, que lhe tinha abandonado depois daquilo. Tippy nunca seria capaz de fazer algo assim, dissesse o que dissesse; amava-o muito.

Cash baixou o olhar para seu rosto.

— Não diz nada? — perguntou-lhe em tom tenso.

— Está falando e eu estou escutando — disse-lhe Tippy suavemente — Sei que isto deve ser difícil para você, e não penso julgá-lo, nem criticá-lo, mas acredito que é bom que fale disso.

Cash soltou uma risada seca.

— Isso mesmo acreditei eu uma vez.

Tippy estendeu uma mão para seu rosto e lhe acariciou a bochecha com ternura.

— Não está no passado. E eu não sou uma covarde. — Cash pareceu relaxar um pouco.

— Bom, certamente isso é algo que não pode ser contestado depois desta manhã — murmurou — Vai ser uma lenda local durante o resto de sua vida

Tippy sorriu divertida.

— Você acha?

— Acredito — respondeu ele, menos tenso, movendo-a um pouco para que estivesse mais cômoda — colaborei em um par de «operações negras», missões secretas carentes de ética, antes de que o que fazia começasse a me afetar. Abandonei o exército, mas minha reputação me acompanhava aonde ia, e em muito pouco tempo estive nas listas de todo o mundo para realizar missões especiais... Como mercenário. Permite que me convencessem de fazê-lo, pensando que os cargos de consciência que tinha desapareceriam com o tempo, de que estava fazendo um trabalho necessário para que o mundo fosse um lugar mais seguro. Engoli o que me disseram. Estive trabalhando para vários organismos de nosso país e também para os de outros, e frequentemente colaborava como franco-atirador com comandos de elite. Além disso, era-lhes útil porque falava várias línguas com fluidez e porque sabia reparar qualquer aparelho eletrônico. Nunca me faltava trabalho — explicou. Inspirou profundamente antes de continuar, e se refletiu em seus olhos negros uma expressão de angústia — Uma noite comecei a ter pesadelos. Eram muito vívidos, muito reais, pesadelos das que despertava gritando. Nelas via rostos de mortos. No princípio era só algo ocasional, mas foram se fazendo mais freqüentes — suas feições se distenderam ao recordá-lo — Pensei que se o deixasse talvez não voltaria para tê-los. Todo o dinheiro que tinha ganhado como mercenário o tinha guardado em um banco na Suíça; mais de que poderia necessitar para viver. Além disso, sabia que um dia me acabaria a boa sorte; era só questão de tempo, assim que o deixei e me volvei para os Estados Unidos. Estive trabalhando em distintas chefias de polícia aqui no Texas até que ingressei no corpo dos Rangers. Um dia, na hora do almoço, conheci uma mulher... Uma bonita mulher que ficou vários dias me olhando. Flertou descaradamente comigo até que cedi a meus impulsos e a pedi sair. Depois de nosso primeiro encontro se foi viver comigo, e duas semanas depois nos tínhamos casado.

Tippy não queria mostrar-se ciumenta, mas não pôde evitá-lo.

— Sim que lhes deram pressa.

— Muita. O que eu não sabia era que era prima de um antigo meu companheiro do exército. O tipo não sabia que tipo de missões fazia, mas sim que tinha dinheiro. Encantavam-lhe os diamantes e a alta costura, e eu estava muito cego para compreender que não sentia nada por mim, que só gostava dos presentes caros que dava.

Tippy contraiu o rosto.

— Deve ter sido muito doloroso quando se deu conta.

— Foi — assentiu ele, e suas feições se endureceram — Estava louco por ela, e acreditava que ela também estava apaixonada por mim. Quando me disse que estava grávida não cabia em mim de felicidade. Nunca até esse momento tinha me exposto a possibilidade de ter filhos, mas só pensar que ia ser pai me idiotizou — acrescentou, tentando subtrair a importância de seus sentimentos, pensando no bebê que tinham perdido — assim em um arranque de honestidade me sentei com ela e lhe contei toda a história de minha vida. O resto já sabe: abandonou-me. Mais tarde me inteiraria de que de todo o jeito tinha pensado em abortar. Só disse que o tinha feito por minha culpa porque acreditava que ao me acusar de lhe haver ocultado antes de nos casar as «monstruosidades» que tinha feito, conseguiria uma soma maior quando nos divorciássemos.

Tippy escrutinou seu rosto.

— E a conseguiu?

— Não. Eu tinha um bom advogado. Tinha sido mercenário, como eu, e tinha uma grande habilidade para a espionagem. Esteve vigiando-a, grampeou-lhe o telefone... Conseguimos um montão de provas que é obvio nenhum tribunal admitiria, mas bastaram para assustá-la e que tomasse o que lhe oferecia. Aceitou, assinei-lhe um cheque, e depois não tornei a vê-la.

— Pensa... Pensa alguma vez nela? — perguntou Tippy, não se atrevendo a formular diretamente a pergunta que queria lhe fazer: se ainda a amava.

— Às vezes — confessou ele, esboçando um sorriso — Mas não com agrado, nem porque ainda a deseje... O que penso é que tive sorte de me livrar dela.

Tippy lhe devolveu o sorriso aliviado.

— E como acabou aqui, em Jacobsville?

— Estava cansado da vida nômade que levava no corpo dos Texas Rangers, assim que me apresentei para um posto de perito em cibercrimes no fisco do distrito de Houston — explicou-lhe — Tinha muita experiência como Hacker pelo tempo que estive fazendo esses trabalhos para organizações militares — acrescentou sacudindo a cabeça — mas não conseguia me encaixar lá. De fato parecia que não pudesse me encaixar em nenhuma parte, e minha reputação me precedia — olhou para Tippy e esboçou um leve sorriso antes de continuar — Sempre estava me encontrando com tipos que me conheciam.

Exageravam ao contar algumas das coisas que tinha feito, e meu caráter reservado fazia que outros as acreditassem — acariciou distraído as longas unhas de Tippy com a ponta do polegar — E então, justo quando estava pensando em voltar para exército, meu primo Chet foi a Houston a ver-me e me perguntou se estaria interessado em trabalhar como ajudante do chefe de polícia aqui, em Jacobsville. Aquilo foi antes que Ben Brady se convertesse em prefeito em exercício, claro. Se não teria conseguido o posto. Mas contava com a aprovação de Chet, e o prefeito que havia então e o resto dos vereadores também aprovaram meu nomeamento. E após estou aqui.

— E não sente saudades de sua antiga vida de aventuras? — perguntou Tippy suavemente.

— Um pouco — teve que admitir ele. Olhou a jovem entre seus braços: tão formosa, tão quente, com uma pele tão suave..., E sentiu que formava um nó na garganta — mas já não — acrescentou com voz rouca.

Os olhos do Tippy brilharam.

— Por que?

Cash se encolheu de ombros, e observou a delicada mão que havia sobre o frente de sua camisa enquanto acariciava a outra com a sua.

— Não sei. Minha vida mudou desde que Rory e você chegaram nela, e mais ainda desde que os tenho aqui comigo. Pela primeira vez me sinto... Como parte de uma família.

Tippy não estava acostumada a chorar, mas depois do que tinha ocorrido àquela manhã se sentia ainda frágil, e as palavras do Cash lhe roubaram o fôlego. Queria dizer o que acreditava que queria dizer?

Ao ver que seus olhos tinham se enchido de lágrimas, e que começaram a descer pelas bochechas, deixando úmidos rastros em seu passo, Cash franziu a sobrancelha.

— Que é, Tippy? O que tem?

— Eu também me sinto assim — confessou-lhe ela — e ao Rory acontece o mesmo.

Sentindo-se de repente um pouco enjoado, Cash esboçou um sorriso.

— De... De verdade?

Ela assentiu com a cabeça, e Cash a abraçou e inclinou a cabeça para beijá-la amorosamente. Tippy, que nunca tinha conhecido uma ternura semelhante, respondeu-lhe do mesmo modo.

Cash fechou os olhos, sentindo-se como se tivesse encontrado um verdadeiro lar. Tippy apoiou a bochecha em seu peito e ficou escutando os batimentos de seu coração.

A cabeça de Rory apareceu pela porta.

— Oh, perdão...!

Cash riu quando viu que partia.

— Volte aqui — disse-lhe. Tippy se ergueu de seu colo com os olhos um pouco vermelhos, mas sorridente — O que queria? — perguntou-lhe.

— Estão pondo um filme antigo de vampiros com Bela Lugosi em... — respondeu o menino, movendo as sobrancelhas acima e abaixo.

— Com Bela Lugosi? — exclamou Cash, ficando de pé e quase atirando a pobre Tippy ao chão — Perdoe, querida — desculpou-se — mas é que eu adoro Bela Lugosi...

Tippy o olhou boquiaberta.

— Sério? — exclamou a sua vez — Não é brincadeira?

— Ela também gosta — explicou Rory. Cash e Tippy cruzaram um rápido olhar. — Temos pipocas? — perguntou Cash esperançoso.

— De microondas — assentiu Tippy, correndo para as fazer.

O dia, que tinha começado de um modo tão estressante, tinha acabado sendo mágico, pensou Tippy enquanto colocava o pacote no microondas. De repente sentia que sua relação com o Cash podia ter futuro. Nunca tinha estado tão segura de nada como estava daquilo nesse momento.

Voltou-se para olhar para Cash, que saía da cozinha com Rory, um braço em torno dos ombros do menino, e nesse instante ele voltou a cabeça também para olhá-la e lhe piscou um olho. As barreiras entre eles estavam desaparecendo.

Tippy tinha pensado que a fama que ganhou por ter batido no intruso com uma frigideira não durasse mais de um dia, mas as pessoas continuaram falando disso, e alguns dias depois, um jornal que tinha publicado mentiras sobre ela se ecoou de sua proeza.

O artigo dizia que o indivíduo era com certeza o terceiro seqüestrador, e referia como tinha sido detido e levado de volta a Nova York por dois agentes do FBI que não podiam deixar de rir enquanto partiam com ele.

Na história que relatava o jornal, entretanto, havia também outros detalhes que Tippy jamais teria esperado. Em um parágrafo citava a uma doutora de Jacobsville, Lou Coltrain, que esclarecia que ela tinha perdido seu bebê pela crueldade do ajudante de direção cujo nome não se mencionava, e comentava quanto tinha sofrido por aquilo. Também citava Joel Harper, que dizia que era tão importante para a produção que tinham decidido que só retomariam a filmagem quando se recuperasse por completo, e acrescentava com humor que já estavam mudando o roteiro para incluir sua inovadora técnica de defesa com a frigideira.

Inclusive as agências de notícias pegaram a história quando apareceu na gazeta de Jacobsville, e nos jornais de Houston e Santo Antonio.

Mas havia algo mais no artigo do jornal que fez com que o seu coração desse um salto ao lê-lo: uma entrevista do chefe de polícia do Jacobsville, Cash Grier, que anunciava que iam casar se nesse mesmo mês.

CAPÍTULO 15

Tippy não podia acreditar no que estava lendo. Cash não podia ter dito a sério isso de que ia se casar com ela, não depois de todas as vezes que disse que não tinha intenção de voltar a casar-se. Confusa, sentou-se com o jornal nas mãos e voltou a ler o artigo inteiro.

— O terceiro seqüestrador ficará na prisão até que se celebre o julgamento — disse-lhe Cash, com as mãos nos bolsos — Não podia suportar o golpe que tinha sofrido sua reputação por culpa desse ajudante de direção, assim tive um longo bate-papo com algumas pessoas que conheço, e não voltará a fazer a ninguém o que fez a você. E com a ajuda da doutora Coltrain consegui que o jornal publicasse esse artigo para reparar o dano que lhe tinham feito — explicou.

— Mas... É um pouco... Drástico, não? — murmurou Tippy.

— Por que? Por desmascarar esse tipo arrogante e insignificante que trabalhava para Joel Harper? — perguntou Cash.

— Não! Por certo, obrigada por isso — disse Tippy — Referia ao de nosso... Compromisso. Aqui diz que vamos casar nos neste mês!

Os olhos negros de Cash procuraram os seus.

— Já não há segredos entre nós. Eu sei tudo sobre você, e você sabe tudo sobre mim. Tenho um trabalho estável, e também dinheiro em vários bancos do estrangeiro, embora se não o tivesse tampouco me importaria, porque nunca me importou trabalhar. O que quero dizer é que posso assumir sem problemas cargas familiares. E Rory pode viver conosco... A menos que tenha muito claro que quer ficar os próximos oito anos em uma academia militar, claro.

A Tippy lhe tinha cortado a respiração.

— Devo estar sonhando — murmurou.

— Sonhando... Ou tendo um pesadelo? — perguntou ele, preocupado.

— Sonhando — respondeu ela em um sussurro. Com as bochechas ligeiramente avermelhadas, levantou o rosto para ele e o olhou encantada — Não posso acreditar!

Cash relaxou. A expressão em seu rosto, ao mesmo tempo de sorte, surpresa, e amor, fez que uma sensação quente o invadissem.

— Quer que me ponha de joelhos? — perguntou-lhe com um sorriso — ou você irá fazê-lo? Não me diga que ainda não me comprou o anel...

Tippy o olhou confusa, mas recordou imediatamente como o tinha estado fazendo semanas atrás com um suposto cortejo.

— Acreditava que havia dito que não o queria... — provocou-o.

— Nesse caso terá que ir comprá-lo. Mas até então...

Cash deu um passo adiante, colocou a mão no bolso, tirou uma caixinha, e a abriu. Dentro havia dois anéis de ouro: um de noivado, e o outro de casamento. O primeiro tinha uma esmeralda engastada rodeada de diamantes, e o segundo era um singelo aro que alternava pequenos diamantes e esmeraldas.

— Oh, e uma coisa mais... — acrescentou Cash, pondo diante dela uma licença matrimonial — Eu já fiz a análise de sangue, e recolhi os resultados do que você fez na semana passada quando a doutora Coltrain fez o reconhecimento especialista que tinha vindo do Santo Antonio.

— Falando disso... Ainda não consigo imaginar como conseguiu que viesse até aqui para me ver em vez de que tivéssemos que nos deslocar até lá — murmurou ela.

— Micah Steele e ele são velhos amigos — respondeu Cash, sem acrescentar nada mais — Bom, pois temos a licença matrimonial, e uma entrevista depois de amanhã com o juiz do tribunal testamentario — acrescentou muito satisfeito consigo mesmo — A única coisa que tem que fazer é dizer «sim». Eu me encarregarei do resto.

Tippy ficou olhando a licença matrimonial e os anéis como em transe, enquanto o coração pulsava grosseiramente no peito.

— Nunca me atrevi a sonhar sequer com que isto pudesse ocorrer — disse-lhe, olhando-o cheia de amor.

Cash se inclinou e lhe deu um beijo terno e sensual. O coração de Tippy pulsou ainda com mais força, e Cash voltou a beijá-la.

— Sabe tudo de mim, e mesmo assim não fugiu — sussurrou — Como poderia me arriscar a perder uma mulher que não só está disposta a me aceitar como sou, mas além disso é capaz de reduzir com uma frigideira a um criminoso armado? Converteu-se em uma lenda!

Tippy riu suavemente, e lhe rodeou o pescoço com os braços para apertá-lo contra si.

— Vou cuidar de você o resto de minha vida — murmurou com doçura.

Cash se ruborizou ligeiramente.

— Essa frase era minha!

— Combinado, então cuidaremos um do outro — murmurou Tippy, abaixando a cabeça para beijá-lo de novo. Queria lhe dizer que o queria, mas Cash não tinha mencionado a palavra «amor», e ela ainda se sentia muito insegura para lhe declarar seus sentimentos abertamente — Está certo de que quer isto? — perguntou-lhe muito solene.

— Estou certo.

Cash a atraiu para si de novo, envolvendo-a entre seus fortes braços, e a beijou com um ardor que fez com que os joelhos da jovem tremessem.

— Oh, Deus, é maravilhosa...! — ofegou Cash, antes de fazer o beijo mais profundo e abraçá-la contra a mesa da cozinha — Tippy...!

Tippy se encontrou deitada entre os restos do almoço com Cash inclinado sobre ela com um olhar luxurioso. — Cash! O que está fazendo? — exclamou com os olhos fechados, enquanto ainda podia falar.

— Adivinhe — balbuciou ele entre beijo e beijo.

Em meio dos protestos de uma vozinha dentro de sua cabeça, que lhe dizia que alguém poderia entrar pela porta de repente, ou que Rory poderia voltar para casa a qualquer momento, ou que podiam ter posto microfones e câmaras ocultas, Tippy notou que Cash começava a lhe atirar da roupa e a desabotoar-lhe...

Fogos de artifício começaram a explodir em seu interior quando sentiu momentos depois que a penetrava. Abriu os olhos e olhou nos dele, enquanto cada feroz movimento dos quadris de Cash fazia com que escapassem gemidos abafados de sua garganta.

Cash, que tinha as mãos nas costas dela, entreabriu os olhos, brilhantes de desejo, e observou seu rosto sem se mover.

Tippy não tinha fôlego suficiente para lhe dizer que aquilo era uma loucura. Estava ardendo de prazer. Abriu um pouco mais as pernas para lhe facilitar o acesso, e seus quadris se arquearam para os dele. Fazia tanto tempo desde aquela noite em que tinham feito amor pela primeira vez... Estava ávida por ele.

O incrível prazer que estava sentindo se refletiu em seu rosto enquanto seu corpo respondia a cada rápida e segura investida. Estava subindo para o céu; todo esse prazer a fazia sentir-se mais viva que nunca.

— Deixa-me louco... — resmungou Cash, emitindo um ruído gutural ao sentir uma nova sacudida de prazer — Oh... Deus... Tippy! Preciso de você...!

— Eu também preciso de você — ofegou ela — Preciso tanto, Cash... Tanto... Tanto...!

— Demonstre-me isso querida — sussurrou ele, roçando os lábios da jovem com os seus. Os movimentos de seu corpo se tornaram mais insistentes, mais desesperados — Demonstre-me isso.

Tippy lhe desabotoou sofregamente os botões da camisa e a abriu, deixando descoberto uma vasta extensão de músculo e abundante pêlo negro. Logo arrancou a própria blusa, tirou o sutiã, e se arqueou para esfregar seus seios contra o peito de Cash.

Cash emitiu um grunhido quase animal, e a olhou nos olhos enquanto os conduzia para o clímax. Seu fôlego ofegante se misturou com os entrecortados gemidos que escapavam da garganta de Tippy.

— Oh... Por favor — pediu-lhe, estremecendo-se com cada rápida investida de seus quadris — Por favor, por favor...

Cash se voltou para trás, fechou os olhos antes de impulsionar-se para frente de novo com as forças que ficavam, e de repente sentiu como se lançasse em queda livre de um precipício. Aspirou para dentro, e se convulsionou ao mesmo tempo em que gemia junto ao ouvido de Tippy.

A jovem estava palpitando com ele, deixando-se arrastar pelo prazer que a tinha enrolado como uma onda de calor. Rompeu em gritos, e cravou as unhas nas costas de com ferocidade ao mesmo tempo em que se rendia por completo a sua posse.

— Sinto-o... Ofegou — sinto-o dentro de mim...

Suas palavras incrementaram o prazer de Cash, que gemeu de novo.

— É parte de mim — sussurrou-lhe — e eu sou parte de você... É tão suave, querida... Tão suave, e tão quente, é como se estivesse envolto em um casulo de seda. Nunca havia sentido nada igual.

— Eu tampouco — respondeu ela, também em um sussurro, aferrando-se a ele enquanto se apagavam as últimas rajadas de prazer — Nem sequer na primeira vez que o fizemos...

Cash pensou de repente que ele era o único homem com o que verdadeiramente tinha tido relações. A única experiência que tinha tido antes de fazer amor com ele tinha sido terrível e aterradora. Em troca com ele tinha gostado. Podia senti-lo em sua doce voz, em seu formoso corpo, depravado sob o seu.

— O que pensa? — perguntou-lhe Tippy, ainda tremendo.

— Não sabe? — provocou ele.

— Não... Não posso nem pensar neste momento.

— Bom, isso me tranquiliza — sussurrou-lhe Cash com uma risada maliciosa. Levantou a cabeça e a olhou aos olhos — Estava pensando que sou o único homem com o que fez isso.

Tippy o olhou confusa.

— Que Stanton a violou não conta — disse Cash com olhos amorosos.

— De verdade pensa isso? — perguntou curiosa.

Cash tocou suavemente o lábio superior de Tippy com os seus.

— Stanton a forçou, mas para ele aquilo era como cometer um roubo, não era algo que fizesse para obter prazer. Os violadores não procuram prazer, a não ser amedrontar a sua vítima, ter controle sobre ela.

— Há anos estive saindo com um homem — comentou Tippy — Para ele o fato que me tivessem violado era como uma espécie de mancha que tivesse ficado sobre mim. Dizia que lhe teria dado asco me tocar sabendo que me tinham feito isso.

— Não me importaria que tivesse feito amor com meia dúzia de homens... Sempre e quando eu for o último — murmurou Cash em um tom amável.

Nesse momento Tippy soube com certeza que sentia por ela algo mais que desejo. Seus olhos estavam a olhando de um modo afetuoso e terno. Estendeu uma mão e lhe acariciou possessiva a bochecha e depois a boca.

— Adoro-o — sussurrou-lhe com voz rouca.

Cash levou sua mão aos lábios e lhe beijou os dedos.

— E eu a você — respondeu, levantando a cabeça e olhando-a. Suas sobrancelhas se arquearam — Não posso acreditar que tenha feito isto.

Tippy sorriu maliciosa.

— Pois eu sim.

Cash se incorporou rindo, ajudou-a a levantar-se, e começou a lhe pôr a roupa de novo em um silêncio impregnado de sorte e cumplicidade.

— Menos mal que não ocorreu a ninguém vir nos fazer uma visita — comentou Tippy, observando os restos de comida esparramados por cima da mesa. Sentia o cabelo estranho, e quando levou uma mão atrás da cabeça se encontrou partes de purê de batata e feijões verdes.

— Olhe como me pus... — murmurou.

Cash rompeu em gargalhadas.

— Tem um aspecto delicioso, querida — disse-lhe — Se quiser pode se derrubar um pouco mais no purê de batata, e logo a limparei com a língua... — sugeriu-lhe movendo as sobrancelhas de um modo insinuante.

Tippy lhe deu um pequeno golpe no ombro.

— Pare já. Esta não é forma de se começar uma relação séria.

— É claro que é — replicou ele — A comida é a base de mais de uma relação. E está linda com purê de batata e feijões no cabelo.

— Sigua se burlando de mim, e o jogarei em cima os restos de café — ameaçou-o Tippy.

Cash riu e se inclinou para beijá-la amorosamente.

— Não usamos nada — disse-lhe, ficando sério.

Tippy esboçou um sorriso relaxado.

— Sei; e não me importa.

A Cash se iluminaram os olhos, e lhe devolveu o sorriso.

— Bom, então, quando e onde nos casamos? — quis saber Tippy.

— Depois de amanhã no palácio de justiça do condado. Judd e Crissy me prometeram que serão nossas testemunhas.

— É um bonito detalhe de sua parte — disse Tippy com sincera apreciação.

— Sim que o é — respondeu Cash, olhando-a encantado — Estes vão ser os dois dias mais longos de minha vida — murmurou.

Casaram-se cedo pela manhã. Tippy vestiu seu conjunto de jaqueta calça verde de seda para a ocasião, e levou um ramo de rosas amarelas, e Cash usou terno. Judd, Crissy, e Rory assistiram à cerimônia como testemunhas, e o juiz lhes sorriu com cumplicidade ao declará-los marido e mulher.

Rory os abraçou com força contendo as lágrimas.

— Este é o melhor dia de minha vida — disse-lhes.

— Também da minha — respondeu Cash.

Pela primeira vez não tinha sentido medo em comprometer-se, e deu graças a Deus em silêncio por que por fim Tippy ser dele. Ao olhar para a jovem teve a impressão de que ela estava pensando o mesmo, mas também que estava preocupada com algo. Intuíu-o.

Mais tarde, depois de que almoçarem todos juntos em um restaurante da cidade, Cash lhe perguntou o que a inquietava.

— Não sei — respondeu-lhe ela com sinceridade — mas é algo mau. Perdoe-me — acrescentou imediatamente — não era minha intenção estragar o dia de nossas bodas.

— Não estragou nada — replicou ele — Estou começando a me acostumar com suas premonições — confessou-lhe — mas não acredito que tenha que se preocupar com nada. Rory vai passar a noite na casa de Judd e Crissy, e nós, com premonição ou não, teremos a nossa noite de núpcias com que sonha todo mundo.

Tippy sorriu com ternura.

— Estou desejando que se faça de noite! — sussurrou-lhe.

Cash riu.

— Já somos dois.

Foi uma noite larga e cheia de paixão. Cash demonstrou a Tippy que tinha uma resistência incrível, e lhe ensinou algumas coisas que a jovem nem sequer tinha lido nos livros.

— Onde aprendeu isso? — perguntou-lhe Tippy, emitindo um gemido abafado debaixo dele, com uma de suas largas e fortes pernas entre as suas enquanto a possuía.

— Ensinou-me isso Arnie — murmurou Cash, pondo uma mão na coxa para posicioná-la de novo.

Tippy o olhou com os olhos muito abertos.

— Um homem ensinou-lhe isso?!

Cash se pôs a rir. Baixou a cabeça e a beijou com ardor na garganta, lambendo com a língua a veia onde podia sentir seu pulso.

— Arnie era um tipo ao que conheci quando estava fazendo a instrução. Sabia mais de mulheres que um produtor de filmes — explicou — Tinha livros, fitas de vídeo, revistas... Todo o necessário para converter um novato em um perito.

— Sim, Mas... A perfeição... Só se consegue com a prática — replicou ela, contendo o fôlego.

— Mmm—hmm... — murmurou ele malicioso, lhe mordiscando o ombro — Mas no sexo a mente e o coração são tão importantes quanto o corpo. Fazê-lo com alguém a quem conhece logo não é mais que uma maneira de passar o momento.

— E comigo? — perguntou Tippy.

Cash levantou a cabeça e a olhou aos olhos.

— Contigo é algo quase sagrado — sussurrou-lhe.

Tippy entreabriu os lábios e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não chore, Tippy — disse-lhe Cash, lhe beijando as pálpebras.

— Não posso evitá-lo — soluçou ela — É que eu... Sinto o mesmo quando estou contigo — disse-lhe beijando-o ardorosamente o peito — Cada vez é como se fosse a primeira vez; enche-me de desejo apenas te olhar.

Cash a beijou de novo na boca, e lhe mordiscou suavemente o lábio inferior ao mesmo tempo em que começava a mover-se a um ritmo mais lento. Sua respiração se tornou rápida e trabalhosa, igual à dela. Levantou a cabeça e a olhou aos olhos, apertando os dentes com cada investida contra seus quadris.

Tippy lhe cravou as unhas nos braços, contraindo os dedos como as garras de um gato com cada quebra de onda de prazer. De sua garganta escapou um intenso gemido, e se moveu convulsivamente debaixo dele.

— Sim — ofegou Cash — é isso. Volte a fazê-lo; se mova comigo.

— Você gosta? — perguntou ela sem fôlego.

— Eu adoro — murmurou Cash — Tem magia; faz com que es quente por dentro. Eu adoro a sensação que me invade quando a possuo.

Tippy sorriu e se arqueou para ele, excitando-o, e baixou as mãos devagar, timidamente até seu ventre. Olhou-o aos olhos, vacilante.

— Adiante — insistiu Cash — Faça o que quiser.

— Não se importa?

Cash riu, apesar de tenso que estava pelo desejo.

— Não, não me importa — disse-lhe — Vamos, me toque.

Tippy o fez, insegura, e ficou vermelha como uma papoula. Cash riu e baixou a mão para lhe colocar os dedos em torno de seu membro.

— Assim — sussurrou-lhe, lhe ensinando com uma paciência que logo a crescente excitação transformou em impaciência — Aí... — ofegou estremecendo-se — Justo aí... Sim!

Tippy estava olhando-o fascinado pela expressão de angústia que havia em seu rosto quando Cash afastou sua mão e a fez rodar com ele, colocando-se com brutalidade em cima dela.

— Perdoe... — balbuciou — É que... Não posso agüentar mais...

— Quero que me faça sua, Cash — sussurrou-lhe Tippy, tomando-o pelos quadris e atirando deles para os seus — Mas não com suavidade... — Ofegou — Te deixe levar... Chegue até o fundo...!

Cash perdeu o controle, e em alguns segundos o feroz impulso de seus quadris o levou a beira de um clímax incrível.

Sentiu os olhos de Tippy sobre ele quando começou a escalar a montanha do êxtase, e aquilo incrementou ainda mais o prazer que estava experimentando, fazendo-o ainda mais intenso, mais delicioso. Nunca havia sentido nada igual.

Tippy se deu conta de que Cash estava chegando ao limite. Abriu mais as pernas, e arqueou os quadris seguindo o movimento rítmico e frenético dos dele, lhe cravando as unhas nas nádegas enquanto o empurrava para que chegasse mais dentro.

— Vamos, Cash, deixe-me vê-lo chegar...! — sussurrou-lhe, esquecendo-se de suas inibições — Quero vê-lo chegar!

Cash alcançou o clímax com um grito. Os músculos do peito e o pescoço se distenderam como se fossem cabos, e de repente se convulsionou, derrubando-se sobre ela.

A feroz aposta de seus quadris e a íntima união de seus corpos produziu em Tippy uma incrível explosão de prazer. Os olhos lhe encheram de lágrimas, lhe nublando o olhar, e ela também estremeceu violentamente. Durante um décimo de segundo se converteram em duas almas fundidas em um só corpo, e ficaram ali jogados, imóveis, palpitando de satisfação e tremendo nos braços do outro.

— Agora sim me sinto como uma mulher casada — murmurou Tippy com voz rouca.

— E eu como um homem casado — respondeu ele, lhe beijando as pálpebras.

Durante os dias seguintes Tippy e Cash desfrutaram de uma felicidade que nunca tinham acreditado ser possível. Estavam cada vez mais unidos, e quando Rory os observava tomar-se da mão sempre esboçava um sorriso. Era parte de uma família, tinha um lugar no mundo. Tampouco ele nunca tinha sido tão feliz.

Entretanto, o mau presságio de Tippy não se dissipou. Sabia que ia ocorrer algo, algo desagradável, e aquilo a preocupava, embora se esforçasse para que Cash não o notasse.

Quando chegou na sexta-feira parecia um feixe de nervos, esperando que Rory retornasse do centro comercial de Houston, onde tinha ido com um de seus novos amigos e sua família. Também estava inquieta por Cash, por seu

trabalho. Só queria saber a que se referia exatamente aquele mau pressentimento, mas suas intuições eram muito vagas.

Pouco antes que Cash chegasse em casa, entretanto, recebeu uma ligação. Tippy se apressou a atender ao telefone, e ao fazê-lo ouviu uma voz que lhe era familiar.

— Sou o sargento William James, da chefia de polícia do Ashton, Georgia — disse-lhe o homem, refrescando lhe a memória.

— Sim, lembro-me! — exclamou Tippy.

Aquele era o agente que tinha sido vizinho de sua mãe, anos atrás, o homem que a tinha salvado na noite em que Sam Stanton a tinha violentado, quem tinha ligado quando Rory tinha recebido uma surra daquele inseto, com apenas quatro anos, e a tinha ajudado a conseguir sua custódia.

— Tenho notícias para você — disse-lhe — embora não sei muito bem como lhe dizer isso

— Ocorreu algo a minha mãe, verdade? — perguntou Tippy imediatamente — Fiquei o dia todo preocupada.

O homem não se surpreendeu.

— Sempre teve esse dom para intuir as coisas... Desde muito pequena — recordou.

— É mais uma maldição que um dom — replicou Tippy — É grave?

— Sim, teve um ataque do coração. Suponho que não saberá que estava em reabilitação há um mês aproximadamente — disse-lhe o sargento James, surpreendendo-a — Acredito que é a primeira vez, desde que a conheço, que a vi sóbria e sem um montão de droga metido no corpo. Não está bem, mas quer vê-los antes de morrer.

Tippy ficou paralisada.

— Vai morrer? — perguntou.

— Acredito que sim — respondeu o homem.

— Nunca foi uma mãe de verdade para nós — murmurou ela — nem sequer nas estranhas ocasiões em que não estava bêbada, ou drogada.

— Mas continua sendo sua mãe — recordou ele.

— Sei — assentiu Tippy. Vacilou um instante, mas acrescentou — Irei com Rory para vê-la — disse.

— Sei o que lhes ocorreu em Nova Iorque — acrescentou o sargento — Não é seguro que venham aqui sozinhos. Deveria trazer alguém para que a vigie. Se quiser posso acompanhá-los.

Tippy sorriu.

— Obrigado — disse Tippy — mas acredito que Cash, meu marido, não se importará de ir conosco.

Houve um silêncio ao outro lado da linha.

— Cash Grier?

— Conhece-o? — perguntou Tippy surpresa.

— Falei com ele — matizou o sargento — Telefonou aqui há algumas semanas para nos pedir que vigiássemos a sua mãe para o caso de que os seqüestradores tentassem entrar em contato com ela, ou se pagavam sua fiança. Foi presa por ter colaborado no seqüestro de seu irmão, e deram prisão preventiva. Em alguns dias pagou sua fiança e saiu da prisão. Possivelmente o ataque do coração seja devido à tensão que teve pelo medo de acabar na prisão com o Stanton vários anos pelo seqüestro, ou possivelmente tenham sido todos estes anos bebendo e se drogando que acabaram por minar sua saúde. De qualquer maneira não durará muito.

— Falarei com Cash e o voltarei a ligar — disse-lhe Tippy — diga-me seu número.

Depois de anotá-lo, Tippy lhe agradeceu que lhe tivesse dado a notícia com tanta delicadeza e desligou. Depois, afundou o rosto entre as mãos e pôs-se a chorar. Chorava pela infância que não teve, pela mãe que nunca a tinha querido.

Ainda tinha que dizer a Rory, mas estava segura de que não sentia afeto algum por aquela mulher cruel, igual a ela. Estava tão louca para voltar e dar a sua mãe outra oportunidade para que a ferisse?

Até há um ano não tinha tido ninguém em quem procurar apoio e consolo quando se viu em uma situação difícil. Tinha tido Rory, sim, mas não tinha querido preocupá-lo com coisas que não podia compreender. «Mas agora sim o tenho», pensou. Voltou a levantar o telefone e ligou o número da chefia de polícia. Quando pediu que a passassem com Cash, foi atendida em alguns segundos.

— O que ocorreu? — perguntou imediatamente — Aconteceu algo mau?

Tippy riu suavemente, apesar da mescla de sentimentos contraditórios que a agitavam por dentro.

— Por que teria que ter acontecido algo mau?

— Nunca me liga no trabalho.

— Está ficando muito intuitivo... — murmurou Tippy. — Já lhe disse isso; está pegando isso de mim.

— Bom, vai me contar o que aconteceu?

Tippy inspirou profundamente.

— Minha mãe está morrendo, e quer ver Rory e a mim.

Cash ficou calado um momento.

— O disse a Rory?

— Nada, ainda não retornou de Houston. Eu... Cash, eu gostaria que estivesse aqui quando tiver que fazê-lo.

Cash se sentiu Lisonjeado.

— Combinado.

Tippy voltou a rir, de um modo um pouco trêmulo.

— Não pensei que fosse aceitar tão rápido.

— Bom, de certa forma sou o cabeça de família — apontou Cash — ...Embora não seja tão bom quanto você no manejo da frigideira — brincou.

Tippy baixou o olhar para os anéis em sua mão, e foi como se uma quebra de onda de calor a invadissem. Sentia-se querida, protegida.

— Obrigada.

— Não tem por que me agradecer. Irei para aí em seguida.

— Não terá problemas por minha culpa? — perguntou-lhe Tippy.

Apesar da mudança no governo municipal, ainda continuavam tendo alguns problemas.

— Não — assegurou-lhe Cash — tenho amigos nas altas esferas se os necessitar. Mas não será necessário. As coisas vão bem.

— Mas se me disse que a filha do ex-senador estava lhes dando problemas... — começou Tippy.

— Bom, esse problema em particular agora é competência de Houston — respondeu ele, muito satisfeito de si mesmo — Tiramo-nos isso de cima.

— Graças a Deus — murmurou Tippy.

— Estava preocupada comigo, não é verdade? — perguntou Cash, comovido.

— Sempre estou — confessou-lhe ela, secando as lágrimas das bochechas — Oxalá minha mãe tivesse sido como a sua...

— Já sabe o que diz o refrão, boneca: não pode pedir pêras ao olmo.

Tippy sorriu.

— Eu gosto quando me chama assim.

— Pois não deveria gostar; supõe-se que as mulheres o odeiam porque é algo machista — acusou-a Cash divertido.

— E o que? Pois eu gosto — replicou ela — O que gostaria de jantar?

— Esta noite eu cozinho — disse-lhe Cash cortante — Você se sentará para ver televisão ou para fazer qualquer outra coisa. Acaba de sofrer um duro golpe, e necessitará tempo para superá-lo. Apesar de seus defeitos, que são muitos e muito graves, continua sendo sua mãe.

— Eu estava pensando isso mesmo — disse-lhe Tippy.

— E também estive chorando.

— Como sabe? — perguntou ela.

— Já lhe disse isso: Pega-se — respondeu Cash — Irei para aí assim que delegar algumas tarefas, combinado? Suponho que irá querer sair para a Georgia esta noite.

— Sim, tenho um amigo ali...

— O sargento William James — interrompeu-a Cash.

— Sim; disse-me que o tinha chamado.

— Sim. Parece um bom tipo.

— Ofereceu-se para nos acompanhar, ao Rory e a mim, para nos proteger.

— Eu o farei.

— Foi o que eu mesmo lhe disse.

— Comprarei as passagens.

Tippy exalou um prolongado suspiro.

— Obrigada, Cash.

— Não me dê obrigado; não tenho feito nada — insistiu ele — Bom, nos vemos logo.

— Bem. Até mais tarde.

Rory chegou em casa alguns minutos antes de Cash.

Embora se deu conta de que Tippy estava mais calada, não fez nenhuma pergunta, mas quando Cash apareceu, com a mesma expressão séria, o menino se disse que devia ter ocorrido algo.

— Aconteceu algo com a nossa mãe, verdade? — perguntou a Tippy enquanto jantavam o que Cash tinha preparado.

— Sim — respondeu Cash — Teve um ataque do coração e não acreditam que vá sobreviver. Quer ver Tippy e você.

— Vai morrer? — perguntou Rory. Cash assentiu com a cabeça.

Rory olhou para sua irmã, e estendeu o braço para tomar a mão em um gesto afetuoso.

— Não lembro nada bom dela.

— Tampouco eu — respondeu Tippy.

— Mas nós temos um ao outro — recordou-lhe Rory.

— E me têm — acrescentou Cash, tomando um gole de café.

Rory lhe sorriu.

— E você.

Tippy sorriu também, entre lágrimas.

Cash jogou sua cadeira para trás, tomou Tippy pela cintura para sentá-la em seu colo, e a abraçou enquanto ela chorava com a bochecha apoiada em seu peito.

Rory foi junto deles, Cash o rodeou com o braço livre, e ele se desafogou chorando também.

— É absurdo que choremos por uma mulher que nos tratou como se fôssemos lixo — murmurou Tippy, enxugando as lágrimas com o dorso da mão.

— A família é a família; não podemos escolher nossos parentes — disse Cash filosófico.

— Tippy me contou que sua mãe sim era boa — disse Rory, lutando para conter as lágrimas.

— Era maravilhosa — confessou-lhe Cash — E meu pai era uma boa pessoa... Até que se apaixonou por uma caça-fortuna e dividiu a nossa família. Meus irmãos e ele se deixaram enganar por essa mulher, e me enviou a uma academia militar porque me negava a aceitar que ocupasse o lugar de minha mãe — explicou-lhe com um olhar perdido em seus olhos negros — De fato, faz anos que não vejo meu pai.

— Nem a seus irmãos, com exceção de Garon, foi isso que me contou — comentou Tippy, recordando a conversa que tiveram sobre seu distanciamento.

— Assim é — respondeu ele — Garon me fez uma visita o outono passado. Dizia que tinha vindo para dar uma olhada nas propriedades à venda do condado, mas acredito que só era uma desculpa para me ver.

— Parece-se com você? — perguntou-lhe Rory.

— É o mais velho entre nós — respondeu Cash — e é mais temperamental que eu. Vive em Santo Antonio. Os outros dois ainda vivem com meu pai, no oeste do Texas.

— E algum deles trabalha na polícia? — perguntou-lhe Rory.

— Não, mas um de meus irmãos mais novos é guarda de caça e pesca, e Garon trabalha para o FBI.

— E não há nenhuma garota em sua família? — perguntou o moço.

— Não houve nenhuma em quatro gerações — respondeu Cash — Por isso tenho tanto ciúmes de Judd pela pequena teve com o Crissy.

Aquela menção de Christabel recordou uma vez mais a Tippy o quão louco que Cash tinha estado uma vez por ela. Pressentia que uma parte dele sempre o estaria, mas levava na mão os dois anéis que lhe tinha dado, e sabia que Cash a considerava parte de sua vida. Levantou o olhar para ele e lhe sorriu com terna confiança.

Cash lhe devolveu o sorriso, acariciando a ponte de seu bonito nariz com o indicador.

— É bonita até quando chora — disse-lhe inclinando-se para beijar lhe as pálpebras — Ande, volte para seu lugar e termine de jantar. E você também, Rory. Temos muitas coisas que preparar.

Os dois irmãos voltaram para seus assentos sentindo-se melhor, e quando terminaram de comer as lágrimas de seus olhos se secaram.

CAPÍTULO 16

Levaram umas três horas para chegar ao aeroporto internacional Hartfield Jackson de Atlanta, e ali Cash alugou um carro para o curto trajeto na direção sul até Ashton, Georgia.

Ashton era uma tranqüila cidade sulina mais ou menos do tamanho de Jacobsville. Tinha um tribunal de mais de quatrocentos anos de idade que ainda funcionava e uma faculdade particular de humanas. A maior parte das terras em torno da cidade estavam dedicadas ao cultivo. O sargento James, um homem de cabelo grisalho e olhos verdes os recebeu em sua chegada. Estava de serviço, mas tinha ficado com eles aproveitando a hora livre que tinha para jantar e os levou a um motel próximo. Cash reservou um quarto, deixaram ali sua bagagem, e o sargento James os conduziu ao hospital da cidade.

A mãe de Tippy e Rory estava em um quarto compartilhada, e tinha meia dúzia de tubos e cabos conectados. Estava pálida e torcida, e seu cabelo, antigamente ruivo, tornou-se cinza quase por completo.

Tippy e Rory a olharam com uma mistura de emoções contraditórias, embora a predominante fosse uma profunda aversão. Cash ficou de pé atrás deles, com uma mão no ombro de cada um.

A mulher, como se de repente sentisse sua presença, abriu os olhos. Eram de um azul aquoso, estavam injetados em sangue e não tinham brilho. Olhou aos três com a sobrancelha ligeiramente franzida.

— Tippy? — perguntou com voz áspera.

— Sim — respondeu sua filha, sem se aproximar da cama. A mulher suspirou.

— Obrigada por vir. Imagino que não iriam querer fazê-lo. É esse Rory? — perguntou, olhando ao menino fixamente — Deus, como cresceu...

Nem Tippy nem Rory disseram nada, mas a mulher não pareceu surpreender-se.

— Não podem fazer nada por mim — disse-lhes — Estava tentando me desenganchar e deixar a bebida. Fazia anos que não estava sóbria nem tinha a mente clara. A verdade é que eu não gosto muito — acrescentou com pesar — Começo a recordar coisas... Coisas terríveis que lhes fiz — inspirou, tossiu, e contraiu o rosto — Estive falando com um sacerdote. Disse que não há nenhum pecado tão grande que não possa ser perdoado — olhou diretamente para Tippy — Não lhes estou pedindo nada — acrescentou — só queria que soubessem que me arrependo de tudo o que lhes tenho feito, e que se pudesse retificar meus enganos, fazer as coisas bem... Faria-o — inspirou de novo — Também falei com os federais. Conte-lhes como Sam e eu idealizamos o seqüestro para conseguir dinheiro para drogas, dei-lhes nomes, lugares... Tudo. Sam não sairá nunca da prisão. Assegurarão de que assim seja. E vocês dois estarão seguros.

Tippy olhou para Rory e para Cash, cujos rostos tinham a mesma expressão impassível que o seu. Tinham sofrido muito para que algumas poucas palavras e uma desculpa atrasada supusessem alguma diferença.

A mulher parecia estar consciente disso. Fechou os olhos.

— Tippy, eu gostaria de poder lhe dizer quem foi seu pai, mas não recordo nada dele exceto seu nome, Ted, e que gostava de carros rápidos. Essa

noite estava muito drogada para recordar algo mais. Mas sei quem é o pai de Rory. Está atrás de vocês.

Rory emitiu um gemido abafado ao voltar-se para olhar ao sargento James, que tão amável tinha ido com eles. Não podia estar mais surpreso. Tippy, entretanto, sorriu aliviada de que o pai de Rory não fosse Sam Stanton.

— Possivelmente isto o compense por todo o mal que lhe tenho feito, Rory — acrescentou sua mãe — Ele tampouco sabia que era seu pai. O... Sinto muito. Sinto-o tanto...

Fechou os olhos, e não os voltou a abrir.

Celebrou-se um pequeno funeral no mesmo cemitério, no que só estiveram pressentem eles quatro. O sargento William James se mostrava vacilante com Rory, o mesmo do menino com ele, mas daquele encontro surgiria uma relação, porque se trocaram endereços e se prometeram escrever. O sargento era viúvo e não tinha tido filhos com sua esposa, assim Rory encheria o grande vazio que havia em sua vida.

Sua mãe tinha lhes deixado muito poucos objetos pessoais, e em troca um montão de dívidas. Tippy as pagou, e também o aluguel atrasado do solar onde estava situada o casebre em que tinha vivido sua mãe. O certo era que sentia muito pouca pena dela pelo inferno que lhes tinham feito passar. Mas bem sentiu alívio, e Rory também.

Tippy, Cash, e Rory voltaram para Jacobsville. Cash tinha falado com os federais antes de sair da Georgia, e tinha averiguado que a declaração que a senhora Danbury fez em seu leito de morte faria com que Sam Stanton e seus dois cúmplices apodrecessem na prisão. Para quando comesçassem os julgamentos dos três homens, e ainda faltavam vários meses, Tippy e Rory ficariam encantados por poder testemunhar.

Enquanto isso, entretanto, Tippy já estava desfrutando do fato de que suas principais preocupações se desvaneceram. Os cortes estavam curados, os hematomas tinham desaparecido, e já não estava em perigo. Podia voltar para trabalho.

De fato, dois dias após sua volta a Jacobsville, recebeu uma chamada de Joel Harper, e fixaram uma data para retomar o filme.

Cash não se opôs absolutamente, mas sim a beijou meigamente e lhe assegurou que Rory e ele estariam bem enquanto estivesse fora, e que inclusive

iriam fazer lhe uma ou outra visita os estúdios. Para Tippy não tinha graça deixá-los sozinhos, mas tinha prometido a Joel reincorporar-se ao trabalho assim que fosse possível, assim comprou a passagem para Chicago, onde ia rodar o resto do filme, e se despediu com pena dos dois homens de sua vida.

— Se cuide — disse-lhe Cash beijando-a afetuosamente no aeroporto, sem se importar os olhares das pessoas — não vá pensar em fazer nenhuma cena perigosa... Lembre-se que tem um marido e um irmão pequeno que acabarão arrancando as unhas a dentadas se voltar a fazer algo arriscado.

Tippy lhe sorriu.

— Lembrarei-me.

— Mais te vale — respondeu ele, beijando-a de novo no caso de.

Rory também lhe deu um beijo de despedida.

— Ligaré, verdade? — perguntou. Tippy o abraçou com força.

— Cada noite; prometo. E você dois não se metam em nenhuma confusão — disse-lhes.

— Tentaremos — respondeu Cash.

Tippy chorou todo o vôo até chegar a Chicago, e já pensava tanto em Cash que não sabia como poderia concentrar-se no trabalho. Além disso, separar-se dele a tinha feito mais dura precisamente porque se deu conta de quanto significava Cash para ela. Entretanto, aquela era uma obrigação com a que tinha que cumprir. Em umas poucas semanas acabaria a rodagem, disse-se, e poderia voltar para casa.

Essas poucas semanas se converteram em uma agonia. Tippy ligava para casa toda noite para falar com Rory e com Cash, tentando fazê-los acreditar que estava passando muito bem e que não se sentia sozinha, mas sentia falta do calor do corpo de Cash durante as noites. Sem ele se sentia perdida.

Começou a ter vômitos pela manhã cedo na segunda semana nos estúdios, e Joel Harper, que percebeu intuiu que podia estar grávida, teve em segredo um longo bate-papo com todos os empregados a respeito de sua saúde, dizendo lhes que deviam permitir lhe ter tantos descansos quanto requisitasse.

Tippy também tinha o pressentimento de estava grávida. Quase não podia acreditá-lo, mas à medida que foram passando os dias e começou a ter náuseas cada manhã, seu coração se encheu de felicidade.

Comprou um teste de gravidez e deu positivo, mas decidiu não dizer nada ainda a Cash. No momento seria seu segredo. Entretanto, teve muito cuidado de não fazer nada durante a rodagem que pudesse ser perigoso para a gravidez, e se deu conta de que Joel também estava tomando cuidado nesse sentido. De fato, observou divertida que os dois ajudantes de direção se preocupavam com sua saúde como se fossem enfermeiras.

Por muito que se repetisse que não era um sonho, não podia acabar de acreditar-lhe, mas não havia lugar para dúvidas de que estava grávida. Estava segura de que Cash ficaria louco de contente quando o dissesse; não podia ser de outra maneira quando ficava babando com a Jessamina, a garotinha de Crissy. Adorava crianças, e esse bebê curaria todas as feridas de sua alma. Comprou lã, agulhas de tricotar, e uma bolsa para levar para os estudos.

Como era de esperar, um repórter que os visitou um dia durante a rodagem a viu tricotando e juntou cabos imediatamente. Em pouco tempo uma articulista de uma revista do coração descobriria a notícia com muito humor, dizendo que viu a recentemente casada senhorita Moore passar em seu tempo livre tecendo roupinha de bebê. Entretanto, por sorte para o Tippy já tinha terminado a rodagem e estava de volta em Jacobsville quando se publicou a notícia.

Três noites depois de sua volta, Rory estava fora, acampando com dois de seus novos amigos, e ela estava abraçada vendo a televisão com Cash.

— Terá que voltar para voltar para rodar alguma cena? — perguntou ele.

Tippy, que tinha o rosto oculto no vão de seu pescoço, esboçou um sorriso.

— Não acredito — murmurou — Joel me assegurou que não faria falta; inclusive fizemos umas quantas cenas de mais, no caso de...

— No caso de?

— Bom, é que dentro de algumas semanas terei um aspecto muito diferente.

Cash, que tinha o olhar fixo na briga do western que estavam vendo, não estava emprestando muita atenção à conversa.

— Terá um aspecto diferente? — murmurou.

Tippy colocou a mão no bolso da larga blusa solta que estava usando e agitou algo diante do nariz de Cash. Era rosa e suave, e parecia uma meia três-quartos... Uma meia três-quartos muito pequena.

Cash, ao dar-se conta do que era, olhou-a boquiaberto: um bebê!

Tippy sorriu divertida.

— Surpresa!

Cash a atraiu para si, beijando-a até quase deixá-la sem respiração, com o coração pulsando como um louco.

Tippy respondeu ao beijo, sorrindo cheia de felicidade sob a pressão de seus lábios.

— Sou tão feliz... — disse-lhe chorando — Quase não pude acreditar quando comecei a ter náuseas pelas manhãs durante a rodagem!

Cash a embalou contra seu corpo, lutando para controlar as lágrimas. Afundou o rosto no pescoço de Tippy e a abraçou com uma ternura infinita.

— Um bebê... Um bebê!

Tippy suspirou feliz.

— Eu adoraria que tivéssemos gêmeos, como Judd e Crissy, mas não há nenhum precedente em minha família. E na sua?

— Tampouco — respondeu Cash, levantando a cabeça e olhando-a cheio de amor — Suponho que já seja pouco tarde para fazer escolhas, mas eu adoraria que fosse uma menina, ruiva e de olhos verdes como você.

Tippy riu entre as lágrimas.

— E eu adoraria que fosse um menino com o cabelo castanho e os olhos negros — sussurrou-lhe.

Cash lhe sorriu com ternura.

— Suponho que o quereremos igual venha o que venha.

— É óbvio — assentiu ela, esticando o pescoço e beijando-o no queixo — Está contente?

— Acredito que vai estalar o coração — murmurou Cash.

— Sei a que se refere.

Tippy fechou os olhos e voltou para ficar abraçada junto a ele. Sentia-se mais feliz do que o tinha sido nunca em toda sua vida.

Rory gritou e deu saltos de alegria quando lhe deram a notícia.

— Vou ser tio!

Cash riu.

— Isso parece — assentiu, lhe dando uma palmada nas costas do menino.

— É genial, Tip — disse para a irmã, abraçando-a — Os meninos ficarão verdes de inveja quando eu contar!

— Falando de meninos... — interrompeu-o Cash, ficando sério — Prefere voltar para a academia no ano que vem, ou ficar conosco e ir ao colégio daqui em Jacobsville?

Rory vacilou.

— Suponho que se ficasse incomodaria...

— Ficou louco? — perguntou-lhe Cash — Quem me acompanhará para pescar se você for? Sua irmã fica pálida cada vez que menciono as palavras «verme» e «anzol» na mesma frase!

A Tippy ofegou e saiu correndo para o banheiro.

— Vê? — disse Cash para Rory imediatamente — Não pode me deixar só com isto. Tem que ficar. — Rory esboçou um enorme sorriso.

— A verdade é que é o que eu gostaria de fazer.

— Também eu gostaria que ficasse — disse-lhe Cash, lhe revolvendo o cabelo — Tenho feito para você.

— Um... Eu também a você — murmurou Rory, a quem lhe tinha feito na garganta um nó de emoção.

Tippy saiu do banho com uma toalha molhada apertada contra a boca e os olhou irritada.

— Quando voltarem a falar de vermes, irei pegar a frigideira — jurou-lhes.

O homem e o menino colocaram a mão sobre o coração.

— Não o faremos! Prometemos! — responderam-lhe em uníssono.

A expressão no rosto de ambos os era tão solene que Tippy não pôde evitar voltar a rir apesar das náuseas.

Tippy e Crissy se fizeram muito amigas nos dias seguintes, e o vínculo afetivo entre o Cash e Rory se estreitou ainda mais. As coisas na prefeitura e a chefia de polícia se acalmaram, e Cash pôde por fim concentrar-se em outras coisas além do trabalho. Deixou de ser o homem distante que tinha sido até então, e começou a atuar como um homem que ia ter um filho. A outros policiais lhes divertia seu repentino interesse pelos livros sobre cuidados infantis, e se imaginaram o que acontecia que se fizesse público. De fato, Cash começou a encontrar cada manhã com coisas de bebê sobre sua mesa no escritório: roupas em toda uma variedade de bonitas cores, colchinhos feitas à mão, roupinha, chocalhos, colheres... Sentia-se aflito pelo entusiasmo que demonstravam seus companheiros para sua próxima paternidade, embora também perplexidade.

— É muito singelo — explicou-lhe Judd — Vai ter um bebê, e isso implica que está criando raízes e tem intenção de ficar. Todos vêem seu trabalho e sua pensão assegurados. Mesmo se quisesse ir não lhe deixariam sequer sair do condado.

Cash se sentiu lisonjeado, e embora tentasse que não lhe notasse, não pôde evitar sorrir de orelha a orelha.

À medida que foram passando as semanas Tippy e ele foram convidados para todo tipo de festas e reuniões, e pouco a pouco as pessoas começaram a ver além de Tippy, a atriz, e a valorizar a pessoa, e Cash e ela deixaram de ser um misterioso forasteiro e uma celebridade para converterem-se em dois cidadãos a mais de Jacobsville. Pela primeira vez na vida de ambos eram parte de uma grande família.

O término «família» adquiriria, além disso, um novo significado para eles quando de repente receberam num sábado pela tarde a princípios de outono, uma visita inesperada do pai de Cash e seus três irmãos.

Tippy ficou petrificada na porta ao vê-los. O pai, de cabelo prateado, era idêntico a Cash, embora logicamente muito mais velho. Os outros três

homens se pareciam com ele também, mas nem tanto. Todos eram altos e fortes, e nenhum sorria muito.

— No que posso lhes ajudar? — perguntou Tippy.

Os quatro homens baixaram o olhar para seu ventre inchado, e se fixaram no anel que havia na mão que descansava sobre ele, e cruzaram um olhar perplexo.

— Cash está em casa? — perguntou o mais velho dos irmãos.

— Sim, está no jardim de trás, brincando com meu irmão.

— E... Você é? — perguntou o pai.

— Tippy Grier, a esposa de Cash — respondeu ela.

A surpresa dos quatro homens se fez evidente em seus rostos.

— Disse que não era mais que um conto, igual às demais mentiras que publicam esses jornais — disse-lhe irritado o irmão mais velho ao pai.

— Bom, podia tê-lo sido — defendeu-se o ancião.

O irmão mais velho, de olhos negros como Cash, e cabelo castanho claro ondulado com fios loiros, olhou-a fixamente.

— Está grávida, verdade? — perguntou-lhe bruscamente.

— É muito pouco delicado; não o leve em conta — interveio o irmão mais jovem com um sorriso malicioso — Trabalha para o FBI, e tem tão pouco senso de humor quanto Cash.

— Cash tem senso de humor — replicou Tippy.

— Acredita que falaria conosco? — perguntou-lhe o pai.

— Pois claro que sim — disse-lhes ela muito segura — Por que não entram?

Os quatro homens a olharam vacilantes.

— Entrem — insistiu-lhes Tippy, abrindo completamente a porta com um amplo sorriso — Acabo de preparar café e tenho um bolo de queijo recém assado. Ia chamar Cash e Rory, mas se quiserem vocês também, há de sobra para todos.

Os homens entraram muito devagar na casa, olhando incômodos ao redor.

— Vou chamar Cash — disse-lhes Tippy, mas os homens estavam olhando com apreensão atrás dela.

— Não precisa — respondeu Cash, unindo-se ao grupo, e olhando para cada um deles.

Fazia anos que não os via, com exceção de Garon, que o tinha visitado no ano anterior. Conforme parecia sua intenção tinha sido estender pontes entre eles, e tinham decidido dar um passo mais. Cash não tinha muito claro se que queria voltar ter contato algum com seus dois irmãos menores, que junto com seu pai se puseram contra ele depois de que aquele voltou a se casar.

— Apresentaram-se? — perguntou Cash a Tippy, lhe passando uma mão pela cintura e atraindo-a para si.

— Bom, na realidade não, embora tenha imaginado quem são — respondeu ela levantando o rosto para ele e sorrindo.

Os quatro homens ficaram transpostos alguns segundos ao ver esse sorriso, que a transformou a seus olhos imediatamente na modelo e atriz de fama internacional.

— Eu sou Vic — apresentou-se o pai do Cash — este é Garon... — indicou-lhe apontando o agente do FBI, que era quase tão alto quanto Cash — esse é Parker... — disse apontando para outro irmão, mais magro, de olhos verdes e cabelo negro ondulado — que é guarda de caça e pesca; e esse do chapéu de vaqueiro, que não o tira nem para comer, é Cort — acrescentou com um sarcasmo deliberado que lhe escorregou ao homem musculoso de olhos negros e expressão sardônica ao que estava apontando — É quem administra os ranchos que temos no oeste do Texas.

— Eu sou Tippy — respondeu-lhe ela com um sorriso — É um prazer conhecê-los. Bom, gostariam de uma xícara de café e um pouco de bolo de queijo?

Os homens relaxaram visivelmente, e seguiram Cash e Tippy para a cozinha.

— Você cozinha? — perguntou-lhe Garon muito educado para Tippy enquanto ela servia o café.

— Pois claro que cozinha — interveio Cash um pouco irritado.

— Ah. Isso explica o que lemos da frigideira... — murmurou Parker com um sorriso malicioso.

— Isso era só invenção da imprensa — disse-lhe Garon franzindo a sobancelha.

Cash ficou olhando-o.

— Na realidade por uma vez publicaram a verdade — disse — Tippy tirou do intruso uma pistola automática quarenta e cinco com uma frigideira, e também o bateu com ela. Quando cheguei aqui com dois carros patrulha o tipo estava lá fora de joelhos nos suplicando que o salvássemos dela — explicou sorrindo afetuosamente a sua esposa — Transformou-se em uma lenda na cidade.

Tippy lhe sorriu também.

— Vou fazer com que emoldurem a frigideira — brincou rindo.

— Acreditávamos que o de seu casamento também era uma mentira da imprensa... — disse Garon a Cash em um murmúrio.

— Pois já vê que não — respondeu-lhe Cash, olhando à formosa Tippy de um modo possessivo — Não deixarei que se afaste do meu lado.

— Eu tampouco gostaria fazê-lo — respondeu-lhe ela suavemente.

Vic tomou um gole de café e observou em silêncio seu filho e sua nora.

— Nunca imaginei que chegaria a se casar e a criar raízes — confessou a Cash — embora tinha a esperança de que o fizesse algum dia.

— Sim, bom, a verdade é que me dava medo — admitiu Cash.

— É minha culpa — disse-lhe seu pai — Eu... Também tenho a esperança de que não seja muito tarde para nos desculpar. Garon nos disse que não o recebeu a chutes no ano passado quando veio lhe ver, nem nada parecido, assim decidimos dar lhe um pouco de margem e nos aproximar daqui para ver se podíamos arrumar as coisas. O que acha? — perguntou. Tinha a cabeça encurvada, mas suas mãos tinham agarrado com força a xícara de café.

Cash inspirou profundamente.

— Acredito que agora entendo por que aconteceu o que aconteceu — confessou-lhe Cash. Seus olhos negros se pousaram no sorridente rosto de Tippy — Não poderia me afastar de Tippy estivesse já casado ou não — disse de repente.

Tippy o olhou surpresa, tanto por suas palavras como pelo olhar em seus olhos. Sentia como se estivesse flutuando. Nunca antes Cash tinha mencionado o que sentia por ela, embora o demonstrasse freqüentemente.

Cash tomou sua mão, entrelaçando seus dedos com os dela, e lhe sorriu antes de voltar de novo o rosto para seu pai.

— Não podemos voltar para passado e mudar as coisas — disse ao fim — assim suponho que já é hora de enterrar a tocha de guerra.

Seu pai sorriu pela primeira vez.

— Já é hora — assentiu.

— Por certo, Cash, temos uma notícia para você — disse-lhe Garon — vamos comprar a velha casa dos Jacob e seus terrenos.

Cash o olhou surpreso.

— Tinha ouvido que tinham ido vê-la, mas não pensei que lhes interessasse: não criam cavalos.

— Nem o vamos fazer — respondeu Garon — Vou convertê-lo em um rancho de gado e a criar touros angus negros puro sangue.

— Você? — perguntou Cash ainda mais surpreso, pois Garon era advogado.

— Bom, em algum lugar tenho que viver — respondeu seu irmão, lançando um olhar irritado ao irmão mais jovem, Cort, que continuava com o chapéu posto

— Está pensando em se casar.

— Alguém que eu conheça? — perguntou Cash, embora logo que recordava às pessoas do lugar onde tinha crescido.

— Ainda não escolheu à afortunada — respondeu Parker com um sorriso zombador — Quer formar uma família, assim tem intenção de começar a procurar candidatas este ano mesmo.

— É um pretensioso — acrescentou Garon com um brilho malicioso nos olhos — Acredita-se que é bonito.

— É que o sou — respondeu Cort, muito seguro de si mesmo. Todos se puseram a rir.

— Mas essa não é a única razão pela que pensei em comprar a propriedade — acrescentou Garon — Queríamos ter uma base de operações mais perto de você.

— Além disso — interveio Vic — ouvimos que a polícia de Jacobsville é muito eficiente.

Cash lhe sorriu.

— Pode jurá-lo.

Ficaram bastante tempo, e todos desfrutaram com aquela reunião familiar. Logo lhes uniu Rory, e se fizeram de novo as apresentações pertinentes. O menino ficou fascinado, sobretudo com Garon, já que era agente do FBI, e passou meia hora lhe fazendo perguntas sobre o que devia fazer quando terminasse o instituto para ingressar no corpo.

Quando partiram, Cash teve o pressentimento de que no futuro as coisas seriam muito melhor para todos. Ainda havia algumas feridas sem fechar, mas eram pequenas e muito antigas, e com o tempo também acabariam por curar-se.

Tippy e ele se despediram enquanto Rory ia para sala para ver um filme. Tippy tinha estado observando algumas coisas durante a visita, como que tanto o pai como os irmãos usavam roupas de grife. Não era ostentosa, mas se via que eram caras. Além disso, dirigiam um Mercedes novo, último modelo.

— São tão ricos como parecem? — perguntou a Cash.

Ele assentiu com a cabeça.

— Sim. Meu pai acreditou que, como teria de viver as suas custas e herdar sua fortuna, ficaria com ele e me esqueceria das rixas, mas se equivocou.

Tippy o abraçou.

— Eu soube que o dinheiro não o importava quando me levou do hospital ao hotel depois de que dispararam contra Crissy.

— Esse dia me surpreendeu — disse-lhe Cash — Eu gostei do que vi em você.

— Pois não o demonstrou — recordou-lhe ela.

Cash lhe sorriu com carinho.

— Não me atrevi. Tinha medo de sucumbir aos encantos de uma modelo de altos vãos que exalava sex appeal por todos os poros.

— Era só aparência — respondeu ela — Fingia ser uma mulher fatal, mas no fundo sempre fui tímida e introvertida.

Cash a beijou no nariz.

— Continua sem te pôr os óculos — comentou.

Tippy riu.

— Às vezes o faço, quando não está em casa.

— É uma vaidosa — provocou a Cash — E sem necessidade. Estou seguro de que estaria muito sexy com óculos — acrescentou beijando-a com ternura — Acredito que estaria sexy de qualquer modo.

— Seriamente? — perguntou ela sem fôlego.

Cash a beijou com mais ardor, e ao sentir que seu corpo começava a excitar-se, e a reagir à proximidade entre ambos, deixou escapar um gemido.

Tippy lhe mordeu o lábio inferior.

— Cash, por que não subimos? Poderíamos fechar a porta do quarto com trinco E...

— Mas Rory...

— Está vendo um filme — sussurrou-lhe Tippy — e não faremos ruído...

— Fale por você — murmurou Cash, beijando-a e gemendo de novo.

Tippy sorriu contra seus ansiosos lábios.

Fazia calor no quarto, mas nem Cash nem Tippy se preocuparam em ligar o ar condicionado. Cash logo que entrou demorou dois segundos para fechar o trinco e deitá-la impaciente sobre a cama, e não parou sequer para retirar os lençóis.

Tippy o ajudou a desfazer-se da roupa, mas para isso Cash tampouco teve paciência.

— Perdoe — sussurrou-lhe enquanto se posicionava entre suas longas pernas, sentindo como seu corpo se estremecia de desejo — mas é que não posso esperar...

— Não precisa... Eu tampouco posso... — ofegou ela, abrindo as pernas para lhe permitir que a possuísse.

Olhou para Cash nos olhos, e a surpreendeu o fogo que viu neles. Cash empurrou os quadris com força, e Tippy lhe cravou as unhas nos ombros ao sentir a primeira quebra de onda de prazer.

— Tenholhe feito mal? — perguntou Cash imediatamente, detendo-se.

— Não! — exclamou ela tremula — volta a fazê-lo!

Os olhos do Cash cintilaram luxuriosos, e se deleitou na sensação do interior de Tippy em torno de si: úmida, quente, e suave. Voltou-se para trás e voltou a empurrar seus quadris contra as dela uma e outra vez, em investidas rápidas e impacientes.

Entretanto os jeans de Tippy lhe atrapalhavam, e amaldiçoou entredentes enquanto se detinha para tirá-los. Tippy não protestou pela interrupção; logo que pode pensar.

— Vamos — sussurrou-lhe Cash — me envolva com essas pernas e verá o quanto que posso chegar.

Tippy gemeu de novo; estava ardendo. Rodeou-o com as pernas, e arqueou os quadris ansiosos. Cash começou a mover-se outra vez, e observou como as feições de Tippy se esticavam de prazer.

— Isto nos dá bem — sussurrou-lhe Cash sem fôlego — E cada vez nos sai melhor.

— Sim, melhor... Muito melhor — assentiu ela.

Arqueou-se ainda mais, estremecendo-se quando as investidas de Cash começaram a levá-la pouco a pouco para o clímax, em uma espiral crescente de prazer. Seus olhos ficaram vazios de expressão, as pupilas se dilataram, e seus gemidos se compassaram ao ritmo frenético dos movimentos de Cash.

No interior de seu corpo se produziu de repente uma série de lindas explosões de calor, que fizeram com que o prazer fosse mais e mais aumentando, até que arrebentou, como uma represa transbordada.

Arqueou as costas, e tentou conter-se, mas finalmente não agüentou mais, e rompeu em gritos abafados de prazer. Não reconheceu sua própria voz.

Cash alcançou o topo ao tempo em que ela. Convulsionou-se violentamente, e de sua garganta escapou um intenso e áspero gemido. Depois ficou quieto, e se desabou sobre ela totalmente exausto.

Tippy, tremula debaixo dele, sentiu que todo seu corpo palpitava. Fechou os olhos, e o abraçou com força, maravilhando-se de como parecia que estivessem respirando em uníssono.

— Cada vez é diferente — murmurou — E sempre é melhor que da vez anterior... Embora essa última vez foi incrível.

— É verdade — respondeu-lhe Cash em um sussurro, imprimindo beijos por todo seu rosto.

Tippy enredou os dedos em seu úmido cabelo, e sorriu cansada.

— Nunca tinha sido tão intenso.

— É que cada vez estamos mais compenetrados — respondeu-lhe Cash — E o bebê também está — acrescentou, baixando a mão para seu ventre inchado, e pressionando suavemente a palma contra ele — Parece-me incrível quando penso que aqui dentro está nosso filho.

Tippy lhe acariciou a boca com as pontas dos dedos, e sorriu.

— Quero-o — sussurrou-lhe.

Cash levantou a cabeça e a olhou aos olhos.

— E eu a você, Tippy — disse-lhe muito solene — com todo meu coração. Quero passar a seu lado o resto de minha vida.

Tippy emitiu um gemido abafado de emoção.

— Acaso não sabia o muito que a quero? — disse Cash com ternura — Deve ter sido a última a se inteirar.

Os olhos do Tippy se encheram de lágrimas.

— Nunca me havia isso dito. Eu sonhava com que assim fosse... Oh, se soubesse quanto desejava que assim fosse...!

Cash lhe beijou em ambas as bochechas, limpando lhe as lágrimas.

— Quando fizemos amor pela primeira vez soube que não teria se entregado a mim se não sentisse algo — disse-lhe — mas tinha medo de que se repetisse a história, de que me abandonasse quando soubesse das coisas terríveis que tinha feito.

— Não, não... Eu jamais o abandonaria — sussurrou-lhe Tippy — Te amo muito.

— Só agora me dou conta — respondeu ele, beijando-a meigamente — Perdoe-me, querida, por a tê-la feito sofrer tanto.

Tippy sorriu, e relaxou debaixo dele.

— Já me compensou com acréscimo — disse-lhe — Agora só devemos pensar no futuro: viveremos em Jacobsville felizes para sempre, e teremos um montão de meninos... E possivelmente também um cão.

— Poderia pedir a Bill Harris que me devolva a serpente — propôs Cash.

— E possivelmente um cão — repetiu Tippy — Rory adora os cães.

Cash suspirou.

— Está bem, possivelmente um cão — assentiu ao fim, com um sorriso.

CAPÍTULO 17

Fevereiro chegou com alguns dias de calor impróprios naquela época do ano. Tippy já tinha perdido as contas, e seu bebê podia nascer a qualquer momento.

Apesar de que sua vida com o Cash e Rory até esse momento tinha sido idílica, estava preocupada, porque Cash tinha recebido uma ligação de Washington, e não lhe havia dito que assunto a tinha motivado. Estava quase certa de que lhe tinham devotado alguma missão secreta.

Apesar do amor que se confessavam, Cash continuava sendo um homem inquieto, e não estava muito convencida de que fosse ser capaz de ficar para sempre em uma pequena cidade como Jacobsville. E se decidisse que queria voltar para sua vida anterior, cheia de riscos e de perigos? Tippy não acreditava que pudesse suportá-lo.

Desde que casou com Cash, a vida da jovem se tornou cada vez mais relaxada. Já fazia tempo que tinha terminado a rodagem do filme de Joel Harper, e continuava recebendo direitos residuais pela primeira em que tinha participado. Joel lhe tinha devotado um papel em outra que tinha em projeto, mas Tippy queria esperar para ter seu bebê antes de tomar alguma decisão.

Embora houvesse muitas mulheres que compatibilizavam trabalho e maternidade, Tippy não estava certa de que aquilo fosse o que queria. De fato, o certo era que não tinha necessidade de continuar trabalhando, porque Cash e ela jamais somavam mais dinheiro de que poderiam chegar a gastar.

Ela tinha feito uma pequena fortuna como modelo e depois como atriz, mas não queria viver sua vida constantemente sob o olhar público, sobretudo quando tinha que pensar não só nela, mas também em Rory, e no bebê que foram ter. Em Jacobsville se sentia muito à vontade, e as hordas de repórteres não a seguiam até ali. As pessoas do lugar ainda falavam de como Matt Caldwell se tirou de cima à imprensa antes de casar-se com sua querida Leslie, que arrastava um trágico passado. Após isso os repórteres da imprensa marrom raramente se atreviam a pôr os pés por ali.

Tippy sorriu ao pensar naquilo. Teria privacidade, e sua própria família. Que mais poderia necessitar para ser feliz? E mais adiante, se sentisse desejos de retomar sua carreira, sabia que Cash a ajudaria em tudo o que pudesse. Era maravilhoso ter liberdade de escolha.

Nesse momento, entretanto, sua única preocupação era seu iminente parto. Seu ginecologista lhe tinha dado uma data prevista, mas se algo se caracterizava a natureza era por sua imprevisibilidade. E se entrasse em trabalho de parto precisamente um dia em que estivesse sozinha?

Ironicamente, quis o destino que, o dia seguinte à misteriosa ligação que tinha recebido Cash, rompesse a bolsa de água enquanto estava preparando o café da manhã. Rory, que vinha de cima, acabava de entrar com seus livros na mão, e Cash estava fechando a camisa, quando ocorreu.

Tippy ficou plantada no meio do atoleiro, e emitiu um grito abafado, mistura de temor e vergonha.

— Fique tranqüila, não se preocupe — disse Cash no momento com um sorriso tranqüilizador. Ajudou-a a sentar-se em uma cadeira, e mandou Rory a por um par de toalhas do banho — O bebê está em caminho, isso é tudo. Vamos agora mesmo ao hospital, assim não se preocupe com nada, combinado?

— Combinado — assentiu ela, mais calma.

Rory estendeu uma toalha sobre o chão e deu outra a Tippy.

— Adiantarei-me e irei abrindo o carro — disse-lhes.

— Bom menino — respondeu Cash — Iremos em seguida.

Levantou Tippy, sorrindo de orelha a orelha.

— Vamos ter nosso bebê — sussurrou-lhe peralta.

Tippy lhe rodeou o pescoço com os braços e afundou o rosto no vão quente de seu ombro fechando os olhos.

— Oh, Cash, sou tão feliz...!

— Eu também. Começaram as contrações? — perguntou-lhe quando Tippy ficou tensa e gemeu.

— Sim!

— Respire, querida, respire como praticamos nas aulas do Lamaze, combinado? — disse-lhe fazendo-o ele mesmo para que o seguisse.

Entretanto, a dor era cada vez mais intensa, e as contrações cada vez mais fortes.

Cash a sentou sobre a toalha no assento do co-piloto enquanto Rory se sentava atrás, e logo, mantendo a calma para não pôr mais nervosa a Tippy, pôs o veículo em movimento.

No caminho do hospital, ligou com o celular para avisar à doutora de Tippy, Lou Coltrain, de que iriam para lá, e esta lhe disse que entraria em contato com a ginecologista para que estivesse preparada. A sorte quis que já estivesse no hospital, porque tinha ido assistir o nascimento de outro bebê.

Já dentro do hospital, um enfermeiro se aproximou deles com uma maca, onde se deitou Tippy. Avançaram pelo corredor para a ala da maternidade, com Cash agarrando uma mão de Tippy e Rory a outra. As enfermeiras a levaram para sala de partos, e começaram a prepará-la imediatamente, enquanto Cash

colocava uma máscara e uma bata, e ao pobre Rory o mandavam a sentar-se na sala de espera.

— Céus, virtualmente dilatou completamente! — exclamou a ginecologista quando a sentaram — A cabeça do bebê quase está fora. Empurre, Tippy; isso, empurre, isto vai ser muito rápido, já verá.

— É uma menina? — perguntou Cash esperançoso.

A doutora Warner o olhou por cima da máscara. Seus olhos sorriam.

— No momento temo que ainda não podemos sabê-lo.

Cash, que ainda estava sustentando a mão do Tippy, riu suavemente.

— Estou aqui, a seu lado — disse-lhe quando a escutou gemer — Tudo vai sair bem. Só um pouco mais...

A doutora dava ordens, e Tippy as seguia com o Cash animando-a todo o tempo. Em menos de cinco minutos o bebê estava fora gritando a pleno pulmão. Depois de lavar a rosada criatura, a enfermeira a envolveu em uma mantinha, e a pôs nos braços de Tippy.

Tippy abriu a mantinha e Cash se inclinou para olhar. Um grito abafado de surpresa escapou de sua garganta.

— Uma menina — sussurrou como se tivesse descoberto o segredo da origem da vida — Uma menina! — agachou-se e beijou Tippy com paixão — Oh, Deus, é maravilhosa!

Uma das enfermeiras estava olhando-o com os olhos esbugalhados.

— Você não queria um menino?

— Possivelmente mais adiante — disse-lhe Cash, com a voz quebrada pela emoção — mas primeiro queria uma garotinha ruiva e de olhos verdes como sua mãe — murmurou.

Incapaz de continuar contendo a felicidade que sentia, Tippy começou a chorar.

A enfermeira suspirou e esboçou um amplo sorriso. Que mulher tão afortunada, pensou: bonita, rica, famosa, e com um homem assim apaixonado por ela, e feliz de que o tivesse feito pai.

Cash não queria ter de se afastar nem um segundo de sua esposa e a pequena, mas tinha que ir para casa e por roupa e objetos de asseio para Tippy.

— Não irá aceitar alguma missão no estrangeiro, verdade? — perguntou Tippy, dando voz ao temor que a tinha consumido desde aquela ligação.

Quando Cash se voltou para ela, encontrou-a olhando-o com olhos assustados.

— Não! — sussurrou inclinando-se para beijá-la — é obvio que não!

— Perdoe — balbuciou Tippy, secando as lágrimas que escaparam de seus olhos — É que... Quando lhe ligaram... Fiquei com tanto medo de que não fosse feliz aqui e sentisse falta do risco e da aventura de seu antigo trabalho...!

— Sou muito feliz aqui — assegurou-lhe ele com ternura. Estou fazendo algo maior que isso. De fato, já devia tê-lo deixado há quatro anos. Por isso voltei para a polícia. Aqui tenho uma vida, pertença a uma família... É o que sempre quis, e não penso renunciar a isso.

Tippy o beijou afetuosamente.

— Oh, Cash! Obrigada!

— Não, eu que agradeço a você — replicou ele — por me querer, por este pequeno tesouro que me deu... Por tudo — seus olhos negros brilhavam — Nunca acreditei que pudesse chegar a ser tão feliz.

— Eu tampouco — respondeu ela, sorrindo entre lágrimas.

— Só vou casa para por suas coisas — prometeu-lhe Cash — não para uma missão secreta pelas suas costas. Dou-lhe minha palavra.

— Combinado — respondeu ela sorrindo, enquanto dava o peito para sua filha — Volte logo.

— Farei-o — disse Cash rindo suavemente. Ficou olhando um bom momento para sua pequena — Pensou como a chamaremos? Possivelmente poderíamos lhe chamar Tristina Christabel.

Tempos atrás Tippy teria se sentido magoada diante essa sugestão, mas Christabel acabou se convertendo em sua melhor amiga, e nada podia lhe parecer mais natural do que sua filha levasse seu nome. Além disso, tampouco a preocupava já que Cash pudesse estar ainda algo apaixonado pela esposa de Judd, porque sabia que era ela quem ocupava seu coração.

— Eu gosto — respondeu com um sorriso.

— A mim também — disse Cash.

Piscou-lhe um olho e saiu pela porta, ainda sorrindo.

Cash estava caminhando pelo estacionamento do hospital para voltar para sua caminhonete negra quando ouviu um helicóptero sobre sua cabeça. Levantou o rosto, e justo nesse momento viu que lançavam um pequeno pára-quedas do aparelho, que se afastou em direção à base aérea do Santo Antonio.

Cheio de curiosidade, Cash observou a queda do pára-quedas até que pousou no chão, e foi recolhê-lo. Pendurado no pára-quedas havia uma pequena mochila negra que continha um pulôver de pescoço, calças de moletom, um par de sapatilhas de esporte, e um par de luvas... Tudo em cor negra, e tudo de bebê. Do pescoço do pulôver pendurava uma placa de identificação militar que dizia «CIA».

Cash observou o helicóptero enquanto se perdia de vista sem poder parar de rir. Tippy não acreditaria naquilo, pensou dirigindo-se à caminhonete com a mochila e o pára-quedas. Aquilo o fez recordar dos velhos tempos: os dias sem amarras, os dias de riscos, de perigos, de subidas de adrenalina... Olhou ao redor, passeando o olhar pela pequena cidade que tinha jurado defender e proteger, e de repente soube que tinha feito a escolha correta. Ligou a caminhonete e partiu rumo a sua casa através das tranqüilas ruas de Jacobsville.

Enquanto isso, dentro do hospital, Tippy Grier estava cantando uma canção de ninar para sua primeira filha enquanto seu irmão mais novo, sentado em uma cadeira junto à cama, escutava-a com um sorriso nos lábios. A fama e a glória eram so algo passageiro, pensou a jovem. A verdadeira felicidade estava em amar e ser amado. Cash, Rory e o bebê eram para ela um pouco mais precioso que o maior dos tesouros.

Olhou para Rory com o coração nos olhos.

— Acabo de lembrar de algo — disse-lhe.

— O que? — perguntou Rory.

— Que hoje é meu aniversário! — exclamou Tippy, tornando a rir. Baixou o olhar para a criaturinha que tinha em braços — É o presente recebi!

Tinha que se lembrar de dizer a Cash quando voltasse.

Aquele Natal foi o melhor de sua vida. As eleições tinham sido muito emocionantes, e Calhoun Ballenger foi eleito senador com uma ampla margem frente a seu oponente. Janet Collins tinha sido sentenciada a prisão perpétua pelo assassinato do velho senhor Hardy. Julie Merrill ainda continuava foragida da justiça, e lhe imputavam várias acusações, entre os que se contavam incêndio provocado e tráfico de drogas. Dois vereadores também estavam implicados em tráfico de estorpecentes, ao igual ao ex-prefeito em exercício, Ben Brady, que tinha sumido misteriosamente. A data do julgamento dos seqüestradores de Tippy se fixou para o verão, mas a jovem não estava preocupada... Não com a confissão que sua mãe tinha feito em seu leito de morte para os federais.

Era a única coisa nobre que tinha feito para Rory e para ela.

Enquanto isso, Rory estava escrevendo para seu pai, feliz em poder saber mais coisas sobre ele. Tippy nunca saberia quem tinha sido o seu, mas se consolava dizendo-se que era melhor não sabê-lo, já que podia ter sido inclusive pior que sua mãe e Sam Stanton. Além disso, tinha Cash a seu lado, e isso fazia tudo mais suportável. Cada dia que passava estavam mais apaixonados.

Entretanto, a maior alegria em casa dos Grier era a pequena Tris. Tinha deslumbrados a seus pais e a seu tio Rory, para não falar dos cidadãos de Jacobsville. De fato, dos coloridos pacotes que havia sob sua enorme árvore de natal de mais de dois metros e meio, a maioria eram para ela.

O filme de Tippy estrearia dentro de seis meses, e embora isso significasse que teria que dedicar algum tempo à promoção, Cash já estava planejando acompanhá-la e levar com eles Tris e Rory.

— Sabe que conta com meu apoio se quiser voltar a atuar, verdade? — disse-lhe Cash um dia.

Tippy lhe sorriu.

— Estive pensando, mas não estou segura de querer fazê-lo. Há muitas coisas que poderia fazer aqui em Jacobsville se quiser trabalhar. Poderia abrir uma agência de modelos, ou poderia inclusive retomar meus estudos, me licenciar, e dar aulas de interpretação na universidade como professora.

— E não sentirá falta das luzes, as estréias, as entrevistas...? — perguntou ele suavemente.

Tippy se deu conta de que Cash tinha o mesmo temor que tinha ela experimentado quando tinha recebido aquela ligação de Washington. Foi junto a ele, sorridente, e o abraçou.

— Passa-me como a você: já me cansei que estar no olho do furacão, de perseguir o sucesso e a fama. A única coisa que quero é criar os nossos filhos e passar o resto de meus dias e minhas noites contigo.

Cash assentiu.

— O dinheiro e o sucesso só lhe deixam vazio quando não tem com quem compartilhá-los.

Os olhos do Tippy se iluminaram.

— Isso é exatamente o que eu estava pensando! — Cash lhe lançou um olhar malicioso.

— Sem dúvida devo estar me pegando algo desse seu sexto-sentido.

Tippy se pôs a rir e o beijou carinhosamente.

— Quero-o.

— E eu a você — respondeu-lhe Cash.

Pegou sua mão e entraram juntos na casa.

Rory e seus amigos estavam jogando na sala com o vídeo game, e Tris balbuciava em seu dialeto.

— Chefe Grier, é verdade que você esteve nos Texas Rangers? — perguntou-lhe um dos meninos.

— Sim, é verdade — assentiu ele, enquanto Tippy ia pegar a menina nos braços.

— E atirou alguma vez em alguém? — perguntou o mesmo menino.

Aquela pergunta, meses atrás, teria destruído Cash.

Entretanto, desde o dia em que tinha confessado tudo a Tippy, e tinha falado depois com um sacerdote, era um homem novo.

— Quando do que se trata é de fazer cumprir a lei, sempre terá que procurar deixar isso como último recurso — respondeu-lhe com um sorriso.

— Quer jogar, Cash? — convidou-o Rory. Cash pôs má cara.

— Para que? Para que me dêem uma surra? Nem pensar! — Todos se puseram a rir, e Tippy se uniu a eles com a pequena.

— O que acha que será Tris quando for maior? — perguntou a Cash.

O olhou para sua filhinha, e depois para ela.

— Será preciosa — disse-lhe com uma ternura infinita. E em efeito assim foi.

FIM